

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO:
CONHECIMENTO E INCLUSÃO SOCIAL**

**A MODERNIZAÇÃO DA AMAZÔNIA:
Do mergulho na totalidade à
lapidação da subjetividade.**

ROSIMÊ DA CONCEIÇÃO MEGUINS

**BELO HORIZONTE - MG
2006**

ROSIMÊ DA CONCEIÇÃO MEGUINS

**O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA AMAZÔNIA:
Do mergulho na totalidade à lapidação da
subjetividade.**

**Tese de Doutorado
apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação, Conhecimento e Inclusão Social,
da Universidade Federal de Minas Gerais,
como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em
Educação.**

Orientadora

Dra. ELOÍSA HELENA SANTOS

Co-orientador

Dr. RODRIGO ANTÔNIO DE PAIVA DUARTE.

BELO HORIZONTE - MG

2006

ROSIMÊ DA CONCEIÇÃO MEGUINS

**O PROCESSO DE MODERNIZAÇÃO DA AMAZÔNIA:
Do mergulho na totalidade à lapidação da subjetividade.**

Tese de Doutorado
apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Educação, Conhecimento e Inclusão Social,
da Universidade Federal de Minas Gerais,
como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Doutor em
Educação.

Aprovada em de de

Dr^a. Eloísa Helena Santos. Faculdade de Educação, UFMG.

Dr. Rodrigo Antonio de P. Duarte. Faculdade de Filosofia, UFMG.

Dr^a. Kátia Marly Leite Mendonça. Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPA.

Dr^a. Olgaíses Cabral Maués. Centro de Educação, UFPA.

Dr. Luiz Alberto Gonçalves de Oliveira. Faculdade de Educação, UFMG.

Dra. Antônia Aranha. Faculdade de Educação, UFMG.

DEDICO ESTE TRABALHO

à minha família, onde cada um, a seu modo,
realizou sacrifícios que me permitiram chegar
até aqui, imprimindo, em mim e na obra,
as suas marcas:

ao meu pai, **Walter Meguins (em memória)**,
que, na passagem muito rápida pela vida,
deixou as mais profundas marcas
impressas em lições de amor, justiça e verdade;

à minha, mãe, **Ilza Meguins**,
na presença constante, exercitando essas lições
em minha vida.

aos meus filhos **Artur e Gabriel**,
pelas diferenças e pelos novos significados que
emprestam às mesmas lições, mas, principalmente,
à própria vida.

AGRADEÇO

à **Profa. Eloísa Helena**, que aceitou orientar-me, permitindo a conclusão desta importante etapa;

ao **Prof. Rodrigo Duarte**, que, com sabedoria e paciência, características de grandiosidade, mostrou, nos descaminhos em que tantas vezes me encontrei, como seguir até aqui;

à **família Meirelles**, que me acolheu como filha, desde a minha chegada, e para onde sempre volto e me encontro;

a **todos os professores** que me transmitiram conhecimentos para a difícil tarefa de tentar compreender a realidade;

aos **amigos e suas famílias**, pela convivência e tolerância, nos momentos mais difíceis;

aos **colegas** da pós-graduação, sempre abertos à discussão e colaboração, sem perder o sentido da confraternização;

aos doutores Fernando Branches (*em memória*) e Cristóvam Diniz, por aceitar colaborar, com suas informações, para a realização deste estudo;

às **pessoas** que, com suas vidas, se expuseram para que esse trabalho fosse realizado; em especial, **aos moradores da Comunidade de Ponta de Pedras**, que abriram as portas de suas moradias e de suas almas, para que se pudesse ver a existência de vida naquele lugar;

à **Marília**, pelo olhar e escuta atentos que, para além das palavras, alcançou significados e sentido, na revisão dessa tese.

“Há um quadro de Klee que se chama Angelus Novus. Seus olhos estão escancarados, sua boca dilatada, suas asas abertas. O anjo da história deve ter esse aspecto. Onde nós vemos uma cadeia de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que acumula incansavelmente ruína sobre ruína e as deposita a seus pés. Ele gostaria de deter-se para acordar os mortos e juntar os fragmentos. Mas uma tempestade sopra do paraíso, com tanta força que ele não pode mais fechar as suas asas. Essa tempestade o impele irresistivelmente para o futuro, ao qual ele vira as costas, enquanto o amontoado de ruínas cresce até o céu. Essa tempestade é o que chamamos de progresso.” (Walter Benjamin, 1968)

RESUMO

MEGUINS, Rosimê da Conceição. 2006. 318f. **A modernização da Amazônia:** do mergulho na totalidade à lapidação da subjetividade. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social; Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2006.

A investigação das formas pelas quais o amazônida incorpora as transformações que marcam a modernização da região às ações e relações, com a natureza e com o homem, é objeto de estudo desta tese, com foco na percepção dos sujeitos quanto às mudanças nas formas arcaicas e atuais de trabalho e às conseqüências nas suas relações junto à família e à comunidade. O *lôcus* da pesquisa é a região do rio Tapajós, a oeste do estado do Pará, onde se concentra grande quantidade de riquezas minerais e naturais, e onde, conseqüentemente, são encontradas diversas atividades de exploração econômica desses recursos, introduzidas pelos grupos que exploram a região, em contraste com a presença marcante de comunidades que ali vivem do desenvolvimento de atividades primitivas, de natureza rudimentar. Para apreensão das formas pelas quais a subjetividade se apresenta objetivamente, utilizamos as narrativas dos sujeitos sobre suas condições de vida, tanto atuais quanto passadas, abordando relações e formas de trabalho, questões familiares e comunitárias, enfim, o modo pelo qual percebem a realidade na qual são constituídos e, ao mesmo tempo, constituintes. Selecionamos dois grupos que experimentam mudanças na sua principal atividade econômica. Um, formado por moradores da comunidade de Ponta de Pedras, próxima a Santarém, na orla do rio Tapajós, cuja principal atividade se caracterizava pela coleta primária (caça, pesca e agricultura de subsistência); vivenciam eles uma fase de transição, sendo impelidos para o comércio, após a redução do pescado, como conseqüência do uso de mercúrio nos garimpos fluviais da região e decorrente contaminação dos rios, e o surgimento do turismo, como alternativa de desenvolvimento econômico para aquela comunidade. Outro grupo é o de garimpeiros que atuavam nessa região e são, hoje, trabalhadores assalariados ou desempregados, vivendo em Santarém. A metodologia selecionada foi a de estudo de caso, cuja coleta de dados foi obtida por meio de entrevista narrativa com dez informantes, além de outros dois depoimentos técnicos que complementam os dados reunidos no estudo. Buscou-se a compreensão desses dados, especialmente, da percepção dos dois grupos de sujeitos, com base nos princípios envolvidos no processo de modernização iluminista ou racionalista, organizados, nesse estudo, em quatro categorias de análise indicadas pelo aporte teórico da psicanálise, representada por Freud, e da teoria crítica concebida por T. Adorno, M. Horkheimer e W. Benjamin, no que respeita à crítica da cultura que empreenderam: esclarecimento (regulação auto e hetero dirigidas no sujeito); barbárie e civilização (violência arcaica posta em prática por força dos impulsos internos ou ação resultante do uso da razão); ética e razão instrumental (orientação normativa do agir do sujeito, com base na vontade orientada para a liberdade e a solidariedade ou comandada pela lógica da exploração e dominação); autonomia e heteronomia (liberdade de escolha na tomada das decisões que envolvem seu destino ou a coerção exercida por forças alheias àquela). Os resultados obtidos indicam que o processo de modernização, em andamento, prioriza o desenvolvimento da racionalidade tecnológico-instrumental, e pode ser considerado como uma regressão quanto a fins humanitários. Evidenciam, ainda, que a formação cultural submetida aos ditames da racionalidade econômica, reduz-se, por um lado, à semiformação, mas cria, por outro, o momento de sua superação. Os dados obtidos junto aos sujeitos permitem registrar, a guisa de conclusão, que o princípio de dominação mostra sua permanência no interior desse processo, mas situado fora de sua formulação racional, por ter sido mantido sob recalque no inconsciente do sistema que aprisiona a razão. A reflexão, como componente alijado do processo histórico da humanidade, é apresentada como forma de resistir à irracionalidade do sistema econômico e cultural ainda vigentes.

Palavras-chave: modernização, totalidade e subjetividade, cultura, civilização, dominação.

ABSTRACT

MEGUINS, Rosimê da Conceição. 2006. 318f. **A modernização da Amazônia: do mergulho na totalidade à lapidação da subjetividade.** Tese (Doutorado em Educação) –Programa de Pós-Graduação em Educação, Conhecimento e Inclusão Social; Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte (MG), 2006.

The way undergoing changes in the Amazonian modernization process is incorporated in man's actions and relationships with nature and other men is the research object of the study herein presented, which was done by taking the subjects' perceptions regarding the transformations of their past and present modes of conducting their work as well as the consequences for family and community relations. The study took place in the region of the Tapajós River, in western Pará State, an area rich in minerals and other natural resources, causing several types of economic exploration and exploitation, in contrast with the remarkable presence of groups that develop primary activities in quite rudimentary ways. In order to apprehend the forms by which their subjectivity is expressed in the objective reality, the subjects' narratives were taken concerning their previous, and current life and working conditions and their family and community interactions as well. In short, we were to understand in what way that reality is perceived by them, in which they are constituted as human beings and at the same time which they constitute. Two groups were selected who experience those changes in their major economic activities. One consisted of residents of Ponta de Pedras, a small community located in the banks of the Tapajós River where extractivism represents a principal economic activity, mainly hunting, fishing, and family-run subsistence agriculture. However, both the reduction in the catch of fish, in consequence of the use of mercury in gold prospection in the region's rivers, and the appearance of tourism as an alternative to economic development for this community have led it into a moment of transition towards commerce. Another group is composed of gold prospectors who previously worked in this area, and who are now under- or unemployed workers, living in Santarém, the major city in the region. Case study was the methodology selected, and the data was gathered by means of the narrative interview apparatus, within the qualitative approach framework. Ten subjects contributed to this study besides two other professionals who were listened to, and whose information was included as complementary data. Observations, information and data thus gathered were analyzed under four categories grounded on two theoretical approaches, namely the Freudian Psychoanalysis, and the Critical Theory by T. Adorno, M. Horkheimer and W. Benjamin, in special the conceptions present in their cultural critique. The group's perceptions of the modernization process they have been experiencing were submitted to the Enlightening or Rationalistic principles concerning the concept of modernization. *'Enlightenment'*: one's mechanism of internal and external regulations manifested toward the subject; *barbarism* and *civilization*: one's archaic violence practiced with the power of the instinct, or one's actions based on reason; *ethics* and *instrumental reason*: subject's normative action orientation based on will directed towards liberty and solidarity, or otherwise commanded by domination and exploitation; *autonomy* and *heteronomy*: one's freedom to decide, and to choose the way by which one is to conduct his destiny, or the imposition of the power against one's will. The research results showed that the kind of modernization that takes place in the Amazonian region grants priority to the development of technological and instrumental rationality, and can be considered as a regression in human purposes. Last but not least, evidence emerged that culture subjected to the dictated economic rationality becomes subculture, but it also allows for the moment of its overcoming. The results achieved from the subject's data have shown that the principle of domination is deeply rooted in this process, although not out of any rational formulation, rather in consequence of the primal repression present in the unconscious of a system that imprisons reason. Reflection has been kept apart from the human historical process; nonetheless, this study has brought reflection forward as act of resistance against the economic and cultural irrationality

Key words: modernization, totality and subjectivity, culture, domination, civilization.

LISTA DE ABREVIACOES E SIGLAS

DNPM	Departamento Nacional de Pesquisa Mineral
DST	Doenças sexualmente transmissíveis
FCAP	Faculdade de Ciências Agrárias do Pará
FMI	Fundo Monetário Internacional
GEDEBAM	Grupo de Defesa dos Ecossistemas do Baixo e Médio Amazonas
IBAMA	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis
INPA	Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia
MADAM	Manejo e Dinâmica em áreas de Manguezais
MPEG	Museu Paraense Emílio Geldi
NAEA	Núcleo de Altos Estudos da Amazônia
OMS	Organização Mundial de Saúde
ppm	partícula por milhão
SECTAM	Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente
SEICOM	Secretaria de Estado de Comércio, Indústria e Mineração
SOPREN	Sociedade de Proteção dos Recursos Naturais e Culturais da Amazônia
SUCAM	Superintendência de Campanha de Saúde Pública
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNAMAZ	Associação das Universidades da Amazônia

LISTA DE ABREVIACÕES E SIGLAS

DNPM	Departamento Nacional de Pesquisa Mineral
DST	Doenças sexualmente transmissíveis
FCAP	Faculdade de Ciências Agrárias do Pará
FMI	Fundo Monetário Internacional
GEDEBAM	Grupo de Defesa dos Ecossistemas do Baixo e Médio Amazonas
IBAMA	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis
INPA	Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia
MADAM	Manejo e Dinâmica em Áreas de Manguezais
MPEG	Museu Paraense Emílio Göeldi
NAEA	Núcleo de Altos Estudos da Amazônia
OMS	Organização Mundial de Saúde
ppm	partícula por milhão
SECTAM	Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Meio Ambiente
SEICOM	Secretaria de Estado de Comércio, Indústria e Mineração
SOPREN	Sociedade de Proteção dos Recursos Naturais e Culturais da Amazônia
SUCAM	Superintendência de Campanha de Saúde Pública
UFMG	Universidade Federal de Minas Gerais
UFPA	Universidade Federal do Pará
UNAMAZ	Associação das Universidades da Amazônia

SUMÁRIO

À GUIA DE INTRODUÇÃO... UM MEMORIAL DA PESQUISA	1
- A escolha do tema	1
- Metodologia da pesquisa	7
- Objetivos	9
- O lócus da investigação: a região do rio Tapajós	11
- Os sujeitos da investigação	16
- A entrevista narrativa como técnica	19
- Aportes teóricos à interpretação dos dados	23
- Categorias de análise	28
- Apresentação	34
Capítulo 1 A MODERNIZAÇÃO NA AMAZÔNIA	39
1.1 Totalidade	40
1.2 Subjetividade	43
1.3 Modernidade	50
1.3.1 Modernidade e racionalização	53
1.3.2 Racionalização e razão emancipadora	54
1.4 A região amazônica	60
1.4.1 O filão do ouro e o “vilão” do mercúrio	65
1.5 A <i>ilustração</i> ante a (des)ordem social.	72
Capítulo 2 “ESCLARECIMENTO”	75
2.1 A Amazônia “encantada” em um mundo desencantado	77
2.2 Relação homem-natureza	84
2.3 A produção da realidade	95

Capítulo 3	BARBÁRIE E CIVILIZAÇÃO	110
Capítulo 4	ÉTICA E RAZÃO INSTRUMENTAL	131
Capítulo 5	AUTONOMIA E EDUCAÇÃO	154
5.1	Autonomia econômica	157
5.2	Autonomia política	165
5.2.1	Energia elétrica	165
5.2.2	Estradas	166
5.2.3	Transporte	168
5.2.4	Saúde	170
5.2.5	Administração pública	171
5.3	Autonomia intelectual	174
	CONSIDERAÇÕES FINAIS ... AINDA, REFLEXÕES A PARTIR DA REALIDADE	182
	- Não-identidade: auto e hetero regulação	188
	- Civilização e barbárie	189
	...- Razão instrumental e ética	190
	- Autonomia e heteronomia	191
	- Educação e emancipação	191
	REFERÊNCIAS	196
	ANEXOS	
	Anexo 1 Entrevistas com pescadores	202
	Anexo 2 Entrevistas com garimpeiros	267
	Anexo 3 Entrevistas com técnicos de nível superior	290
	APÊNDICES	300

À GUIA DE INTRODUÇÃO...

UM MEMORIAL DA PESQUISA

O tema *O processo de modernização da Amazônia: do mergulho na totalidade à lapidação da subjetividade* é tratado e apresentado, nesta tese, pelo lado da história do sujeito. A pesquisadora vai tecendo-o com suas atividades e indagações profissionais, que se desenvolvem na inter-relação de duas áreas do conhecimento: psicologia e educação.

Ambas contribuem para que haja uma constante busca da compreensão de relações que se estabelecem entre sujeito e realidade, embora a identificação da racionalidade dos atos conscientes e voluntários, postos em prática na realidade, nem sempre esteja assegurada.

Em alguns casos, às vezes, na maioria deles, identificamos ações que, mesmo partindo dos sujeitos, encontram-se não apenas deliberadas pelo que parece ser atitude consciente, mas parecem sofrer motivações de ordem inconsciente, que vão ficando sedimentadas pela interferência de ideologias, hábitos e costumes culturais cultivados na sociedade, o que revela autoritarismo e irracionalidade arraigados na própria civilização.

A escolha do tema

A escolha de um tema ou de uma questão de investigação normalmente diz muito do próprio pesquisador, seus interesses, suas preocupações, seus objetivos; enfim,

daquilo que, no contexto de uma realidade, desperta sua atenção. O estudo que buscamos realizar segue esse raciocínio. A questão se coloca para nós em função da atividade que exercemos, como professora da Universidade Federal do Pará (UFPA), atuando em cursos de graduação e pós-graduação, naquela instituição e naquele estado.

A UFPA atua na capital, a cidade de Belém, desde 2 de julho de 1957, mas, a partir de 1986, com a implantação do Projeto de Interiorização, expande seu atendimento às cidades do interior visando:

*“[...] a preparação de recursos humanos para o ensino de 1^o e 2^o graus, tendo por objetivo proporcionar à população interiorana do Estado do Pará, condições de se **desenvolver através do conhecimento** adquirido e aplicando-o adequadamente às necessidades de cada contexto social.”⁴ (grifo nosso).*

O “Projeto de Interiorização”, da UFPA, foi uma estratégia política adotada para atacar o problema do elevado índice de professores leigos, em exercício, na zona rural do estado do Pará, atuando na educação básica, no ano de sua implantação. Serviu para a inserção dessa instituição, naqueles municípios considerados como pólo de desenvolvimento de cada micro região do Pará. Ação essa que permitiria conhecer de perto seus principais recursos econômicos e buscar alternativas de desenvolvimento, em função das pesquisas que viessem a ser desenvolvidas por grupos interessados na região. A existência de *campi* avançados de outras universidades brasileiras, construídos por ocasião do Projeto Rondon, que se encontravam desativados e foram incorporados pela UFPA, facilitou essa expansão. Como foi o caso, por exemplo, dos *campi* criados nas cidades de Santarém, na região do rio Tapajós, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e o de Altamira, pela Universidade Federal de Viçosa-MG, ambos situados na região oeste, do Pará.

⁴ UFPA. *Projeto de Interiorização*. Folder informativo. 1993

Inicialmente, foram oferecidos apenas cursos de licenciatura, efetivados em período intervalares (dezembro a fevereiro, e julho), correspondendo aos períodos de férias letivas dos cursos regulares, existentes em Belém. Em face do reduzido quadro docente da instituição, para atender a toda demanda da capital e do interior, somente nesse regime de funcionamento intervalar o deslocamento de professores ficaria assegurado.

Atualmente, a UFPA desenvolveu uma estrutura *multicampi*, constituída de *campi* e núcleos que atendem à demanda educacional de cada pólo e dos municípios a ele atrelados, para onde se deslocam os discentes, por ocasião dos períodos letivos, tendo se ampliado, também, a oferta de cursos e de níveis. Hoje, já existem, em diversos *campi* do interior, cursos de graduação; tanto de licenciatura quanto de bacharelado, como há, também, cursos de pós-graduação, em nível de mestrado e doutorado. Tais ações ampliaram e redimensionaram o ensino e a pesquisa, atualmente contando com vários convênios de cooperação internacional, que envolvem o *campus* de Belém além de dois outros *campi* do interior.

Esse é o caso do *campus* de Santarém, que mantém convênio com a Universidade de Quebec, em Montreal (Canadá), e o Campus de Bragança, conveniado ao Projeto MADAM, da Alemanha. Nesse último, já são ofertados cursos de pós-graduação em “Biologia da Costa Marítima nas Regiões de Estuário e Manguezais”, uma vez que, onde está instalado, encontra-se uma das mais ricas áreas de manguezais, situada no estuário do rio Amazonas. Tais mudanças contribuíram, efetivamente, para que o número de docentes a se fixar nesses locais aumentasse de forma significativa, permitindo a ampliação do atendimento para os períodos regulares, sendo a estrutura atual, da UFPA, no interior do Pará, a seguinte:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ: *ESTRUTURA MULTICAMPI*.⁵

1. *Campus* de Altamira (região do Xingu).
2. *Campus* do Baixo Tocantins (Município de Abaetetuba).
3. *Campus* de Bragança (Região do Salgado):
 - 3.1. Núcleo de Capanema;
 - 3.2. Núcleo de Capitão Poço.
4. *Campus* de Cametá (Médio Tocantins).
5. *Campus* de Castanhal (Maior Município do Pará).
6. *Campus* do Marajó:
 - 6.1. Núcleo de Breves;
 - 6.2. Núcleo de Soure.
7. *Campus* de Santarém (Região do Tapajós):
 - 7.1. Núcleo de Óbidos;
 - 7.2. Núcleo de Monte Alegre;
 - 7.3. Núcleo de Itaituba.
8. *Campus* de Marabá:
 - 8.1. Núcleo de Parauapebas;
 - 8.2. Núcleo de Rondon do Pará.

A ampliação da estrutura *multicampi*, da UFPA, pode ser considerada modesta, se o que ela visa é fazer frente à amplitude de questões que se colocam, na região Amazônica, e que estão a exigir um conhecimento aprofundado da mesma, dada a sua importância para o mundo. Mas, se levarmos em conta a situação econômica que as universidades brasileiras atravessam e a distribuição desigual de recursos entre elas, em função das regiões nas quais se instalam e dos critérios hoje adotados para sua alocação, podemos considerar ousada sua ação.

Com a expansão do processo educacional, para as mais distantes áreas do Pará, a tarefa maior que se apresenta não é apenas a de levar conhecimento, mas a de defrontar-se com os limites desse último, no enfrentamento com o desconhecido. Eis o maior dos desafios! O emaranhado da selva serve como figura alegórica, que

⁵ UFPA. *Universidade Multicampi*. Folder informativo. 1993

corresponde ao emaranhado de problemas que a vida daquela região exhibe, como um enigma por ser decifrado.

A presença de docentes, no interior do Pará, inevitavelmente, colocou-nos frente a frente com questões que estão a exigir investigação e intervenção. Como já mencionado, instalam-se vários *campi*, no interior, e criam-se cursos e laboratórios de pesquisa, para atender às demandas específicas que emergem da realidade. Para exemplificar: ocorre a instalação do Laboratório de Biologia de Santarém, no segundo maior *campus* da UFPA, visando desenvolver investigação acerca do uso do mercúrio, suas conseqüências, níveis de tolerância, formas e possibilidades de contaminação e alteração de material genético de populações afetadas. Tal ação é decorrente do elevado número de garimpos fluviais de ouro, naquela região do Tapajós, onde o *campus* fica situado.

A questão da exploração aurífera da região era considerada tão grave, que uma série de organismos internacionais para lá se dirigiram, com a intenção de investigar os perigos que o uso indiscriminado do mercúrio poderia acarretar para a região e sua população. Isso decorreu das denúncias feitas por um médico local, o cardiologista doutor Fernando Branches, que davam conta da presença de intoxicação mercurial, em pacientes que provinham dos garimpos, bem como em pessoas que moravam em áreas afastadas, incluindo moradores de Santarém e de uma pequena comunidade pesqueira vizinha, a comunidade de Ponta de Pedras.

Além de ser evidente a necessidade tanto da ocupação estratégica da região quanto de seu conhecimento, não podemos pensar que tal necessidade se deve somente a interesses de ordem educacional, exclusivos de nossa instituição ou, até mesmo, apenas de nosso país. Todo esse impulso em direção à Amazônia é, também,

conseqüência do enorme e contínuo interesse internacional que a região amazônica desperta e que, de certo modo, pressiona o seu desenvolvimento e a sua modernização.

A entrada de grupos externos, por fins diversos, traça a história da própria região e deixa marcas, não apenas na floresta, mas, também, naqueles povos que sempre habitaram a selva, os chamados ‘selvagens’, para com os quais não observamos qualquer preocupação. A situação de isolamento e dispersão que os afastam de ações que os beneficiem, torna-os meios e fins da própria exploração que domina na região. Se o desenvolvimento que pretendemos alcançar não estiver reduzido a meros avanços técnico e tecnológico, mas voltado para a dimensão humana tal reflexão que não deixará de fora o papel assumido pela própria formação a que estão historicamente submetidos.

Nossa investigação começa, a partir das denúncias sobre a contaminação mercurial, em Santarém, fazendo com que busquemos o coordenador da equipe de pesquisa sobre tal problema, na região do Tapajós, o professor doutor Cristóvam Wanderley Picanço Diniz, reitor da UFPA, nos anos de 1996 a 1999.

Consideramos importante ainda ouvir o doutor Fernando Branches, que foi o responsável pelos primeiros diagnósticos de intoxicação mercurial, na região, e que acompanhou as equipes de instituições estrangeiras, que para lá se deslocaram com o objetivo de conhecer o problema.

Ambas as entrevistas se encontram em anexo⁶ e podem contribuir para o dimensionamento da questão que envolve a exploração irracional da Amazônia. Servirão, portanto, como dados complementares para nossa análise.

⁶ Anexo 3. Entrevistas nº 11 e nº 12.

O pressuposto de competência e autoridade científica, incorporado às ações da UFPA, na região, exige o reconhecimento de que questões como essas também lhe outorgam as responsabilidades de importante agente mediador, convocando-a a intervir, nos níveis social e político. Seu posicionamento pode influenciar a adoção de medidas de intervenção na realidade, as quais irão se refletir nos padrões comportamentais adotados pela população atingida, podendo aí se revelar os conflitos de interesses, presentes nos distintos grupos envolvidos com o desenvolvimento da região. Trazer à discussão o papel do conhecimento, nesse processo de modernização da região amazônica, evidencia nosso objetivo de explicitar as relações que se fortalecem entre conhecimento e poder. Relações nas quais ciência e técnica figuram como instrumentos indispensáveis a tal fortalecimento, que atualiza e mantém intacta a dominação. Não podemos deixar de perceber que tal relação se constitui em uma distorção dos princípios de emancipação e de autonomia, que precisam ser re-estabelecidos, no conhecimento. A modernidade pode ser compreendida ao instituímos os nexos, aparentemente inexistentes, entre tecnologia e dominação, trabalho e lazer, avanço econômico e luta de classes, entre outras antinomias, que mantêm a dialética entre civilização e barbárie. Para isso, precisamos apresentar um pouco do que sabemos sobre a realidade que buscamos conhecer, a fim de entender as intervenções ali levadas a efeito.

Metodologia da pesquisa

A escolha da metodologia a ser adotada para abordar uma questão impõe ao pesquisador uma avaliação preliminar sobre a natureza da investigação que pretende realizar e com quais objetivos. Ainda é relevante, nesse momento de decisão, a adequação do modelo escolhido ao objeto de sua investigação, para que, assim, ele

consiga se certificar de que o método selecionado alcançará o problema em estudo, em sua essencialidade.

A pesquisa qualitativa já conseguiu conquistar espaço respeitável no interior da investigação científica, não mais sendo menosprezada como um estudo simplesmente de natureza exploratória. Entretanto, no campo da ciência, a exigência de um sistema como guia para o conhecimento ainda se encontra presente, na coerção de demonstração dos fatos por meio de instrumentos considerados eficazes, a fim obter sua validação científica.

Meyer (2001) ao tratar do estudo de caso, considera que sua utilização crescente ainda apresenta algumas limitações, no que se refere ao detalhamento metodológico presente nas publicações. Ressalta, assim, a necessidade de divulgação, por parte dos pesquisadores, a respeito de decisões que conduziram à coleta, interpretação e análise dos dados utilizados.

Em nosso caso a escolha metodológica seguiu uma orientação baseada em dois aspectos fundamentais:

- Nosso objeto de estudo – o processo de modernização da região amazônica – revelado e apreendido nas formas pelas quais essa **modernização é engendrada nas ações dos sujeitos** nele envolvidos.
- Nosso objetivo de **crítica do processo de modernização** evidenciado em nosso objeto de estudo.

Assim, foi a feita opção pelo estudo de caso para abordagem do objeto que, enquanto estratégia de pesquisa, permite uma interpretação de informações sobre a

cultura, um evento, uma pessoa, ressaltando sua relevância em compreender uma questão específica, particularmente aquela cuja especificidade recaia sobre a ação prática (RUNYAN, 1984).

Buscamos ajustar tal enfoque metodológico aos aportes teóricos adotados visando atingir nosso objetivo. A explicação para essa necessidade é fornecida pelo fato de que a compreensão da realidade, segundo a visão dos autores a ela referidos, não pode ser obtida de modo imediato, por ter a realidade se transformado em ideologia, uma vez que, enquanto objetividade, nega o sujeito que a constituiu. Em consequência dessa condição, a razão nela instituída transforma-se em *ir-razão*. Caberá, assim, aos aportes trazidos pela teoria crítica e pela psicanálise – concebidas como ciências dialéticas que só pela contradição possibilitam desvendar a realidade e a razão que a mantêm – evidenciar as contradições colocadas no processo de formação ideologizada da cultura e na decorrente constituição de sujeito nela fundada.

“O mesmo princípio da não identidade, que impede o reducionalismo objetivista e subjetivista, veda a dissolução do particular no universal. Particular vale em sua irredutível especificidade, como representante do universal, através da categoria de Vermittlung da mediação, pela qual a parte é índice do todo, mas não pode ser absorvida pelo todo. A totalização é uma utopia necessária, para impedir o imobilismo da razão, mas qualquer tentativa de realizá-la, conceitual ou praticamente, nas condições atuais, é necessariamente repressiva.” (ROUANET, 1989, p.75).

Objetivos

Ao buscarmos perceber como o processo de modernização se configura, na Amazônia, mais especificamente, em determinadas comunidades consideradas primitivas, visamos identificar seu engendramento pela ação recíproca de forças, tanto externas quanto internas, que preparam o rumo para essa nova etapa histórica e os

contornos específicos que a modernização aí delineia. Tal é o objetivo central da pesquisa realizada e de seu registro, nessa tese.

Se a totalidade, enquanto ‘objetivação em si’, precisa ser apropriada subjetivamente, transformando-se em ‘para si’, isso só ocorre quando formas utilizadas como determinantes sociais são integradas às estruturas pulsionais predominantes nos sujeitos, constituindo-se, desse modo, a relação entre totalidade e subjetividade. Para tal integração, concorrem forças externas, que encontram correspondência *na estrutura* individual interna, na qual aquelas irão se instalar.

Nosso olhar valer-se-á de lentes oferecidas pelos próprios sujeitos que vivenciam esse momento, nesse local. É a percepção que os mesmos têm das transformações que estão ocorrendo que nos fornecerá os indícios com os quais poderemos saltar de uma análise descritiva da realidade, da pura repetição de fatos e acontecimentos, para uma interpretação acerca do processo, visando a sua crítica. Nesse objetivo, o auxílio da teoria crítica e da psicanálise, como instrumentos teóricos para realização da crítica da sociedade, tornam-se indispensáveis. Aqui, também, visamos não incorrer na armadilha de perceber tudo como mera repetição de acontecimentos e, por conseguinte, como vitória do destino.

Visamos compreender, por meio desse processo, de que modo se processam diferentes formas adaptativas, em resposta a idênticos apelos realizados pela condição a que estão submetidos sujeitos que vivem na região do Tapajós. Tal compreensão será buscada por meio da percepção que esses sujeitos possuem acerca dos processos a que estão expostos, ante a modernização que toma lugar, na Amazônia, e que vêm alterando as relações de trabalho desenvolvidas e afetando as interações com a natureza e com os outros homens. Adotamos, para isso, um conjunto de questões norteadoras dessa busca:

- Como o amazônida percebe a ocorrência de mudanças na forma de vida ali existente?
- Quais são as principais transformações percebidas?
- Como ele se vê por elas afetado?
- De que modo elas são avaliadas?
- Que conseqüências efetivas são produzidas por essas transformações nas suas vidas?

Os aspectos metodológicos que envolveram a pesquisa, tal como a escolha do método de estudo de caso, com o uso da técnica de entrevistas narrativas semi-estruturadas, colhidas ao longo de nossa permanência na comunidade, levaram em conta o propósito qualitativo desse estudo. O detalhamento dos procedimentos metodológicos adotados permitirá esclarecer sobre a escolha do local de pesquisa e a seleção dos sujeitos. A região do Tapajós é o *locus* de nossa pesquisa, onde se encontram as condições específicas que constituem nossa situação problema.

O *locus* da investigação: a região do rio Tapajós

Santarém é a principal cidade da região escolhida: a do rio Tapajós. Nela, se instalaram o segundo maior *campus* da UFPA e o Laboratório de Estudos do Meio Ambiente, que é responsável, desde a década de 90, pelo monitoramento da presença de mercúrio, nos rios da região. É, nessa área, a cidade para a qual convergem interesses de grupos estrangeiros, há bastante tempo, havendo outros municípios lá situados, que também se originaram desses interesses.

A existência de grandes áreas de seringais, nos arredores de Santarém, atraiu empresas internacionais, como a FORD, que se voltaram para aquele local a fim de retirar dali o látex, matéria prima utilizada na fabricação de pneus e outros derivados da

borracha. Dois municípios se originaram dessa exploração: Forlândia e Belterra. O turismo estrangeiro, ainda hoje, é intenso na cidade de Santarém. As águas verdes do rio que a banha e sua beleza natural conferiram-lhe o título de “pérola do Tapajós”. Praias são encontradas em, praticamente, toda a extensão de suas margens, incluindo Alter do Chão, que vive do turismo internacional e é denominada “Caribe brasileiro”, situada a aproximadamente 100km de Santarém.

Ponta de Pedras é uma dessas praias, situada entre Santarém e Alter do Chão; mas, aí, a realidade é bastante diferente. De difícil acesso, pela ausência de estrada pavimentada, que ligue Ponta de Pedras à rodovia Santarém – Alter do Chão, só dispõe de um único caminho, aberto pelos próprios moradores, com cerca de 30km. Tem a configuração de uma vila, que se desenvolveu em função da praia que tem o mesmo nome, de beleza selvagem e quase intocada.

Caracteriza-se como uma comunidade pesqueira, onde também é praticada a agricultura de subsistência. Conta com uma população de aproximadamente 500 habitantes. Está isolada da maior parte dos bens e serviços disponíveis nas cidades, podendo servir como amostra representativa de comunidades ribeirinhas da região amazônica, que vivem em semelhantes condições.

A área era propriedade particular de portugueses, que chegaram com a colonização da região, e estava voltada para a exploração de seringais, para a qual se utilizava mão-de-obra nativa. Por esse motivo, era permitido aos trabalhadores o acesso à praia, bem como a freqüência às missas que se celebravam na capela particular da propriedade, para a qual um padre, vindo de Santarém, se deslocava, semanalmente.



Figura 1. Igreja de Ponta de Pedras (Santarém, PA). Em 2003
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Com a morte do dono da terra, inicia-se o processo de negociação de venda do patrimônio, entre os herdeiros e uma empresa de navegação, para construção de um estaleiro naval, visto que o local é de intensa navegação, rota obrigatória entre Belém e as outras capitais da região amazônica. Essa situação desencadeia imediata reação, por parte dos trabalhadores nativos, por representar não apenas o impedimento de acesso ao local, mas por inviabilizar a prática de suas atividades religiosas, uma vez que a capela seria demolida pela empresa.

Numa ação coletiva, os moradores das localidades vizinhas procuram apoio na Diocese de Santarém e conseguem que essa tome a frente das negociações, como a principal interessada, vindo a tornar-se proprietária da área e realizando o loteamento da terra que, posteriormente, foi distribuída entre aproximadamente trinta famílias, que trabalhavam na propriedade.

A distribuição dos lotes não foi formalizada, oficialmente, pela Diocese; ou seja, não há documentos que legalizem a doação, tendo sido estabelecido um acordo informal, segundo o qual os lotes deveriam ser utilizados apenas pelas famílias selecionadas, não sendo permitida a sua comercialização, sob qualquer hipótese. Estabelece-se, com essa situação, uma relação de dependência, em relação à Diocese, uma vez que os moradores não tinham autorização para uso da área com outros fins que não o de sua moradia.

A escolha dessa pequena comunidade se deve a três principais motivos:

1º. A condição de isolamento e distanciamento dos serviços básicos. A título de ilustração: tal comunidade, só há dois anos, dispõe de rede de energia elétrica; há uma única escola, que funciona em regime multisseriado, em precárias instalações físicas, onde são atendidas as quatro primeiras séries do ensino fundamental, por uma única professora, filha da própria comunidade; não há saneamento, rede de abastecimento de água, posto de saúde, nem sistema público de transporte, para atender os moradores; há, tão somente, um deficiente sistema de comunicação, com apenas um aparelho público de telefonia convencional, inexistindo outras alternativas de comunicação, como rádio amador, por exemplo.

2º. Em sua população, foi encontrada uma das mais altas taxas de presença de mercúrio, inclusive acima do que é considerado tolerável pela Organização Mundial de Saúde – OMS, embora nenhum sintoma de manifestação da contaminação tenha sido evidenciado (trataremos desse assunto no Capítulo 1). O mais interessante é que tal localidade está bastante distanciada dos pontos de exploração aurífera, o que aumenta a suspeita de que sua contaminação tenha se efetivado pela cadeia alimentar, em razão do consumo, basicamente, de peixe.

3°. Caracterizada como vila pesqueira, onde os moradores retiram do rio aquilo que é necessário à sua sobrevivência, passa, hoje, por transformações econômicas que a direcionam para o turismo ecológico, em função de suas características geográficas, embora não disponha de infra-estrutura adequada a essa transformação.

Não foi possível o acesso aos locais de garimpo, por ser uma área onde a presença de mulheres só ocorre em condições específicas: prostituição, leilão de virgens ou, em algumas ocasiões, para desempenhar atividades domésticas. Além desses impedimentos, sua localização, geralmente no seio da floresta, só permite que o acesso se dê por via aérea, sendo necessária contratação de táxi aéreo, cujo preço é pago em ouro ou, se em alguma moeda corrente, o equivalente a isso. Caso não exista pista para pouso, as longas caminhadas, na mata fechada, servem como prova da coragem necessária para os que se aventuram nessa tentativa. Consideramos que a dificuldade de deslocamento para os garimpos não poderia impedir a utilização de dados fornecidos pelos garimpeiros, uma vez que se tratava de investigação acerca da percepção desses sujeitos e que tais dados poderiam ser coletados fora do local onde realizavam suas atividades.

Assim, selecionamos a cidade de Santarém como o local onde nos instalamos, pelos meses de dezembro a fevereiro, julho e agosto, porque, nesse período, ocorre o deslocamento de professores, em função do Projeto de Interiorização, bem como pela proximidade do *campus* da UFPA e do laboratório de pesquisa sobre mercúrio, além de ter, ali, acesso a alguns sujeitos da pesquisa – os garimpeiros – que permanecem na cidade, quando se deslocam dos garimpos. A cidade funciona como um ponto de convergência, em razão de possuir boa estrutura portuária (aérea e marítima) e de manter um comércio que abastece as comunidades vizinhas, incluindo os próprios garimpos. Santarém é o ponto de referência dos garimpeiros, quer na entrada quer na

saída dos garimpos, pois é lá que se encontram vários serviços básicos, que não estão disponíveis no interior da floresta. Nesse sentido, a cidade é também a principal referência para os habitantes de Ponta de Pedras, onde vive o outro grupo de sujeitos do estudo – os pescadores.

A proximidade entre as duas localidades – Santarém e Ponta de Pedras – favoreceu uma efetiva participação na vida cotidiana daquela região e a realização de observações de suas realidades. O contato estabelecido visava levar em conta as interações e comunicações desenvolvidas pelos sujeitos e o processo cognitivo-emocional de suas experiências. Buscou-se, assim, delinear os eixos norteadores dos componentes psicológicos (individuais) e psicossociais (coletivos) utilizados nos relatos e que servissem de indicadores da estruturação da consciência auto-referente e de regulamentação social.

Os sujeitos da investigação

Foram selecionados como sujeitos dessa pesquisa: dez pessoas:

- 7 (sete) moradores de Ponta de Pedras (quatro homens e três mulheres);
- 3 (três) garimpeiros de Santarém.

O número de sujeitos utilizados na pesquisa demonstra nossa intenção de compreender como fenômenos psíquicos se estruturam nos sujeitos, sem o objetivo de generalização ou de previsão de incidência de sua ocorrência, na população, de um modo geral. O pressuposto de que fenômenos sociais têm repercussão, interna e particularmente, no indivíduo, e que a sua apreensão permite a observação efetiva de sua concreção, leva-nos a considerar que os aspectos qualitativos, e não os

quantitativos, são privilegiados. Assim, não é nosso objetivo a explicação do todo pelo particular, mas, antes, a compreensão de como este todo pode se manifestar particularmente.

Os pescadores foram selecionados aleatoriamente, dentro da comunidade efetiva de Ponta de Pedras, o que significa morar lá, desde a sua criação. Foi essa condição que permitiu aos sujeitos escolhidos a participação nos movimentos que a comunidade vivenciou, podendo, assim, testemunhar os seus processos de organização e evolução.

São eles:

- o mais velho pescador da localidade, que já trabalhou em barraca e vive de sua aposentadoria;
- um pescador de meia idade, que já ocupou o cargo de presidente da Associação de Moradores de Ponta de Pedras e hoje explora uma barraca de venda na praia;
- a esposa desse segundo pescador, que trabalha com o marido, na sua ocupação atual, e
- um de seus filhos, que ocupa o cargo de Agente de Saúde em Ponta de Pedras;
- uma velha senhora da comunidade, que já desempenhou várias atividades como pesca, lavagem de juta, agricultura, preparo de farinha e está, atualmente, aposentada;
- uma jovem senhora, que é filha do sindicalista que veio para organizar a comunidade, à época de sua origem, e que trabalha com farinha e com o comércio nas barracas;
- por último, o dono da Pousada de Ponta de Pedras, um ex-político que adquiriu parte da propriedade de em dos sujeitos entrevistados e que hoje concorre com

os moradores de Ponta de Pedras, no comércio que ali se desenvolveu, em função da exploração turística da área.

Os garimpeiros são moradores de Santarém:

▫ o primeiro nasceu em Belém e foi atraído para o garimpo de Serra Pelada, indo depois, se fixar nos garimpos fluviais da bacia do Tapajós, de onde saiu para trabalhar no comércio local e, hoje, atua como gerente de um importante bar da cidade;

▫ o segundo, nascido em Manaus, se deslocou para Belém, indo, depois, trabalhar nos garimpos, o que lhe permitiu montar uma pequena empresa em Santarém, hoje falida.

▫ o terceiro, e último, dos garimpeiros foi considerado, por muitos, um dos que encontrou mais ouro na região, e é, também, o mais simples deles. Nasceu em uma localidade do Tapajós, denominada Arapiuns, foi pescador e, depois, entrou nos garimpos da região. Hoje, trabalha como garçom, na cidade de Santarém.

A escolha aleatória ou randômica dos sujeitos, situada em posição contrária ao que postula a pesquisa de cunho qualitativo, não se baseia na busca de neutralidade ou na tentativa de eliminar a possibilidade de viés, por influência do pesquisador, nos resultados da pesquisa. No presente estudo, todavia, o que se almeja é conhecer e compreender a diversidade presente nos sujeitos, tendo, como suposição, a noção de que, ainda que eles se encontrem diante de situações sociais semelhantes, as formas como cada um vivencia essas condições podem revelar-se distintamente.

A coleta de dados ocorreu em dois momentos distintos. Primeiramente, nos meses de julho e agosto, de 2000, período em que permaneci na cidade de Santarém, para coordenar um curso de especialização em Educação Especial, deslocando-me para Ponta de Pedras. E, posteriormente, nos meses de abril e maio, de 2004, quando permaneci em Ponta de Pedras.

Todos os entrevistados escolheram a orla do Tapajós, como local de entrevista. O motivo é simples: a beira do rio é o seu local de trabalho ou de moradia. Ali, ficam situadas suas casas, a igreja, a escola e as barracas que tomam conta de toda a orla e onde são comercializadas comidas para os turistas que vêm se deslocando, com maior frequência, para essa área. Ali, também, são encontradas mulheres, em suas atividades, auxiliando os companheiros, lavando roupas na praia etc. As crianças estão sempre presentes, brincando ou tomando banho.

Os garimpeiros, em Santarém, também escolheram a beira do rio, por motivos semelhantes. A imagem da orla do Tapajós, em Santarém, só difere da observada, em Ponta de Pedras, pela paisagem menos rústica; mas a mesma rotina pode ser observada, além de, ali, se concentrarem as embarcações que transportam as pessoas de um lugar a outro, na região. Em frente à cidade, é possível observar, ainda, o encontro das águas do Tapajós com o rio Amazonas, sem que suas águas (verde e barrenta, respectivamente) se misturem. Uma alegoria de encontro, onde cada um consegue se manter, sem alterar suas propriedades. Os versos do poeta Rui Paranatinga Barata, filho ilustre de Santarém, talvez traduzam melhor os sentimentos dos moradores para com o rio da região:

*“Esse rio é minha rua.
Minha e tua mururé.
Piso no peito da lua,
e deito no chão da maré.”*

A entrevista narrativa como técnica

A metodologia adotada – estudo de caso – para ser efetivada requer riqueza de detalhes sobre a situação investigada. Assim, o acesso aos dados foi obtido

por meio da utilização de técnica de entrevista narrativa, realizada com os dez sujeitos, acima caracterizados, revelando o cunho qualitativo do estudo, isto é, sem pretensão à generalização e à universalização de resultados com base em sua incidência na população, mas voltada para a compreensão da efetivação do fenômeno de modernização. O que, ao contrário de diminuir sua relevância, demonstra que a escolha metodológica teve a intenção de abordar a evolução de características de sociedades pré-capitalistas, em transição para novas formas de organização e exploração do trabalho e da natureza, do ponto de vista dos seres humanos que vivenciam esse processo. Ressalta, ainda, a interdisciplinaridade buscada, com o auxílio de contribuições de áreas afins como o são psicologia, sociologia, filosofia e educação.

Jovchelovitch e Bauer (2003) identificam, na técnica de entrevista narrativa, a geração de histórias, por parte do informante, a respeito de experiências ou acontecimentos ocorridos na sua vida ou em seu contexto, apresentadas a partir de seu ponto de vista.

Ela estabelece uma relação de interação entre entrevistador e entrevistado, onde esse último tem maior participação nas falas, enquanto a do primeiro se dá em menor número. Reduzem-se suas intervenções, fundamentalmente, à apresentação de temas e questões selecionados para a elaboração de um roteiro semi-estruturado. Os critérios dessa escolha podem ser estabelecidos a priori, se for levada em conta a literatura consultada; ou ainda, a posteriori, segundo o levantamento de temas apontados pelo informante, em coleta prévia de informações. Em ambos os casos, a decisão sobre o que e como relatar é de responsabilidade do informante.

Optamos pela escolha a priori, face as questões já levantadas em função da situação que toma lugar na região, solicitando-se a cada informante que falasse, livremente, a respeito de:

- *Sua vida, desde a infância até o presente momento;*
- *Onde e como viveu, antes de morar na atual localidade;*
- *Facilidades e dificuldades encontradas, em cada situação passada e presente;*
- *Principais mudanças observadas, em situações atuais e anteriores;*
- *Vantagens e desvantagens identificadas, nas condições anteriores e atuais;*
- *Objetivos de vida, anteriores e atuais;*
- *Soluções para as dificuldades enfrentadas;*
- *Expectativas em relação ao futuro.*

Por meio da entrevista narrativa buscamos o acesso à expressão do pensamento dos sujeitos, pela via da oralidade, pois que essa última constitui a tradição da maior parte dos grupos que habitam a região Amazônica. Herança da cultura indígena, ainda marcante no interior da floresta, a riqueza da tradição oral não encobre a pobreza educacional, revelada pelos elevados índices de analfabetismo e pelo baixíssimo nível de escolarização, que envergonham e humilham, indistintamente, os filhos dessa região.

Já que as manifestações da subjetividade correspondem, geralmente, a algo que também é exterior aos indivíduos, os relatos atuaram como um resgate de sua expressão, no qual são relevantes o conteúdo (tema) e a forma (modo de organização) das interações verbais que se desenvolvem sob essa determinada condição específica e onde podem revelar-se como expressões imediatas de seu mundo interior, enquanto produto da interação viva das forças sociais. Tem-se, assim, a noção de como a palavra, enquanto forma de mediação para que se expresse o particular, pode estar mergulhada numa atmosfera plenamente coletiva. Isso, tendo em mente que esta seria a primeira

mediação com que iríamos nos defrontar: aquela que diz respeito à experiência indizível que se traduz na palavra. Como assinala Queiroz (1988): *“Um primeiro enfraquecimento ocorre então, com a passagem daquilo que está obscuro para uma primeira nitidez – a nitidez da palavra – rótulo classificatório colocado sobre uma ação ou emoção.”* (p.16).

Ou ainda, na observação de Matos (1998):

“Fragilidade das palavras, se nos demoramos demais a repeti-las, acabam por perder qualquer significado, quanto mais as olhamos de perto mais elas respondem ‘de longe’ A significação vacila em um limiar. Seu sentido, ou sentidos, não suscitam a experiência tranqüilizadora de um elemento único.” (p.8)

Essa é outra mediação, a dos sentidos, em sua ampla acepção: sensibilidade e significado como percebe Franco (1995):

“Os signos ambíguos da fala humana... Não é assim tão fácil interpretá-los. As palavras estão carregadas de sentido, mas como abrir as portas e janelas que levam ao coração das palavras. Como descobrir os sentidos que estas palavras fazem para os mortais? Estes símbolos que mostram e escondem o homem que somos. Compreendidos talvez nos revelem algo de fundamental. Assim é que as palavras e os símbolos são interpretados e psicanalizados, só para nos socorrer na tarefa de nos compreender, na tarefa tão dramaticamente importante de aprender algo sobre quem somos. Compreender-se para. possuir-se, para não ser terra de outro. Compreender-se para transformar-se, para ultrapassar-se, para libertar-se” (p. 12).

Afastam-se e aproximam-se narrador e pesquisador. O primeiro transmite sua experiência, o segundo busca captá-la e interrogá-la, com base em suas inferências, sem amputar-lhe o sentido. Contudo, só permitindo-lhes falar e refletindo sobre o que falam talvez seja possível atingir a compreensão dos mesmos. Silenciar, calar são exercícios que permitem ao outro falar em seu nome.

Assim é que a voz dos silenciados se apresentará, como um grito que insiste em ecoar, no meio da floresta, ainda que dele todos se afastem e tapem os ouvidos, criando a ilusão de cessá-lo. Considero tão importante quanto a não alteração do conteúdo, a manutenção, tão fiel quanto possível, da transcrição fonética de suas falas, numa posição de respeito à diversidade e singularidade que representam. Postura essa escolhida e mantida, ante a incoerência que poderia ser a modificação dos discursos dos sujeitos pela padronização do código lingüístico culto, veiculado na esfera acadêmica, que busca igualar, pelas palavras, as diferenças permanentes e inalteradas, existentes fora desse contexto. Esfera aquela da qual, alguns dos sujeitos nunca fizeram parte, a não ser como objetos de pesquisa, onde é analisado o teor de mercúrio presente em seus cabelos, sua pele, sua urina, seu sangue...

Aportes teóricos à interpretação dos dados

A abordagem do objeto de estudo, bem como a análise crítica de dados da realidade dos sujeitos envolvidos, ambas serão evidenciadas no interior de cada capítulo. Aqui elas serão apresentadas e discutidas com base nas objeções que podem se apresentar para a elaboração dessa tese, além de ressaltar-se os aspectos positivos que tal escolha metodológica proporcionou, numa situação onde a tradição oral é marcante.

A limitação comumente identificada nessa metodologia – o subjetivismo – converte-se, no presente caso, em relevante critério para nossos objetivos. Permite alcançar aquilo que, internamente nos sujeitos, se tornou significativo dos legados recebidos a partir do exterior. Pois o momento do relato os coloca numa posição que permite iluminar o que receberam, acrescentando a isso sua interpretação; na forma simbólica; os fatos saem da opacidade ao expressar-se a vivacidade que os sujeitos lhes conferem: o encadeamento, os temas, a entonação, as pausas, os recortes, a ênfase, a

emoção, elementos presentes nos relatos do sujeito que se deixa captar por seu intermédio.

Para alcançar esse impulso que se abre em direção ao sentido, buscamos aproximar, ao máximo, nosso olhar do de Benjamin, que, a partir da teoria estética, atinge a crítica da cultura; e, ainda, do de Freud, que, pela psicanálise, busca a tomada de consciência do inconsciente pulsional. Nosso ponto de partida é o “texto”, falado, que, segundo Benjamin, é revelador por conter, *in nuce*, o modelo da relação cognitiva que deve se instaurar entre o sujeito e seu domínio de objetos, para aproximar a percepção como característica do pensamento. Ao tomarmos a percepção dos sujeitos para lançar luz sobre a realidade que investigamos, visamos essa possibilidade do resgate da consciência por suas recordações verbais.

Percepção que é, aqui, tomada, segundo a teoria metapsicológica, de Freud, como consciência (psicológica) na qual:

“...a consciência seria função de um sistema, o sistema percepção-consciência (Pc-Cs). Do ponto de vista tópico, o sistema percepção-consciência está situado na periferia do aparelho psíquico recebendo ao mesmo tempo as informações do mundo exterior e as provenientes do mundo interior, isto é as sensações que se inscrevem na série desprazer-prazer e as reminiscências mnésicas.” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p.93).

Os autores ainda destacam alguns aspectos, importantes para nossa compreensão, sobre esse sistema, no qual Freud assimila a consciência à percepção. Segundo tais autores, Freud considera como essência desta última “*a capacidade de receber as qualidades, sensações muito variadas de diferença e cuja diferença depende das relações com o mundo exterior.*” (*ibid.*, p.94). Ao mesmo tempo, assinalam um problema, no fato de ter Freud situado, na consciência, o que chamou de “processo de pensamento”, uma vez que, aí, estariam tanto revivescência de recordações, como o

raciocínio, ou seja, processos que envolvem “representações”. Foi este o modo pelo qual. Freud sustentou, em sua teoria, a tomada de consciência dos processos de pensamento, pela dependência de sua associação com “restos verbais” (*Wortreste*):

“Estes (em virtude do caráter de nova percepção que se liga à sua reativação – as palavras lembradas são, pelo menos em esboço, repronunciadas,) permitem à consciência encontrar uma espécie de ponto de enraizamento a partir da qual a sua energia de sobreinvestimento pode se irradiar.” (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p.94).

Por intermédio desse mecanismo, torna-se possível a atribuição de qualidade ao pensamento, por ser possível a associação entre as recordações verbais “cujos restos qualitativos são suficientes para atrair a atenção da consciência a partir de um novo investimento móvel [que] se dirige para o pensamento.” (*Ibidem*, p.94).

Nesse sentido pode-se questionar, se o ‘esclarecimento’ não estaria sendo hipostasiado ao ser referido a grupos que ainda não lograram sequer superar seu estágio de barbárie, o que permitiria refutar completamente a validade deste estudo, ao tomar como dado para crítica a expressão de sujeitos submetidos a essa condição.

Se as teses levantadas por Adorno & Horkheimer, em 1974, de que “*o mito já é esclarecimento e o esclarecimento acaba por reverter à mitologia*” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.15) são verdadeiras, o estudo aqui desenvolvido não é uma hipóstase, pois ele pode revelar a forma particular aqui assumida, nesse momento de passagem à modernidade, na Amazônia.

Outro argumento, no sentido de não validação, poderia atacar a questão da via de acesso aos dados adotada: a expressão do pensamento dos sujeitos a respeito da percepção que possuem da realidade. Tal argumento vem fundamentado na assertiva de que, transformada em ideologia, a realidade não poderia ser assim revelada, senão sob sua forma alienada e distorcida. É enquanto contingência que essa situação favorece o

contra-argumento de que a sua apreensão e compreensão se fazem necessárias, a fim de trazer à tona tais conteúdos, na posição de objeto da razão que entra em conflito com ela própria, em contraposição à realidade.

Na mesma direção, há ainda uma outra objeção, dessa vez com relação ao sujeito. Se, como afirmam Adorno & Horkheimer, o homem selvagem ainda não se distinguia da natureza e no esclarecimento ele se coisifica pela reificação da razão que elimina a consciência, ao transformá-la em aparato da engrenagem econômica (*Ibidem*, p.42), o acesso ao estado de consciência do homem não se faz possível. A contraposição leva em conta o reconhecimento de que a dominação subjaz a ambos –selvagem e civilizado -, assumindo, no ‘esclarecimento’, o pressuposto objetivo das esferas social e política, ficando assim reduzidas as possibilidades de alterá-la, sem antes alterar as próprias condições objetivas. Porém, essa mesma limitação de transformação das condições objetivas de vida é que transfere para a esfera subjetiva a tentativa de contrapor-se à ausência de consciência, sem que deixemos de atentar para as condições objetivas em que ela é mantida.

O processo civilizatório tem sido marcado pela repressão e pela renúncia, pois, como mostra o próprio Freud (1992), em “O mal-estar na cultura”, a felicidade não é um valor cultural (p.678-82). A renúncia à felicidade, no sentido estrito, atribuído pela psicanálise, como “programa do princípio do prazer”, que é promovida pela cultura, não impede que esse continue a operar, ainda que “*todas as normas do universo sejam-lhe contrárias*” (*ibid.*, p.676). Isso está a exigir de nós um olhar que se volte para as circunstâncias em que tais condições psicológicas são delineadas a partir das forças da sociedade que a define. Marcuse (1968), em “Eros e civilização”, empreende uma interpretação da teoria freudiana acerca do processo civilizatório, apoiado na “*subjugação dos instintos humanos*” (p.27) e extrai da obra de Freud a possibilidade histórica de uma civilização não-repressiva. Essa utopia está descartada, pelo autor, de

vir a se efetivar nas sociedades desenvolvidas, onde o progresso já criou formas eficazes de controle social e dominação associando-as à satisfação de necessidades, o que tornou mais fácil a luta pela existência e torna sem efeito o princípio de contradição no interior de sua lógica (p.13). Eis por que Marcuse a remete para as populações mais novas de países atrasados, em função das condições aí presentes:

- O atraso caracterizado em sua pobreza e fraqueza forçaria à renúncia da ciência e da tecnologia, para manter sob seu controle a engrenagem produtiva voltada para a satisfação e desenvolvimento de suas necessidades vitais, tanto individuais, como coletivas;

- A ausência de condições favoráveis à tecnologia e à industrialização, exploradoras e repressivas, visando a uma produtividade agressiva. (MARCUSE, 1968, p.18).

A abordagem tem seu fio condutor construído por meio de um conjunto de questões levantadas mediante o contato com a realidade e apresentadas sob a forma de temas aos sujeitos da pesquisa. Suas respostas, comentários, exemplos, interpretações são, em seguida, analisadas à luz dos aportes teóricos adotados.

Essas questões orientaram, também, a estruturação das categorias de análise dos dados e informações, obtidos das respostas dos sujeitos, relevantes para nossa pesquisa, que serão discutidas no interior dos capítulos desenvolvidos. Como sabemos, a modernidade tem sido referida a três esferas distintas - cultural, política e econômica - nas quais se pressupõe processos de racionalização e autonomia. Entretanto, a modernidade tem sido reduzida a uma visão funcional cuja ênfase tem recaído apenas na eficácia do funcionamento de estruturas sociais da totalidade, diferindo substancialmente dos princípios que nortearam seu ideal emancipatório de tendência

racionalista, individualista e universalista. Baseado nesse ideal, o racionalismo substitui a fé na religião pela ciência, o individualismo permite ao homem ser visto como indivíduo e não apenas como parte do coletivo e, o universalismo postula a igualdade da natureza humana.

Categorias de análise

Com base nessa concepção de modernidade, pautada no ideal iluminista contraposto à modernização racionalista, é que selecionamos as categorias a serem utilizadas na análise das percepções dos sujeitos, com relação às transformações nas atividades que desenvolviam e que desenvolvem atualmente:

A adoção da teoria crítica, de Adorno & Horkheimer, e da psicanálise, de Freud, como bases teóricas, dão suporte à tese inicial de que a modernidade, movimento decorrente do esclarecimento, assume a forma atual de progresso geral e crescente de dominação, que orienta a relação entre os homens e entre esses e a natureza, na constituição da totalidade e da subjetividade. Com as contribuições dessas teorias, conduzimos a interpretação dos dados obtidos, de modo a submetê-los ao exame dos modos pelos quais tal processo se desenvolve nessa relação, por meio de quatro categorias:

1. Esclarecimento
2. Barbárie e civilização
3. Ética e razão instrumental
4. Autonomia e heteronomia

1^a Esclarecimento: refere-se aos mecanismos de regulação auto e heterodirigidas, nos sujeitos, resultando do processo de emancipação da razão que

demonstra como o conhecimento estabelece a forma de apreensão e de relação com a realidade, traduzidas nas relações mantidas entre os homens e entre estes e a natureza.

2^a. Barbárie e civilização: trata das relações pautadas na violência física primitiva, desvinculada de objetivos racionais, em confronto com ações que tenham claros objetivos de geração de condições humanas. Refere-se, no caso presente, aos modos de vida dos amazônidas, observados esses últimos a partir de suas perspectivas sobre as relações anteriores e atuais instituídas (na família, no trabalho, no conhecimento) e capazes de identificar diferentes relações de dominação e exploração, ou seja, relações de poder.

3^a. Ética e razão instrumental: reporta-se aos padrões ético-morais, atuais e anteriores, que norteiam o agir dos sujeitos, evidenciam os princípios e finalidades desse agir e afetam a percepção de sua identidade e suas relações de alteridade.

4^a. Autonomia e heteronomia: essa categoria se refere à percepção das condições que favorecem ou dificultam, nos sujeitos, a liberdade para seu desenvolvimento intelectual, econômico e político, como consequência das transformações operadas nas condições de vida dos mesmos.

Já que a modernização se efetiva no e pelo processo civilizatório, que se configura nas relações entre sujeitos e entre esses e a natureza, obtendo como resultado a cultura constituída nessas relações, selecionamos as categorias acima, que auxiliarão nosso trabalho de compreensão e interpretação das percepções reveladas pelos sujeitos dessa pesquisa. Percepções essas que se organizam a partir da realidade e que, ainda que sejam consideradas concretas, não são imediatamente percebidas como determinismo. A contribuição obtida por meio da revelação dos dados está em identificar nos relatos

apresentados, as possíveis associações que foram estabelecidas, fortalecendo diferentes padrões ou modelos adaptativos.

Mecanismos de regulação são os modos pelos quais os sujeitos dirigem, a si e ao exterior, formas de controle dos impulsos de prazer e agressividade. Esses mecanismos estão ligados à dinâmica da civilização que impõe, historicamente, o controle repressivo dos instintos humanos naturais: repressão externa que se fortalece na repressão interna que o aparelho mental introjeta. As reais necessidades deixam de ser satisfeitas e novas são criadas, como substitutivas daquelas que realmente possuímos. Não é necessário dizer o grau de insatisfação gerado por essas condições, onde a satisfação de nossas reais necessidades fica sempre postergada ou substituída, gerando agressão.

As relações de poder se desenvolvem com base na autoridade e são mantidas com a permanente luta pela existência, onde a satisfação das necessidades é modificada com o auxílio das instituições, iniciando-se na família e estendendo-se, posteriormente, ao trabalho, com o auxílio do conhecimento que se põe ao seu serviço.

No âmbito de relações de poder, pretendemos discutir as implicações possíveis da constatação de Adorno (1995, p.124) sobre a “*perda da autoridade*” e a conseqüente falta de compromisso para deter o que “*é sádico, destrutivo e desagregador*”, fazendo com que as pessoas não se sintam mais capazes de experienciar o compromisso como algo substancial para si mesmas. A perda da autoridade cede espaço à heteronomia, “*um tornar-se dependente de mandamentos, de norma que não são assumidas pela razão própria do indivíduo.*” (*ibid.*, p.124). Assim, pudemos observar as relações de autoridade, mantidas, hierarquicamente, na família e no trabalho de garimpeiros e pescadores, buscando identificar como se dão as relações de poder e sua influência nas decorrentes tomadas de decisão que envolvem o destino dos indivíduos, nessas duas instituições.

A categoria ética e razão instrumental, tratando de padrões ético-morais, decorre também das duas primeiras, uma vez que eles são adquiridos nas relações sociais instituídas e desencadeiam-se pautados em uma avaliação dos princípios que orientam as ações práticas dos indivíduos, ainda que possam apresentar um conteúdo teórico-cognitivo em sua manifestação e explicação. Benjamin (1975, p.63-81) faz referência às formas como o aprendiz iria, aos poucos, apropriando-se do ofício, em sua relação com o mestre que dominava uma arte e a transmitia, em seus ensinamentos. Com a divisão do trabalho, essa relação foi rompida, e o operário não possui mais a capacidade de apropriar-se desse processo integralmente; ao contrário, aliena-se nele. Torna-se necessário frisar que Benjamin aponta para uma condição, na qual a aprendizagem de ofícios permitia ao mestre a transmissão do saber ao aprendiz e era, ao mesmo tempo, uma forma de comunicação onde a narrativa continha um cunho moral. Isso é o que se perde no modelo de divisão do trabalho, indo afetar “*a capacidade de trocarmos pela palavra experiências vividas.*” (*Ibidem*, p. 63).

Benjamin ressalta que o choque causado pela guerra, o ritmo imposto ao trabalho e à vida cotidiana têm impacto nas transformações observadas nas transmissões de experiências que tinham um propósito definido: “*a transmissão de uma moral, de um ensinamento prático, da ilustração de algum provérbio ou de uma regra fundamental de existência.[...] Um conselho fiado no tecido da experiência vivida: é sabedoria.*” (*Ibidem*, p. 66).

Em nosso estudo, especificamente, interessou-nos observar como essa transmissão de valores se dá nos dois grupos – garimpeiros e pescadores – observando como são eles fortalecidos ou enfraquecidos por meio das instituições trabalho e família.

Por último, nessa categoria, ainda serão observados os fins que buscam alcançar para si e com que meios visam atingi-los, considerando a preocupação de Freud, em “O mal-estar na cultura” (1992), em relacionar o estudo das instituições com o da natureza humana e do conflito do homem com a cultura e consigo mesmo, evidenciada no trecho seguinte:

“É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação – isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e as admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida” (p. 671).

Posição semelhante pode ser encontrada em Adorno (1995):

“Os meios – e a técnica é um conceito de meios dirigidos à auto conservação da espécie humana – são fetichizados – por que os fins – uma vida humana digna – encontram-se encobertos da consciência das pessoas” (p.132).

Desse modo, buscamos com essa categoria – padrões ético-morais – identificar, no interior dos grupos pesquisados, as finalidades que são buscadas ou priorizadas em suas atividades de trabalho e como essas últimas são relacionadas às suas vidas.

As relações afetivo–emocionais foram examinadas por se constituírem, segundo Adorno, em uma das principais mudanças observadas com o esclarecimento e o advento do sistema capitalista. Uma certa frieza acompanha o esclarecimento, penetra o modelo de ciência e o decorrente processo de trabalho, indo atingir, de forma indiscriminada, opressores e oprimidos, o que se impõe, de forma crescente, pelo controle: dos instintos, do uso dos sentidos, da percepção, do estabelecimento de relações e da manifestação das emoções. Adorno (1995) identifica, na articulação entre os dois aspectos (a falta de autoridade e compromisso, bem como a frieza), a condição

favorável que resultaria no “caráter manipulador” (p.129), uma espécie de “*consciência coisificada*” (p.130, grifo do autor). Adorno chama a atenção para a carência, presente nas atuais condições de vida, de se estabelecer relação libidinal com outras pessoas: “*Elas são inteiramente frias e precisam negar também em seu íntimo a possibilidade do amor, recusando de antemão nas outras pessoas o seu amor antes que o mesmo se instale*” (p.133).

A própria auto-preservação já impõe uma certa dose de sacrifícios e renúncias que acabam promovendo o surgimento de uma frieza ou indiferença, tanto para com a própria dor, como para com a alheia. Atualmente, condições adversas dilatam esse limiar ao sofrimento por estabelecer, em algumas situações, que o prazer em atingir algo advenha de sacrifícios desmedidos realizados e, até mesmo, imponha dor e sofrimento aos outros.

O papel da mulher foi observado, nessa categoria, pois envolve a noção, apontada por Adorno & Horkheimer (1985), de que o cristianismo transfigura, no casamento, “*a hierarquia dos sexos e o jugo imposto ao caráter feminino pela ordenação masculina da propriedade*” (p.102), enquanto a sociedade industrial afeta a família, quando esta é privada do caráter de célula da sociedade ao perder a sua condição de base da vida econômica do burguês. Deixa, assim, de servir de horizonte para os adolescentes, já que a autoridade do pai desaparece e, com ela, a resistência à sua autoridade. As filhas que experimentavam a servidão sentiam-se impulsionadas por isso à paixão, que representava, segundo o autor, a liberdade, embora essa não se realizasse, nem no casamento, nem em outro lugar. Além disso, com as possibilidades de trabalho que se abrem, fecham-se, ao mesmo tempo, as perspectivas de amor. Para

Adorno e Horkheimer (1985), “*As pessoas assumem em face das outras aquela relação racional, calculadora*” (p.182).

Adorno e Horkheimer (1985) chamam, ainda, a atenção para a dissociação entre o amor e o prazer, o que acaba por transformar o amor sublime em gozo ao alcance de todos (p.104). Interessou-nos verificar, nos grupos estudados, a percepção do papel ocupado pela mulher e a existência, ou não, de diferenças, nesse aspecto, entre os dois grupos (pescadores e garimpeiros) que possam estar associadas às mudanças processadas quer na estrutura familiar ou nas relações de trabalho.

Na categoria autonomia e heteronomia, foram tomadas as percepções que indicassem o modo pelo qual os sujeitos experimentam situações de acesso ou de restrição a condições que permitam alcançar sua emancipação econômica, intelectual e política. Essa categoria serviu como ponto de discussão do processo de educação, enquanto formação humana, a que estamos submetidos. Nela, evidenciou-se sua contradição: fundada na promessa da geração de condições humanas mais dignas para as pessoas, acaba por expressar-se pelo desenvolvimento de deformidade, impulsos destrutivos e uma essência mutilada.

Autonomia e heteronomia foram conceitos considerados, no estudo em tela, no interior do processo de formação educacional que se desenvolve tanto através das ofertas educacionais disponibilizadas aos sujeitos, no interior da Amazônia, quanto ao acesso que lhes é oportunizado pelas condições de vida que possuem e se desdobram na permanência e na qualidade dessa educação

Apresentação

A apresentação desta tese está estruturada em cinco capítulos, como segue.

O Capítulo 1 – **MODERNIZAÇÃO DA AMAZÔNIA** – tem um caráter mais teórico onde apresentamos a concepção de modernidade, dentro dos marcos referenciais da teoria crítica e da psicanálise, aqui adotados. Nele, será evidenciado todo o percurso realizado, na intenção de conhecer como se desenvolve a discussão da temática que embasa nosso estudo, passando pela região amazônica, onde a questão se apresenta para nós, até o detalhamento que permitiu o tratamento teórico- metodológico desenvolvido.

No Capítulo 2, intitulado **ESCLARECIMENTO**, esse movimento da razão será problematizado frente às questões que emergiram do contato com a realidade, levando-se em conta a influência da racionalização exercida na vida dos sujeitos. Na nossa busca em trilhar o caminho que grupos seguem rumo à modernização faremos um percurso que toma como ponto de partida a entrada nesta realidade pela via do conhecimento. O progresso como forma de realizar o “desencantamento” substituindo-o pela racionalidade que visa tornar a vida mais eficiente.

No terceiro capítulo, **BARBÁRIE E CIVILIZAÇÃO**, trataremos das conseqüências decorrentes dessa situação, exibindo os principais problemas enfrentados e os desvios tomados, no sentido de continuar vivendo. Aqui, o sinal de alerta é dado para chamar à atenção o choque causado à natureza e ao homem, em proporções não de um acidente particular, mas de catástrofe universal. Discute-se o progresso que recai em regressão. Ou seja, o recuso a formas de violência primitiva ou a primazia da razão evidenciados na consecução de objetivos humanos ou de fins materiais privilegiados nos sujeitos.

Seguindo a pista apontada pelos sujeitos, defrontamo-nos com o inesperado: o ‘acaso’. Impactos decorrentes de ações alheias às suas vidas, fazem com que estas mudem de direção, rumo a outras saídas. O ‘acaso’, como podem ser consideradas

ingenuamente as coincidências que fazem o mercúrio entrar em cena, também permitem ser percebidas como um indício da entrada da lógica do capital, e ainda que pareça longínqua, da globalização.

O Capítulo 4, **ÉTICA E RAZÃO INSTRUMENTAL**, situa o progresso colocado como a principal meta a ser atingida, e isso a qualquer preço, o que se observa é o desenvolvimento de uma racionalidade que prioriza os fins sem se importar com os meios – a chamada racionalidade instrumental. Guiados por ela, tanto pescadores como garimpeiros orientam suas ações, sem ter clareza quanto aos possíveis benefícios que tal atitude trará para as suas condições de vida. As alterações sociais e econômicas modificam as relações mantidas com base nesse novo modelo de exploração capitalista da região. A corrida do ouro, na região do Tapajós, e sua exploração com utilização do mercúrio são situações que afetam não apenas o organismo dos sujeitos; elas provocam um retrocesso em suas vidas.

Finalmente, no quinto e último capítulo, voltamos ao que poderia ser o ponto de partida. Diante da realidade, apresentada pelos sujeitos que participaram desse estudo, buscam-se as possibilidades de sua alteração. Possibilidades que sirvam como formas de resistência ao que se apresenta como impedimento para uma vida humana. Sob o título **EDUCAÇÃO E AUTONOMIA** retoma-se o debate, em função de um ideal de formação que, partindo do princípio iluminista de autonomia do “*Sapere aude!*”, ousar servir-se de sua razão, sem abrir mão da reflexão: venha ela incorporar fundamentos sólidos para o desenvolvimento de condições concretas de liberdade, como exercício para a felicidade humana.

As **considerações finais** são **REFLEXÕES A PARTIR DA REALIDADE**, que levam em conta a relação entre totalidade e subjetividade. Feitas a partir da crítica

da cultura, realizada pela teoria crítica e pela psicanálise, especificamente, as empreendidas por Adorno, Horkheimer, Benjamin, no caso da primeira, e Freud, no da segunda, essas reflexões são referidas à racionalidade atuante na vida dos sujeitos. Com base nela, desvelou-se o princípio da dominação, como imanente à noção de progresso que o esclarecimento assumiu, no qual a racionalização progride até ajustar-se às esferas cultural, econômica e política. Racionalização cujo poder avassalador do existente condena os sujeitos à impotência, embora esse poder seja uma potência deles extraída.

Nesse momento, torna-se necessário ouvi-los atentamente. Por isso, a importância de conhecer a história completa que cada um apresenta e que, por ironia, fica, no presente trabalho, numa seção denominada ANEXOS; ela é, sem dúvida, a mais rica de todas. Sob a sua luz, serão desenvolvidos todos os capítulos, ainda que se apresentem, aqui e ali, alguns trechos extraídos das falas, uma vez que a nossa intenção é promover, com os autores que fundamentaram nossas reflexões, um diálogo que nos ajude na compreensão daquilo que os sujeitos fazem emergir diante de nossos olhos: a realidade.

A não realização do esclarecimento como emancipação do sujeito não significa, entretanto, que ele não possa vir a se realizar. É apontando para as contradições que o processo civilizatório produz que encontramos as possibilidades de desvelamento da realidade, capazes de provocar o estranhamento, no interior do que parece natural: a irracionalidade a que se vê submetida a vida atual. Com base nos aportes da teoria crítica, de Theodor W. Adorno, Max Horkheimer e Walter Benjamin, bem como da psicanálise concebida por Sigmund Freud, colocamo-nos como propósito perceber a realidade que delimitamos para nosso estudo, buscando um diálogo entre as

narrativas dos sujeitos e as elaborações dos autores mencionados, sem que houvesse perspectiva de realização de síntese do que é irreconciliável, nas condições atuais.

A única certeza é de que qualquer falha em executar o que nos propusemos foi de nossa exclusiva responsabilidade.

Com as vossas permissões...

CAPÍTULO 1

A MODERNIZAÇÃO NA AMAZÔNIA

“Desencanto significa não apenas a quebra de um feitiço, mas também uma espécie de decepção de desgosto. O caminho na direção do esclarecimento é a técnica, i.e., um tipo de conhecimento em que os conceitos genéricos e as imagens não têm mais o seu lugar assegurados, ocupando o método todo o espaço outrora habitado por eles.” (Adorno & Horkheimer, 1985, p.20).

A metáfora escolhida para intitular esse trabalho – *Do mergulho na totalidade à lapidação da subjetividade: o processo de modernização da Amazônia* – e que tem o seu núcleo central transportado para o capítulo inicial dessa tese pode ser explicitada pelas relações entre o tema central e o aporte teórico adotado.

A relação totalidade–subjetividade é o tema em torno do qual nossas questões irão gravitar. Uma vez que a realidade se constitui nessa relação, deixa-se antever que pressões advindas do todo social são exercidas sobre os indivíduos, sem exceção, a tomar parte em um processo que se encontra cada vez mais controlado, por formas as mais diversificadas de dominação, ainda que isso só se efetive com a participação de sujeitos cuja adesão, de algum modo, se realizou. O processo civilizatório pautado na dominação, que tem sido apresentado, contraditoriamente, como a única possibilidade de sobrevivência, vem deixando marginalizados aqueles que recusam a adaptação ao sistema irracional: o capitalismo.

Mergulho seria a metáfora adotada para aludir à imersão que é realizada pelo homem na totalidade social, enquanto *lapidação* corresponderia ao processo de formação de sujeitos autônomos, voltados para o exercício da liberdade e a realização

na felicidade. Dizem respeito, ainda, as expressões, *mergulhar e lapidar*, às duas formas de relação, entre homem e natureza, que servirão como fontes de dados para nossa pesquisa: a pesca e o garimpo. Atividades essas que, desenvolvidas no interior da Amazônia, vêm se modificando com a modernização da própria região, vista como alvo de interesses os mais diversos, pelos mais diferenciados grupos e nações. Esse contato cria o palco propício para que diferenças culturais e históricas se apresentem como distâncias às vezes consideradas intransponíveis. Diferenças que buscam ser equacionadas pela adoção de padrões homogeneizantes, como pode ser considerado o tipo de exploração da natureza adotado por grupos que desenvolvem o modelo econômico capitalista, sob a perspectiva da globalização.

Ainda em relação à metáfora, ela contém a própria contradição que buscamos evidenciar. Pois, se a totalidade prevê uma imersão que sujeita todos, indistintamente, a conhecer os mecanismos que agem nesse sentido, pode servir como tentativa para sua superação, passível de transformar-nos em sujeitos capazes de construir uma história mais humana. Assim, a apreensão da relação entre totalidade e subjetividade será tomada, aqui, pela percepção que os sujeitos têm acerca do processo de modernização que se efetiva, na Amazônia, numa tentativa de resgatar, pela via do particular, o pressuposto universal de autonomia e de respeito à dignidade e à liberdade do homem.

1.1 Totalidade

Duarte (1993, pp.156-160) apresenta a classificação que Martin Jay (1977, p.131 *et seq.*) apontou dos principais tipos de totalidade encontrados nas correntes hegel-marxistas:

– A totalidade longitudinal, que assume a noção de história universal, presente em Hegel, Dilthey e Lukács, de acordo com Duarte (1993) é rejeitada por Adorno (1985b, p.40-41), na “Dialética Negativa”, por não aceitar a hipótese de uma história universal como humanidade harmônica, em movimento ascendente e uniforme. Nesse aspecto, Adorno concorda com Benjamin, quando este considera tal conceito irrecuperável ou uma ilusão, e, ainda, com Kafka, ao afirmar não existir progresso quando a humanidade fica confinada pela totalidade que ela mesma configura, pois somente a totalidade permite pensá-la. Adorno irá trabalhar com o conceito de totalidade, mas de forma crítica.

– A totalidade latitudinal, “*que designa o conjunto das estruturas e tendências sociais e culturais de um fenômeno histórico temporal especialmente delimitado*”, tomado em sentido negativo, por Adorno, em sua referência ao capitalismo tardio como “*mundo administrado.*” (DUARTE, 1993, p.156).

– A totalidade descentrada, que indica uma constelação na qual nenhum componente pode ser compreendido sem relação ao todo, mas esse todo não é redutível a qualquer outro centro genético ou expressivo.

– A totalidade expressiva, de forma contrária à anterior, admite a centralidade de algo que é sua expressão, e

– A totalidade normativa, relacionada a um tipo de reconciliação onde todas as contradições determinantes do sofrimento humano estariam resolvidas. Está presente no pensamento de Marx, na idéia do comunismo, enquanto, para Adorno seria o todo, em estado reconciliado: “*Tudo progride no todo só não o fez até hoje o todo mesmo.*” (ADORNO, 1995b, p. 45).

A categoria totalidade, que é expressão do capitalismo tardio, atua sob o falso princípio da identificação, impedindo o não-idêntico e criando os antagonismos que a mantêm. Nesse modelo de totalidade, o sujeito acaba identificado ao objeto. Todavia, enquanto estejam os indivíduos submetidos a realidades sociais opressivas, de sociedades que fragilizam e enfraquecem a já débil subjetividade, não poderá ser essa a expressão de verdade do particular, mas o seu oposto, a negação do indivíduo.

Se, de um lado, o pressuposto da totalidade expressiva indica uma complexidade que se configura na unidade da diversidade, estabelecida na relação entre o particular e o todo, o que implicaria que o todo é verdadeiro; de outro lado, a aproximação com um mundo dominado, como forma de totalidade latitudinal, aponta o não reconhecimento do particular no todo, embora, ao mesmo tempo, crie a ilusão de suprir sua dor.

Torna-se fundamental, nesse modelo de totalidade, incluir e situar a dimensão da subjetividade e da cultura, no interior da própria sociedade capitalista, que pode ser considerada a pré-história da individualidade, onde as condições objetivas e materiais presentes conduzem à heteronomia e à falta de individuação da raça humana.

Nesse modelo de sociedade, Carone (1990) ressalta que a cultura, como produção de bens e valores espirituais da humanidade, é transformada em atividade civilizatória de produção e uso cultural de meros recursos instrumentais, geralmente supérfluos, onde os homens já não são (ou não de todo) senhores desses equipamentos, mas servidores ou consumidores forçados do que a civilização produz. (p.17).

O próprio conhecimento, que no interior da civilização, conduziria a processos que se opunham à barbárie, transforma-os em consumidores de idéias, cuja característica é o desenvolvimento de padrões conformistas de comportamento. Dessa forma, o conformismo mutila a consciência e, em lugar de estimular o confronto do que

transmite com as reais necessidades e interesse dos homens – felicidade e liberdade –, presta-se mais à dependência e à servidão humanas.

1.2 Subjetividade

Duarte (1997) assinala a maneira pela qual Adorno e Horkheimer destacam o processo da civilização ocidental, como *“superação da mentalidade mítica para a qual não há sujeito propriamente dito, uma vez que o selvagem não se entende ainda como um ser separado do mundo natural que o circunda .”* (p.51).

O autor ressalta que a emergência do sujeito advém da *“necessidade de garantir sua sobrevivência material, para o que ele desenvolverá sua racionalidade tanto no sentido da obtenção dos meios imediatos de subsistência, quanto no de estabelecer uma organização social visando prolongar a possibilidade dessa subsistência”* (DUARTE, 1997), o que se consolida pelas relações que estabelece com a natureza e com os outros homens.

Entretanto, Duarte chama atenção para o fato de ter o primeiro objetivo – garantir a subsistência, que é o mais imediato – sobrepujado o segundo, criando, no sujeito, o que é denominado *“ditadura da autoconservação”* (*ibid.*, p.52), onde, nas palavras de Adorno & Horkheimer (1985, p.24), *“o despertar do sujeito tem por preço o reconhecimento do poder como princípio de todas as relações.”*

Adorno & Horkheimer (*ibid.*) evidenciam que essa passagem, *“a antiga ilusão de que pela repetição poderiam se identificar com a realidade repetida e, assim escapar ao seu poder”* (p.25), presente no mito, cede lugar a uma nova forma de repetição, que o esclarecimento promove:

“[...] sob a forma de lei natural, precisa garanti-lo como sujeito livre [...] e os homens estariam forçados a assegurar a autoconservação pela adaptação – essa insossa sabedoria reproduz tão-somente a sabedoria fantástica que ela rejeita: a ratificação do destino que pela retribuição reproduz sem cessar o que já era. O que seria diferente é igualado.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.26).

As conseqüências dessa situação se observam *“na alienação dos homens com relação aos objetos dominados, como a coisificação do espírito, as próprias relações dos homens ficam enfeitiçadas, inclusive as relações de cada indivíduo consigo mesmo.” (Ibidem, p.40).*

Essa subjetivação, que se dá pela reificação, conduz o ‘mundo administrado’ no qual:

“[...] aquele a quem é dado o direito de decidir sobre os destinos de outros homens constitui-se como um sujeito para quem a beleza não é de todo indiferente que, entretanto, logra enquadrá-la – à base do domínio sobre o trabalho alheio – dentro de limites que não comprometam sua autoconservação (inclusive como dominador)... O resultado disso é a formação de um sujeito cuja unilateralidade, a submissão à ditadura da autoconservação, é o correlato da impossibilidade de toda a humanidade de tornar-se sujeito de suas ações, de seu futuro, de seu destino, fato que Adorno e Horkheimer descreveram em termos de uma espécie de menoridade do gênero humano” (DUARTE, 1997, p.53)

Dois fenômenos que marcam o século XX, já apontados por Adorno & Horkheimer (1985), em *“Dialética do Esclarecimento”*, como responsáveis pela dificuldade de autodeterminação do sujeito, um político e um cultural: o totalitarismo e a *“indústria cultural”*, são destacados por Duarte (*ibid.*). Nessa última, o autor chama atenção para a característica de criar

“uma falsa identidade entre o universal e o particular” [onde] “a constituição da realidade encontra-se enraizada numa exploração planejada do aparelho pulsional dos indivíduos, de modo que o que se

oferece ao público veicula a forte impressão de ser desejado, demandado pelo mesmo” (DUARTE, 1997, p.56-57).

Tal mecanismo, levado a efeito pela indústria cultural, permite o consumo de “*conteúdos de reforço ideológico do sistema*”, como se estes satisfizessem sua “*legítima necessidade de diversão lazer e cultura.*” (ADORNO & HORKHEIMER *apud* DUARTE, p. 57).

Mecanismo semelhante ocorreria, no totalitarismo, enquanto projeto de dominação política, no qual

*“[...] a interferência na economia psíquica das pessoas, com o objetivo de desindividualizá-las ao máximo, ocorre basicamente pela exploração de dois comportamentos que, tomados por si mesmos, são absolutamente normais: o comportamento projetivo e o mimético.” (DUARTE, *ibid*, p.58).*

Na mimese o homem busca tornar-se semelhante ao meio ambiente com objetivo de autodefesa. Isso se manifesta no homem pela imitação no aprendizado do mundo exterior, o que ao longo dos tempos *‘foi sendo colocado sob o controle de uma instância racional’*. Sob a égide do facismo sectário (seja político ou religioso), essa instância tende a enfraquecer pois, na presença de um ego fragilmente consolidado, a imitação pode, como ocorreu no nazismo, deixar de ser um controle natural e se tornar “*uma coerção à persecução de um determinado modelo.*” (*Ibidem*, p.58-59).

Já no comportamento projetivo ‘normal’, busca tornar o meio circundante igual a si, “*como a contrapartida subjetiva em todo conhecimento exterior.*” (*Ibidem*, p.58).

“[...] esta transposição se dá pelo enriquecimento por parte da subjetividade, dos estímulos recebidos do exterior: é uma espécie de interpretação do dado bruto mediante um processo reflexivo interior. O ser humano desindividualizado não possui exatamente uma

interioridade, sendo que um certo tipo de mitologia (no caso do nazismo, a germânica) é posto - via falsa mimeses - no lugar daqueles conteúdos psíquicos que lhe são expropriados. O conhecimento da realidade - já por si problemático - fica então totalmente comprometido, pois o sujeito não tem o que devolver à realidade, quando dela recebe dados sensoriais, o que abre caminho para a adesão obsessiva a posições recebidas como a verdade última das coisas, a qual exclui principalmente - até mesmo com absurda violência - a existência de pontos de vista diferentes.” (DUARTE, 1997, p.58-59).

Duarte (*op. cit.*) afirma que, ao apontar a negatividade presente na modernidade, Adorno & Horkheimer (1985) resgatam a possibilidade de sua superação, a afirmação do ‘esclarecimento’, que guarda em si a possibilidade de sua efetivação, “*por meio da introdução de um enfático elemento reflexivo*” cujos indícios são :

1. Crítica à racionalidade meramente analítica, tendo por base a contradição dialética.
2. Reintrodução de um elemento expressivo, no discurso teórico.
3. Introdução do pensamento estético, no pensamento em geral.
4. Retomada pelos seres humanos do seu processo de humanização.

“Esta outra racionalidade, na qual a hipóstase dos meios terá dado lugar a uma reintrodução do vislumbre dos fins, deverá ser obrigatoriamente um elemento de reconciliação não só dos seres humanos entre si, mas também, deles com o mundo natural - vítima da racionalidade irracional cuja destruição leva consigo os atores. Por isso, essa racionalidade é entendida por Adorno e Horkheimer como uma rememoração da natureza no sujeito ‘em cuja realização encontra-se encerrada a verdade recôndita de toda a cultura, o esclarecimento contraposto à dominação em geral.’ (Idem, ibidem, p.63).

É ainda no interior dessa questão que se faz necessário voltarmos para a relação sujeito-objeto, onde, de forma cada vez mais freqüente e intensa, vê-se o sujeito transformado em objeto, coisificando-se.

Adorno (1995b, p.181-201) ressalta a dificuldade que o termo sujeito representa, tanto por ser indicativo de “indivíduo particular” quanto por estar ligado a “determinações gerais”. A ambigüidade, segundo o autor, não se deve apenas às classificações terminológicas, mas a significações que necessitam-se mutuamente. Para Adorno, a individualidade humana não pode excluir o conceito de sujeito. Se essa não for referida, o conceito de sujeito perde o sentido. Por isso, Adorno afirma que os conceitos de sujeito e objeto – ou seja, aquilo a que se referem – têm prioridade sobre qualquer definição. As palavras, sujeito e objeto, são tomadas como sedimentos da história.

Assim, Adorno trabalha com

“a idéia de sujeito, seja qual for sua natureza, um sujeito cognoscente que defronta-se com um objeto, seja qual for sua natureza, um objeto do conhecimento. A reflexão denominada “intentio obliqua” na terminologia filosófica – consiste então em voltar a referir esse conceito multívoco de objeto ao não menos multívoco de sujeito.”(Ibidem, p.182).

O autor ressalta, na relação sujeito-objeto, a separação simultaneamente aparente e real que possuem. Real, pois expõe a cisão a que foi submetida a condição humana; falsa, porque pode vir a ser superada. Tal contradição atinge a teoria do conhecimento, uma vez que sujeito e objeto podem ser pensados separadamente, ainda que se encontrem mediados, reciprocamente: o sujeito mediante o objeto e o objeto mediante o sujeito. O que faz com que a unidade, que exige diversidade, fique impossibilitada, restando apenas indiferenciação ou antítese entre sujeito e objeto.

Encontra-se, portanto, na teoria do conhecimento, a compreensão de sujeito transcendental, que nada mais é senão abstração do homem vivo e individual. Assim, o condicionado passa a ser visto como incondicionado. O idealizado é transformado em verdadeiro, passando a determinante da conduta social dos homens e da sociedade, enquanto os indivíduos psicológicos tornam-se apêndices da maquinaria social e, finalmente, ideologia. Uma vez que o homem singular encarna o “*homo economicus*”, transmuta-se o indivíduo vivente em sujeito transcendental. Segundo Adorno (1995b), as relações abstratamente racionais da estrutura social dominante, baseada na troca, é a racionalidade que constitui os homens. Nela...

“Eles são deformados de antemão por aquele mecanismo que é transfigurado filosoficamente em transcendental. Aquilo que se pretende mais evidente, o sujeito empírico deveria-se considerar como algo ainda não existente; neste aspecto o sujeito transcendental é constitutivo.” (ADORNO, *ibid.*, p.186).

O que toma lugar, nesse instante, é a objetivação do sujeito, que passa a ser determinado desde o exterior, mas não o contrário, à subjetividade não é permitido abstrair o objeto. Este não está mais mediatizado. Para trazer de volta o sujeito à sua objetividade, é necessário resgatar seus impulsos ao conhecimento. Esse impedimento da consciência, que se opera na limitação do conhecimento, acaba distorcida e transformada, de impotência em vantagem: o sujeito cognoscente está preso ao espaço, tempo e formas de pensamento, mas agindo de modo cientificamente objetivo. A unidade do homem, única possibilidade de sobrevivência encontrada, está dada *a priori* pela sociedade, ele está aprisionado tanto em sua individualidade, quanto na universalidade e na sociedade.

“A objetividade só pode ser descoberta por meio de uma reflexão sobre cada nível da história do conhecimento, assim como sobre aquilo a que cada vez se considera como sujeito e objeto, bem como

suas mediações [...] O ato aproxima-se do conhecimento quando o sujeito rasga o véu que tece ao redor do objeto. Ele só é capaz disso quando, com sua passividade isenta de angústia, se confia a sua própria experiência.” (ADORNO, 1995b, p.193-194).

O bloqueio dessa condição é produzido pela cultura, que se transforma em indústria, adquirindo caráter idêntico ao formulado por Marcuse (1968) que a denomina “sociedade unidimensional”. Ambas as expressões – indústria cultura e sociedade unidimensional - indicam um mundo que não mais diferencia homens de coisas nem homens entre si. Tudo nela se iguala em uma equivalência que forja a transformação de valores e qualidades em valor de troca no mercado.

Marcuse, em “Eros e Civilização” (1968), adverte para o fato de que a hierarquização, que a estrutura do trabalho social utiliza, serve para racionalizar a dominação, enquanto ‘bloqueia’ a rebelião contra a dominação. Isso se torna possível, pois, no nível individual, a estrutura do complexo de Édipo contém a revolta primordial, e, no nível social, a cada rebelião e revolução seguem-se as contra-revoluções e restaurações. Nessas últimas, a luta dos oprimidos recai no estabelecimento de um novo e ‘melhor’ sistema de dominação: o progresso teve lugar por meio de um aperfeiçoamento das cadeias de controle. (p.41-65).

Por essa razão, e por mais paradoxal que possa parecer, a tarefa de discutir as condições objetivas e subjetivas adotadas para o desenvolvimento da vida humana, nas sociedades civilizadas, ainda se faz necessária, no início do século XXI. E pode ser considerada até mesmo tardia, caso a opção se faça pela destruição do homem pelo homem. Basta um olhar retrospectivo, para percebermos que as alternativas selecionadas para construção de formas de vida mais racionais não conseguiram romper com os tipos mais variados de dominação e exploração humanas. A razão que insiste em manter-se é, portanto, a “*ir-razão*”.

As múltiplas formas de desenvolvimento cultural alcançado pelos diferentes grupos e os diversos níveis ou graus de complexidade naquele identificadas, como o de acúmulo material distribuído de forma descontínua e desigual, que se situa entre extremos, indo desde a extrema opulência até a mais deprimente miséria, já justificariam que o processo civilizatório levado a cabo pelo homem se tornasse objeto de profunda reflexão, a fim de perceber onde se deram os desvios daquilo que prometia ser seu destino: a felicidade humana.

Mas, quando tais diferenças, em lugar de serem superadas, seguem sendo produzidas para manter a desigualdade que se eterniza, naturalizando-se, seria mais justo questionarmos o sentido de algumas palavras de nosso uso – civilização, humanidade, humanização, razão – por terem se desviado de seu real significado.

1.3 Modernidade

Em um momento, no qual já é considerado comum o termo *pós-modernidade*, tem-se a impressão de que há algo errado com o objeto desta tese: a modernização da Amazônia. A impressão inicial pode ser fortalecida, ainda mais, se situamos a modernidade apenas como um movimento histórico-cultural do século XIX, ou seja, transcorrido há mais de trezentos anos, cujas características já foram descritas e analisadas pelos mais diferentes autores, nas mais diversas áreas do conhecimento.

Nosso propósito é o de evidenciar que tal idéia não passa de uma falsa impressão. Isso porque, a despeito de o atual estágio de desenvolvimento alcançado pela humanidade levar em conta, prioritariamente, os aspectos referentes aos avanços científicos e tecnológicos e o grau de especialização atingido pelo homem, esse último

deixa de considerar, igualmente, a diferenciação técnica e social ainda existente entre os grupos dessa mesma sociedade humana.

Assim, visamos demonstrar que, na Amazônia, ainda podem ser identificados resíduos característicos de sociedade pré-capitalista, que vêm sendo, paulatinamente, confrontados com as exigências de modernização, em face do processo de globalização que o capitalismo põe em prática, na sua fase atual.

Como podemos falar a respeito de modernização, em pleno século XXI, na Amazônia, se sabemos ser esse um movimento característico da Europa, no século XIX? Esse processo pode ser considerado, tal como Hegel considerou, em “A fenomenologia do espírito” (1992): todo grande acontecimento histórico é aquele que se impõe ao olhar de todos, sem que se deixe de perceber, entretanto, que ele é sempre precedido de revoluções silenciosas, que não são visíveis a todos, que não são observáveis para os contemporâneos e que são tão difíceis de apresentar como de compreender. Compreensão essa que fica mais difícil ainda, quando se trata de traçar paralelos entre duas realidades que não parecem guardar qualquer semelhança.

De certo, é possível experimentar alguma facilidade na compreensão dessa situação, se observarmos que o Brasil pode ser visto como um dos maiores representantes, em termos de contrastes sociais da realidade. O Brasil, ainda que considerado um país de terceiro mundo, já possui áreas de desenvolvimento que atingem índices capazes de colocá-lo em igualdade de condições ou em competição com países desenvolvidos. Porém, ocupa, igualmente, posição de destaque em questões estruturais, como é o caso da distribuição desigual de renda, onde conquista o segundo lugar mundial, só perdendo para Serra Leoa, e isso, com percentuais mínimos de diferença, pois numa pontuação de 0 (igualdade absoluta) a 1 (desigualdade absoluta) o

Brasil atinge 0,60 e Serra Leoa, 0,62. A pesquisa divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA (*Folha de São Paulo*, 01/06/2005)⁷, mostra que, embora o país tenha melhorado, em alguns de seus principais indicadores sociais, a distribuição de renda é um de seus piores problemas. De acordo com a pesquisa, 1% dos brasileiros ricos – 1,7 milhões de pessoas – detêm renda equivalente à da parcela formada pelos 50% mais pobres - 86,5 milhões de pessoas.

E a Amazônia, que concentra uma enorme riqueza natural, contendo algumas das maiores reservas minerais do mundo, é igualmente marcada pelo contraste de ter a sua maior área territorial situada em território brasileiro, localizada na Região Norte, de reduzido nível de desenvolvimento sócio-econômico, sendo a segunda região mais pobre do país, ficando acima apenas da Região Nordeste, nesse aspecto.

Tamanhos são os desníveis encontrados, que já se tornou comum falar de diferentes ‘Brasis’, existentes no Brasil. É essa condição, tomada como efeito e causa do mesmo processo, que favorecerá a ocorrência de uma racionalização econômica que tem lugar no interior da região, numa espécie de ‘ajuste necessário’, realizado pelo sistema capitalista.

Entretanto, só dissiparemos de vez a falsidade dessa impressão se entendermos que o conceito de modernidade, tomado pelo desenrolar de fatos e acontecimentos, numa seqüência marcada pela periodicidade e pela continuidade, assenta-se em uma concepção de história universal ideologizada pela capacidade de

⁷ Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/ultnot/reuters/2005/06/01/ult27u49225.jhtm>. Acesso em 02 jun 2005

auto-superação, onde o progresso é inevitavelmente alcançado, deixando para trás o que é considerado ultrapassado.

1.3.1 Modernidade e racionalização

Já é do nosso conhecimento que a modernidade resultou de processos globais de racionalização, que ocorreram dentro de três esferas: a econômica, a política e a cultural. Rouanet (2003) fala de como se efetiva esse processo. A racionalização econômica transforma as antigas relações produtivas, que o feudalismo mantinha, e promove uma mentalidade baseada na previsão, no cálculo e em técnicas racionais de contabilidade. Os vínculos que permitiam a escravização são substituídos pela forma de trabalho livre e cria-se uma mobilidade dos fatores de produção, formando-se, assim, o trabalho assalariado e constituindo-se o capitalismo empresarial que incorpora, de forma crescente, os avanços científicos ao processo produtivo.

Na esfera da política, dá-se a descentralização das monarquias absolutistas por um Estado dotado de sistema tributário centralizado, com poder para exercer o controle da violência e para criar um sistema de legislação e de administração burocrática racional. Fundamentalmente, a racionalização política assenta-se na legalidade da dominação, cuja legitimidade se dá pelas regras normativas e pelo direito dos governantes de executarem tais regras, inclusive o exercício de sua autoridade.

A racionalização cultural dessacraliza as visões de mundo tradicionais, separando ciência, arte e moral, as quais estavam inseridas na religião. A ciência se coloca a serviço da previsão, impulsionando as forças produtivas com o auxílio que o saber empírico promove. A moral salta de princípios tradicionais ligados ao grupo e ao

clã, para emanar de princípios gerais, de caráter universal. E a arte livra-se de seu caráter religioso tradicional, para alcançar independência por meio do mecenato e do mercado que a submete à produção, distribuição e consumo como bem estético. (ROUANET, 2003, p.20-21).

Rouanet (2003, p.22) ressalta, ainda, que, para Weber, modernização significava, principalmente, eficácia. Nesse sentido, embora outros valores sejam destacados, o que se almeja é a eficiência e a eficácia das instituições, de modo a tornar melhor seu funcionamento, na sociedade moderna, em comparação com as sociedades tradicionais. Entretanto, o processo de modernização não passaria de um ideal de aperfeiçoamento técnico de difícil realização, se não engendrasses o comportamento social, humano, nesse processo. A racionalização, nesse sentido, se realiza pela incorporação da razão emancipatória no tecido da organização social.

1.3.2 Racionalização e razão emancipadora

Desse modo, a modernidade inclui um processo civilizatório que tem como princípios: universalidade, individualidade e autonomia intelectual, econômica e política. A universalidade leva em conta os seres humanos em geral, sem qualquer distinção que viesse a funcionar como exceção. A individualidade permite que cada indivíduo seja considerado uma pessoa concreta, que não se dilua em coletividades. E a autonomia, na qual os indivíduos são emancipados por sua capacidade de pensarem por si mesmos sem a tutela da religião ou da ideologia, de agirem num espaço público e de adquirirem, pelo seu trabalho, os bens e serviços necessários à sobrevivência material.

A autonomia intelectual visa libertar a razão do preconceito e da superstição a que a tutela da autoridade e da religião a submetia. Esse estado de minoridade será

superado pela educação e pela ciência, vindo a derrubar os dogmas. O saber dissipará, com a luz da verdade, as quimeras e fantasias da superstição.

A autonomia política é compreendida como a liberdade de ação do homem, no espaço público, tanto no sentido negativo (o homem é livre, como súdito das investidas da tirania) quanto no sentido positivo (é livre como cidadão, para participar da gênese e do exercício do poder político).

A autonomia econômica se funda na convicção de que, embora o estado civilizado exija a criação de desigualdades, inexistentes no estado de natureza, há, também, a certeza de que a miséria material é um obstáculo ao progresso moral e ao exercício dos direitos e obrigações civis. Daí, o ideal de Rousseau por uma ordem social onde todos pudessem satisfazer suas necessidades de alimentação, moradia e vestuário; uma ordem de igualdade relativa, em que *“ninguém fosse tão pobre que precisasse vender-se, nem tão rico que pudesse comprar os outros.”* (ROUANET, 2003, p.17-18).

Ainda que de modo quase esquemático, a apresentação do processo de modernização se faz aqui necessária, para que possamos, com isso, ter a dimensão evolutiva alcançada, em uma amplitude de esferas que foram atingidas num contexto que, paulatinamente, foi se transformando e apresentando condições propícias a essas mudanças.

Matos (1989), para chamar a atenção quanto ao perigo de incorrer numa avaliação equivocada da repetição histórica, põe em articulação três grandes autores – Hegel, Marx e Benjamin – mostrando como tal questão lhes parece cara. E cita Marx (1976), criticando Hegel:

“Hegel, em alguma parte (Irgendwo) faz o comentário de que todos os grandes acontecimentos e personagens da História Mundial se produzem, por assim dizer, duas vezes. Esqueceu de acrescentar: a primeira vez como uma grande tragédia, a segunda como uma farsa.” (MARX, p.15 *apud* MATOS, p.35).

Matos (*ibid.*, p.37-38) ressalta, entretanto, que Hegel fala de uma repetição *ideal*, enquanto, para Marx, ela era *material*. Hegel leva em conta a ocorrência de evolução, no pensamento, e de transformações internas, na vida e nos costumes do corpo social, precedendo as revoluções; já para Marx, não se trata mais do movimento puro do pensamento, mas sim de um movimento conceitual, porém material. Assim, para Marx, não é mais o mesmo acontecimento. É esse ponto que permite uma confluência entre os dois pensadores. Hegel fala em repetição ocorrida no plano da Idéia, que depois se revela na transformação que esta opera. Assim, ambos os autores voltam-se para a questão da repetição da história, que Marx faz questão de apontar como um processo ideológico de transformação.

Benjamin, em “Teses sobre o conceito de história” (1985), também condena a noção de continuidade, por considerá-la apologética, o que, segundo o autor, oculta os momentos revolucionários do curso da história. Em sua “Tese XIV”, ele realiza a crítica à continuidade temporal.

“A história é o objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas o tempo pleno de presença do agora [Jetztzeit] A continuidade da história é a dos opressores... A história dos oprimidos é a descontinuidade.” (p.261).

Benjamin, preocupado com o que ocorria na Alemanha, dali retira os argumentos essenciais para a realização da crítica da continuidade temporal e da repetição da história. Essa repetição, segundo Benjamin (*ibid.*), domina tanto o procedimento historicista (em sua busca por relações causais) quanto a concepção linear

do progresso, que praticamente assimila o progresso social ao desenvolvimento das forças produtivas, como fala em sua “Tese XI”:

“Desde a origem, vício secreto da social-democracia, o conformismo não afeta somente sua tática política, mas sua visão econômica. Nada foi mais corruptor para o movimento operário alemão do que a convicção de nadar no sentido da corrente. Tomou o desenvolvimento técnico pela inclinação da corrente, o sentido no qual acreditava nadar. Daí só havia um passo para imaginar que o trabalho industrial dirigido pelo progresso tecnológico representava uma realização política..” (BENJAMIN, 1985, p.258).

Matos (1995) relaciona o instante no qual a modernidade adquire uma ‘aura mercantil’ ao momento em que a história abandona-se à dimensão desumana e mortífera, sujeita ao trabalho da repetição, quando o passado volta sob o disfarce ‘do retrô, do neo, da comédia.’ (p.35). O ideal de modernidade não conseguiu se efetivar e, se “a modernidade é um acúmulo de ruínas”, a teoria crítica vai buscar a racionalidade que a constituiu. Adorno & Horkheimer, em “A Dialética do Esclarecimento” (1985), vão empreender esforços no sentido de colocar o movimento histórico sob o foco do pensamento crítico, revelando o que parece ser a ‘autodestruição do esclarecimento’. Ou ainda, nas palavras dos autores: *“Se o esclarecimento não acolhe dentro de si a reflexão sobre esse elemento regressivo, ele está selando seu próprio destino.”* (p.13).

O projeto da “dialética do esclarecimento” é contribuir para buscar as causas da recaída do esclarecimento em mitologia, *“no próprio esclarecimento paralisado pelo temor da verdade”* (ibid.) e, para isso, asseveram os autores que tanto esclarecimento quanto verdade devem ser compreendidos não apenas como conceitos, mas como reais:

“Assim como o esclarecimento exprime o movimento real da sociedade burguesa como um todo sob o aspecto da encarnação de sua Idéia em pessoas e instituições, assim também a verdade não significa meramente a consciência racional, mas, de mesmo modo, a figura que assume na realidade efetiva.” (p.14).

É sob esse foco crítico que iremos situar a modernidade, considerando-a um movimento histórico-cultural específico, incorporado ao esclarecimento, que é muito mais amplo por tratar-se de um movimento da razão pelo qual “*ao longo da história os homens libertam-se das potências míticas da natureza, ou seja, o processo de racionalização que prossegue na filosofia, na ciência*” (id., *ibid.*, p.8). Assim, o esclarecimento se confunde com o próprio processo civilizatório, no que diz respeito ao uso da razão.

Ao buscarmos perceber como o processo de modernização se configura, na Amazônia, mais especificamente, em determinadas comunidades consideradas primitivas, visamos identificar seu engendramento pela ação recíproca de forças, tanto externas quanto internas, que preparam o rumo para essa nova etapa histórica e os contornos específicos que a modernização aí delineia. Tal é o objetivo central da pesquisa realizada e de seu registro, nessa tese. Nosso olhar valer-se-á de lentes oferecidas pelos próprios sujeitos que vivenciam esse momento, nesse local. É a percepção que os mesmos têm das transformações que estão ocorrendo que nos fornecerá os indícios com os quais poderemos saltar de uma análise descritiva da realidade, da pura repetição de fatos e acontecimentos, para uma interpretação acerca do processo, visando a sua crítica. Nesse objetivo, o auxílio da teoria crítica e da psicanálise, como instrumentos teóricos para realização da crítica da sociedade, tornam-se indispensáveis. Aqui, também, visamos não incorrer na armadilha de perceber tudo como mera repetição de acontecimentos e, por conseguinte, como vitória do destino.

A inobservância da falta de continuidade nos processos que engendram a realidade da vida rural e urbana, pode, além gerar distorções, contribuir para interpretações superficiais que expõem nossa cegueira teórica. Adorno, em “Educação após Auschwitz” (1995), faz alusão à “*diferença cultural ainda persistente entre a cidade e o campo*”, ressaltando que essa situação não só confirma que a

‘desbarbarização’ do campo não se efetivou, como reafirma a necessidade de colocá-la como prioridade a ser alcançada pela educação. O autor condiciona tal realização a estudos prévios acerca do inconsciente e do estado de consciência dessas populações “*que ainda não alcançaram o nível do liberalismo inglês do século XIX.*” (p.125-127).

Almeida prefacia a obra “A Dialética do Esclarecimento”, de Adorno & Horkheimer (1985), explicando o sentido com que o termo esclarecimento é utilizado na obra desses autores: “*O processo pelo qual uma pessoa vence as trevas da ignorância e do preconceito em questões de ordem prática (religiosas, políticas, sexuais, etc.)*.” (p.7). Tal sentido pode ser articulado ao conceito histórico-filosófico de ‘esclarecimento’, tal como definido por Kant, em 1784:

“[...] *processo de emancipação intelectual resultando de um lado, da superação da ignorância e da preguiça de pensar por conta própria e, de outro lado, da crítica das prevenções inculcadas nos intelectualmente menores por seus maiores (superiores hierárquicos, padres, governantes, etc.)*.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.7).

Ora, a emancipação intelectual pela ciência, enquanto forma específica de conhecimento que permitiria a autonomia da razão fundada na liberdade do sujeito, entra em crise com a própria razão, ao privilegiar os meios na obtenção de fins. O método (*meta* = ao lado de + *hodos* = caminho) dirige “*um tipo de racionalidade que se restringe à preocupação com os meios [caminhos] perde completamente o telos de um ponto de chegada, para cuja formulação a razão não pode ser posta de lado.*” (DUARTE, 1997, p.46). Assim procedendo, a categoria ‘esclarecimento’ passa a ter como referente a análise que “*só reconhece como ser e proceder o que se deixa captar pela unidade. Seu ideal é o sistema do qual pode deduzir toda e cada coisa.*” (ADORNO & HORKHEIMER, *op.cit.*, p.22)

Guardada a distância que nos separa daquela realidade, até para não deixar ter em mente a presença, ainda viva, do colonialismo cultural europeu, voltamo-nos para a situação real que visamos investigar, na forma como ela é percebida pelos sujeitos que a ela se encontram submetidos, desvelando mediações do processo social que servem de fundamentos materiais para a existência individual e coletiva.

1.4 A Região Amazônica

Nossa investigação começa, a partir das denúncias sobre a contaminação mercurial, em Santarém, fazendo com que busquemos o coordenador da equipe de pesquisa sobre tal problema, na Região do Tapajós, o professor doutor Cristóvam Wanderley Picanço Diniz, reitor da UFPA, nos anos de 1996 a 1999.

Consideramos importante ainda ouvir o doutor Fernando Branches, que foi o responsável pelos primeiros diagnósticos de intoxicação mercurial, na região, e que acompanhou as equipes de instituições estrangeiras, que para lá se deslocaram com o objetivo de conhecer o problema.

Ambas as entrevistas se encontram em anexo⁸ e podem contribuir para o dimensionamento da questão que envolve a exploração irracional da Amazônia. Servirão, portanto, como dados complementares para nossa análise.

A Amazônia representa um enorme espaço vital, concentrando uma considerável reserva de riquezas naturais, em uma das mais exuberantes florestas tropicais que, apesar de todos os ataques, saques e devastações já sofridos, ainda pode ser considerada uma reserva respeitável, capaz de contribuir para a manutenção de vida

⁸ Anexo 3. Entrevistas nº 11 e nº 12.

no planeta. Entretanto, a garantia dessa condição só se dará mediante a adoção pelo homem de uma relação mais racional e harmoniosa com a natureza e com o próprio homem.

Em função de sua enorme extensão territorial, superior a 5.000.000km², mais da metade do território brasileiro; associada ao baixo índice populacional, de aproximadamente 12.000.000 de habitantes, a Amazônia brasileira apresenta uma baixa densidade demográfica (2,4 habitantes por km²)⁹. Além disso, estando situada ao norte do Brasil e, portanto, bastante distanciada dos centros político-administrativos que se desenvolveram, principalmente nas regiões sudeste, sul e centro-oeste, configura-se, assim, um quadro que impõe um certo isolamento e, até mesmo, o desconhecimento daquela região.

Becker (1994) apresenta a Amazônia como:

“Uma fronteira gigantesca. Porção equatorial e mais larga do território brasileiro, a Amazônia participa da massa continental sul-americana. Vista a partir do cosmos, a Amazônia sul-americana corresponde a 1/20 da superfície terrestre, 2/5 da América do Sul, 3/5 do Brasil, contém 1/5 da disponibilidade de água doce e 1/3 das reservas mundiais de florestas latifoliadas, mas somente 3,5 milésimos da população mundial. Definida pela fantástica massa florestal, a Amazônia sul americana com 6.500.000km² envolve além do Brasil, sete países fronteiriços.” (p.8-9).

⁹ Cf. Silva, A. et al., 1994. p.51.

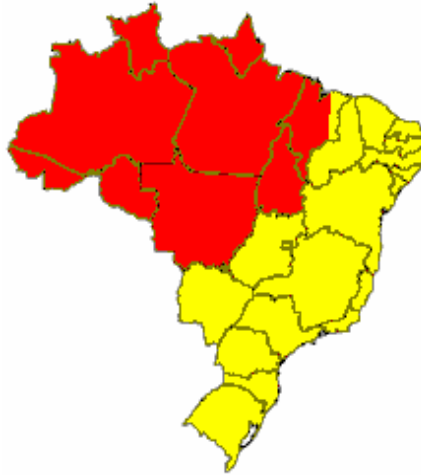


Figura 2. Mapa do Brasil, com indicação da Amazônia Legal.

Fonte: Wikipedia¹⁰

Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Amazonia_legal_brazil_map.PNG

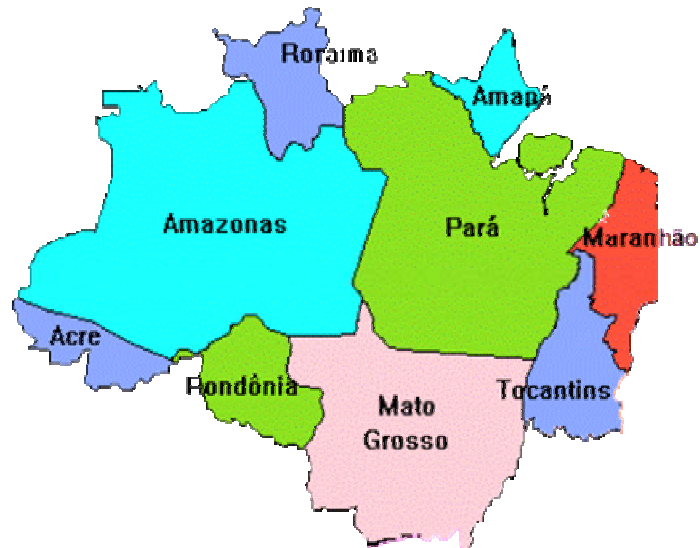


Figura 3. Brasil: unidades federativas que compõem a Amazônia Legal.

Fonte: Wikipedia.¹¹

¹⁰ Publicação autorizada. [GNU Free Documentation License](https://www.gnu.org/licenses/old-licenses/gpl-2.0.html).

¹¹ Publicação autorizada. [GNU Free Documentation License](https://www.gnu.org/licenses/old-licenses/gpl-2.0.html).

Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Amazonia_legal.gif

Marcada por características resultantes de condições específicas, ali existentes, a Amazônia constitui-se na maior bacia hidrográfica do planeta, o que torna os rios as principais (por vezes, únicas) vias de acesso e as embarcações fluviais os únicos meios de transporte disponíveis. Isso requer um modelo de urbanização bastante diferenciado e o enfrentamento de dificuldades para encurtar distâncias, às vezes consideradas intransponíveis. O acesso ao que é humano... por descobrir. Essa rede hidrográfica, que recorta a floresta, forma um intrincado labirinto, o que torna complexas as condições de deslocamento, ocupação, conhecimento, fiscalização, facilitando várias modalidades de exploração ilegal e o recurso a práticas que já colocam sob ameaça ou extinção a vida de grande parte das inúmeras espécies lá existentes e, até mesmo, a do homem.

Por outro lado, devido às dificuldades que essa população enfrenta, sua fixação é favorecida às margens dos rios, pois servem de fonte natural de alimentação e de locomoção.



Figura 4. Complexo da Região Hidrográfica do Amazonas.

Fonte: Wikipedia ¹²

Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Bacia_do_rio_Amazonas

É no interior da floresta que se encontram pequenas comunidades, vivendo, principalmente, do desenvolvimento de atividades econômicas primárias, como a caça, a pesca e a coleta de produtos naturais, que são a única forma de manutenção da própria subsistência. Tais grupos se encontram isolados de quaisquer serviços básicos, como programas de assistência à saúde, de saneamento básico e de educação, além de terem contatos sociais bastante restritos, no sentido da diversificação de hábitos e costumes que poderia decorrer das relações com grupos culturais distintos.

São esses fatores que, em conjunto, atuam no sentido de fazê-los manter, com a natureza, uma relação de não-exploração e não-dominação, se considerarmos que ela é percebida como condição de vida, o que faz o homem olhá-la com respeito e, até

¹² Publicação autorizada. [GNU Free Documentation License](https://www.gnu.org/licenses/old-licenses/fdl-1.0.html).

mesmo, encará-la como superior. É esse modo de vida, que podemos caracterizar como primitivo, que vem se alterando, se inserindo na modernidade.

É possível que um considerável número de fatores acabe por contribuir para que a Amazônia seja percebida como um laboratório natural: as dimensões gigantescas que a região apresenta, considerada como uma enorme reserva de riquezas naturais, o que desperta a atenção e as ambições de diversos grupos e nações, e percebida como fonte inesgotável de exploração, gerando interesses de ordem econômica, científica, cultural. Daí experiências serem realizadas, sem que haja precauções ou preocupações com as possibilidades de que condições sejam alteradas, conduzindo a riscos ao equilíbrio ecológico, à preservação de ecossistemas e da biodiversidade ali presentes. Situação tal que fez o ex-reitor da UFPA, dr. Cristóvam Picanço Diniz, coordenador da equipe de pesquisa sobre mercúrio, no Tapajós, assim manifestar-se, ao se referir à maneira pela qual a Amazônia é percebida:

“Tal é a forma de relacionamento que guardam com a Amazônia que, idealmente, eles gostariam que aqui não houvesse gente, que, de preferência, as pessoas que aqui estão devessem ser removidas para não atrapalhar a floresta.” (Anexo III. Entrevista nº 1, p. 297.)

1.4.1 O filão do ouro e o “vilão” do mercúrio

O procedimento mantido pelo processo civilizatório deixa dúvidas com relação aos objetivos buscados pelo homem. Sua “emancipação” tem sido associada a repressão e renúncia, pois, como mostra o próprio Freud (1992), em “O mal-estar na cultura”, a felicidade não representa um valor cultural (p.678-682). A renúncia à

felicidade, no sentido estrito, atribuído pela psicanálise, como “programa do princípio do prazer”, que é promovida pela cultura, não impede que esse continue a operar, ainda que “*todas as normas do universo sejam-lhe contrárias*” (*ibid.*, p.676). Isso está a exigir de nós um olhar que se volte para as circunstâncias em que tais condições psicológicas são delineadas, a partir das forças da sociedade que a define, visando a um outro olhar

Marcuse (1968), em “Eros e civilização”, empreende uma interpretação da teoria freudiana acerca do processo civilizatório, apoiado na “*subjugação dos instintos humanos*” (p.27) e extrai da obra de Freud a possibilidade histórica de uma civilização não-repressiva. Essa utopia está descartada, pelo autor, de vir a se efetivar nas sociedades desenvolvidas, onde o progresso já criou formas eficazes de controle social e dominação associando-as à satisfação de necessidades, o que tornou mais fácil a luta pela existência e torna sem efeito o princípio de contradição no interior de sua lógica (*op.cit.*, p.13). Eis por que Marcuse a remete para populações mais novas, de países atrasados, em função das condições aí presentes:

- O atraso caracterizado em sua pobreza e fraqueza forçaria à renúncia da ciência e da tecnologia, para manter sob seu controle a engrenagem produtiva voltada para a satisfação e desenvolvimento de suas necessidades vitais, tanto individuais, como coletivas;
- A ausência de condições favoráveis à tecnologia e à industrialização, exploradoras e repressivas, visando a uma produtividade agressiva. (MARCUSE (1968), p.18).

Tais condições estão presentes, em nossa região, mas o modo como se comporta a realidade, em nossa situação particular, parece contradizer, de forma desconcertante, o que pressupõe Marcuse.

Casos de contaminação mercurial são constatados e relatados, a partir de 1982, por Branches (1993, p.57-60), entre os pacientes que buscam seu atendimento clínico, em Santarém, embora desconheça as causa para os sintomas reportados, os quais incluíam: episódios súbitos de medo, perda de autoconfiança, labilidade emocional.

“Por falta de formação profissional em Toxicologia Clínica sobre metais pesados e porque quase a totalidade desses pacientes tinha pouca ou nenhuma formação escolar, só em abril de 1986, fui capaz de fazer o primeiro diagnóstico clínico de intoxicação mercurial entre meus pacientes. Era um agrônomo de 31 anos de idade que foi trabalhar como queimador de ouro num garimpo do Rio Tapajós, em 1983, e ficava exposto a grandes quantidades de vapores do mercúrio metálico na sua atividade profissional. Havia semanas que ele queimava até dez quilos de ouro sem usar nenhuma proteção. O grau de instrução desse paciente foi muito útil e me ajudou a correlacionar a exposição ao mercúrio metálico e os sintomas. Segundo seu relato os primeiros sintomas surgiram após três dias de exposição e se manifestaram por diminuição da sudorese, diminuição da oleosidade da pele e desaparecimento da seborréia do couro cabeludo (caspas), que antes era portador. Após dois anos de trabalho havia progressão dos sintomas inclusive o aparecimento de crises convulsivas com perda dos sentidos que surgiam após a queima do ouro amalgamado.” (p. 57)

A longa citação foi usada por revelar aspectos que podem ser considerados fundamentais, merecendo ser destacados. O dr. Branches aponta que sua formação não foi adequada para permitir-lhe, de imediato, a identificação dos problemas relacionados à intoxicação mercurial. Dois outros fatores podem ser concorrentes para essa questão.

Primeiro: a ausência de serviços de saúde, no interior da floresta, de um modo geral, não permite o contato com pacientes expostos a tais condições, o que poderia auxiliar na composição de um quadro diagnóstico, levando em conta a relação entre os sintomas evidenciados e a execução desse tipo de atividade (a queima de amálgama de ouro).

Segundo: a ausência completa ou a presença de baixo nível de escolarização, apresentada pela maioria dos pacientes que o procuraram, anteriormente, dificultava o estabelecimento dessa correlação entre a execução da atividade e sua consequente reação física. Dificuldade que o próprio médico admite possuir, por não ter recebido uma formação adequada na área específica. Até mesmo o paciente que lhe permite estabelecer tal conexão e que possui formação em nível superior (engenheiro agrônomo), embora identificando os fatos como imediatamente subsequentes ao terceiro dia de exposição aos vapores do mercúrio permanece na mesma atividade por mais dois anos; isso, não obstante a evolução de seu quadro intoxicológico indicar agravamento:

”Em abril de 1986, durante o primeiro atendimento, esse paciente queixou-se de episódios súbitos de medo, perda da autoconfiança, tremores generalizados pelo corpo, labilidade emocional, dificuldade de caminhar, episódios convulsivos, inquietude.” (BRANCHES, 1993, p.57)

Da análise comparativa das semelhanças quanto a procedência, atividade ocupacional e alguns dos sintomas relatados tanto por esse paciente quanto pelos os primeiros que ficaram sem diagnóstico, o dr. Branches consegue chegar à etiologia do problema, para o qual se voltou inteiramente. Em maio de 1986, ele inicia as viagens ao garimpo e a casas de comercialização de ouro, onde se realiza a queima, a partir daí inicia o acompanhamento de duas comunidades ribeirinhas, Brasília Legal, nas

proximidades de Itaituba, e Ponta de Pedras, próxima a Santarém, ambas situadas às margens do rio Tapajós.

O objetivo era a coleta de amostras biológicas (sangue, urina, cabelo) para as análises, que até maio de 1991, foram efetuadas no Laboratório de Bio-Ciências Lavoisier, em São Paulo. Posteriormente, pelo Instituto de Biofísica, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e, finalmente, algumas análises passaram a ser realizadas pela Universidade de Illinois, nos Estados Unidos, e pelo Instituto Nacional de Doenças de Minamata, no Japão.

Em setembro de 1989, o dr. Branches relata o primeiro atendimento a um paciente, da área urbana de Santarém, com diagnóstico clínico de intoxicação mercurial, que nunca havia trabalhado no processo de extração ou comercialização de ouro. A fonte de contaminação identificada, nesse caso, foi uma casa de compra de ouro, situada nas proximidades de sua residência, na área urbana do município de Santarém.

Em janeiro de 1991, ocorre a identificação de um morador de comunidade ribeirinha do Tapajós, Ponta de Pedras, com níveis elevados de mercúrio no sangue e sintomas de intoxicação. A descoberta motivou, a partir de agosto de 1991, a intensificação de estudos clínicos, nos ribeirinhos que vivem às margens do rio Tapajós e em Santarém, onde verifica-se que, mesmo aqueles que não desenvolvem qualquer atividade com ouro e que moram a uma distância aproximada de 800k dos locais de garimpo, apresentavam níveis elevados de mercúrio, média de 11.9 ppm (parte por milhão), se comparados com dados obtidos nas áreas de garimpo, embora não exibissem qualquer sintoma de contaminação. Nas comunidades mais próximas às zonas de garimpo, o teor é ainda maior.(BRANCHES, 1993, p.58). É importante observar que o nível de presença de mercúrio no organismo humano considerado tolerável pela Organização Mundial de Saúde – OMS, é de 2,0 ppm.

Estima-se, hoje, que a garimpagem na região do Tapajós estenda-se por uma área de 60 mil km², realizada, preferencialmente, nos leitos dos rios, igarapés, grotas¹³ e baixões.¹⁴ Souza & Rodrigues (1994, p.105-115) desenvolveram estudos, em 1988, no garimpo do igarapé de Cuiú-Cuiú, onde identificam que a mão-de-obra é formada, basicamente, por ex-lavradores maranhenses, sem-terra, na faixa etária de 21 a 49 anos, que chegaram ao garimpo por não terem trabalho em suas cidades de origem e motivados pela ilusão que envolve a exploração do ouro, na região. A grande maioria é analfabeta ou não concluiu o ensino fundamental. Trabalham em jornada diária de 10 a 12 horas, regularmente, de segunda a sábado, durante os meses de maio a novembro, período em que há uma redução no nível das águas, situação motivada pela estiagem, com diminuição do índice pluviométrico na região. São trabalhadores que não contribuem da Previdência Social nem possuem qualquer outro tipo de assistência à saúde. Dos casos de doença detectados entre eles, encontram-se, em sua maioria, a malária e as doenças sexualmente transmissíveis (DST), sendo mais comuns casos de blenorragia e sífilis. Pelas condições a que estão expostos, o máximo que pode ocorrer, no tratamento dessas afecções é a auto-medicação, buscada junto às farmácias existentes na corrutela¹⁵, onde são atendidos por leigos. A Superintendência de Campanha de Saúde Pública – SUCAM realiza apenas duas visitas mensais, uma vez que não há postos de saúde. Apenas aqueles que possuem melhores condições buscam tratamento médico, em Itaituba ou Santarém.

A desinformação acerca da malária, que acomete cerca de 99% da população e é alvo das campanhas da SUCAM, leva garimpeiros a duvidar que o transmissor seja um mosquito. Acreditam que ela é causada por comidas gordurosas e

¹³ Grotas – Nascentes ou abertura produzida pelas enchentes na ribanceira ou na margem de um rio.

¹⁴ Baixões – Barrancos localizados às margens dos rios que sofrem rebaixamento pela ação de dragas e bombas de sucção.

¹⁵ Corrutela é a denominação que recebe o povoado que surge próximo aos garimpos.

bebidas alcoólicas, que causam inflamação do fígado, resultando em malária.(SOUZA & RODRIGUES, 1994, p.110-111). Provavelmente, a alteração da pigmentação cutânea, que ganha um tom amarelo escuro, seja levada em conta, nessa suspeita equivocada de infecção hepática.

Por ser a malária considerada responsável pela alta morbidade e pelo impedimento da realização de seu trabalho, quando por ela acometido, o garimpeiro a aponta como seu principal problema, sendo poucos os que fazem referência às DST. Não há qualquer referência, por parte deles, à intoxicação mercurial:

“[...] pois como todo processo ocupacional é cumulativo e de baixa morbidade com tendência à cronificação quando aparece a manifestação da doença em fase quase irreversível. Portanto, é uma doença que não impede o garimpeiro inicialmente de trabalhar, logo ele não valoriza tal morbidade.” (COUTO et al. apud SOUZA & RODRIGUES, op. cit, p.111).

As autoras encontraram sintomas de intoxicação mercurial em cerca de 30% da população estudada, cujos relatos indicam os seguintes sintomas: irritação nos olhos, tremores, tonturas, nervosismo, dores de cabeça. (*Ibidem*).

A tentativa de manutenção da ordem é feita pela Unidade da Polícia Militar embora, segundo seus relatos, no Garimpo de Cuiú-Cuiú, todos andem armados e seja freqüente a ocorrência de assassinatos, decorrentes de vinganças e desentendimentos anteriores.

“Apesar disso a maioria dos garimpeiros gosta do lugar e faz o possível para não trocar de garimpo, fixando residência na corrutela ou nos próprios barrancos, nos baixões.” (COUTO et al. apud SOUZA & RODRIGUES, 1994, p.111).

Os dados coincidem com aqueles encontrados por Mathis, Brito & Brüseke (1997), em Serra Pelada, que já denunciavam as condições de trabalho de cerca de 5000 homens, em março de 1980. As informações dão conta de que, até março de 88, cerca

de 100 garimpeiros perderam a vida, em acidentes de trabalho, além de um elevado número de acidentes, com seqüelas graves, em função do tipo e ambiente de trabalho. Segundo os autores, a única preocupação que os órgãos governamentais apresentavam era com relação à produção, enquanto os investimentos em infra-estrutura básica e social não passaram de medidas paliativas, situação mantida mesmo sob a responsabilidade posterior da cooperativa.

“Sendo assim, o núcleo habitacional de Serra Pelada nunca passou de uma favela, onde, mesmo feito um trabalho preventivo, a SUCAM em 1987, constatou 5000 casos de malária, além de uma grande incidência de doenças sexualmente transmissíveis.” (p.136)

1.5 A ilustração ante a (des)ordem social

A preocupação com a utilização do mercúrio, seu consumo na indústria e, atualmente, nos garimpos de ouro que, a partir dos anos 80, vêm se constituindo na principal fonte de perdas desse produto químico, gerando graves danos ambientais, no país, motivam a realização de pesquisas no campo da biologia. A região do Tapajós concentra os garimpos fluviais, onde buscam realizar o levantamento do índice de contaminação mercurial e as decorrentes alterações no material genético da população a ela exposta.

São inúmeros os organismos que se voltaram para a questão e que, desde a década de 80, promovem encontros para discutir os resultados de suas investigações e suas preocupações com esse problema. Dessa intervenção, resultou, em fevereiro de 1989, a realização do I Encontro de Entidades Conservacionistas Não-Governamentais, em Altamira-PA, onde tomaram parte entidades como: Associação de Universidade da Amazônia – UNAMAZ, Sociedade de Preservação de Recursos Naturais e Culturais da Amazônia – SOPREN, Grupo de Defesa dos Ecossistemas do Baixo e Médio Amazonas

– GEDEBAM, Secretaria de Estado da Indústria Comércio e Mineração – SEICOM, Universidade Federal do Pará – UFPA, Departamento Nacional de Pesquisa Mineral – DNPM, Secretaria de Estado de Ciência Tecnologia e Meio Ambiente – SECTAM, Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia – INPA, Museu Paraense Emílio Göeldi – MPEG e a Faculdade de Ciências Agrárias do Pará – FCAP.

A principal denúncia recai sobre a possibilidade de contaminação que a exposição, tanto curta quanto prolongada, poderia causar aos garimpeiros, ribeirinhos e grupos indígenas. Inúmeras adesões e encontros se seguiram a esse primeiro evento, dentre outras: Environmental Defense Fund, University of Connecticut, University of New York, Departamento de Meio Ambiente da Universidade de Helsinque, Fundo Monetário Internacional – FMI, e Banco Mundial. A situação, entretanto, permanece inalterada.

A riqueza existente na região amazônica sempre levanta a possibilidade de solução para o quadro de miséria em que vive grande parte da população, não apenas local, mas nacional. As jazidas de ouro estão em nosso imaginário, como alternativas freqüentemente citadas ao falarmos de dívida externa e interna, quer de governo estadual, quer federal. Não há clara noção de que a exploração do ouro, na Amazônia, utilizando-se do mercúrio, pudesse ou possa acarretar qualquer possibilidade de catástrofe maior do que a pobreza já representa. Mas, ao que tudo indica, não só os que estavam manipulando aquela bomba química desconheciam o perigo.

A fragilidade presente na legislação brasileira, que não contém qualquer restrição quanto à comercialização, produção e consumo do mercúrio, pode ser um outro fator relevante para que o Brasil passasse a ser considerado um importante mercado consumidor: as características da Amazônia puderam ser vistas também como ideais, num momento em que o ouro tinha sua comercialização em alta, no mercado

internacional, e a descoberta de Serra Pelada prenunciava a possibilidade de pagamento da dívida externa brasileira. Sem falar que, na forma como essa atividade extrativista é desenvolvida, sem o reaproveitamento desse metal pesado, as perdas de mercúrio são praticamente totais, garantindo a manutenção de sua importação.

Diante desse problema, vivenciávamos uma imensa inquietação. Não seria esse um caso de simples solução? Se, estava constatado que o uso desse produto representava a morte do homem e a destruição da natureza; porque alguém insistiria em sua utilização? Bastava que os ingênuos manipuladores da bomba química soubessem o que tinham em mãos. A resposta: – *“Não há dados conclusivos sobre a questão”* Quanta ingenuidade a minha!

O esclarecimento fica aliado à racionalidade apenas adequada a métodos de investigação, mas distanciado de seu objetivo de emancipação humana. A inter-relação entre a finalidade da UFPA, enquanto instituição que busca conhecer a realidade da região para encontrar alternativas reais, em resposta às questões que a ela se apresentam, e a sua efetivação pela reflexão, visando desmistificar como ideologia a razão que a governa, leva-nos a voltarmos o olhar numa outra direção: a de sua alteração. Adorno é enfático ao afirmar que: *“Nenhuma história universal leva do selvagem à humanidade, mas certamente à megabomba”*. (ADORNO *apud* DUARTE, 1993, p.156). Vejamos um pouco da história desses homens, no interior da Amazônia.

CAPÍTULO 2

‘ESCLARECIMENTO’

“O amor pelo passado não tem nada a ver com uma orientação política reacionária. Como todas as atividades humanas, a Revolução extrai toda a seiva de uma tradição. Marx o sentiu tão bem que fez questão de buscar a origem dessa tradição nas mais longínquas idades, fazendo da luta de classes o único princípio de explicação histórica [...] A oposição entre passado e futuro é absurda. O futuro não nos traz nada, não nos dá nada, nós é que temos que construí-lo, devemos dar-lhe tudo, dar-lhe a nossa própria vida. Mas para dar é preciso ter e não temos outra vida, outra seiva a não ser os tesouros herdados do passado e digeridos, assimilados e recriados por nós. De todas as necessidades da alma humana não há outra mais vital que o passado.” (WEIL, 1979, p.353-354).

Nenhuma transformação se dá abruptamente, tampouco é imposta à força, apenas. Ela vai sendo preparada e atingindo desde as raízes. A violência que impõe desenraizamento desfigura a tradição, porque afeta a derradeira possibilidade de resistência – a moral.

Os mecanismos acionados para controlar os impulsos internos do homem, que dirige a si mesmo, bem como os que controlam sua ação, em direção a tudo aquilo que lhe é exterior, aqui compreendidos como mecanismos de auto e hetero-regulação, vão sendo identificados, ao longo do processo civilizatório, como condição de sua existência tanto individual como coletiva. Marcuse (1968) chega afirmar que a teoria freudiana desenvolve um conceito de homem que é “[...] a mais irrefutável acusação à civilização ocidental - e ao mesmo tempo, a mais inabalável defesa dessa civilização. [...] As vicissitudes dos instintos são as vicissitudes da engrenagem mental na civilização.” (p.33).

Cabe ressaltar que um caráter determinista biológico, natural, tem sido transplantado para quase todas as esferas da vida, obscurecendo o processo histórico evolutivo que transformou vidas primitivas, desde sua origem até atingir o estado atual em que se encontram. A psicanálise de Freud, ao expor o processo civilizatório como resultado da repressão de instintos humanos, o que resulta na perpetuação da dominação, deixa entrever, por meio de sua hesitação em tomar partido pelo caráter a-histórico dos processos psicológicos, os fundamentos históricos, sociais e políticos, nos quais o indivíduo era conformado no interior da sociedade.

*“Fica-se com a impressão de que a civilização é algo imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção. Evidentemente, é natural supor que essas faculdades não são inerentes à natureza da própria civilização, mas determinadas pelas **imperfeições** das formas culturais que até agora se desenvolveram. E, de fato, não é difícil assinalar os seus **defeitos**.”* (FREUD, 1992, p. 640, grifo nosso)

A distância, encontrada no tempo e espaço que separam as questões teóricas que vínhamos discutindo, no capítulo anterior, e as da realidade que agora iniciamos, pode parecer, no primeiro momento, uma barreira intransponível, capaz de impossibilitar qualquer tentativa de aproximação entre elas. Acredito, no entanto, que confrontar situações aparentemente distintas sirva aos propósitos de validação do próprio conhecimento que, uma vez superado pela realidade, esteja a exigir novas respostas às questões que ela não cansa de colocar. Por outro lado, sabemos que a dominação do homem assume formas diversas e tem demonstrado capacidade de ajuste a toda e qualquer transformação que seja realizada, o que exige, de nossa parte, voltarmos-nos para a identificação dos processos que a efetivam.

É buscando compreender os mecanismos adotados que conduzem à concretização de tal condição, que me embrenho na Amazônia, tal como o caboclo dessa região, que a penetra na tentativa de conhecê-la, para com ela relacionar-se. O olhar, através dos olhos dos

habitantes da região, não pode deixar de perceber a atração que aquela vem despertando, transformando-a em objeto de grande interesse por parte dos mais variados grupos e nações, cujos motivos correspondem às proporções da própria região.

2.1 A Amazônia “encantada” em um mundo desencantado

Já descrevemos o quadro marcado pela dispersão, o isolamento, o abandono, a carência, a ausência, a falta observada nas comunidades existentes, no interior da Amazônia. Lado a lado com essa situação, coexistem outras, acentuadamente contrastantes, embora ainda representem a exceção, dentro da densa floresta. São concentrações que surgem, nas principais capitais ou áreas de projetos, para exploração de riquezas minerais. Por esse motivo, tais projetos, representados por multinacionais que recebem, do governo brasileiro, concessão para a exploração e desenvolvimento da região onde venham se instalar, podem ser isentos de impostos. O que pode ser considerado, no mínimo, incoerente.

O que se instala, na verdade, em decorrência da entrada de grupos econômicos com interesses opostos àqueles apresentados pelos grupos que habitam a floresta, é o contato marcado por confrontos e conflitos, onde fica evidente a não aceitação pacífica das diferenças inicialmente apresentadas. De um lado, pessoas com pouco ou nenhum acesso à ilustração e à educação formal, inclusive com seu acesso propositadamente dificultado a essas, mas que mantêm, em sua relação com a natureza e com os outros homens, padrões e princípios já ausentes naqueles que habitam as grandes cidades. Ações pautadas em saberes apreendidos nessa relação que, ainda assentada na solidariedade entre os seus membros, permite gozar o privilégio de manter com a natureza uma relação de não-exploração e não-dominação, mas sim de respeito,

por perceberem-na como condição para manutenção da vida, o que faz o homem encará-la até como superior.

Por outro lado, uma violenta modificação é observada nessas formas de ser e perceber o mundo, com a entrada de grupos que visam à exploração econômica local. Com os representantes do capital, drásticas alterações tomam lugar, em função de possuírem eles objetivos distintos daqueles encontrados, nos grupos nativos da floresta. Tem início a exploração não apenas da natureza como também do próprio amazônida, que passa a ser visto, a partir de agora, como mão-de-obra desqualificada, pois embora possua conhecimento acerca da região, de seus segredos e mistérios, tais saberes são desvalorizados. Esses grupos se vêem reduzidos à condição de mão-de-obra barata, uma vez que são submetidos às leis de economia de mercado, ainda que as desconheçam.

É nesse momento que se transformam em escravos, o que afeta a visão de homem e de mundo que possuíam. São desvalorizados, olhados e tratados como seres inferiores, para que, assim, lhes seja extirpada toda a dignidade. Nada merecem, nada podem possuir, inclusive seus mais preciosos bens: valores, tradições, hábitos e costumes. Trata-se da própria perda de identidade, que passa a ser depreciada.

A competência para mediar tais conflitos tem sido atribuída às mais diversas instituições – governamentais, jurídicas, assistenciais, educacionais, religiosas – tendo sido uma constante, ao longo dos tempos, a constatação de que, segundo algumas linhas de análises, os grupos nativos vêm sendo percebidos como atrasados, primitivos, bárbaros e, por isso, precisando ser submetidos a processos de civilização que permitam seu desenvolvimento e o da região.

E em nome do progresso, o que se tem evidenciado é a sua dizimação ou extermínio – real ou simbólico. Não menos frequentes são os planos para redimi-los,

por meio da educação, o que, de certa forma, tem-se constituído na mesma representação: a dos jesuítas. Até o momento, vivencia-se um massacre.

Hoje, mais de meio século após o primeiro contato com o europeu, o olhar lançado por esse último ainda se encontra presente e quase que inalterado, nos que olham o amazônida e suas formas de ser e perceber, como não correspondendo ao que deles esperam. E, novamente, o ‘des-cobrem’, mas de uma forma tal que, como no isolamento físico-geográfico nele marcado, dele se distanciam, agora, pelo isolamento psíquico e social, espiritual por excelência. Para romper tal isolamento, só uma via de acesso é encontrada: igualar-se aos grupos dominadores, aculturar-se.

No interior do espaço amazônico, a palavra “encantamento” se refere, normalmente, ao processo de apropriação do espírito por entidades mitológicas, poder que estaria presente em elementos da natureza; por meio dele, pode-se explicar atitudes incomuns de pessoas sob efeito desse domínio, exterior e superior a elas, o que geralmente ocorre quando há inobservância, desrespeito ou desobediência aos códigos morais, hábitos e costumes tradicionalmente adotados por uma determinada comunidade. Serve, portanto, como forma de controle da ação humana, devido à função de prescrição de padrões comportamentais, ali observada.

Weil (1979) considera:

“O enraizamento [...] a necessidade mais importante e mais desconhecida da alma humana e uma das mais difíceis de definir. O ser humano tem uma raiz por sua participação ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos do futuro.” (weil, 1979, p.347).

A crença mítica indubitável entre os grupos nativos tradicionais, que vivem no interior da floresta, com clara influência da cultura indígena e amplamente difundida entre os habitantes da região, passa, atualmente, a ser considerada fruto da real

ignorância desses grupos e da total desproteção e desamparo que supostamente experimentam, ante a grandeza da selva.

Essa situação expõe um processo de transformação que toma lugar naquela região, onde concepções contraditórias, que caracterizavam diferentes modos de vida, e consideradas responsáveis pelo distanciamento dos grupos entre si, têm sido eliminadas, cada vez mais, fazendo-os aproximarem-se; o que resulta dessa aproximação, todavia, não representa uma interação baseada na aceitação recíproca de pontos de convergência e/ou divergência, situados em qualquer lado dos extremos. A tendência observada é a de uma adaptação dos grupos nativos a concepções que desmistificam e racionalizam a visão desses, o que representa uma significativa influência na adoção de alternativas que conduzem a essa outra direção – à racionalização.

O processo educacional que hoje se dá, de forma menos irregular, entre os amazônidas, embora ainda em condições deficientes, contribui de forma decisiva para que esse tipo de pensamento mágico venha sendo combatido e, paulatinamente, substituído. São inúmeras as ações, hoje existentes, mediante as quais as parcerias envolvendo instituições de ensino superior, tanto particulares quanto públicas, empresas e secretarias de educação municipais, buscando capacitar pessoal em programas de educação compensatória ou mesmo em nível superior, para atuar em diversos níveis de escolarização, na região. São exemplo dessas iniciativas os convênios firmados entre a Universidade Federal do Pará e a Secretaria Estadual de Educação, para execução do Projeto Gavião, que forma, em nível médio, professores da rede estadual de ensino. Atualmente, a UFPA atende, ainda, os professores municipais que atuam nos municípios do interior, por meio de convênios firmados com secretarias municipais, utilizando recursos do FUNDEF na qualificação dos docentes, em nível superior.

Outro fator relevante para a substituição daquele tipo de pensamento é a presença de forasteiros que para lá se dirigem com objetivo de exploração das riquezas naturais, com uma visão diferente daquela presente nos grupos nativos.

Bosi (2003) afirma que:

“Quando duas culturas se defrontam, não como predador e presa, mas como diferentes formas de existir, uma é para a outra como uma revelação. Mas esta experiência raramente acontece fora dos pólos submissão-dominínio. A cultura dominada perde os meios materiais de expressar sua originalidade.” (p.176).

Em uma ou outra relação – educacional ou cultural –, é possível que o processo que toma lugar modifique a crença anterior existente; mas, por ser algo arraigado no processo de socialização local, é também possível que a convivência entre os diferentes pontos de vista seja resolvido pacificamente. Porém, pode ocorrer, em alguns casos, a desqualificação da crença, que passa a ser considerada explicação da própria condição de atraso a que se acham submetidos aqueles que a possuem, sendo tomada, ao mesmo tempo, como causa e consequência dessa condição, dependendo da conveniência de um ou outro argumento.

O que está em jogo é o processo de desenraizamento que, segundo Bosi (2003, p.176), representa a morte pela supressão da tradição e torna nativos em estrangeiros, na sua própria terra.

É a partir do ponto de vista do colonizador que tem sido compreendido o homem da Amazônia, em sua relação com a natureza. Uma visão que ressalta sua ignorância, seu medo, sua submissão, portanto, seu atraso. Adorno & Horkheimer (1985) usaram o termo esclarecimento para designar “o desencantamento do mundo”, referindo-se ao processo *“pelo qual as pessoas libertam-se do medo de uma natureza desconhecida, à qual atribuem poderes ocultos para explicar seu desamparo em face dela.”* (p.8).

“Não alimentamos dúvida nenhuma – e nisso reside nossa petitio principii – de que a liberdade na sociedade é inseparável do pensamento esclarecido. Contudo, acreditamos ter reconhecido com a mesma clareza que o próprio conceito desse pensamento, tanto quanto as formas históricas concretas, as instituições da sociedade com as quais está entrelaçado, contém o germe para a regressão que hoje tem lugar por toda parte.” (Adorno & Horkheimer, 1985, p.13).

Para Adorno & Horkheimer (*ibid.*), esse é o procedimento pelo qual, ao longo da história, os homens se libertam das potências míticas da natureza, ou seja, o de construção da racionalização que prossegue na filosofia e na ciência, o qual, todavia, não está restrito à superação do mito, onde estaria situada sua origem; ele, hoje, atingiu a mitologização do próprio esclarecimento, que é encontrado no modelo positivo de ciência e que postula o conhecimento pela dominação da natureza. Esse é o resultado da assimilação do conhecimento e controle dos mecanismos naturais, culminando, na atualidade, na naturalização do homem totalmente civilizado. Desse modo, o esclarecimento assume o seu conteúdo crítico emancipador, que não cessa de apontar, pela reflexão, a passagem da atividade esclarecedora ao processo de civilização.

Essa passagem é engendrada nas formas históricas concretas, por meio de instituições sociais que irão constituir uma segunda natureza, como Lukács (1975) denominou o “mundo das convenções”, que é, artificialmente, criado pelo homem e que, abruptamente, se volta contra ele. Esse conceito de “segunda natureza” já estava presente, também, no idealismo de Hegel, para indicar que à moral, aos hábitos criados pelos homens, associa-se um elemento que se volta contra ele próprio.

O caminho tomado pelo esclarecimento dirige-se à racionalização crescente, que torna mais estreita a ligação entre saber e poder. O prazer que o conhecimento proporcionava pela busca da verdade como fim último é substituído por

uma nova essência: a técnica, o método, o procedimento. São os meios, enquanto instrumentos eficazes, que contam. A racionalidade que o conhecimento assume vai, assim, ajustar-se, de forma ideal, ao capitalismo, que, pela valorização do método e da técnica, descobre os procedimentos para melhor utilizar o trabalho alheio.

Para atingir tal inversão, foi preciso realizar uma transição do poder presente nas entidades e potências do conhecimento mítico – que passam a ser consideradas superstições –, que é característico de um pensamento primitivo, para o domínio da matéria submetida ao cálculo. O que permitirá a descoberta de particularidades desconhecidas, que passam a ser úteis à vida.

É nesse ponto de transição que se realizará a substituição dos modelos de projeção subjetiva na natureza. No mito, o antropomorfismo é o elemento básico dessa projeção no qual o

“[...] sobrenatural, o espírito e os demônios seriam as imagens especulares dos homens que se deixam amedrontar pelo natural. Todas as figuras míticas podem se reduzir, segundo o esclarecimento, ao mesmo denominador, a saber, o sujeito.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.22).

Assim, o homem projeta, na natureza externa, aquilo que ele recusa, em sua natureza interna. Essa unidade, o sujeito, representa a busca perseguida pela ciência, que transformará o heterogêneo em equivalente ou comparável, ao qual podem ser atribuídas grandezas abstratas, num processo de representação pelo qual o *logos* passará a ser o ponto de referência de todas as coisas.

“De agora em diante, o ser se resolve no logos – que, com o progresso da filosofia, se reduz a mônada, mero ponto de referência – e na massa de todas as coisas e criaturas exteriores a ele. Uma única distinção, a distinção entre a própria existência e a realidade, engolfa todas as outras distinções. Destituídas as distinções, o mundo é

submetido ao domínio dos homens.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.23).

Vale a pena ressaltar que, em Freud, a projeção é um mecanismo de caráter normal, presente na superstição, na mitologia e no animismo.

*“A projeção aparece sempre como uma defesa, como a atribuição ao outro – pessoa ou coisa – de qualidades, de sentimentos, de desejos, que o sujeito recusa ou desconhece em si. O exemplo do animismo é o que melhor demonstra que Freud não toma a projeção no sentido de uma simples assimilação do outro à própria pessoa. Com efeito, muitas vezes se explicaram as crenças animistas pela suposta incapacidade dos primitivos para conceberem a natureza de outra maneira que não segundo o modelo humano, do mesmo modo, a propósito da mitologia, diz-se freqüentemente que os antigos “projetavam” nas forças da natureza as qualidades e paixões humanas. Mas Freud – e esta é sua maior contribuição – insiste em que tal assimilação tem o seu princípio e o seu fim num **desconhecimento**: os “demônios”, as “almas do outro mundo”, encarnariam os maus desejos inconscientes”. (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 377, grifo dos autores).*

De acordo com tal formulação, em Freud, o sujeito projeta não aquilo que não quer conhecer, mas aquilo que não quer ser; tanto que, ao lançá-lo ao mundo exterior, ele reconhece como existindo, mas fora dele, no outro. Se, na crença mítica, o homem projeta a sua superioridade na natureza, que é vista como dominadora, no esclarecimento, *“o despertar do sujeito tem como preço **o reconhecimento do poder como princípio de todas as relações.**” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 24, grifo nosso).* Só que, agora, a dominação se projeta na razão, que transforma a natureza em objetividade, condição que só lhe permite ser conhecida quando se deixa dominar pela manipulação. Tal objetividade é alcançada pela unidade que confere identidade à natureza indiferenciada que iguala pensamento e realidade. É somente frente a essa indiferenciação que o pensamento se torna autônomo.

2.2 Relação homem-natureza

Não nos parece possível compreender o esclarecimento como um processo de emancipação pela razão, se não travamos contato com os mecanismos internos de constituição do homem. Enquanto ser natural, é dotado de aparelho mental, e sua natureza se desenvolve em relação de contradição com o que lhe é externo, com a cultura que produz. Nele, não são percebidas correspondências imediatas entre os conteúdos psicológicos e suas objetivações, na cultura atual.

É, exatamente, uma força biológica que põe em movimento o aparelho psíquico do indivíduo, enquanto espécie: a libido. É, portanto, enquanto natureza que busca sua sobrevivência onto e filogenética, a despeito de que sua aspiração humana à felicidade só possa se efetivar na organização social posta em prática. Tal é a condição pela qual a natureza se faz, assim, história. Uma vez que as tentativas de sua realização, até o momento, só mostram que o conflito ainda não conhece uma solução definitiva, a história passa à condição de natureza, como em uma inversão.

Marx (1991) previa outro desenrolar possível, ao afirmar a inerência do homem à história, que é o espaço transnatural de criação e recriação da existência do homem pela cultura.

*“A própria história é uma parte **efetiva da história natural** do vir a ser da natureza no homem. As ciências naturais subsumirão mais tarde a ciência do homem, assim como a ciência do homem subsumirá as ciências naturais. Haverá então uma única ciência.”* (p.106, grifo do autor).

Assim, a psicanálise é chamada, pela teoria crítica, para exigir a historicização dos conteúdos psicológicos que, passando pela interpretação das diferenças histórico-culturais que o princípio de realidade assume e sem perder o sentido simbólico instintual das formas sociais, venha a compreender tanto a especificidade contida na aparência desses conteúdos, quanto em sua função político-social. Por essa via, serão tratadas as percepções apresentadas pelos sujeitos da

pesquisa, enquanto indícios das formas históricas assumidas pelo processo de racionalização que acompanha o desenvolvimento econômico que se formaliza na sociedade capitalista. Nessa condição, é que pode ser entendido o relato feito pelo pescador: a associação entre trabalho e prazer é experimentada, em um momento, no passado, diferente do que vive hoje.

“Trabalhei, trabalhei em seringa. Trabalhei muito em seringa. Gostava muito de trabalhar em seringa, borracha [...] Aí sempre trabalhando na seringa e na lavoura, gostava muito...” (Anexo I, Entrevista n° 1, p. 208).

Observe-se que o relato do pescador é sobre outro tipo de trabalho – extrativismo e agricultura –, desenvolvido em sua juventude. Não há qualquer referência a sofrimento, nesse momento, em que se misturam lembranças da família e do trabalho com as emoções do sujeito.

“A minha vi... minha vinda pra cá... que eu fui nascido e criado aqui, numa colônia... e morava lá nessa colônia com meus pai... Numa idade, deve tá numa idade de seis ano, a minha mãe morreu de parto duma irmã minha. Ela ficou cum... cum..., cuns seis mês de nascida... De lá, meu pai se desgostô, foi o tempo que ele entrego nós pra tudo os nosso avô. Aí, eu me criei já com os meu avô. De lá, foi indo... foi o tempo que ele entrego nós e se passou pra Belterra. Foi o tempo da Companhia Ford. Eu morava com ele, com meu avô, aqui perto do Arapixuna... Daí, foi o tempo... que eu era muito chegado com ele (o pai), eu não deixava ele trabalhá, eu churava muito por causa dele, tinha muito amor por meu pai mermo (ênfase). Aí, foi o tempo que ele me entrego pros meus avô e eu me criei aí. De forma que eu conheci meus avô já como pai. Foi o tempo que foi me criando, né, me criando, foi me criando. Foi o tempo... foi o tempo que... aí, eu saí dele. (Anexo I. Entrevista n° 1, p. 208).

Essas lembranças não se situaram apenas naquele passado mais remoto, nem parecem ter ligação direta com o esforço despendido. A chegada à Ponta de Pedras, no começo da formação dessa comunidade, representa a mudança processada em um espaço hostil da natureza, que vai sendo transformado em espaço humano pela

ação do trabalho coletivo, onde ainda a percepção do familiar se fazia presente: A integração dos membros é identificada, nas palavras do próprio pescador:

“Foi o tempo que nós se passemos pra cá. Porque a gente teve muito trabalho aqui. Olhe esse quadro aqui, que quando nós se passemos de lá pra cá, isso aqui num tinha quem andasse. Que isso era só um espinhar de mourão e formiga. Só tinha uma casa bem ali. [...] Depois que a gente veio pra cá, ainda veio muita gente. Tudo, tudinho é conhecido. Num tem ninguém estranho que ninguém conheça. Todos são conhecidos. Olha, é só quase uma família.” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 209).

Seu D., o mais velho pescador de Ponta de Pedras, fala da fartura de peixe existente, anteriormente, nas histórias contadas por seu avô que, como ele, trabalhava na roça e na pesca. O que o velho pescador conhece do local, antes do surgimento da comunidade, é que seu avô, com os antigos moradores da região vizinha, realizavam um trabalho coletivo, cujo resultado beneficiava todos.

“Antes não era assim, porque tinha muita fartura aqui. Porque meu avô, o meu pai, quando ele se formou aqui, ele fazia esse negócio de mutirão, ele convidava de 40, 50, 60 pessoas, como hoje, dizia: ‘Olha, pessoal, eu vou fazer um mutirão, vou fazer um roçado de vinte tarefas aqui, vocês vão me ajudar segunda-feira. Domingo, eu vou pescar’. Ele ia pescar, pegava uns 70, 80, 90, 100 peixe, curimatá e tucunaré (peixes nobres da região) sem fazer força. Olhe, nessa beira de rio, de primeiro, que eu não sei, que o meu avô, que o meu pai cansava de contar, que quando você chegava de canoa, que gritava na beira desse rio, ouvia-se aquele estrondá de peixe, na beira desse rio. Era muito farto, naquele tempo. E hoje em dia, num tem nada disso mais. Num tem nada, nada, nada...” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 208).

Assim, também ele enfrenta as situações difíceis que se apresentam para o início do povoamento de Ponta de Pedras, exibido com o orgulho de ter participado desse momento, como poucos.

“Que, olhe a gente já trabalhamos muito nessa comunidade aqui. Já limpamos... Esse pessoal que tem maior parte aqui, eles pegaram isso aqui quase tudo limpo, tudo limpo. Desde que umas três famílias que trabalhavam aqui, trabalharam pra limpar, essas quatro pessoas, quatro

comigo, foi esses que trabalharam aqui, essa limpeza disso, que são morador antigo aqui. Mas a maior parte desse resto aqui, negativo, que nunca trabalhou.” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 209).

A colaboração e a solidariedade simbolizam a concepção de comunidade, na qual os sujeitos compartilham o que possuem e o que produzem. A natureza é vista como bem coletivo, por isso deve ser dividida com todos.

“Olhe, eu vou lhe dizer como nós semo aqui: eu vou na minha canoa, aquele ali vai, aquele ali vai, aquele ali vai... Se eu pego, vamos dizer assim, uns 40, 50 peixe, o parceirinho, ele 10, 12, a gente pega, a gente já vende pra ele um pouco daquele. É assim que a gente faz aqui! E vai indo, levando a vida assim desse jeito...” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 210).



Figura 5. Chegada de pescador. Rio Tapajós. Ponta de Pedras (Santarém, PA). 2002
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Entretanto, a natureza, que era conhecida em sua complexidade, se revela estranha e, de generosa, fica escassa. A primeira impressão é a de que isso resulta da

própria ação que os filhos da região praticam contra a mesma. São seus filhos que lhe desferem golpes:

“Nesse tempo (meses de maré alta), porque a gente tem que comprá na cidade pra vendê aqui, porque aqui num tem peixe, tá mais ruim. Sabe por que é? Porque o pessoal ataco mais no fundo, de mergulho. Aqueles caçador do fundo, mergulhando fundo, caçando peixe, o peixe até desse tamaninho, que pesa 50g eles pego. Isso vai diminuindo prá tudo. Os próprio daqui mermo, eles fazem isso. Diz, olha: ‘Num faço uma coisa dessa, porque isso aqui, pra mim, eu e minha mulhé, que num tem família, isso num vem prejudicá quase a gente, agora vocês que tenho 5, 6, 8 filho, prejudica vocês. Porque você num tem outro meio de pescá se num for no fundo. Isso vai dá uma farta! E olhe, tá dando tudo certo, que de uns tempo pra cá, tá ficando muito ruim a pescaria aqui.’” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 210).

Adorno & Horkheimer (1985) relacionam aspectos comuns ao mito e ao esclarecimento, como evidência de que o mito é sua protoforma, e que o esclarecimento apresenta sempre uma tendência de retorno àquele. Ordenar, classificar, hierarquizar já era uma tendência presente no mito. Até mesmo a pré-destinação acaba adentrando a concepção de ciência presente no esclarecimento, pelo princípio do determinismo que incorpora. Dessa maneira, a resistência acaba por converter mitos em princípio da racionalidade corrosiva do esclarecimento.

Seu D. avalia a nova modalidade de pescaria adotada: a de mergulho com espingarda:

“[...] Mas agora, os filho dos pescadô só quiere pescá agora assim. Os daqui mesmo. Eles uso uma lanterna de pilha, vão com aquela máscara, aí sai de noite. Aí, tem noite que eles sai de 5, 6, 8, numa canoa. A senhora deve conhecê aquele peixe que chama caratim. Eles pego de 100, 70, 80. Eles pego daqui até desse tamaninho (usando a ponta do indicador) Tô lhe dizendo, que essa pescaria do fundo: cai n'água, aquele alumeia lá no fundo, tudo o que enxerga atira, vai puxando de lá, isso acaba! Não é como a tarrafa, a malhadeira. A gente joga a tarrafa lá no peixe, ele vai, só vem aquele maior, o miudinho não vem, ele não. Nessa pescaria do fundo, vem tudinho.

Pega tudo, o graúdo, o miúdo, principalmente, o miúdo. Olha o tucunaré. O tucunaré com filho é uma coisa que a gente num deve matá ele. Mas, quando o peçoar enxergo o tucunaré com filho, eles mato todos dois. E fico os filho desse tamanhinho, e os outros peixe come tudinho. Aí vai desfalcando.” (Anexo I. Entrevista nº 1, p 210-1).

O esclarecimento é totalitário, quando aspira ser um sistema no qual tudo já está decidido de antemão. Tal como se aplica ao conhecimento, ele se torna útil à economia. Do mesmo modo, como já estão predeterminadas as formas de sua apreensão, pela perda das qualidades e pela abstração quantitativa, assim as mercadorias que se prestavam ao livre intercâmbio perdem, de forma semelhante, suas qualidades e, agora, adquirem fetiche.

Levado à última conseqüência, o esforço para a auto-conservação, que controla o corpo e a mente sob o domínio da auto-alienação, irá propiciar que o pensamento siga, agora, regido pela lógica que mantém a ação individual atrelada à norma social. Produz-se a volatização do sujeito, que se coisifica no processo técnico da ordem econômica e elimina a sua consciência, levando-a a atuar em acordo com a engrenagem universal. A naturalização do homem passa a ser a única possibilidade de sobrevivência.

O único indício que seu D. apresenta, para estabelecer relação entre o tipo atual de pescaria e a escassez decorrente, como conseqüência advinda de uma outra condição, só é percebido pela seqüência com que esses fatos aparecem, em seu relato. Após mencionar a nova maneira usada na pesca, passa a comentar algumas alterações percebidas.

“Foi desde esse tempo, começou a ficar ruim Porque agora, quando começou esses garimpo, começou esse tar de mercúrio... Essa água aqui era mermo que ser a água do Amazonas, todo tempo ela era branca (refere-se à coloração da água do rio Tapajós, que é verde, enquanto a do Amazonas é barrenta). Aí, ninguém sabia por que era tão branca assim Quando foi um dia, foi descoberto porque a água

era branca, parece a do Amazonas, que a água do Amazonas não entra pra cá. E aí, se a gente fosse pescá num rio desse, topava muito peixe que era proibido pegá aquele peixe, a pescada, o apapá, porque ele comia outro peixe vivo, né? Então, ele fazia aquela explosão (refere-se à aparência do peixe contaminado, que fica inchado). E foi proibido (refere-se, agora, às recomendações do dr. Branches). Olhe a pescada, a gente cansou de achá pescada morta aqui. Essa água baixa dos garimpos... e o peixe... acha o peixe mermo morto. O peixe pequeno, ele não resistia, né? Por causa do mercúrio. Agora não. Acho que conseguirei fechar com esse negócio de mercúrio a maior parte. A água clareou. Ela ficou natural. Ela ficou bonita, a água. Não é como de primeiro; a gente nota que vinha baixando a água branca (barrenta) no meio da escura (esverdeada). A gente via que ela vinha baixando também, agora não, não vê.” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 211).

Seu J., que também vivenciou situações de fartura, apresenta outras explicações para a atual situação de escassez.

“Quando nós era pequenino, que começemo a entender as coisa, a pescaria aqui era muito farta, tinha muito peixe. Meu pai de criação, ele vinha de madrugada, quando era oito horas, tava de volta em casa, com muito tucunaré, e puxava mesmo. Depois que começemo, assim, a perseguir também, ajudá ele a percurar, ainda tinha muito peixe. Mas só que, naquele tempo, também tinha pouca gente, né, pra perseguir. Aqui, tinha pouca gente nessa área. E essas pescaria de arrastão, de bubuia, isso, aqui, não existia. Não existia, naquele tempo. A senhora sabe o que é bubuia? São esses barco grande que venho daí de fora, e passô essas bubuiadeira de 1000, 2000 metro no fundo aí. Aí, acaba com o filhote, com a dourada, leva até ova de peixe. Então, é isso aí, um meio que tá destruindo.” (Anexo I. Entrevista nº 2, p. 227).

Não podemos avaliar, aqui, se a pesca praticada pelos mais jovens já representava a consequência do desaparecimento do pescado, na região, quer pela pesca industrial, que já acontece na área, quer pela contaminação que tomava lugar.

“Então, o que eu vi depois que apareceu, há quatro anos atrás, uma equipe de pessoas fazendo um estudo sobre mercúrio, quer dizer, conversando com as pessoas. Porque tinha muito peixe contaminado e ia prejudicá o pessoal. Eles andaro fazendo isso aqui, umas duas vezes. Eu até sabia o nome do doutor que vinha, um baixinho

(referindo-se ao dr Branches), *mas eu me esqueci. Então, eles andaro aqui fazendo várias pesquisas e trazendo o resultado dos exames das pessoas. Mas, graça a Deus, não deu nenhum caso. Até eles indicavo os peixes que estavam sendo mais mercurizados: era o apapá, a sarda e o tucunaré. Peixes que comiam outros peixes. Eles comiam o peixe que já tava contaminado e se prejudicava. E a gente ia comer, prejudicava a gente. Mas graças a Deus, não aconteceu isso aqui, até agora. Agora, o que nos vemo aqui é a grande falha do peixe mesmo. Tá acabando! A gente coloca a malhadeira, tanto faz de malha graúda, como de malha miúda, tarrafa que vai diminuindo cada vez mais. E o peixe de lanternada que a gente matava, o tucunaré, o acari, o jaraquí, isso aí é difícil da gente encontrar. Se acontecer da gente ir pescá uma noite e encontrar um boto amigo, que ele ajude a gente a encontrar o peixe, a gente pega. Mas, se não encontrar, do jeito que vai, volta. Essa noite ainda, meu genro foi pescar, matou três peixinhos... Então, tá difícil a situação do peixe.”* (Anexo I. Entrevista nº 2, p. 228-9).

A natureza ainda é percebida como aliada. Pois a supressão de todas as satisfações não é, também, o que ocorre no processo civilizatório, o que, racionalmente, implicaria a destruição desse processo.

“Não é preciso dizer que uma civilização que deixa insatisfeito um número tão grande de seus participantes e os impulsiona à revolta, não tem nem merece a perspectiva de uma existência duradoura.” (FREUD, 1992. p. 643).

A experiência que é passada pelos mais velhos aos jovens serve para dar um outro significado à vida que, no presente, deixa a todos insatisfeitos. A tradição cria raízes e pode servir para evitar maior desumanização e, até mesmo, maior agressão. A história repassada pode manter a tradição.

*“Outro dia, a gente teve até trocando idéia, um dia desses, sobre a vivência deles, pra nossa vivência hoje. **A felicidade que eles tinha naquele tempo e a dificuldade que tem agora.** Porque ele conta (o pai): ‘Olha, nós vinha de lá do seis...’ (refere-se ao quilometro seis da Estrada Santarém – Alter do Chão), moravo lá, aí eles reuniam e diziam: ‘Vamo fazer uma piracaia lá na beira, hoje?’ Aí, eles vinho, todo mundo. Traziam uma tarrafa. Aí, eles chegavo aí na beira; aí, eles gritavo ‘EH!’ Aí, o peixe estrondava na beira do rio. Aí, dizia: -*

‘Olha, tu só joga meia tarrafa, o resto tu joga pra terra, pra num pegar muito peixe.’ Hoje, num faz mais isso. Aí, ele diz: ‘Porque o pessoal de hoje é muito ambicioso’ Eu digo: ‘Não é ambicioso não, é que hoje a quantia de gente que evoluiu muito. Aí, todo mundo começa a pegar, pegar, pegar; aí, vai diminuindo.’ (Anexo I. Entrevista n° 2, p. 230, grifo nosso).

A tentativa de compreensão da realidade que o pescador apresenta, inicialmente, leva em conta a idéia de aumento populacional que já não permitiria a abundância. A esse argumento mistura-se uma visão animista.

“E o peixe também, através da inteligência que ele tem, ele começa a se desviar. Aí, tem que lutar: pra pegar e pra viver. Se não, não dá pra viver! Aqui, a gente tem que dar o jeito da gente.” (Anexo I. Entrevista n° 2, p. 230).

Argumentos que são buscados após ter sido apresentada uma série de situações, que mostram a própria violência vivenciada, para as quais não é possível explicação razoável ou racional e cuja consequência é desastrosa:

“Antigamente, num tinha pescador vindo pescar aqui, era difícil. Olhe, agora mesmo, nesse mês de julho, teve um barco pesqueiro, que ele passou quase um mês aqui. Mais lá em baixo, pescando aqui de bubuia. Mas, pelo que a gente viu, também num tenho resultado. Porque o rapaz que mora lá perto também pescava com eles, aí eu me informei com ele. Porque a gente tinha uma idéia...Que, do outro lado, quando a gente ia pescar, a gente via que eles pegavam muito peixe. E o que eles faziam: só aproveitavam o peixe inteiro. Aquele peixe que estava estragado, eles jogavo tudo n’água. E a gente ficava olhando. Quando foi um dia, a gente tava pescando lá, e a gente ficamo só observando. Eles encostaro perto de nós, e foro gelar o peixe. Então, só de uma rede, de uma canoa, que eram seis canoas, eles jogaro pra dentro da geleira 46 filhotes. Fora os pedaços que eles jogaro n’água. Aí. Nós ficamo pensando: Rapaz, mas eles pegô muito peixe, né? Quando foi agora, eu perguntei pro rapaz que pescava com eles: - ‘Como é que tá a pescaria de vocês? Pegaro muito peixe?’ – ‘Rapaz, num deu foi nada. Olhe, os primeiro peixes que eles pegaro na primeira de semana, eles fizeram duzentos reais. De lá pra cá, eles pegavo dois peixe por dia. Ficava, passa a noite inteira, a rede n’água’ Então, eles levou o prejuízo deles. Então, eles tão observando que o peixe num tá muito fácil por aqui. Com isso

aqui, nós vimos que... Essa semana, nós tivemos olhando aqui, que sempre eles paro nessa área, e que agora num tem bubueira aí. Eles deve tá pro outro lado procurando peixe. O peixe já tá, também, aprendendo a viver. Apareceu também uns veleiro, aí desse lado. Cada uma canoa daquelas com duas pessoas. Aí, eles soltam 1000m pra pegar o mapará, eles fazem uma circulação tão rápida com as canoas de vela, que uma área grande eles cercam de malhadeira e jogam a outra no meio. O que tiver ali no meio num pode correr. Então, eles pegam uns setecentos, oitocentos quilos de mapará, rápido. Então, esse peixe sai da água, e não volta. E a gente vê que não tem proibição pra isso. O pior é que não tem proibição pra isso. Porque se tivesse pelo menos uma orientação... Tem muita gente aqui como nós, outros pior que nós, que já num tem mais condição de criar e sustentar as crianças. Olhe, num tem malhadeira, num tem tarrafa, num tem canoa. Vai ficando difícil pra ele. Por que tá acabando, ninguém acha nem pra vender, nem pra pescar (Anexo I. Entrevista nº 2, p.229). Olha, o mergulho do fundo, com a espingarda, os peixe fico arisco. Ele prefere num pegá mais no anzol. Ele prefere num dá mais na malhadeira. Porque ele já sabe o que é malhadeira. Então, o peixe só tem que tá cabreiro. Todo tipo de arma eles tão usando pra acabar. Fica difícil por isso.” (idem, p. 228).

Não há progresso verdadeiro, nesse sentido, pois as tentativas de dominar a natureza redundam em dominação, onde o homem se torna presa de sua ação. Adorno & Horkheimer (1985) já alertavam para a questão de que *“Toda tentativa de romper as imposições da natureza rompendo a natureza, resulta numa submissão ainda mais profunda às imposições da natureza.”* (p. 27). O que faz reconhecer a presença da dominação, no interior do próprio pensamento, mas como natureza não reconciliada consigo mesmo. É a natureza não dominada que domina o esclarecimento, para transformá-lo em mito.

Hoje, não é mais possível a explicação animista ou antropomórfica, que parece ficar distante, no passado. O presente não abre concessão, a não ser para a violência mítica dos ritos sacrificiais no interior da razão iluminada, que, novamente, aproxima razão e desrazão, afetando a todos, sem exceção.

2.3 A produção da realidade

Da mesma maneira como se padronizou a natureza para ser dominada e controlada, o progresso se configura como a maior regressão:

“O eu, integralmente capturado pela civilização se reduz a um elemento dessa inumanidade, à qual a civilização desde o início procurou escapar. Concretiza-se assim o mais antigo medo, o medo da perda do próprio nome. Para a civilização, a vida no estado natural, pura, a vida animal e vegetativa, constituía o perigo absoluto.” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.27)

Mas o domínio pela razão, a que está submetida a natureza e que cria o sujeito, dirige-se também a ele. O sujeito só se constitui como tal quando se submete a algo que lhe é superior. A subjetividade incluiria, assim, a imponderabilidade: a aceitação do superior. Só submetido à lei, o conhecimento se realiza, criando a identidade do eu que não permite mais a identificação com o outro. O sujeito fica aprisionado em si. *“O animismo havia dotado a coisa de uma alma. O industrialismo coisifica as almas.” (Idem, ibidem, p. 40).*

Em sua origem, a comunidade vai surgindo atraída pela possibilidade de uma vida mais fácil, onde a sobrevivência representasse menos sacrifícios. Na construção da igreja, o marco inicial; e na abertura da estrada, a esperança de uma nova vida.

“Aí, foi o tempo que começou, fizeram essa igreja aqui; aí, foi evoluindo, né; abriram a estrada aqui; aí, começou a descer carrinho pequeno, foi o tempo que passou, não me lembro a data do ano, né. Aí, um rapaz que tem ali, um rapaz chamado N., abriu uma barraquinha pra vender comida, vender refrigerante, porque começou a aparecer gente na praia; aí, ele abriu essa barraquinha e era por equipe. Uma semana, um sábado e domingo, uma pessoa que vinha ajudar a mulher dele, noutra semana, era outra, assim. Aí, foi o tempo que começou a coisa. Aí, começaram a fazer barraca; aí, foi, foi que

*inclusive até a minha filha fez uma. Aí, nessa barraca que ele trabalhava, que fizeram uma **barraca comunitária**, nesse tempo até eu trabalhei aí, nessa barraca comunitária.” (Anexo I. Entrevista n° 5, p.240 , grifo nosso.).*

A presença de pessoas que vinham visitar o lugar, em função da praia existente, originou a construção da primeira barraca para comercialização de alimentos e bebidas, que tinha caráter de trabalho comunitário e funcionava nos finais de semana, em sistema de rodízio, envolvendo os moradores. Com o aumento da procura, novas barracas foram sendo construídas, mantendo-se o revezamento, aos sábados e domingos, ficando apenas uma funcionando, alternadamente, durante cada semana.

Diante do quadro de desaparecimento do pescado para manutenção da principal atividade produtiva da comunidade, o turismo ecológico se apresenta como alternativa econômica para ela. As falas traduzem o que parece exterior para os moradores de Ponta de Pedras. Eles vivenciam essa realidade que se anuncia, pela Secretaria de Turismo de Santarém, na proposta de financiamento para construção de pousada, restaurante e hotel naquele local. Proposta essa recusada, inicialmente, pela comunidade que, todavia, não tem poder para impedir a entrada da nova relação de trabalho que o capital impõe, numa correlação de forças desigual.

“Já tá a nossa... o nosso documento, tudo na Prefeitura, pra ir pro BASA (Banco da Amazônia S.A.), que é o BASA que vai financiá esse dinheiro, pra nós mandá fazê essa barraca. É dois mil real pra cada um de nós. Quem vai fazê essas barraca é um rapaz de Santarém, é o O.R.B. que faz. Então, com esses dois mil real, tem que organizá tudo. Tem que comprá talher, garfo, tudinho, tudo bonito, que eles querem mandá fazê assim. Só que o dinheiro, ninguém vai pegá nesse dinheiro. É só ele...” (Anexo I. Entrevista n° 1, p.. 213-4).

A possibilidade de que a ilusão de liberdade seja confundida com a dominação se dá, ao realizar-se o deslocamento, da ênfase mental para a material, que Freud identifica na promoção da renúncia ou da repressão dos instintos que fornece uma

compensação. Todavia, não fica claro se o preço – o sacrifício exigido – é compatível com a renúncia, nem se, e até que ponto, aqueles são realmente reprimidos.

“Se essas casa saíre mermo, aí, vão fazê do jeito que quere fazê. O jeito que tem é nós apelá pra quem tem mais possibilidade de pescá [...] um qualquer de nós num pode saí pra pescá. [...] Porque já foi falado assim: ‘Olhe, quem tem sua barraca aqui de venda, ele num vai podê fazê aqui a sua granja. Ele num vai podê fazê um carvão pra vendê pro barraqueiro. Nada O barraqueiro tem que ficá efetivo aí. Só pra recebê o que vem de fora.’” (Anexo I. Entrevista nº 1, p.. 213).

A divisão social do trabalho retira do homem a livre atividade, aquilo que realiza como seu e que constitui sua realidade: trata-se, agora, de uma ação imposta ao homem por uma estrutura social que não mais permite qualquer relação entre aptidão e necessidade, pois as submete à regulação externa a ele, comandada pelas forças econômicas que se desenvolvem. O trabalho, enquanto ato que o homem executa, não é seu, tal como os meios que utiliza e o que resulta desse trabalho; tudo se torna alheio a ele.

“Porque tão com esse negócio de melhorá essa parte aqui. Essas barraca que tão tudo aqui, [...] elas vão sê tudo destruída. [...] Então, é outras casa que vão se formá aqui, é de coberta de telha, e desse negócio de... piso de cimento. Pra recebê os turista que vem de fora pra cá. Então, com essa arrumação dessas casa, eu acho que vai fica mais difícil a comida pra cá. Não que num tenha... porque se a gente contratá... Porque muita gente já se ofereceu pra nós: ‘Olha, quando essas casa tivê tudo localizada, se quizere fazê um contrato conosco, a gente faz.’ Tem gente que já se prontificô a pescá, só pra vendê pra cá. Num é gente daqui, sabe?” (Anexo I. Entrevista nº 1, p..213).

Essa é a forma de alienação que ocorre com o trabalho e promove o não reconhecimento do produtor no produto, bem como do produto no produtor. Essa independência criada entre homem e coisa permite a reificação ou coisificação, que transmuta a relação entre homem e mercadoria, de relações sociais entre indivíduos para relações materiais entre pessoas.

“Quando começou, só tinha uma barraca, [...] que era uma barraca comunitária. Então, dessa barraca foram surgindo mais, que hoje em dia tá nessas aqui. [...] Como você pode ver, hoje, a gente veio pra cá, a gente passa a semana aqui, olhando pro rio, num faz nada. Se num tiver uma outra coisa, um crochê, uma coisa pra tecer, você passa o dia inteiro olhando pro rio, que de barraca, você num tá usufruindo nada, tá só tendo prejuízo. Porque todo dia você precisa comer, o freezer fica ligado, a energia é direto. Então, isso é um ponto muito negativo pra nós.” (Anexo 1. Entrevista n° 4, p. 235).



Figura 6. Barracas de venda, na praia. Ponta de Pedras (Santarém, PA). 2003
Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora.

Eis o pressuposto de constituição do processo civilizatório, que apresenta dupla determinação. Baseia-se na produção material (ordem objetiva) e na estrutura psíquica (ordem subjetiva).

“Há mais de trinta anos, entre as massas dos países altamente industrializados emergiu a tendência a entregar-se à política da catástrofe, em lugar de perseguir interesses racionais, sobretudo os de conservação da própria vida. Enquanto se lhes prometem benefícios, a idéia de sua felicidade é, ao mesmo tempo, enfaticamente substituída por ameaças e violência. Sacrifícios

imoderados lhes são impostos, sua existência é diretamente posta em perigo e apelos feitos a latentes desejos de morte. Muito disso é tão óbvio para as suas vítimas que os que tentam compreender seu funcionamento dificilmente contentam-se com a tarefa decisiva de estabelecer as condições objetivas dos movimentos de massa sem ser induzido a acreditar que as leis objetivas já não mais prevalecem.” (ADORNO, 1967, p.67).

É esta a marca da violência que está posta em nossa cultura atual, de forma quase invariável:

“A separação entre indivíduo e sociedade é falsa consciência, por perpetuar conceitualmente a cisão entre os sujeitos e a objetividade que os governa e, ao mesmo tempo, deriva deles. Porém as bases dessa falsa consciência não podem ser removidas por um dictum metodológico. Os sujeitos são incapazes de reconhecerem a si mesmos na sociedade e a sociedade neles; uma vez que, estão alienados uns dos outros na totalidade.” (Idem, *ibidem*, p. 69). (ADORNO, 1967, p.69).

O processo produtivo passa por essa condição que promove alienação. Nela, os homens ficam relacionados uns aos outros, não como pessoas, mas como mercadorias. Determinadas pela nova ordem capitalista, novas relações entre os homens são estabelecidas, a partir do valor a eles atribuído, que toma por base a troca que realizam uns com os outros, por meio das mercadorias de que dispõem.

“Mas, olha, na cidade num é esse preço. Na cidade, é diferente; na cidade, eles vende o quilo do tucunaré por oito reais, mas ele compra do pescador aí, aí ele já vende pra gente, já paga o custo, paga o dinheiro, tudinho .Vocês aqui num pago nada. Por que vocês fazem isso com a gente? [...] Vocês estão explorando. É prá gente mesmo daqui, a gente num vem de fora..” (Anexo I. Entrevista nº 2, p. 222)

Marx (1991, p.107-109) ocupou-se de analisar como ocorrem as formas de circulação. Inicialmente, a mercadoria, que é ponto de partida, passa a ponto final do processo. Ou seja, nele, a mercadoria é trocada por dinheiro, para novamente comprar mercadoria. Depois, ocorre nova relação para a forma ‘dinheiro – mercadoria –

dinheiro’; assim, o dinheiro, que nada mais era senão o resultado da primeira, passa a ocupar a posição, simultaneamente, de ponto de partida e fim em si mesmo. Pois o dinheiro vai permitir comprar para vender, mas sempre mais caro do que foi comprado. Trata-se, nesse sentido, de obter sempre mais valor na mesma mercadoria. Assim, enfatiza Marx (*ibid.*): “*De servo passa a senhor. De simples servidor das mercadorias passa a ser o Deus*” (p.109).

“Outra coisa também, aqui, você tá vendo essa barraca aqui, muita gente num quis trabalhar, porque ele investiu na pescaria. Olhe, tem gente que amanhece o dia e anoitece na pescaria. Pescando. Se ele pega um peixe, um tucunaré desse tamanho aqui, ele tira e a gente pergunta:

- ‘Quanto é?’

Ele diz:

- ‘Dez reais o quilo!’

Já pensou? Aí, a gente: - Mas olha, tá muito caro.’

- ‘Ah, mas é caro. Porque a gente compra linha, compra tudo.’

Mas, antes comprar a carne que o peixe. Que aqui eles num querem outra vida, aqui é só isso, é pesca. Eu como, como muito, mas eu num posso pescar. Olha, eles acho ruim quando vem um de fora, dali daquelas várzea, vem um rapaz de lá vendê o peixe aqui; ele vende o quilo do tucunaré é quatro reais, o do curimatá é três, de outro peixe é dois e cinqüenta. Eles acho ruim ele vender aquele peixe lá. Ele vem de lá gastando o óleo dele, a gasolina, aqui, eles acham ruim ele vender muito barato. Ele tá certo. E vocês lá que num pagam nada, só tá andando aqui. Ele ainda vem no motor dele, de lá, vem embora e não está explorando. Vocês estão explorando. É pra gente mesmo daqui, a gente nem vem de fora. Olha, eles pede num tucunaré, cinqüenta reais.” (Anexo I. Entrevista nº 1, p.. 222).

Da mesma maneira que aquilo que produz lhe é estranho e exterior, pois já não lhe é próprio, assim o seu trabalho já lhe parece outro. Nesse procedimento, a comunidade vai perdendo sua configuração; nela, aos poucos, vão sendo destruídas suas características de local de convivência comum, para passar a abrigar disputas de interesses econômicos.

A paisagem, que tem sua fisionomia traçada por impressões particulares, as quais fazem um registro da própria vida dos moradores, vai, aos poucos, sendo desconfigurada. As casas e barracas da praia são construídas com estrutura de madeira, sem a preocupação de paredes laterais, que podem ser feitas, inclusive, com palha, material geralmente usado na cobertura das casas. Não há assoalho, o piso é o próprio chão. Os ambientes fechados restringem-se à sala e aos quartos. A cozinha é o local onde as pessoas permanecem a maior parte do tempo, pois ela se confunde com o próprio espaço do terreno onde a casa é construída, geralmente, sem cercas que separem as propriedades umas das outras. Com a construção de novas barracas de venda, padronizadas, a exigência de tornar a cozinha um espaço fechado incomoda as pessoas habituadas a viver em áreas abertas.

O velho pescador expõe os motivos pelos quais ele discorda do fato de as barracas passarem a ter suas cozinhas fechadas. Referindo-se a elas como casas, considera que haverá um cerceamento no contato entre as pessoas. Os turistas serão impedidos de demonstrar sua curiosidade em conhecer o trabalho de preparação das comidas, da mesma forma como não permitirão aos trabalhadores o contato com as pessoas e com o ambiente externo, numa separação clara entre espaços de trabalho e de lazer.

“Agora, com essa casa fechada aí, né... Eles (turistas) lá, eles num sabe como é que a pessoa tá fazendo, lá dentro. E ele estando assim, fora, ele está vendo, ele está espiando. Às vezes, eles vai espiá lá dentro mesmo. Ele ainda pergunta pra pessoa que tá fazendo a comida aí. E assim não, a coisa emperra.” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 217).

Não só o espaço interno sofre transformações. As áreas externas são demarcadas, levando em conta um plano urbanístico que não considera qualquer necessidade ou interesse dos moradores; muito ao contrário, opondo-se claramente a

estes. A praça que se erguerá fará remover moradores que possuem casas em frente à praia, empurrando-os para o local de onde um dia saíram visando a uma vida melhor: o mato. Tudo que vai surgindo causa impressão de ser feito à revelia ou, ainda, sob o comando de algo invisível que se impõe e contra o que eles lutam, para resistir.

“Agora querem tirar essa praça, dali daquela casa até ali, naquela casa de palha ali, pra praça de turismo aqui. E eles vão fazê. Eu num concordo de eu fazê a praça. [...] Eu num vou saí do meu terreno pra num dá chance pra ninguém vir fazê como o pessoal de Alter do Chão. Eles fôro assim, eles fôro quase que eles fôro empurrado pra trás.” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 217).

A possibilidade de repetição é percebida. Alter do Chão serve como evidência desse processo. Todos os moradores de Ponta de Pedras incluem, em suas falas, essa ameaça, mencionando a história de Alter do Chão, onde os moradores foram expulsos de suas casas pela especulação imobiliária que se desencadeou, em função da exploração daquela área pelo turismo internacional. A relação material com as pessoas surge pela abstração do individual, criando uma ação reguladora da vida social, como cálculo e interesse: isso é o que está em curso naquela região. A comunidade aparece como entrave ao progresso que a lógica capitalista exige.

“Eu num concordo de eu fazê a praça. Cês sabem que a minha mulher tá doente, eu num posso saí quase de casa, agora pra mim pagá uma pessoa pra ir fazê... Por que vocês num se comprometero, a firma se comprometeu a fazê. Então, o interior não tem condição.” (Idem, p. 217).

Mas a adaptação é forjada na ação do próprio homem. São eles que realizarão as transformações que já estão em andamento. A senhora A. P. também está alerta para a questão de Alter do Chão; porém explica como conseguiu a casa, construída em Ponta de Pedras:

“[...] aí, foi quando distribuíram uns terrenos aqui, né. E a gente veio; aí nós ainda ficamos com esse aqui, eu,... o dela (filha) com o marido e o meu com ele (esposo). Aí, nós viemos embora, nós viemos pra cá e aí, mandamos fazer essa casa, vendemo o terreno dali. Aí, o senhor que comprou fez essa casa, dono da X, firma dele. Aí, a gente vendeu lá e viemo pra cá.” (Anexo I. Entrevista nº 5, p. 242).

As empreiteiras ganham as licitações assumindo o compromisso de realizar as obras; mas utilizam a mão-de-obra dos moradores, que são impelidos, por sua situação de miséria econômica, a assumir o papel de realizadores da transformação. Da mesma forma que exploram os homens, exploram a natureza, nesse processo de mudanças que reveste a dominação de classes. A nova organização que se instala nega a comunidade, cria o conflito entre necessidade e desejo, e antecipa a vitória da primeira:

“Agora, aí, outras coisas mais, que fizeram aí, esse cais, num sei nem por que foi feito. Ele foi feito... um contrato que eles fizeram, que veio dinheiro pra eles comprá tudo, terra, areia, pagá a gente, tudinho. E aí, eles num comprô nadinha aqui. Areia, foi tirado daí mesmo, que num era pra tira areia daí. A terra foi pegada daí mesmo, nada foi comprado daqui, muita gente ficou contra eles. Tá certo que eles pegasse areia daí, mas que comprasse; veio dinheiro suficiente, ele só pagô as pessoa que ajudaro tudo aí, o resto não... Não sei nem de onde era esse pessoar, era daí dum banco de Belém, finarmente num sei nem quem foi que mandô fazê isso aqui, num sei não. E... muita coisa aqui tá... Agora tá querendo fazer essa praça de turismo, aqui; num sei se isso vai sair, diz que vai sair, mas isso vai custá muito, muito, muito... (Anexo I. Entrevista nº 1, (p. 220-1) Porque vocês num se comprometeram, a firma se comprometeu a fazer [...] Olha, vocês num saiam do seu lugar, porque isso é uma coisa que... é... se vocês saírem daqui, vocês vão perder seu direito. Vocês vão ficá lá pra beira do campo e quem nunca trabalhou vai ficar aqui, na frente.”(Idem, p.. 217).

O senhor D. ignora que a reivindicação para construção do cais de arrimo, visando impedir a corrosão causada pela água, constava de um documento que a própria comunidade encaminhou ao prefeito de Santarém, contendo mais outras duas solicitações: rede de energia elétrica e padronização das barracas. Certamente, a sensação de estranhamento deve-se mais à astúcia revelada na execução da obra em si,

ou ainda, à constatação de que, como uma “segunda natureza”, essas mudanças reverteram-se contra eles próprios.

*“O que nós fazemos aqui é lutar, na Associação, pra ver se a gente consegue alguma coisa pra cá. Até agora, tudo o que a gente tem é reivindicação nossa. Temos que fazer requerimento e levar até o prefeito. O último tem três prioridades: era a energia, o cais aqui, pra proteger contra a subida d’água, e o **padrão das barracas**, que foi prometido a inauguração no dia dez de julho e até agora tá parado.”*
(Anexo I. Entrevista nº 2, p. 231, grifo nosso).

As relações comunais que marcavam a vida do lugar estão esgarçadas, desfazem-se laços de solidariedade previamente existentes e o que toma lugar é a disputa que coloca os membros dessa comunidade como competidores, não permitindo o vislumbre de saídas otimistas. Pois se, em sua origem, na colônia, a família constituía a unidade de produção comum que mantinha dois tipos de troca para comercialização – a troca ‘mercadoria – mercadoria’, ou escambo, mantida dentro da colônia, e a troca ‘mercadoria – dinheiro’, efetivada na cidade de Santarém, para onde levavam seus produtos –, agora, o que se observa é a utilização indiscriminada do padrão ‘mercadoria – dinheiro’ ou ‘dinheiro – mercadoria’.

“Aqui, a gente vai fazendo o que pode. Vai se unindo em grupo, em vizinhança. Vizinhos, eu quero dizer assim, que quando tem dá pro outro. Eu acredito que, quando eles têm, um dá pro outro. Ou se eu não tenho e o outro que não faz vizinhança comigo tem, eu falo em compra, ou pra ele me arrumá. Olhe, o cara chega comigo assim, por exemplo, no verão, quando tinha muito peixe: - ‘Cumpadre, me empreste uns vinte aracú, quando eu pegá eu lhe reponho esse peixe.’ É um meio de ajudar o outro. No inverno, a gente num vê nada. Nesse período, a gente tem que comprá. Toda sexta-feira, tem que ir a Santarém, vê se encontra [...] E pra isso, tem que ter dinheiro, porque é caro. Tá cada vez mais caro o peixe [...] pra ter o peixe na barraca, pro consumidor ir lá e comprar o peixe, né? Então, tá ficando mais difícil.” (Anexo I, Entrevista nº 2, p. 228).

Desaparece a relação comunal, onde a produção poderia estar voltada para o fortalecimento da própria comunidade. O comércio que se estabelece prioriza as relações com o mercado externo a ela, onde a mercadoria passa a ser escolhida pelo preço que permita sua comercialização, promovendo lucro.

“Mas aqui, é uma venda que a gente faz [...] eu acho que ela num dá quase lucro pra gente. A gente vem tendo muita despesa. [...] vem muita gente, só que num compra quase. [...] Olhe, a mulhé foi pra Santarém ontonte, comprô cem reais só de comida; agora, eu num sei se vai vendê somenos a metade...” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 212).

A redução do pescado, resultante de fatores como a pesca em larga escala, na região, a contaminação dos rios etc., e a exigência de atender nas barracas fazem com que os pescadores sejam transformados em barraqueiros, denominação dada aos que comercializam comidas, nas barracas da praia. Tal atividade requer investimento em dinheiro e visa um retorno sempre maior que o investimento realizado. O que nem sempre ocorre.

“Olhe, tem num sei quantos home aqui, que tão tudo aqui, tudo eles trazê comida, fica maió sujeira. Olhe, lá está, fica um montão de lixo. É nós que limpa, eles só vêm aqui sujá e num dá rendimento a ninguém. É isso...” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 214).

As alterações sofridas pela estrutura física da pequena comunidade têm seu correlato na desfiguração que os antigos moradores experimentam: a equivalência à mercadoria os torna meras peças de reposição, na engrenagem do capital. Cada um pode ser substituído, sem que o processo, ou progresso, sofra interrupção, pois não passam de meios para alcançar o fim almejado: dar vida ao capital. Os homens já não existem como tal, tudo fica reduzido à mera relação econômica.

“Nós já saímos daí. Foi o tempo que ela adoeceu... Mas sempre eu dizia – ‘Olha, pessoal, agora eu vou sair daqui dessa barraca porque a minha mulher adoeceu. Mas nós já tava com a intenção de sair mesmo de lá, porque vocês tem inveja de nós, porque ela ganha aposentada, ela ganha e eu ganho; agora a gente num vai se fiar só

nisso, né?’ Naquele tempo o ganho era pouco, num dava pra quase nada.[...] Aí, nós saímos de lá. Eu ainda disse pra essa gente: – ‘Olha, vocês vão sentir uma falta muito grande de nós!’” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 219).

Se os mais velhos guardam, na memória, um passado que é confrontado com o presente, isso não é passível de ser observado nos jovens. Esses moços partem cedo, de Ponta de Pedras, em busca de um futuro que não seja a repetição do que vivem ali, mas que não sabem ao certo como construir:

“Porque num tem futuro, né. Os mais velhos ainda têm esperança que melhore. Eles acreditam de que pode melhorar, mas em que todos participem, pelo menos que assim, em termos de...(silêncio).” (Anexo I. Entrevista nº 4, p. 238).

Se o negativo é percebido nos mais jovens, são eles que, também, não conseguem projetar um futuro melhor para si, naquele lugar. Deixam a esperança para os mais velhos, que percebem o que está perdido e precisando ser recuperado.

“A dona H. mesmo, ela reclama muito, que a luta foi muito grande, foi pela Diocese, foi pelo sindicato e hoje em dia mesmo, eles esquecem. E nesse ponto, nós todos estamos esquecendo. Então, ela diz que o turismo aqui afetou muito esse ponto aí.” (Anexo I, Entrevista n. 4, p.. 238).

Adorno, em “Dialética Negativa” (1975), considera que a experiência representa, para o sujeito, aquilo que a negação determinada exige do objeto, ou seja, objetos concretos. A história se constitui pela memória, fundada na experiência. Ao mesmo tempo, Benjamin (2000) toma a obra de Proust, *À la recherche du temps perdu*, como prenúncio da tragédia da modernidade: a descoberta de que o homem moderno não tem memória, pois, nela, não há mais possibilidade de experiência. Aos jovens não foram permitidas experiências que contribuíssem para a ruptura com o presente e que viessem impedir a repetição do historicismo dos vencedores.

“Estudo aqui até a quarta série; na quarta série, tem que abandonar a família e ir estudar em Santarém, para se elevar no seu

estudo. No meu caso, foi assim; no meu caso, é desde pequeno, eu estudei aqui até os sete anos de idade, estudei até a quinta série, daqui eu fui pra Santarém, lá por 95, por aí assim, fui pra Santarém pra concluir a quinta série; foram quatro ano, eu indo na quinta série e parando, estudava até o meio do ano; daí eu parava, por dificuldades, que eu morava com um pessoal em Santarém, era a dona C. e o D., que era dono do S. C., um restaurante, e lá eram pessoas que tinha dinheiro e queriam só se aproveitar do trabalho da gente. Que é uma coisa muito errada, né?” (Anexo I. Entrevista n° 6, p. 249).

Marx, em uma bela passagem de “Para uma crítica da economia política” (1991), escreve: *“Um homem não pode voltar a ser criança sem cair na puerilidade”*. Mas questiona o homem que, tendo alcançado seu estágio superior, não aspire, ele próprio, a reproduzir sua verdade e não encontre prazer na inocência da criança, *“já que em todas as épocas o seu próprio caráter revive na verdade natural da natureza infantil.”* (p.25).

Logo a seguir, Marx é de um pessimismo ainda mais incisivo:

“Por que então a infância histórica da humanidade, precisamente naquilo em que atingiu seu mais belo florescimento, por que esta etapa para sempre perdida não há de exercer um eterno encanto? [...] O encanto que a sua arte (a das crianças gregas) exerce sobre nós não está em contradição com o caráter primitivo da sociedade em que ela se desenvolveu. Pelo contrário, está indissoluvelmente ligado ao fato de as condições sociais insuficientemente maduras em que esta arte nasceu, e somente sob as quais poderia nascer, não poderão retornar jamais.” (MARX., 1991, p 25).

As condições sociais maduras não cansam de mostrar sua insuficiência em favorecer a produção da verdade pelo homem. Elas apenas o fazem repetir a tentativa de reviver a verdade que se reificou como natural: a desumanização do homem. A natureza infantil está morta, nesse amadurecimento precocemente forçado.

Não há, nessa realidade, refúgio capaz de apaziguar a luta do homem por sobrevivência. A irracionalidade não deixa saídas menos dolorosas sequer para a inocência, perturbada por exigências colocadas sempre acima de suas possibilidades.

“Então, nesse ponto, elas reclamam que vão muito cedo. Como se tivesse uma escola, aqui mesmo, que entrasse uma hora, elas tinham a manhã toda. E assim, não. E tem que ajudar em casa, também, principalmente quando a gente faz farinha, que a farinha, que, se tiver dez pessoas, ela ocupa as dez e é muito trabalho. Ai geralmente nesse ponto elas reclamam bastante....” (Anexo I. Entrevista nº 4, p. 236).

Tal como na figura do jogador, usada por Benjamin, em “Paris - a capital do século XIX” (1883) – personagem no qual não pode identificar desejo, pois, de acordo com a observação do autor, estaria privado de experiência, sem tradição e sem passado, uma vez que o desejo nasceria na infância mais remota, para só se realizar por completo mediante a disponibilidade de um futuro – de forma análoga, tais perspectivas também parecem estar ausentes, para as crianças e jovens de Ponta de Pedras. Benjamin (*ibid.*) usa a mesma alegoria do jogador, nas “passagens de Paris”, para falar da dimensão temporal do jogo e da exigência aleatória de reação automática e instantânea, para um exato momento, o que põe em ação o efeito de choque para o qual não há possibilidade de reflexão. Mas o choque, que se associa à aposta e retira as coisas de seu contexto, impedindo a experiência, pode, ao mesmo tempo, servir ao jogador, para o reconhecimento da repetição histórica.

“Minha família é composta de 10 pessoas, 11 com o pai de criação. Ele ainda está com nós. Todos os meus filhos me ajudam a puxar (pescar). Se a gente tentar levar esse menino pra pilotear, ele piloteia, ele puxa um peixe. Eles já cansaram de dar almoço pra nós, quando a gente num pode ir. Eu já tenho filho que é casado, em Santarém, uma filha que é casada, aí, tem outro dois maiores: esse que tava aqui, ainda agora, e outro, que tá trabalhando pra comunidade, ele foi hoje. Então, a gente se ajuda, eles ajudam muito a gente, por aqui.” (Anexo I. Entrevista nº 2, p.229-30).

A memória da infância está entrelaçada pela dor e pela perda, que se transformam em tortura. O processo de humanização, confundido com o progresso dos meios de produção, regride à desumanização. Por mais desenvolvidas que se encontrem, tecnicamente, as forças produtivas, o que, em potencial, impediria que a fome permanecesse existindo, a ausência de uma organização racional da sociedade, enquanto humanidade, faz igualar escassez e opressão. Eis por que Adorno (1995, p. 38-40) remete a idéia de progresso à de geração de humanidade, baseada tanto no projeto kantiano de uma doutrina de progresso que se vinculasse à idéia de homem, quanto na crítica de Benjamin, nas suas “Teses sobre o conceito de história”, a essa idéia de progresso sem a de humanidade, cuja intenção era percebida, pelo autor, como tentativa de erradicar da reflexão histórica a própria humanidade.

CAPÍTULO 3

BARBÁRIE E CIVILIZAÇÃO

O termo barbárie carece aqui de uma certa precisão, a fim de não ser apreendido, de forma equivocada, com denotação diferente daquela com que queremos utilizá-lo, em nossa discussão. Compartilhamos o sentido atribuído por Adorno, em “Educação contra a barbárie” (1995a), de que

“[...] a barbárie existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista portanto a identificação com a erupção da violência física.”
(p.159).

Adorno faz questão de distinguir violência de barbárie, em função dos objetivos a que se destinam. Para ele, não podemos aceitar que a violência utilizada para “a geração de condições humanas mais dignas” (*ibid.*, p.159-160) seja, igualmente, condenada como bárbara.

Aproximar o conceito de barbárie ao de civilização também se faz necessário, nesse ponto, para que fiquem mais transparentes nossos objetivos de análise crítica acerca dos processos que estão sendo desencadeados, na Amazônia. As contribuições de Freud, em “Mal-estar na cultura” (1974), são fundamentais para elucidar a origem e o desenvolvimento da civilização humana, de forma a expor os nexos existentes entre ambas.

Freud (*op. cit.*) toma o prazer (*Eros*) e a necessidade (*Ananke*) como pontos de partida da civilização, para mostrar como essas forças foram determinantes, no surgimento da família e do trabalho. Apresenta a família, antes submetida à vontade arbitrária do pai, onde ainda estão ausentes os princípios essenciais de civilização, e a

passagem desse modelo familiar ao de vida comunal, essa última entendida como uma associação pela qual os irmãos se agrupam, descobrindo a condição que se torna mais forte do que qualquer indivíduo isolado. Essa nova condição, regida pelos preceitos do tabu, daria origem ao direito e à lei. O trabalho resulta da descoberta pelo homem de que “*estava literalmente em suas mãos melhorar sua sorte na terra*” (FREUD, 1974, p.699). Há, na concepção de civilização, apresentada por Freud, duplo fundamento: um, de ordem externa, e outro, interna. Ao primeiro, corresponderia a compulsão para o trabalho, fundada na necessidade; ao segundo, o poder do amor, onde o homem fica privado de seu objeto sexual e a mulher, por sua vez, também experimenta privação em relação a uma parte de si mesma, o filho. (*ibid.*, p.688-689).

A civilização, fundada em princípios antagônicos, só conduziria ao caminho de maior controle externo e fortalecimento da comunidade, mas se desviaria de seu objetivo de felicidade. Freud já percebia aí, nesses mesmos poderes, a presença de tendências ameaçadoras ao que se destinava ser o processo de civilização humana, pois passam a agir em reverso, desviados que estão de seus objetos, uma vez que ela manifesta dois aspectos:

“Por um lado, o conhecimento e a capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair riquezas desta, para satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição de riqueza disponível. As duas tendências da civilização não são independentes uma da outra; em primeiro lugar, porque as relações dos homens são profundamente influenciadas pela quantidade de satisfação instintual que a riqueza existente torna possível; em segundo, porque, individualmente, um homem pode, ele próprio, vir a funcionar como riqueza em relação a outro homem, na medida em que a outra pessoa faz uso de sua capacidade de trabalho ou o escolhe como objeto sexual; em terceiro, ademais, porque todo indivíduo é virtualmente inimigo da civilização, embora se

suponha que esta constitui objeto de interesse humano universal.” (Ibid., p.639-640).

Há, nessa passagem, um deslocamento entre os conteúdos material e mental, para o qual Adorno (1995a) chama a atenção. O que está em jogo é a falência da cultura, por permitir que, em seu interior, sejam experimentados processos subjetivos de fracasso que geram frustrações e sentimentos de culpa, indo culminar com agressão. Associada essa última às condições objetivas de divisão dos homens pelo trabalho, cuja expressão é a separação entre trabalho intelectual e físico, geram-se as condições que levam o comportamento hostil a dirigir-se contra a própria promessa de ação pacífica, embutida na cultura. Para Adorno (1995a), “*esta raiva expressando-se na forma fatal de que essa promessa não deveria existir*” é o que ocorre, em lugar de voltar-se ao seu não-cumprimento (p.163-164).

Adorno estabelece conexão entre cultura, violência e barbárie, mas deixa claro que a transformação desse clima, acima descrito, que lhe é gerador – ou seja, a falência da cultura que subtrai a confiança do homem em si e no processo cultural, torna-se função do esclarecimento e não pode ser confundida com a produção de seres de passividade inofensiva, pois contemplar o horror ou omitir-se, em momentos decisivos, constituir-se-ia em uma forma de barbárie.

A posição do autor, em “Educação após Auschwitz” (1995b, p. 110-111), levanta a polêmica relação entre barbárie e o modo de vida da população campesina, baseada na constatação de Eugen Kogon, de que os jovens filhos de camponeses atuavam como torturadores (*Quälgestein*)¹⁶, em campos de concentração. O que traz à tona a presença – ou ausência – de bens culturais e seus correlatos de autoridade e violência, na concepção de barbárie atribuída ao campesinato. Trata-se de um dos

¹⁶ “Aqui, parece-nos imperiosa a tradução de *Quälgest* por *torturador*, ressaltando que, aparentemente, a intenção de Adorno, ao usar o termo *Quälgest*, em dois sentidos diversos, constitui um recurso estilístico cuja função é a de enfatizar a linha de continuidade que há entre a *indole atezadora* e o *torturador* propriamente dito. (Em português *atenazar* também tem uma gradação de sentido, que vai do simples *aborrecer* até o *torturar*) (N.T.)”

pontos que considero mais delicados sobre a questão, por ter, necessariamente, que contrapor essa posição ao que é observado em nossa realidade, na Amazônia, quanto ao modo como se dá essa relação entre barbárie e rudeza campesina.

Adorno (1995b) fala de uma mentalidade cultural do campo, que não conseguira atingir sequer o nível do pensamento liberal burguês, do século XIX, sem que haja maior detalhamento a respeito das condições existentes nesses grupos e que permita uma comparação com a realidade com que estamos trabalhando. Apenas supomos, pelas sugestões que apresenta sobre alternativas de ‘desbarbarização’ do campo, que, num e noutro caso, a população rural esteja alijada de processos educacionais elementares e, no entanto, já esteja exposta aos modernos meios de comunicação de massa, em nosso caso específico, ao rádio e à televisão.

Por outro lado, o autor citado faz observações acerca do comportamento dessa população, em situações nas quais ela se encontra fora do contexto rural. Aqui, a população do campo é observada em seu contexto, para onde se deslocam os cidadãos que carregam suas concepções e estilos de vida, o que torna inevitável o confronto desses com os existentes na área rural.

Ressalte-se que Adorno (*ibid.*) adverte:

“Mas que não haja mal-entendidos, pois, também nos centros urbanos, e precisamente nos maiores, encontramos a tendência arcaica pela violência. A tendência global da sociedade engendra hoje por todas as partes, tendências regressivas, quero dizer, pessoas com traços sádicos reprimidos.” (p.112).

Chamamos a atenção para uma questão que aqui se coloca, em função de não podermos igualar a barbárie que, segundo Adorno, em “Teoria da semicultura” (1996), marca a incultura de estilo antigo – a camponesa –, à que resulta da crise da cultura, por ele denominada semi formação. O aspecto fundamental que distingue esses

dois modelos é o fato de que, na primeira, ainda se encontra presente a possibilidade de uma formação que, na segunda, já está deformada. Como uma espécie de regressão, a rusticidade que se atribui à natureza produz a vida e reproduz-se como símbolo que renunciou à autodeterminação e orienta-se rumo à barbárie. Adorno (1996) esboça uma “teoria da semiformação”, pela qual ilustração e informação são auxiliares desse ofuscamento da consciência atual.

Podemos observar, nesse ponto, que a explicação do comportamento humano leva em consideração disposições psicológicas individuais em sua relação com as condições sociais facilitadoras presentes. A lei natural que governa as explicações acerca das características humanas cede lugar às condições concretas que as produzem e as controlam. O deslocamento da ênfase muda a aparência com que se realizam as análises, mas não consegue alterar sua essência: a dominação. Esta será sustentada, na hierarquia e na coerção.

Se concordamos com a idéia de que, na Amazônia, os bens culturais estão, em sua maioria, inacessíveis aos grupos que vivem no interior da selva, e a violência imposta pelas dificuldades de sobrevivência gera seres com tendência à regressão e à barbárie, então, a marca característica dessa condição é a violência, em suas múltiplas formas de manifestação.

É ela que, também, distingue as sociedades tribais das sociedades civis, segundo SAHLINS (1993), “*pela situação de guerra de cada homem contra cada homem*” estar autorizada, nas primeiras, e, por isso a paz torna-se necessária como preceito; enquanto nas últimas, o controle da violência situa-se fora do homem, sendo transferida às instituições criadas para esse fim (p. 18).

SAHLINS (*ibid.*) analisa como a estruturação social é reveladora de manifestações de disposições inconscientes de seus membros que são inculcadas na realidade:

“A anarquia primitiva é a aparência das coisas. É o inconsciente do sistema. Contudo, como o comportamento exterior de uma pessoa não pode ser inteligível exceto como transfiguração de seus desejos inconscientes, assim a organização objetiva da Sociedade Tribal, só pode ser entendida como transformação repressiva de uma anarquia subjacente. Muitos dos padrões especiais da Cultura Tribal tornam-se significativos precisamente enquanto mecanismo de defesa, enquanto negação da guerra.” (SAHLINS, 1993, p.18).

Todavia, ao instituir-se a proibição da violência, cria-se o pressuposto de que ela continua presente e atuante, ainda que de forma latente, no homem. Lançar mão de atos de violência é algo previsto, tanto que pode até ser justificável, dependendo dos objetivos a serem alcançados.

O processo civilizatório concilia a força de duas potências destrutivas:

- 1) O desenvolvimento da racionalidade técnico-científica, que promove o domínio da natureza pelo trabalho e a intervenção produtivista de seus próprios meios.
- 2) As tendências anti-sociais ou hostis, presentes no instinto de morte e na própria energia de vida.

O sentimento de inferioridade experimentado pelo homem ante a superioridade das forças da natureza permite o desenvolvimento do comportamento mimético, pelo qual busca imitar os processos identificados na natureza à sua volta. Mas, somente a razão cria, no homem, a possibilidade da projeção. Ao descobrir o poder de transformar a natureza pelo controle que alcança sobre seus atos, o homem lança à natureza a dominação que julgava submetê-lo. Essa é a forma de liberdade que atinge o controle de si pela razão e que re-instaura a dominação.

Impulsionado por seus instintos naturais – a natureza indomada no homem –, mais controle se faz necessário, a fim de regulamentar a vida em sociedade: controles internos e externos, dispostos sob a forma de uma regulação social.

“O sentimento da obrigação moral mascara um sentimento egoísta. A essência da justiça é o desejo de negar aos outros aquilo a que tivemos de renunciar, uma recompensa pela renúncia forçada a esses mesmos privilégios.” (MATOS, 2001, p. 37).

Retomemos a fala dos sujeitos, para compreendermos como esses processos se constituem, na realidade por eles percebida. Vimos que a pescaria, em Ponta de Pedras, foi afetada pela exploração de ouro, nos garimpos, situados nos afluentes do rio Tapajós. Inclusive, alguns moradores daquele lugar já teriam sido contaminados, de acordo com os relatos do dr. Fernando Branches, de Santarém, o médico cardiologista que detectou os primeiros casos de intoxicação mercurial, na região, em 1980, conforme depoimento prestado. (Anexo III. Entrevista nº 2, p. 301-2)).

O garimpeiro sintetiza, em sua fala, a condição em que se encontram, no interior dos garimpos, pessoas que se acotovelam em busca de ouro:

“[...] Ali as pessoas se modificam. Eu, por exemplo, apesar de ter saído muito cedo da casa dos meus pais, como eu te falei, como eu sempre estudei, acredito ter um certo nível de cultura, eu não sou tão bronco, eu sei me expressar, eu tenho um certo nível de cultura Mas, lá dentro, você fala de acordo com eles, de acordo com o dialeto deles, você vive de acordo com a situação: você vira bicho. Vira! Você se transforma num verdadeiro animal, tá?” (Anexo II. Entrevista nº 1, p. 279).

A expectativa da recompensa financeira mascara o “blefe”¹⁷ do garimpo de ouro, numa outra situação extrema. Em busca da riqueza material que viesse a assegurar-lhes melhores condições de vida, homens são colocados no limiar entre a condição humana e a animal. Desumanização – elevada ao grau máximo do que poderia ser considerado suportável à maioria das pessoas, tornada possível, apenas, graças ao prazer sado-masoquista presente naqueles que as tornam aceitáveis.

¹⁷ Gíria dos garimpeiros para falar de um barranco que não dá ouro, ou de pessoas que perderam tudo; aqui, também com a conotação de logro.

“Eu vou te falar, vi absurdo, vi mortes por causa de mulher, de bebida, de ouro. Porque, na verdade, o garimpo não só movimenta ouro, ele movimenta também outras coisa, principalmente a droga. Existe um grupo de droga que administra, que coordena... Aliás, não é só no garimpo não, é em qualquer lugar do mundo. Sempre tem aquela organização que administra o local. E, muitas vezes, o dinheiro da droga era lavado com o dinheiro do ouro. Pra que ele pudesse ser legal, voltasse a ser legal pra ser negociado de novo, né? Então isso movimentava muito. A droga era muito movimentada nessa região de garimpo. Era o ouro amarelo e o ouro branco. O ouro branco era a cocaína, e junto a ela vinha a maconha e outros entorpecentes que eram utilizados pelos garimpeiros. Pelos garimpeiros, pra trabalhar, e pelos viciados, pra fazer outras coisas escusas, que eles tinham vontade de fazer, mas que de cara limpa eles não costumam fazer, né?” (Anexo II. Entrevista nº 1, p. 278).

A barbárie, evidenciada na animalidade vivida, é revelada sob múltiplas formas da mais cruel violência. A ausência de instituições pelas quais o Estado se constitui enquanto agente regulador faz a vida no garimpo regredir ao estado de natureza selvagem; entretanto, não com as características observadas em sua origem. Lá, era possível explicar o comportamento *naïve*, em estágios de evolução que antecedem o desenvolvimento da razão. Aqui, o resultado de uma deformação pela qual a razão não chegou a se constituir, a não ser em ir-razão. Não há a quem apelar, a consciência em suspenso cede espaço ao inconsciente do sistema, que age em liberdade, deixando todos em desamparo.

“E lá, o garimpo é terra que o homem chora e mãe não ouve! Se a mãe, que é mãe, não ouve... Mas que fundação governamental o quê? Só se for a Polícia Federal que mata as pessoas em Serra Pelada, que extorquia o dinheiro da gente na época que ela administrava o garimpo de Serra Pelada. Não espere compadescência, não espere piedade de ninguém, que você não vai ter.” (Anexo II. Entrevista nº 1, p. 281).

Para alcançar o seu objetivo, enriquecer, os sujeitos são expostos a toda sorte de brutalidade. Antecipam, desse modo, a lógica que impera no modelo econômico que inverte a ordem de valor entre homem e coisa. Cada um só terá seu valor atribuído em função das coisas que possui ou puder adquirir, utilizando o dinheiro, que aqui é ouro.

“Sabe aquele juramento médico de ajudar qualquer pessoa? No garimpo, se você achar um ambulatório, um alguém que se diz médico e você chegar morrendo, e se ele te baculejar, como eles dizem, te der uma revista, e não encontrar ouro, tu vais morrer na porta do hospital, que não vão te colocar prá dentro nunca. Tinha assim aquele... o extinto é..., hoje, só existe a Fundação Nacional de Saúde. Aquele que a gente chama guarda da malária, como é o nome? É SUCAM, é a SUCAM, que dava um comprimidozinho aqui, outro ali, fazia um fura dedo. (referindo-se ao exame para detectar malária).” (Anexo II. Entrevista nº 2, p. 281).

A lei identificada para comandar as relações lá estabelecidas é a mesma que o capitalismo adota: o darwinismo submetido às leis do poder econômico.

*“Mas chegar lá, lá dentro do buraco, não! Você tinha que vir até a corrutela, Mas lá dentro não, pode esquecer. Quem falar pra você que foi lá, se algum dia, médico, instituição, seita religiosa... chama de mentiroso, porque é mentiroso. E eu falo isso de boca cheia e testemunho isso. Tô pronto pra falar isso, na frente de qualquer um. Não sei agora, pode ser que tenha alguém se voltando pro lado deles. Mas, na minha época, na época que eu vivi no garimpo, era cada um por si e Deus por todos e a crença: **que viva o melhor da maneira que for possível.**” (Anexo II. Entrevista nº ..., p.281, grifo nosso).*

As leis de mercado permitem que mercadorias sejam leiloadas, em ‘praça pública’. Assim ocorre com adolescentes virgens, trazidas para os garimpos. Como ‘objetos’ novos, sem uso, elas têm um valor inicial alto e são vendidas a quem oferecer o maior lance.

“Nesse garimpo, próximo da localidade conhecida como Creporizinho, testemunhei muitas coisas, mortes... Inclusive, eu testemunhei uma coisa que eu achava absurdo: em pleno meados do século XX, você assistir uma coisa chamada de ‘leilão de virgindade’, popularmente conhecida como ‘leilão de cabaço’. Porque garimpeiro não tem uma linguagem social, é uma linguagem grossa. Eles colocavam uma faixa ‘LEILÃO’, não especificavam exatamente o quê, mas a partir daquela faixa, as pessoas do garimpo já sabiam o que era. Então, quer dizer, o que eles faziam, os donos de cabarés, das casa daqui da região de garimpeiros, eles iam até o Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina, mas nessas cidades pobres dessas regiões, chegavam com a menina, conversava com a menina e com o pai, eles diziam que eram fazendeiros, e que iam trazer prá educar, etc e tal ... Na verdade, elas eram trazidas pro cabaré. Tinham que ser virgens e eram avaliadas por médicos, com atestado de virgindade e tudo, e elas iam a leilão. Iniciava-se a festa, na casa de festas, e quem desse mais ouro levava a menina pra cama, e era tirada a virgindade, a honra da menina. E o mais absurdo era que, depois daquele ato, meia hora depois daquele ato, nem sei o que acontecia lá dentro, mas meia hora depois, o elemento que tinha ganho o leilão, o garimpeiro que tinha arrematado a menina, como eles falavam assim, é grosseiro mas é verdade, ele voltava com a calcinha dela suja de sangue, provando que tinha tirado a virgindade. Mas ele não ficava responsável por ela.” (Anexo II. Entrevista nº 1, p.375-6).

Após o uso, o ‘produto’ começa a sofrer a desvalorização, até chegar a valer menos do que certos objetos que são usados em sua manutenção.

“A partir daí, de acordo com a idade, ela passava a ter um valor na casa. Depois que ela deixava de ser virgem, ela continuava a ter um valor alto, na casa, mas a cada semana que ia passando, cada mês, ela ia caindo até ficar igual às outras. E não vá se iludindo que ela tinha tudo, que ela não tinha. Até escova de dentes, até o absorvente que ela ia usar, tinha que pagar pro dono da boate. Com isso, elas ficavam eternamente presas à boate, porque elas tavam devendo sempre, sempre... Elas não recebiam nada, quando elas iam prestar contas, ela estavam era devendo pro dono da casa. Então era uma coisa

absurda, mas realidade, realidade mesmo!” (Anexo II. Entrevista nº 1, p. 276).

Numa relação de exploração da riqueza presente na natureza, na qual se inclui o próprio homem, muitos retrocedem a um estado de selvageria e anomia social, sem precedentes. As regras só são estabelecidas e mantidas com base na força da violência e do temor que os instrumentos de trabalho impõem, ao serem transformados em armas, para manutenção do poder ou da garantia de vida. Da mesma forma, como o temor é transformado em ordem, a espingarda, o facão e a foice que, em suas mãos, fazia-os agricultores e caçadores, torna-os, agora, assassinos. Nem por isso estão mais vivos que antes; cometem o mais prolongado e fulminante genocídio do qual também são vítimas.

“‘Olha, descobriram um garimpo.’ Aí, esse boato ia assim: com dois dias, tava espalhado. Em dois, três dias, você podia saber que ia invadir muita gente, tá? Então, era uma invasão muito grande de garimpeiros, e essas pessoas, esses colonos tinha que tomar posse, de qualquer maneira, de um barranco. Antes que essas pessoas invadissem e os expulsassem também. Como conseqüentemente acontecia. Conseqüentemente, ia acontecer isso, eles eram expulsos. Alguns eram expulsos, outros defendiam a golpes de facão e foice, tá? Os instrumentos que eram usados para plantar, depois eram usados para matar, pra defender o quinhão! Eu vi muita gente matar por uma cobrinha, abre aspas, é um grama de ouro, chamado de cobrinha, fecha aspas. Essa cobrinha muitas vezes matou muita gente. Donos de garimpo morreram por causa de uma cobrinha, apontadores de barranco morreram por causa de uma cobrinha.” (Anexo II. Entrevista nº 1, p.. 277).

A exposição contínua às situações de perigo banaliza a violência e a agressão, que caminham *pari passu* com o temor e a ameaça, nos garimpos aqui descritos. Desde a localização, no interior da selva, em área nunca habitada, com difícil acesso e sem nenhum tipo de serviço básico, convivendo com pessoas com as quais não conseguem estabelecer qualquer vínculo, cria-se uma situação que fica a exigir daqueles

que a ela se aventuram uma disposição para lançar mão de qualquer artifício capaz de assegurar a sobrevivência. Toda a ferocidade usada visa alcançar aquilo que permitiria livrar-se do sofrimento. Mas como descrevem a vida no garimpo? Isolamento, desconforto, doença, desconfiança, insegurança, ausência de relações afetivas. São essas as condições “naturais”, nessa atividade, onde a solidariedade só tem lugar para os que se com-padecem, diante da ameaça sombria da morte que volta a rondar os que apresentam alguma enfermidade, onde percebem sua fragilidade. Pior que as emboscadas inesperadas que o desconhecido promove – ataques de animais, inclusive de homens – só mesmo a bomba química que, inocentemente, manipulam: o mercúrio.

“Como eu trabalhava num garimpo de barranco, ouro de filão, então nós tínhamos que usar um maquinário chamado de moinho, mói aquela pedra pra ela virar pó, mistura com água e pára numa bateia, à beira de um rio. Nessa hora, você coloca na rampa do moinho, você põe mercúrio, o azougue. Na bateia, você também põe azougue, porque o azougue faz com que concentre o ouro. Então, você concentra ele na bateia, na frente de um rio. E pra que você bateie, você sempre deixa que saia um pouco de azougue com a terra, com a água, pra poder você limpar o ouro, né? E você acaba contaminando o rio. Eu sinto muito pelo que fiz. Devo ter matado muito peixe, devo ter matado muito animal, quem sabe, devo ter matado gente. Mas é porque eu não tinha um conhecimento mais profundo do assunto. Hoje, eu sou totalmente contra esse tipo de coisa, mas naquele tempo, colaborei pra muita desgraça.” (Anexo II. Entrevista nº 2, p. 278).



Figura 7. Cena de garimpagem de ouro de barranco
Fonte: Mathis & Rehaag, 1993.

Apenas a gíria que empregam – para denotar a descoberta de um barranco com baixíssima produção de ouro ou a falência de um garimpeiro – cabe para descrever o que significa a atração do ouro, visando o enriquecimento desses homens: um “blefe”. O ponto de partida para essa situação é a ruptura com toda e qualquer instituição, a perda de todos os vínculos e o viver pela promoção da degradação. De nada adiantam os apelos de grupos e pessoas interessadas, a respeito das situações de irregularidade existentes, deixando entrever o descaso criminoso. Abusos sexuais, prostituição de menores, trabalho escravo, elevados índices de assassinato, comercialização de drogas, lavagem de dinheiro sujo, são denúncias graves para já permitir uma intervenção por parte dos órgãos competentes, objetivando um controle da situação.

“Eu morei num garimpo que morria gente todo dia; quando não morria um, morria dez, doze, treze. Chamava-se Cuiú-Cuiú, El Dorado Maldito! Essas foram manchetes de revistas

internacionais: LIFE, TIME... E o motivo: morte, crime por qualquer coisa. Você chegava numa boate e, geralmente, começa tudo numa boate, não era uma boate de cimento, não, era chão batido, então o cara chegava, dançava com a mulher aqueles ritmos alucinantes, era chá-chá-chá, rock, iê-iê-iê', e aquilo ali alucinava, com bebida, tóxico, porque tóxico sempre existiu.[...]. Aqui, tinha um hotel, que tinha muito a dizer, mas foi eliminado. Lá, nos garimpos, tinha tudo lá, a própria polícia comercializava os tóxicos. E infelizmente não se descobre e... Nós estamos no Brasil, com a vergonha nacional!" (Anexo II. Entrevista nº 2, p. 288).

A inexistência de qualquer ordem moral que protegesse os indivíduos de seus impulsos instintuais, o que dá maior força à prática de perversões contra mulheres, adolescentes e crianças, parece resultar da associação, inconscientemente realizada, entre um estado de privação, motivado pelo que sempre lhes foi negado, anteriormente, e a possibilidade de realização de desejos, que o acúmulo de uma riqueza material seria capaz de permitir. Mas o resultado não conduz àquilo que visam alcançar: felicidade e liberdade. Numa reação espantosa, tudo se reduz a relações comerciais de compra e venda, possibilitando que seres humanos passem a ter um valor de mercado e onde a escravidão parece não ter fim: práticas que não obedecem a qualquer tipo de ordem, mas que, no interior das sociedades capitalistas, servem para institucionalizar a sua (ir)racionalidade.

Os garimpeiros, usados para a extração manual do ouro, também contribuem para a execução de uma operação de baixo custo de investimento, já que não há qualquer vínculo que lhes assegure proteção de qualquer espécie, dando-lhes uma ilusão de ascensão que nunca será conseguida; isso, por que tudo aquilo de que precisam para sobreviver custa o exato preço de seu sacrifício: ouro. Ao deixarem o garimpo, retornam, quando muito, à condição inicial que haviam deixado quando partiram de seus locais de origem, senão a condições piores.

Nem mesmo as questões de saúde pública são capazes de despertar o interesse das autoridades da área, ficando as ações restritas a iniciativas isoladas, como o são os estudos sobre contaminação mercurial, nos garimpos do Tapajós, sem que qualquer preocupação seja observada quanto à divulgação de informações que busquem alterar as atitudes dos envolvidos.

*“Então você usa mercúrio na rampa, onde passava aquela lama de pó de pedra moída, e levava pra beira do rio. Bateava. Aquele resultado você colocava numa cuia, aonde também tinha azougue. E aí, sim, você ia queimar. Você queimava e o resultado daquela queima era o ouro puro. Nessa queima, não se trabalhava com nenhuma proteção: no garimpo, se trabalha de cueca, de bermuda, sem camiseta, com um pano amarrado na cabeça, pra evitar que o suor salgado caia nos olhos. Porque o sol, ele, no horário do meio-dia, devido à transpiração, o suor cai no olho, com o calor os olhos ficam afetados, meu olho direito tem seqüelas devido a essas minhas loucuras de garimpo. E, quando você queima o azougue, pra queimar o ouro, claro o ouro não queima, ele derrete, mas ele continua ali dentro, e o azougue não, ele evapora. E, como não havia nenhum tipo de proteção, nós inalávamos aquela fumaça. Às vezes, você estava fumando e cada baforada de cigarro, cada trago, você pode estar também levando a fumaça do azougue pra dentro de você. E isso pode ser evitado. Eu não sei se você sabe, a fumaça do azougue, se você colocar um filtro, você consegue aparar um pouco, não tudo, mas quase a mesma quantidade. É interessante, ele tá lá de volta. Eu tive problemas respiratórios porque não tinha proteção. Não existe. O que existe é um trabalho rudimentar, muito rudimentar. Onde você pega a cuia, põe aqui debaixo de você, pega o maçarico... detalhe, com o risco de explodir um botijão de gás do teu lado. O botijão de gás, tá? Os maçaricos são velhos, com mangueira furada, tá entendendo? Então, você queimando, ali, tá soltando gás aqui pela boca do botijão, então não tinha... **Nego não quer saber de risco, ele que saber é do resultado.**” (Anexo II. Entrevista nº 1, p 278-9.grifo nosso)*

Aqui, é possível identificar aspectos que permitem contrapor as situações ora descritas àquelas utilizadas por Adorno, para denunciar a barbárie. Se, como ressaltou o autor, os filhos de camponeses alemães atuavam como torturadores, em campos de concentração, supõe-se que essa fosse uma ação deliberada, ou seja, consciente por parte de quem a executava. Não conseguimos, no entanto, a não ser

em raras exceções, encontrar, nos relatos dos garimpeiros, momentos em que se revelasse o seu conhecimento a respeito dos problemas causados pelo mercúrio, inclusive para eles próprios. Todavia, há que se ressaltar que os garimpeiros, por suas ações, fornecem elementos que confirmam o modelo de semiformação, pela adaptação irracional à realidade que se apresenta sob a forma de regressão. Retrata, ainda, a conjugação das duas potências destrutivas, presentes no processo civilizatório – a racionalidade técnico-científica e as tendências anti-sociais e hostis do impulso de morte e da energia de vida.

Ali não se fala em vida, ela está em suspenso e a consciência parece ofuscada:

“Na verdade o garimpo é um sonho, ou pesadelo. Não vale a pena! Não vale! O meu desgaste foi muito maior do que eu ganhei. Do que eu ganhei, não tenho nada. É uma coisa interessante o ouro. Ele só tem valor dentro do garimpo, pra vida da gente, fora de lá, ele não tem valor nenhum.” (Anexo II. Entrevista nº 2, p.281, grifo nosso.)

A expressão ‘*El Dorado maldito*’, como é denominado pelo garimpeiro, contém, ao mesmo tempo, as representações pelas quais é percebido o garimpo. É **sonho**, pois revela desejos primitivos cuja manifestação a consciência vigilante não permitiria. A subversão da ordem é indício, ainda que de forma incompreensível, da recusa anárquica às ações lógicas que as relações sociais impõem. E, ainda, **pesadelo**, pois nessa manifestação do duelo entre *Thanatos* (pulsões de morte) e *Eros* (pulsões de vida), pela força violenta e irrepresada das pulsões, revela-se a supremacia da primeira.

O garimpo se apresenta como o lugar onde tudo faz lembrar o torpor da morte. Ali, a presença das drogas contribui para que o efeito dessas substâncias aja, no organismo, de forma a produzir o mesmo efeito, o entorpecimento. Só que o sonho, ao fim, é transformado em pesadelo, como pode servir de exemplo o “Castelo dos Sonhos”:

“[...] como você sabe que a região garimpeira é, como Itaituba, Castelo dos Sonhos e diversas outras cidades e zonas garimpeiras... Se você não segue as normas da casa, você é ... como costumam dizer, você some! Né? Eles acabam mandando fazer fulano. Então, mandar fazer, é mandar matar. Você desaparece, ninguém encontra o teu rastro.” (Anexo II. Entrevista nº 1, p.273-4).

As situações vivenciadas no garimpo sugerem haver um objetivo comum, que é o de criar uma distância da realidade que causa desprazer. Mas todas as possibilidades de afastamento da realidade externa só são alcançadas por processos químicos de intoxicação, causados por ingestão voluntária de substâncias tóxicas, ou ainda, pelo efeito que essas podem causar ao organismo, nos casos de afecções involuntárias, resultante dos ataques de animais peçonhentos ou outras doenças comuns nos garimpos. É o caso da malária, cujo estado febril que acomete o infectado provoca a sensação de torpor seguido de espasmos corporais incontroláveis.

O mercúrio, considerado muito mais danoso, na maioria das situações, só é percebido, em sua fase crônica, quando estão presentes crises convulsivas, com perda dos sentidos. Um dos pacientes do dr. Fernando Branches (1993) apresentava *“episódios súbitos de medo, perda da autoconfiança, tremores generalizados pelo corpo, labilidade emocional, dificuldade de caminhar, episódios convulsivos, inquietude.”* (p.57).

Não há como não aproximarmos essas situações das discussões de Freud sobre os sonhos.

Freud (1992, p. 190) considera os sonhos a manifestação de desejos inconscientes, que envolvem uma condensação e um deslocamento do material, com modificação para a forma pictórica em uma certa dose de elaboração interpretativa assimilada no próprio conteúdo onírico.

Rouanet (1981, p. 104-105) afirma que o sonho é regressão, em três registros: a) tópica, onde o caminho percorrido pela excitação, no período de vigília, do pólo perceptivo ao motor, é revertido por não conduzir à ação, mas à percepção alucinatória; b) formal, onde as formas de expressão arcaicas, as imagens, assumem o lugar da forma atual, a linguagem conceitual; e c) temporal, onde conteúdos e formas de organização psíquicos passados são trazidos ao presente. O autor identifica uma aproximação entre Benjamin e Freud, quanto à análise da estrutura da temporalidade onírica, ressaltando a polaridade presente-passado em ambos. Mas o que chama a atenção é a afinidade, postulada por Benjamin, entre sonhos individuais e coletivos, e sustentada por Freud, que via na memória individual traços mnemônicos de ordem filo e ontogenética, numa espécie de *'recapitulação onírica de transgressões reais ocorridas em fases primitivas da humanidade.'* (Ibidem, p.104-105).

Os relatos de situações extremamente semelhantes, vivenciadas em diferentes garimpos, por diferentes garimpeiros, podem revelar que as relações entre os traços que deixam marcas duradouras na memória dos indivíduos estão vinculadas a uma transmissão que está arraigada à tradição, ou seja, fundada no recalque. Tal repetição não constitui história, pois, segundo Benjamin, quem sonha ainda não tem história.

É na polaridade passado-presente, no sonho, que mantém a regressão, por revelar a repetição, que pode ser encontrada a percepção do novo, oferecida pela pequena dose de interpretação assimilada ao próprio conteúdo onírico e reveladora da falsificação a que foi submetida a realidade. Para isso é preciso despertar.

“É preciso que se trabalhe muito ainda, tanto na área social como na política, uma está ligada à outra. Eu espero que as pessoas olhem um pouco mais pro lado daqui, sabe? E não fiquem só pensando: - 'Ah. Só tem índio. Só tem jacaré!' Não, é mentira. Tem muita gente boa, nessas terras aqui; é que elas são esquecidas. São tratadas como animais, por isso elas vivem como animais. Tenho certeza que, se voltasse um pouquinho pra cá, um pouquinho só o olho pro lado

deles, eles se tornariam um pouco mais seres humanos. Tenho certeza disso!” (Anexo II. Entrevista n° 2, p. 282).

Despertar a verdade histórica adormecida nos elementos que permitam compreendê-la.

“O governo não dá livro, o governo não olha pra essa coisa. Então nós estamos sofrendo. Uma situação muito difícil! Se um dia acontecesse de Deus fazer com que eu chegasse aos ouvidos do presidente, com simplicidade, daquilo que a gente tá falando aqui, a verdade, a realidade: o Brasil tem que tomar conhecimento dele próprio, de tomar conhecimento do que nós somos aqui. Porque no sul, aquele povo de cidade, eles não sabe que existe isso pra cá. O pessoal do meu tempo, a maioria já morreu, morreram uns acometidos de doença, outros porque viraram bandidos e morreram bandidos, homens, por sinal, de muito respeito, se transformaram. O dinheiro os transformou! Meus amigos!” (Anexo II. Entrevista n° 1, p.289).

A substituição da experiência pelo choque, que é marcado com ritmo imposto ao tempo e pelos objetos (estímulos) dispostos no espaço, cria uma interação que dificulta sua apreensão pelo psiquismo humano. A seleção desses estímulos que o ser humano é capaz de, aos poucos, ir organizando, no início de sua vida, requer um controle voluntário que vai sendo aperfeiçoado nele. O aparato psicológico requerido no processo de percepção de estímulos indica limiares mínimo e máximo, dentro dos quais propriedades físicas podem ser captadas pelo psiquismo de forma a preparar o corpo para responder a eles. Esse mecanismo, objeto de estudos no campo da psicofísica e existente em todos os animais, tem lugar em meio ao bombardeio de estímulos a que estão submetidos e visa à autodefesa e auto-conservação. Transferido para o processo econômico, apresenta-se como rentosa área de investigação aplicada à propaganda e à comercialização de produtos de consumo, como o efeito do mecanismo de responder sem pensar, observado nos consumidores afetados.

“Negócio é ficar esperto pros dois lados. É uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo que ele te cura, ele te mata. Tens que ficar esperto pra cada passo que tu vás dar, porque atrás de cada moita pode ter um calibre doze, ou calibre vinte, te esperando. Essas eram as conseqüências da vida no garimpo.” (Anexo II. Entrevista n° 2, p. 281).

Não é possível a reflexão onde só se exige reflexo. Hegel acreditava numa hierarquização dos sentidos, afirmando que audição e visão estavam mais

adequadas à contemplação enquanto os demais sentidos voltavam-se à auto-conservação. No processo de socialização atual, todos estão praticamente reduzidos a esse último propósito.

Benjamin, em “A modernidade e os modernos” (2000), chama a atenção para que a modernidade opera com os sentidos, indo afetar a experiência e, conseqüentemente, a memória, quando o aparelho perceptual restringe-se ao choque. O trabalho na indústria já prepara o condicionamento entre ritmo e gesto, do qual não escapa sequer a obra de arte, uma vez que ela também é submetida à produção em série; enquanto as artes que nascem na modernidade, como o cinema ou a fotografia, atingem o aparelho perceptivo com a recepção de estímulos.

“[...] experiência é um fato de tradição, tanto na vida privada como na coletiva. A experiência não consiste precisamente com acontecimentos fixados com exatidão na lembrança e, sim, em dados acumulados, freqüentemente de forma inconsciente, que afluem à memória.” (BENJAMIN, 2000, p.38).

A incapacidade atinge o indivíduo reduzido ao condicionamento, mas assume o disfarce de poder que é atribuído a ele pelo gesto, movimento mecânico com que opera máquinas que fazem tudo por ele, desde o brincar. Aliás, o gesto, no desenvolvimento humano, precede a linguagem, o que marca essa atual regressão.

Não há refúgio no particular, pois o particular cedeu lugar à massa da qual a rua é o refúgio. Assim, a necessidade torna-se virtude, na qual surge a concepção de herói, para disfarçar a miséria que não é apenas material e cujo heroísmo só existe em *“sua incapacidade para convencer; e neste gesto se esconde o único e autêntico heroísmo de que esta sociedade ainda é capaz.” (Ibidem, p.11).*

O modelo de semiformação socializada não se volta para a formação do indivíduo autônomo e livre. Cria o autômato que repete, sem refletir, os movimentos mecânicos necessários à perpetuação da dominação. Utilizando-se, para isso, de funções cerebrais simples, que são compartilhadas com animais inferiores, impede o indivíduo de ultrapassar esse estágio, em direção ao desenvolvimento de processos superiores.

Benjamin (*ibid.*) observa como os processos psicológicos são tomados, de forma drástica, para manter a dominação do indivíduo que, para vivê-la, precisa de uma formação heróica onde são sublimadas as paixões e as forças de decisão. E considera que a modernidade deve estar sob o signo do suicídio, pois

“[...] os obstáculos que ela impõe ao élan produtivo natural do indivíduo, encontram-se em desproporção com as forças dele, [...] que nada concede à atitude que lhe é hostil.[...] Esse suicídio não é renúncia, mas paixão heróica. É a conquista da modernidade no campo das paixões.” (BENJAMIN, 2000, p.12-13).

O ajustamento à realidade, a fórmula da adaptação e da demonstração de racionalidade, é, hoje, a evidência da patologia do sistema e do indivíduo. Aquele que se considera livre é o que se encontra mais preso e o que se percebe oprimido não encontra força suficiente para libertar-se.

CAPÍTULO 4

ÉTICA E RAZÃO INSTRUMENTAL

“A existência privada que anseia dar-se aparência de existência humanamente digna trai de imediato esta última, na medida em que a semelhança é subtraída à realização universal. A qual, todavia, mais do que nunca tem necessidade de reflexão independente. Não há como sair dessa situação de enredamento. A única coisa que pode ser justificada é a recusa da má utilização ideológica da própria existência e, de resto, conduzir-se em privado tão modesta, discreta e despretensiosamente quanto há muito o exige não mais a boa educação, mas antes a vergonha de ter ainda no inferno o ar para respirar.” (ADORNO, 1992. p. 21).

A escolha do título desse capítulo já anuncia a irreconciliação naquele contida. Como tratar a possibilidade de existência da ética, no interior de uma sociedade dominada pela razão instrumental? Liberdade e solidariedade não parecem compatíveis com as exigências irracionais de autoconservação.

Sua elaboração se dá com base em duas convicções. Em primeiro lugar, a de que é possível levantar a discussão sobre a possibilidade de um agir que se contraponha à razão instrumental que nos domina. Muito embora não haja uma nova ética desenvolvida por Adorno, tomando por base apenas os fragmentos de sua obra que revelem reflexões filosófico-morais, bem como a contribuição de autores que se dedicaram a essa mesma tarefa, é possível identificar, nessa ‘recusa’ à formalização, a impossibilidade para tratar da ética na vida atual. Nosso interesse em fazê-lo, com tal fundamentação, prende-se, ainda, a uma outra convicção, já identificada na obra de Adorno: a de indissociabilidade entre ação racional e ação moral – ainda que essas últimas se encontrem cada vez mais dissociadas, no momento presente.

É a partir de relatos que revelam as suas forma de agir que os sujeitos serão focalizados, mas tomando por referência aquilo que os forjou a assim se tornarem, ou seja, o exame das condições que os fez como são. Nosso objetivo não é a crítica normativa dos indivíduos, em suas ações particulares, mas a crítica das condições reais de existência que os transformaram no que são.

Vínhamos, no capítulo anterior, falando acerca da ‘organização’ operada na percepção da realidade pelo sujeito. ‘Organização’ essa que, uma vez baseada nas condições concretas de vida, enfrenta sérias dificuldades que impedem, ou se não limitam, a realização de experiência entre sujeito e objeto, fazendo surgir, em lugar dela, o choque. Aqui enfocaremos o agir particular, diante de tais limitações.

Faz-se necessário, assim, contrapor-se à oposição entre ética e moral, pois ética, tal como é concebida – uma “filosofia-moral” – refere-se a uma reflexão filosófica sistemática do agir no mundo da vida; enquanto a moral consiste no próprio agir. Tal antinomia é acentuada na tradição do esclarecimento, ao contrapor natureza e racionalidade moral. Daí ter Adorno (1996, p.38 *apud* SHWEPPENHÄUSER, 2003, p.395) voltado suas reflexões para o conceito moral, identificando como questão central da moral a “relação entre lei e liberdade”. Isso porque a filosofia moral foi remetida à vida privada, ficando ela restrita à sociedade individualista, que opõe interesses particulares e o universal. (ADORNO, 1993, Aporia 45, p. 61-2).

Tal constatação, feita por Adorno, não implica rejeição do universal, uma vez que Shweppenhäuser (2003) destaca evidencias de que “*também nele sempre esteve contida a pretensão de concretização de uma sociedade justa [...] na qual coação e violência não mais existiriam.*” (ADORNO, 1996, p.33 *et seq apud* SHWEPENHAÄUSER, 2003, p.396). O risco que essa situação apresenta é o de

conduzir “*interesses particulares e as pretensões de felicidade*” em consonância com “*certos interesses objetivos, originando normas obrigatórias para o gênero humano*” o que induziria, também, à esfera das “*relações de tensão*” e “*contradições.*” (SCHWEPPENHÄUSER, 2003, p.396.).

Para enfrentar tal situação, torna-se imperioso restabelecer a relação teoria e prática pautada no contexto real de vida, onde verdadeiramente os sujeitos sejam capazes de agir na realização de seus interesses articulados com aqueles que apresentem validade universal.

Tomaremos a situação das mulheres que vivem em Ponta de Pedras e que, desde cedo, são impelidas ao trabalho árduo e a contribuir para a sobrevivência da família e, ainda, os conflitos por elas vivenciados, na tentativa de conciliar suas necessidades com as possibilidades que a vida lhes apresentou. Dona A. P., que é uma das moradoras mais antigas de Ponta de Pedras, ficou órfã de pai aos 10 anos de idade, passando a assumir a responsabilidade de prover o sustento da família e o cuidado com os irmãos menores.

“Eu fui muito sofrida, fui uma filha sofrida, porque quando o meu pai morreu, eu fiquei com dez anos, e daí pra frente, a minha mãe ficou, e nem ela sabia que ela estava gestante, quando ele morreu; adoeceu muito, quase ela perde a criança e ela morre. E aí, eu fui trabalhá; olha, a minha mãe doente, ficou, os menores que ficou, eram tres; e aí o que fazer? E eu ia trabalhá com meu irmão mais velho, que ele tá com setenta e dois anos completo, vai completar setenta e três agora, em setembro, eu ia junto com ele trabalhá, e ela ficava em casa. Eu tinha, a gente tinha que comprar tudo, tudo, tudo - a despesa, negócio pra casa, né? Eu pescava junto com ele, chegava do trabalho ia-me embora de noite, pescar com ele. Pescava pra deixar em casa e a gente vender pra ajudar no nosso serviço. (Anexo I. Entrevista nº 5, p. 243-4).

Embora essa situação já exigisse dela um amadurecimento precoce, a gravidez não planejada, aos vinte e três anos, ainda ressoa como um enorme peso de culpa, em seu relato:

“Aí, com uns vinte e três anos, eu tava, aí por infelicidade, a gente num pensa, sei lá, ou era a sorte, eu arrumei um filho que só teve um pai só pra fazer, tipo como diz na gíria...” (Anexo I. Entrevista nº 5, p. 244).

Tudo o que se apresenta é sacrifício, não há qualquer indício de satisfação. Até mesmo a gravidez acompanhada do duro do trabalho de lavagem da juta, dentro do rio, indica uma dor extrema:

“[...] aí, foi outro sofrimento pra mim, e naquele tempo o serviço que tinha era a juta, a senhora ouviu falar? É, eu trabalhei na água, lavando juta, eu trabalhei gestante até o dia quatro de julho; quando foi dia vinte e seis de julho eu teve ele. E aí, eu fiquei em casa, mas eu comprei tudo que era necessário praqueles dia que eu ia ficar parada, sem fazê nada, trabalhar né, eu ter. Meu irmão, graças a Deus, nesse tempo, meus irmãos já tavam tudo, os que ficaram, já tavam tudo grande, né? E aí, eles me ajudaram muito, sobretudo esse mais velho; aí eles me ajudaram muito, que quando foi na época que eu teve ele, eu fiquei parada. Com quarenta e um dia, eu deixei minha mãe em casa; Deus perdoe os pecado dela que ela já faleceu; num era bonito pra mim, eu ficar em casa com o meu filho e a minha mãe ir pro roçado trabalhar, num é? Então, eu deixava ela em casa com ele. E naquele tempo, era mais fácil o negócio do leite do gado, né? Eu comprava o leite, ela dava pra ele e, quando era onze horas, eu, ia em casa amamentar ele, e voltava pro roçado, só ia cinco horas. E assim, eu fui levando a vida, até que ele ficou grande; e foi nessa época que ele tava com três anos, quando eu me casei com ele (mostra o marido). Aí ela ficou com ele. Ela me pediu ele, pra ficar com ela, que ela ia mandar ensinar ele. Aí eu deixei ela com ele, porque Deus o livre se eu tirasse ela dele, era ruim. Aí eu deixei, ele com ela.” (Anexo I. Entrevista nº 5, p. 244).

Se é a existência do conceito de liberdade que torna possível os preceitos morais, é com base nessa relação que a possibilidade de uma vida digna surge. No entanto, não é isso que pode ser evidenciado no relato de dona A. P., o qual revela, de

imediatamente, e a um só tempo, a não existência de escolhas, mas unicamente imposições feitas pela dura miséria da realidade. Portanto, quando analisamos os imperativos, tais preceitos morais já mostram conter, em sua gênese, a negação de sua validade, ao mesmo tempo em que se revela a contradição existente nos preceitos morais: “*como instrumento de opressão e como precursor de liberdade*” (SCHWEPPENHÄUSER, 2003, p.399).

Explicação para isso pode ser encontrada, já em Kant^(*), que postula ser “*o entendimento, o uso da razão sem a direção de outrem*” (p. 11); desse modo, vislumbra-se a existência de uma coerência interna, capaz de ordenar o conhecimento segundo um sistema organizado a partir de princípios. Para Adorno & Horkheimer (1985):

“*O pensamento, no sentido do esclarecimento, é a produção de uma ordem científica unitária, não importa se estes são interpretados como axiomas arbitrariamente escolhidos, idéias inatas ou abstrações supremas.*” (p.81).

Assim, por meio de um mecanismo inconsciente, denominado por Kant (2000) ‘esquematismo do entendimento puro’(p.101-139), organiza-se a experiência pela razão que ajusta o particular ao universal. Essa unidade concebida na universalidade, que faz coincidir percepção e entendimento, princípios e juízos factuais, leva Adorno & Horkheimer (*ibid.*, p.83) a ressaltar a ambigüidade velada nos conceitos kantianos. Pois a razão conteria

[...] a Idéia de uma convivência baseada na liberdade na qual os homens se organizem como um sujeito universal e superem o conflito entre a razão pura e a empírica na solidariedade consciente do todo. [...] Mas ao mesmo tempo, a razão constitui a instância do pensamento calculador que prepara o mundo para fins de

(*) Tradução de *Kritik der praktischen Vernunft*, baseada em edição de W. Weischedel,,Insel Verlag, Wiesbaden 1956, para edição portuguesa de 1986.

autoconservação e não conhece nenhuma outra função senão a de preparar o objeto a partir de um mero material sensorial como material para subjugação. A verdadeira natureza do esquematismo que consiste em harmonizar exteriormente o universal e o particular, o conceito e a instância singular, acaba por revelar a ciência atual como o interesse da sociedade industrial. O ser é intuído sob o aspecto da manipulação e da administração.” (Adorno & Horkheimer, 1985, p.83).

A experiência de liberdade não pode ser vislumbrada pelo indivíduo particular, se o agir segue submetido a condições de sobrevivência. Dona E. fala com orgulho das oportunidades que teve, ao deixar Ponta de Pedras para ir morar em outros lugares; e refere-se a essas situações como momentos de aprendizagens, nos quais “aprendeu tudo o que sabe”.

"[...] O melhor período era antigamente, quando eu era solteira e não tinha família pra me preocupar, pra cuidar. Eu andei muito, quando eu era solteira. Conheci o Tapajós, aqui pra dentro, num sei até onde. Porque eu era a única das minhas irmãs... nós semo seis irmã e cinco irmão, só tenho um irmão que tá vivo, o resto já morreu, minhas irmãs tão vivas também, mas só; era a única que saía, era eu. Se a senhora chegasse comigo e dissesse: - 'Tu queres ir comigo, Esmeralda, passar um ano, dois meses?' Eu, olha, ia embora. Quando chegava em casa, passava mais duas semanas... 'Olha, eu vim pedir a sua filha pra ir comigo. Tu vais querer ir?'...Mas eu era assim, não parava lá com o pessoal. Quando eu queria trazer as coisas pra mamãe, trazia. Aí, passava uma semana com a mamãe. Aí, até ela achava ruim: - 'Mas não pára mais em casa. É só andando.' Mas eu andei muito, Deus o livre! E as minhas outra irmã, não. Era só mesmo junto com a mamãe. Elas num sabem nem contá, assim dessas paragem. Eu sei contá muita coisa, que eu andei muito. Porque eu comecei a andar com 10 anos pela casa dos outros...Eu sei fazer muita coisa, já trabalhei em restaurante, sei do que eu aprendi. Graças a Deus, eu sei! É muito difícil eu passá vergonha numa coisa que eu vou fazer, um serviço, uma lavagem de roupa, um passar uma roupa. Eu sei, graças a Deus, fazer tudo!" (Anexo I. Entrevista n° 5, p. 233-4).



Figura 8. Mulher lava, filhos brincam, em praia do Rio Tapajós. (Ponta de Pedras, Santarém, PA). 2003

Fonte: Acervo fotográfico pessoal da pesquisadora.

Dona E. permite, em seu relato, perceber como o princípio de realidade extrai, da renúncia ao princípio do prazer, a energia para suportar a insatisfação que acompanha o trabalho, que não permite a satisfação de necessidades nem a realização de suas capacidades. Embora, desde cedo, tenha saído de casa para “morar na casa dos outros”, o trabalho que lá aprendeu parece, hoje, insuficiente para enfrentar as atuais dificuldades com sua família, em Ponta de Pedras. Enfatizam Adorno & Horkheimer (1985) que o ego, enquanto unidade sintética da apercepção, é a instância que Kant define como o ponto supremo a que é preciso ligar a lógica inteira, e que é, na verdade, ao mesmo tempo, o produto e a condição da existência material. A autoconservação fica, assim, como o princípio constitutivo da ciência. Os indivíduos têm que cuidar de si mesmos e desenvolvem o ego como a “*instância tanto da visão antecipadora, como da visão do conjunto reflexionante.*” (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.83).

Ainda que, na percepção de dona E., a possibilidade de sair de Ponta de Pedras para viver com outras pessoas, em vários lugares, lhe tenha permitido aprender muito do que hoje sabe, levando seu filho a buscar a mesma saída, uma outra aprendizagem toma lugar. Apesar de seus esforços, entretanto, a situação permanece inalterada ou as alterações que ocorrem são contraditórias em relação ao que delas era esperado. Dona E. irá protagonizar a comercialização de terras, em Ponta de Pedras, como veremos adiante.

Seu filho vivencia uma situação discrepante daquela por que passou.

“No meu caso, foi assim; no meu caso, é desde pequeno, eu estudei aqui até... dos sete anos de idade... estudei até a quinta série. Daqui eu fui pra Santarém, lá por 95, por aí assim, fui pra Santarém pra concluir a quinta série, foram quatro anos, eu indo, na quinta série e parando, estudava até o meio do ano, daí eu parava, por dificuldades, que eu morava com um pessoal em Santarém, era a Dona C. e o D., que era dono do S. C., um restaurante, e lá eram pessoas que tinha dinheiro e queriam só se aproveitar do trabalho da gente. Que é uma coisa muito errada, né? Então lá, eu trabalhava, trabalhava e estudava. Acordava às quatro horas da manhã, pra mim trabalhar e deixar tudo limpo, até muitas das vezes eu fazia até o café, eu fazia pra deixar na mesa, isso às quatro horas da manhã, pra nas seis e meia, sete horas eu tá limpo, pra eu tomar meu banho, mudar minha roupa e ir pro colégio. Nós éramos quatro pessoas, nós éramos quatro pessoas lá, porque ela morava separada do filho mas, eu ficava praticamente morando com os dois, né, então eu tinha que acordar esse horário, ir pro colégio, quando eu retornava onze horas do colégio, só fazia trocar minha roupa e baixava pro restaurante, lá você sabe onde é, né? Lá na F. P. Lá eu trabalhava até umas cinco pras seis hora da tarde, e o meu almoço era nesse horário, mais ou menos, eu saía com o café da manhã e ia almoçar lá pras cinco, seis horas da tarde, era praticamente almoço e janta então quando eu ia almoçar”. (Anexo I. Entrevista n° 6, p. 248-9).

A idéia de solidariedade, da qual fala Adorno (1993), capaz de permitir a conciliação entre o particular e o universal, baseada na liberdade dos sujeitos, não é aqui encontrada novamente. O que fica evidente, no relato do pequeno E., ao se ressentir de sua condição: a exploração do trabalho de uma criança de dez anos, para obtenção de

lucro, ao desenvolver atividades em um restaurante tradicional na preparação de comidas regionais, mas onde só lhe é servida apenas uma refeição, ao final do dia. A racionalidade instrumental que conduz à dominação parece estar mais a serviço da autoconservação do *status quo*, cuja necessidade não conhece limites, do que ditada pela necessidade limitada à autoconseqüência. Não! Não é dessa falta de solidariedade que se lamenta E., mas, sim, da sua condição “privilegiada”, diante da situação de seus pais e irmãos. A falta de solidariedade que experimenta é a de não compartilhar com eles da mesma fome:

“[...] meu estudo ficava nesse vai e vem, porque quando eu ia almoçar e jantar, praticamente, eu tava ali, eu me deparava com aquela comida. Puxa, um prato de comida bacana, mas, quase toda sexta-feira, meu pai, minha mãe chegava lá pra dizer:- “Ah, meu filho, é, nós passamos fome essa semana”, ‘Comemos tal coisa’, ‘Os menino tão com fome’ ou ‘Eu num sei nem o que é que eu vou jantar hoje’. Então, aquilo como filho me doía, porque eu tava me deparando com uma comida, me alimentava todo dia, embora só uma vez, mas eu me alimentava, enquanto a minha família tava aqui passando fome, sem um filho; tinham filhos, mas que num podiam ajudar eles, né? Então, foi o meu caso, porque eu disse: “Não, eu vou parar!”. Nós somos onze filhos ao todo. Então, era aí que eu pensava: pôxa, eu tô aqui, to; e lá, num tem nenhum dos meus irmãos pra ajudar meu pai, então vou pra lá, pra ajudar eles, né? Era o caso que eu voltava pra ajudar eles; então, eu ficava nessa, quando terminava o ano, que ia iniciar o outro ano; eu voltava pra Santarém de novo, quando chegava o mês de maio ou mês de junho; assim, antes de terminar o meio do ano, aí acontecia a mesma coisa. Aí, foi o tempo que eu fiquei dois anos sem estudar, né? Fiquei dois anos nesse vai-e-vem e parei dois anos mesmo, assim sem estudar, sem pegar na caneta. Pegava na caneta, mas só que pra fazer outras coisas, né?” (Anexo I. Entrevista nº 6, p. 249).

As passagens aqui transpostas de forma crua não se prendem ao intento de uma fundamentação da ética com base em sentimentos. Muito pelo contrário, o que se pretende é evidenciar que moral apartada da razão, ou ligada apenas à razão instrumental, se realiza pela divisão do trabalho, onde entendimento e sensibilidade não são conciliáveis. A razão não pode se alijar da tarefa de buscar eliminar o sofrimento

promovido pela autoconservação, tarefa essa que exige incluir a noção de solidariedade ao realizar a crítica da vida concreta, tomada pelas relações sociais, indo permitir a autocrítica da teoria e da práxis.

Adorno não tratou, em sua obra, de forma específica, da ambivalência de diretrizes normativas em uma teoria crítica. Schweppenhäuser (2003), porém, indica a possibilidade de reflexão, a partir de Adorno, acerca dessa ambivalência existente no universalismo filosófico-moral, evidenciado na “controvérsia ética entre universalismo e particularismo.” (p.198-214). A vontade racional se encontra bloqueada por relações irracionais que transformam as ações irracionais como realizações adequadas a elas. Só encontramos possibilidade de existência de lei moral, tal como em Kant, se a concebemos como passível de ocorrer em uma socialização que, pela sua forma livre, permitisse a formação de sujeitos autônomos e, portanto, capazes de agir moralmente.

De outro modo, Adorno (1993), nas *Minima Moralia* (Aporia 6, Antítese), já alertava para o perigo de se assumir uma postura ética que levasse a dois caminhos: “*tornar-se melhor que os outros e de se aproveitar de sua crítica da sociedade como uma ideologia para seu interesse privado*” (p. 20). Uma vez que é a dominação que constitui a objetividade, a consciência moral do particular resulta em uma falsa consciência, pois distanciada do todo, o particular torna-se “*apenas ele mesmo, e não um momento do todo e essa falsa consciência é mostrada como se desfazendo pela força do todo.*” (ADORNO, 1993: Aporia 52, Advertência contra os abusos, p. 24).

É esse estado de não-liberdade que, assim imposto, torna-se responsável por tamanha desumanização e choque. Exigências de sacrifícios desnecessários, que chegam a ultrapassar a capacidade de suportá-los. Entregar os filhos a quem possa oferecer a oportunidade de vir a “educá-los” torna-se ação banal, entre as mães de Pontas de Pedras. Dona A. P., dona E. e dona V. são trabalhadoras da comunidade e, mesmo que, quando comparadas a outras, possam apresentar condições mais

favoráveis, todas – sem exceção - experimentaram tal situação que não pode ser considerada como solução. Isso, porque todos aqueles que buscaram sair de Ponta de Pedras, para encontrar meios alternativos de superar as condições lá presentes, se defrontaram com outras dificuldades, ainda maiores, e retornaram às condições das quais tentavam escapar.

“Eu tenho três filhas, três meninas, todas tão estudando. A minha caçula tá com oito anos, a mais velha com quatorze, e a outra, a do meio, tá com doze. Essa com doze, ela tá morando em Fortaleza, com a minha tia. Minha tia num tem filho; aí, chegou aqui, ela gostou dela, se apaixonou por ela e levou ela. Hoje em dia, ela tá morando lá, ela tá tendo o que eu não posso dar pra ela, que é os estudos, né? Ela já tá fazendo aula de inglês, tá bem adiantada. E a que está aqui, eu faço o que eu posso. Tem dia que a gente não come nada, pra mim manter ela na escola.” (Anexo I. Entrevista nº 4, p. 236).

Essa inexistência de condições para oferecer a educação almejada aos filhos, como uma saída possível da penúria a que se vêem fadados a suportar, leva os pais a abrir mão de sua criação e de repassar tal responsabilidade a pessoas que chegam até Ponta de Pedras com a promessa de garantir sua melhoria de vida, especificamente, educação e trabalho.

O que se dá, na realidade, é outra coisa. Submetidos a condições de trabalho adversas, sem ver respeitados os seus direitos, tais como jornadas de trabalho, intervalos para descanso, lazer, salário, alimentação adequada etc, mas apenas cobrados os deveres que não reconhecem limites de qualquer espécie, vêem seus sonhos caírem por terra.

Constata-se, ainda, que, em alguns casos, as pessoas, ao retornarem a Ponta de Pedras, agem de forma a não mais respeitar antigos padrões que eram obedecidos internamente pela população, para os quais havia um acordo tácito, implícito; por exemplo, o de não vender as terras situadas na orla da comunidade, a fim de barrar o avanço da especulação imobiliária que domina a região de Santarém e Alter do Chão, e que já se faz presente, em Ponta de Pedras.

“Essa pousada aonde a senhora está, do Seu J. A., ele também não é daqui, ele é lá de Belterra; e ali pra baixo, tem muita gente, né? Muita gente de fora, ali pro Tapari. Eu acho que isso num é bom, num é muito bom, por que a comunidade tem um estatuto, então, esses terrenos num eram pra ser vendido. E num eram pra ser vendido, por que senão vai ficar mermo que ser Alter do Chão. Em Alter do Chão, os que moravam na margem do..., lá na beira, tão tudo lá pra colônia, por que eles vendero tudo, ali na frente. E aí, ficou ruim, é por isso que a gente num queria. Mas, só quem mora na frente são só esses aí, já, por que até o J. mesmo, o J. A. que fizeram negócio com ele, e todo mundo acha ruim isso. E aí, a gente num queria isso. Mas quando a gente sabia, já tinha acontecido, né? E o que fazer com isso? E agora? Agora tá assim.” (Anexo I.: Entrevista nº 5, p 242).



Figura 9. Pousada de Ponta de Pedras (Santarém, PA). 2002.
Fonte: Acervo fotográfico pessoal da pesquisadora.

A astúcia é desvelada, no relato do proprietário da Pousada Ponta de Pedras, seu J.A.. Ele adquiriu parte do terreno da família que dirigia a Associação de Moradores de Ponta de Pedras, na ocasião, quando ele aumenta o real valor pago, de três mil reais (R\$ 3.000,00) para seis mil (R\$6.000,00), mais a construção de um poço, e, depois, calcula o total em dez mil reais(R\$10.000,00). De acordo com a avaliação que faz, a construção

do poço custou-lhe mais que metade do valor do terreno, ou seja, quatro mil reais (R\$4.000,00). O que hoje, ainda segundo cálculos dele, valeria trinta mil reais (R\$30.000,00).

“Eu dei há seis anos atrás o valor de seis mil reais. E fiz poço pro cidadão que eu comprei; então uma faixa de dez mil reais, seria hoje uma faixa de trinta mil, aí em cima (apontando a casa situada ao lado esquerdo). Aí então, hoje, dá uma faixa de trinta mil, seria trinta mil. Aí eu construí isso aqui, isso aqui foi uma briga muito grande.” (Anexo I. Entrevista n° 7, p. 266).

Informação essa que é negada pelo filho da família, que negociou o terreno, ao ressaltar que outras condições estabelecidas, no acordo, deixaram de ser cumpridas:

“É justamente isso que acontece. E pessoas sem condições que tem um terreno aqui. Aqui, que se chegar um dos maiores, que vier com dinheiro na mão, a pessoa vê aquilo, mas num tem base do que é. A senhora vê, por exemplo, três mil reais na mão de uma pessoa, ela vai dizer: ‘Pô, tô feita na vida.’ Pega os três mil reais, eles pago, ele some tudo. Aí depois, você vai ficar: ‘Pôxa pra quê que eu fui vender meu terreno.’ E é no qual, nesse terreno, que vai vir um dos maiores, que vai montar uma coisa que nós num podemos montar, vai trazer gente de fora pra trabalhar com ele, que ele não dá emprego pro pessoal daqui, e aí? Tem muita gente de fora, falando a verdade, tem muita gente de fora!” (Anexo I. Entrevista n° 6, p. 262).

As condições acordadas envolviam geração de empregos diretos e indiretos em função da pousada. Entretanto, os funcionários contratados são oriundos de outro estado e a solicitação de trabalho que é feita aos moradores do local é para que, voluntariamente, realizem os antigos mutirões de limpeza na área. Isso, por razões óbvias, não mais acontece, sendo os moradores, por isso, criticados como preguiçosos e indolentes, em consequência das políticas assistencialistas desenvolvidas pelo governo federal, talvez o único benefício concedido aos moradores daquela comunidade.

“Numa comunidade dessa, ele (o Governo Federal) devia pegar todo mundo, em vez de dar noventa reais como ele dá, Bolsa Alimentar, ele deveria dar emprego pra limpar as ruas. As ruas hoje que tem, limpar os matos, por que eles aqui num fazem isso. A cobra, aqui acolá (mostra o lado direito da pousada) a gente mata duas, três cobras venenosas. Porque eles não fazem isso. Eles mesmos dizem: ‘O governo paga pra mim não trabalhar’.” (Anexo I. Entrevista n° 7, p. 268-9).

Embora a realidade imponha dificuldades em perceber saídas, tamanha a imposição da heteronomia; se comparamos essa realidade com o que ocorre no garimpo, temos a impressão de que, nesse último, aquelas aumentariam. Aí, a inexistência de qualquer ordem moral, que viesse a proteger os indivíduos de seus impulsos, dá maior força para a prática de perversões contra mulheres, adolescentes e crianças, e parece resultar da associação, inconscientemente realizada, entre um estado de privação, motivado pelo que sempre lhes foi negado, anteriormente, e a possibilidade de sua realização – a satisfação de seus desejos – que, segundo acreditam os garimpeiros, o acúmulo de uma riqueza material seria capaz de permitir.

Mas o caminho não conduz àquilo que visam alcançar. Felicidade e liberdade não são adquiridos com ouro. Numa reação espantosa, tudo se reduz a relações comerciais de compra e venda, possibilitando que seres humanos passem a ter um valor de mercado, onde a expectativa de riqueza só conduz a uma escravidão que parece não ter fim. Tais práticas não obedecem qualquer tipo de ordem, mas, no interior das sociedades capitalistas, servem para institucionalizar a sua (ir)racionalidade.

“Eu tinha uma cozinheira e a gente tinha até um certo cuidado com ela, senão os garimpeiros faziam uma coisa com ela, chamada de Puxiron. Não sei se tu sabes o que é ‘Puxiron’? Puxiron é uma fila de 8, 10, 12 homens pra uma mulher só, na mesma hora. Entra um, sai outro, entra um, sai outro, entra um, sai outro... E ela tem que se sujeitar; se ela não se sujeitar, ela acaba morrendo!” (Anexo II: Entrevista n° 1, p. 260).

A racionalidade presente na economia não representa, para a sociedade burguesa, uma ilusão menor que a da psicologia como razão suficiente da ação. A mesma racionalidade que se baseia na coerção física, no tormento corporal, cria o momento material que supera os motivos materiais econômicos, como também instala a economia psicológica das pulsões.

Freud (1976) elabora “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, onde ressalta que nenhum outro grupo de instintos foi submetido a uma supressão de tão grande alcance, pelas exigências da educação cultural, quanto os instintos sexuais, sendo também eles os que, na maioria das pessoas, encontram mais facilmente a fuga do controle das instâncias mentais mais elevadas. A sublimação, enquanto modificação repressiva da felicidade a que se refere Marcuse (1968, p.33 *et seq.*), teria sido o mecanismo de que se serviu o processo de socialização humana, para permitir aos indivíduos uma organização dos instintos baseada na repressão, o que revela o progresso da civilização sob a forma de restrições requeridas pela dominação social. Entretanto, a condição de restrição dos impulsos individuais em favor da coletividade não se deu de forma a promover o progresso do todo.

“Em contraste, a dominação é exercida por um determinado grupo ou indivíduo, a fim de se manter e consolidar numa posição privilegiada. Tal dominação não exclui o progresso técnico, material e intelectual, mas apenas como um produto marginal, enquanto se preservam a carência, a escassez e a coação irracionais.” (Ibidem, p. 52).

As alternativas que se apresentam como chance de sair da atual situação de miséria, em que se acham os marginalizados pelo sistema, acabam por reafirmar sua marginalização, de forma mais drástica e mais perversa que a já experimentada.

“Como eu tava te contando, essas pessoas tiveram que abandonar a vida de plantio, porque elas não eram reconhecidas dentro do

*garimpo como pessoas, como cidadãos, como gente. Porque, na verdade, o ganho delas era muito pouco, e isso, conseqüentemente, fazia com que elas fossem menosprezadas, ridicularizadas! E esse garimpo, essa vila foi crescendo. Quero frisar detalhe: nós não chamamos de vila, chamamos de corrutela. O que é uma corrutela? É uma avenida, uma rua, uma pequena rua estreita, onde, de um lado, é cabaré e, do outro lado, também é cabaré. Só tem isto: cabaré. **Pros garimpeiros beberem, farream, enfim levar a vida que lhes resta.*** (Anexo II. Entrevista n°. 1, p. 276-7 grifo nosso.).

A própria palavra “corrutela”, que significa o “pequeno arraial formado por garimpeiros na entrada da terra virgem, aonde vão à procura de diamantes”, é uma variação de “corruptela”, cujo significado é o “ato ou efeito de corromper, corrupção”, “aquilo que é capaz de corromper” (FERREIRA, 1986, p. 486). Até aqui, a imagem da mulher havia sido associada à maternidade e à preocupação com a educação dos filhos, para o que não medem sacrifícios. O depoimento, a seguir, traz uma outra percepção da mulher, a visão que prevalece no garimpo.

*“A gente trazia gente de Belém e chegando aqui, a gente fazia propaganda no rádio e convidava quem quisesse ir pro garimpo pra enricar. Logo no início, foi tudo tranqüilo Depois de um ano, começou a entrar as mulheres. **A necessidade fisiológica das pessoas fez isso e aí, o problema começou a acarretar: começou os crimes. Todos os crimes tinham que ter uma mulher no meio...** Às vezes, eu assisti... eu nunca fiz isso, porque nunca fui homem disso, meus pais me educaram de uma forma que eu respeitasse muito as pessoas, mas eu vi, vinte, trinta elementos pegarem uma mulher e saírem com ela pra currar. E depois, saíam com ela, assim exibindo, carregando ela em cima. Essa mulher, nessa vida, fazia tudo, e esses crimes nunca foram nem ao menos denunciados! Hoje, nós estamos conversando isso, aqui, porque já passou isso aí. Essas pessoas, inclusive, já morreram.”* (Anexo II. Entrevista n° 2, p.288, grifo nosso).

Situação mais perversa, pela crueldade que carrega, é a denúncia do garimpeiro J. L. (Anexo II. Entrevista n° 1, p. 275-6), relativa a crianças e adolescentes retiradas de suas famílias para serem seviciadas em práticas criminosas de tráfico e

exploração sexual, em leilões públicos, cujo desfecho é a prostituição mantida em regime de trabalho escravo.

Adorno & Horkheimer (1985, p.96) asseveram que o entendimento voltado à autoconservação impele os indivíduos ao reconhecimento de uma lei de vida que se sobrepõe a qualquer relutância, em sua formulação pela razão, mas que se encontra, inexoravelmente, consolidada na realidade: “a lei do mais forte”. Os fatos ocorridos, no garimpo, forçam à identificação dessa lei universal, onde a moral dos senhores converte, em suas potências, aqueles que foram alvo da dominação e opressão, passando esses últimos a dirigi-la, agora de forma violenta, contra mulheres e crianças.

“[...] um esquema sempre confirmado na história das perseguições é o de que a violência contra os fracos se dirige principalmente contra os que são considerados socialmente fracos e ao mesmo tempo – seja isto verdade ou não – felizes.”(ADORNO, 1995a, p.122).

Vale a pena ressaltar que nos garimpos uma transvalorização pode ser percebida tanto na imagem arcaica que os homens assumem, quanto naquela para a qual eles dirigem sua dominação. Nos homens, a fraqueza se transforma em fortaleza, que é dirigida à fragilidade, sensibilidade, sentimentalidade e servidão identificadas na imagem que fazem da mulher. Entretanto, tais não são os atributos dos quais esta se reveste no garimpo. Nela, a disposição para romper com as amarras da civilização também se evidencia. A prostituição, prática sexual totalmente dissociada do amor, é a principal atividade desenvolvida, na corrutela. Atividade que é remunerada, trabalho; que não envolve prazer mútuo, mas proporciona gozo físico, o qual é visto, também, como uma “necessidade fisiológica” pelo garimpeiro, em seu depoimento, acima.

Ao mesmo tempo em que é possível observar uma transvaloração arcaica, nessa situação, podemos focalizar uma outra: a resultante da própria formalização da razão que estabelece a dominação sob a forma de poder econômico. Mecanismo que torna a expressão intelectual em modo de produção que absorve o prazer. Nesse sentido, o gozo seria buscado colocando em suspensão ou ignorando sua proibição para, assim, transgredi-la. Nas palavras de Adorno & Horkheimer (1985):

“Os homens só sentem a magia do gozo quando o sonho, libertando-os da compulsão do trabalho, da ligação do indivíduo com uma função social e finalmente a um eu, leva-os de volta ao passado pré-histórico sem dominação e sem disciplina.”(p. 100).

A proibição da presença de mulheres, no garimpo, demonstra a prioridade que assume a riqueza para o alcance do poder econômico; e esse, uma vez alcançado, passa a assegurar o “prazer”, que só então seria admitido.

É essa realidade que desmascara a ideologia que visa representar, pela totalidade, a igualdade social e, por isso, reafirma o indivíduo, como parte integrada ao todo. Ela também não permite qualquer disfarce, diante da hierarquia dos sexos, tão longamente mantido na instituição familiar e que ora se vê solapada com o desaparecimento do sujeito econômico livre. A resultante desestruturação da família não permite aos filhos tê-la como seu ideal de autonomia. A autoridade identificada no pai desaparece e leva com ela a resistência que dela provinha. Sobra apenas a relação racional, calculadora, que separa corpo e alma, ação e emoção, e cria a impossibilidade de solidariedade que impede a ação moral.

Além de Adorno & Horkheimer, Marcuse (1968) também volta sua atenção para o declínio da família e seus reflexos no indivíduo. Uma vez extinto o papel da família, responsável, bem ou mal, pela criação e educação dos filhos, desaparece a transmissão pessoal de normas e valores dominantes, onde se instalava o confronto de gerações, que

formava o indivíduo e permitia que o conflito passasse a se dar num contexto histórico de vida individual. Esse conflito entre amor e agressão, inicialmente dirigido aos pais, permitia uma certa individuação que, na vida, mantinha a “esfera de não-conformismo privado.” (MARCUSE, 1968, p.96-97).

Marcuse (*op.cit.*) expõe, com riqueza de detalhes, as modificações de que o processo de dominação se reveste. Diluído nas agências e agentes do processo de socialização, responsáveis pela transmissão dos padrões de conformidade e rebelião, bem como de punição aos desvios desses mesmos padrões, tais modificações afetam, diretamente, a família, que fica impotente, diante das situações que mantêm as proibições, a repressão dos instintos e do impulso agressivo.

“Mas essas imagens do pai pessoal desapareceram gradativamente atrás das instituições. Com a racionalização do mecanismo produtivo, com a multiplicação de funções, toda a dominação assume a forma de administração. No seu auge, a concentração do poder econômico parece converter-se em anonimato; todos mesmo os que se situam nas posições supremas, parecem impotentes ante os movimentos e leis da própria engrenagem.” (Ibidem, p.98).

As situações aqui focalizadas expressam momentos distintos de desintegração que a instituição familiar vem enfrentando, na região do Tapajós, embora não seja possível deixar de considerar que o modelo de socialização, lá consolidado, apresente peculiaridades de vínculos e relações estabelecidos, que deixam marcas profundas e ainda servem como tênues resistências às investidas de desestabilização. As relações de parentesco que extrapolam a família nuclear são mantidas, em caráter duradouro, pela dependência que não se rompe, quer por motivo econômico, que por vínculo afetivo-emocional.

Ao se exporem, os sujeitos, aqui desnudados, exibem a imoralidade de um sistema dominante e opressor, em sua totalidade, e denunciam-no com atitude que pode ser considerada antimoral. Dissolvidos, como estão, no interior do todo, apontam a vitória inexorável da razão instrumental, como a ir-racionalidade prevalecente que opera na organização social, em que os fins justificam os meios, e que coloca o progresso lado a lado com a possibilidade de, esse último, vir a se reverter em barbárie.

Enquanto irracional, permanece latente a dissociação entre sua promessa de libertar o homem da luta pela sobrevivência e a repressão que efetivamente promove para impedir sua libertação. Contradição que permitiu àqueles que buscaram alternativas para saída de sua condição de excluídos sofrerem um processo de desumanização que os levou a retroagir. Mesmo os que escolheram o garimpo agora recusam a possibilidade de para lá voltar.

Em Ponta de Pedras, os moradores não evidenciam interesse em abandonar o lugar, embora todos percebam as inúmeras dificuldades que precisam enfrentar para permanecer. Em geral, a existência da família, mesmo que fragilizada, ainda contribui para que os indivíduos almejem nela reunir-se visando à sua proteção e conservação. Ainda que alijados de seus direitos, inclusive o de educação, não deixam eles de perceber, de algum modo, que a ausência de condições resulta de uma ação intencional que afeta a existência. Por serem considerados atrasados, pobres e fracos são deixados à mercê da sorte e são feitos ignorantes, pois, na realidade, vistos dessa forma, não se distinguem da própria natureza que precisa ser dominada; ou, pior ainda, eliminada, como afirma o professor da UFPA:

“E, de outra maneira, o compromisso é um compromisso efêmero, que guarda uma relação com a região, como se ele fosse, pura e simplesmente, um depósito de recursos minerais. Caricaturando, eu

lhe diria que cheguei a pensar (ri), tal é a forma de relacionamento interno que a Federação guarda com a Amazônia, que, idealmente, eles gostariam que aqui não houvesse gente. Que, de preferência, as pessoas que cá estão, devessem ser removidas para não atrapalhar a floresta. E, durante esses anos todos, eu tenho tentado documentar, pelo menos na área acadêmica, onde eu estou mais proximamente situado, o que é que isso representa, do ponto de vista de prejuízo prá cidadania, do prejuízo do pacto federativo. Porque a gente passa a ser considerado como uma região, cujo interesse pro Estado brasileiro, é, pura e simplesmente, reserva. E o risco que uma região assim tratada corre de procurar outros interlocutores... Eu vou te dar um exemplo: o governo do Amapá, tão insatisfeito está com o pacto federativo, que está puxando todo o suporte que ele precisa da Guiana (Francesa)”.(Anexo III. Entrevista nº 1, p. 297).

Tal alternativa só aceita a substituição do agente, enquanto a ação permanece inalterada, uma vez que o que está em jogo é o progresso que deve atingir a região e promover seu desenvolvimento. Projeto esse que se impõe, independente do que Marcuse (1968) considerou “vantagem histórica” das nações emergentes para barrar o avanço da racionalidade repressiva inerente ao progresso, a saber: “atraso técnico” e “ausência de condições que propiciam a tecnologia e a industrialização exploradoras e repressivas para fins de produtividade agressiva.” (p.18-19). Para além do que supunha esse autor, a globalização não admite limites temporais e espaciais; portanto, como um poderoso processo ela aparece para encobrir as desigualdades e contrastes sociais que o processo econômico produz. O sociólogo alemão Ulrich Beck(1998) aponta, em seu livro *Was ist Globalisierung?* [O que é globalização?], que

“[...] a peculiaridade do processo de globalização hoje (e provavelmente, também no futuro) reside na extensão, densidade e estabilidade, passíveis de comprovação empírica, de redes de inter-relação mútua regionais-globais e de sua definição através de sua autodefinição através dos meios de comunicação de massa, assim como espaços sociais e aqueles fluxos imagéticos nos planos culturais, políticos, militares, micro e macro-econômicos.” (BECK, 1998 apud DUARTE, 2003, p.151)

Beck (*op. cit.*) não deixa dúvidas sobre a relativização de fronteiras nacionais que o processo de globalização determina, em função da existência da globalidade demonstrada a partir dos elementos indicados:

*“[...] 1. a extensão geográfica e crescente densidade do comércio internacional, 2. a evolução permanente das tecnologias de informação e comunicação, 3. o avanço universal das pretensões aos direitos humanos, 4. os ‘fluxos imagéticos’ (Bilder Ströme) das indústrias culturais globais, 5. a política pós-internacional policêntrica, i.e., ao lado dos governos, entram em cena organizações transnacionais como conglomerados econômicos, ONGs, Nações Unidas, etc., “. As questões da pobreza global, as quais dizem respeito a todo mundo, 7. a poluição global do meio ambiente e 8. os conflitos transculturais **in loco**.” (BECK, 1998 *apud* DUARTE, 2003, p.150, grifos do autor.).*

Ao mencionar a riqueza mineral da Amazônia, o pesquisador da UFPA, que à época ocupava o cargo de reitor dessa universidade, chama a atenção para o fato de que uma alteração está se dando de modo incontestável. O domínio e a exploração incessante da natureza para benefício do homem acabou por provocar uma inversão de valores e transformou a riqueza em fim último, para o qual todos os esforços humanos devem estar voltados e para o qual o homem passa a ser meio.

Não importam o atraso econômico, científico e tecnológico da região; esses não serão empecilhos ao avanço da exploração, inclusive a humana. As técnicas rudimentares e os instrumentos utilizados, que põem em risco a vida daqueles que estão envolvidos na atividade ou simplesmente habitam a região, não são considerados, pois o que aqueles ameaçam não é o bem maior, a riqueza mineral; esta está preservada.

Novamente, o progresso associa um componente mortal. Aqui, é preciso distinguir novamente os dois grupos: as vítimas não são apenas os que lançam mercúrio na atmosfera e nos rios da região ou aqueles que, sem saber de sua existência, são por

ele contaminados; são também os que, conhecendo seus efeitos, permitem seu uso indiscriminado. São esses últimos que estão acometidos de uma outra degeneração, que Freud (1932) já havia percebido:

“[...] o trabalho de liberação do ego resulta numa defusão de instintos e numa liberação dos instintos agressivos no superego, sua luta contra a libido expõe-no ao perigo de maus-tratos e morte. Sofrendo sob os ataques do superego talvez até mesmo a eles sucumbindo, o ego se defronta com uma sorte semelhante à dos protistas (protozoários) destruídos pelos produtos da decomposição que eles mesmos criaram. Do ponto de vista econômico, a moralidade que funciona no superego parece ser um produto de decomposição semelhante.” (FREUD, 1992, p.612).

CAPÍTULO 5

EDUCAÇÃO E AUTONOMIA

Os termos autonomia e heteronomia são, geralmente, empregados, no campo da filosofia, com dois sentidos principais, de acordo com o Dicionário de Filosofia Ferrater Mora (1974): – o sentido ontológico, segundo o qual se postula que uma esfera da realidade é regida por lei própria, distinta de outras leis, porém não necessariamente incompatíveis com ela; e – o sentido ético, segundo o qual se afirma que uma lei moral é autônoma por possuir, em si, o fundamento e a razão própria de sua legalidade.

Esse último é o sentido elaborado por Kant (1788), especialmente, em sua “Crítica da razão prática”. De acordo com essa concepção, o eixo que constitui a autonomia da lei moral é o da autonomia da vontade (boa vontade), por meio da qual se torna possível o imperativo categórico. Para Kant, a autonomia da vontade é a propriedade mediante a qual a vontade constitui uma lei por si mesma, independentemente de qualquer propriedade dos objetos do querer (KANT, *op.cit.*, p.45-46).

De acordo com o princípio de autonomia, Kant se ocupa da razão na sua aplicação prática, enquanto determinação da vontade de agir e estabelece a seguinte lei universal: “*Age de tal modo que a máxima da tua vontade possa valer sempre ao mesmo tempo como princípio de uma legislação universal*”. (*Ibidem.* p.42).

Para Ferrater Mora (*op.cit.*, p.47), a heteronomia, por sua vez, constitui, de acordo com o entendimento de Kant, a origem dos princípios inautênticos da moral.

Desse modo, se algo é determinado pelo que é alheio à vontade, conseqüentemente, passa a ser atribuído a uma coação externa, não sendo concebido como moral.

Já discutimos, no Capítulo 4, a ação moral, em sua estrita relação com a liberdade, que só se encontra presente onde há possibilidade real de escolha para uma tomada de decisão por parte do sujeito. A necessidade, imposta pela autoconservação que tem se configurado em coerção, na realidade, aqui apresentada, está bem mais próxima da heteronomia, onde os sujeitos se vêem obrigados a agir de forma alheia à sua própria vontade ou, pelo menos, ajustando-se ao modelo universal de socialização, o que leva a pensar que tal é a única forma possível de autonomia a ser alcançada.

Adorno (1967) propõe suplementar a teoria da sociedade com a psicologia social analiticamente orientada, o que permitiria o entendimento do jogo entre o conhecimento dos determinantes sociais e as estruturas pulsionais, predominantes nas massas, para a compreensão da totalidade. (p.67-79).

A ‘adesão’ do indivíduo às pressões sociais pode não ser efetivada de maneira voluntária ou consciente. Por isso, Adorno (*ibid.*) relaciona racionalidade à angústia, afirmando que a explicação do comportamento econômico racional do indivíduo, baseado no cálculo econômico e na obtenção do lucro, além de ser uma construção retrospectiva, é insuficiente, por ser auto-evidente. Para o autor, a angústia é o mais crucial motivo subjetivo da racionalidade objetiva.

“Ela é mediada. Aquele que se recusa em aceitar as regras econômicas é lançado no lado associal da existência criminal: a recusa em jogar levanta suspeitas e expõe o transgressor à vingança da sociedade.” (Idem, ibidem, p.71, tradução nossa).

Adorno localiza a angústia de ser eliminado, a sanção social do comportamento econômico, na internalização que, há muito, vem ocorrendo com outros tabus e deixando suas marcas no indivíduo.

“No curso da história, essa angústia tornou-se a segunda natureza; não é por acaso que o termo ‘existência’, no uso não corrompido pela filosofia significa, igualmente, o fato de estar vivo e a possibilidade de autopreservação no processo econômico. O superego, o lócus da consciência moral, não representa apenas aquilo que é socialmente proibido – o tabu - como o mal em si, mas também associa irracionalmente a velha angústia ante a aniquilação física com o tardio deixar de pertencer à unidade social, que passa a dominar os homens em lugar da natureza.” (ADORNO, 1967, p.72; tradução e grifo nosso).

As possibilidades de individuação encontram-se tão reduzidas, nessas condições, uma vez que

“[...] a angústia social – nutrida de forças atávicas e sempre fortemente exageradas – que agora pode converter-se a qualquer momento em angústia real, tem acumulado tamanho poder, que quem dela se desfizesse teria que ser um verdadeiro herói moral, por discernir a fundo sua patologia.” (Idem., ibidem, p.72; tradução nossa).

Funda-se, aí, a diferença entre indivíduo e sociedade, que, segundo o pensamento de Adorno, não é meramente quantitativa, só sendo percebida desse modo pela perspectiva míope do processo social que molda o indivíduo, desde o exterior, em mero agente de funções do processo social. Nenhuma síntese da ciência social pode unir o que está cindido por princípio: liberdade e dominação: *“A única totalidade que o conhecimento da sociedade pode assumir é a da totalidade antagônica, e se pretende alcançá-la é pela contradição.” (Idem, ibidem, p.74; tradução nossa).*

É diante dessa contradição que estão situados os sujeitos, a constituição de subjetividades mergulhada em totalidades que se configuram cada vez mais totalitárias e que trazem à tona a luta entre os princípios antagônicos de liberdade e dominação, os quais orientam cada uma delas. Resta-nos questionar: como podem ser mediadas as relações entre sujeitos, de modo a organizar uma formação autônoma, em uma realidade submetida a processos de dominação?

Já apresentamos, no primeiro capítulo, a idéia de autonomia vinculada à modernidade, como estando situada em três esferas distintas e inter-relacionadas: econômica, política e intelectual. Aqui, também, visamos utilizar a noção de autonomia, nas dimensões às quais ela se vinculou na modernidade, a fim de que possamos confrontar os distintos momentos vivenciados pelos sujeitos da pesquisa com esse ideal.

5.1 Autonomia econômica

Ainda que aquelas três esferas de compreensão da idéia de autonomia sejam apresentadas, separadamente, com o intuito de melhor sistematização, não pretendemos dissociá-las, para afirmarmos nossa convicção de que elas se acham imbricadas. Tal é a certeza dessa condição, que a própria gênese da comunidade em que se realizou a pesquisa ora relatada já revela o envolvimento de questões religiosas e econômicas. Sr. D. explica a questão da propriedade:

“Só tinha uma casa, bem ali. Esse lugar era da finada vó da minha esposa. Esse lugar foi vendido duas vezes: prum português e a mulhé dele, e hoje em dia, é da Diocese, que a gente num pode fazê nada aqui! [...]” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 209).

Do trabalho lá desenvolvido, envolvendo famílias da comunidade vizinha, resultou que, em alguns casos, trabalhadores contratados pela segunda proprietária

também conseguissem se instalar, em Ponta de Pedras, como moradores. A vida de cada uma delas semeia a terra, e o próprio húmus da floresta vai sendo transformado em um espaço humanizado.

“Aí, a gente vinha de lá, a gente vinha trabalhar aí; ela tinha roça e a gente vinha fazer farinha pra ela, e naquele sacrificio todo. A grana era pouca. Eu com ele, a gente fazia carvão; a gente levava ela (a filha mais velha) com a gente, que era pequena, pra lá, pra onde a gente fazia carvão; lá, eu deixava ela dormindo e ia ajudar ele. Com esse carvão, a gente descia lá prá beira e ia vender na cidade. Aí, até que foi com, passando os tempo, e os morador que moravo, lá no Macaco, foram descendo e fizeram; inclusive, o primeiro que desceu foi esse J., o segundo foi senhor A., ali. Aí, foi o tempo que a gente morava lá; e aí, tinha um lugar, ali em cima, e a gente morando lá. Aí, resolvemos descer; pedimos mais um terreno que a dona H. tomava de conta, e ela deu pra gente. Aí, ele fez uma casinha lá na beira, enquanto ele fazia o roçado pra poder fazer a casa lá em cima; e aí, depois, ele fez a casa e nós subimos pra lá. Aí, foi o tempo que nós fomos plantando roça; aí, nos já tinha a roça, a gente fazia a farinha. Foi o tempo que começou, fizeram essa igreja, aqui. Aí, foi evoluindo, né, abriram essa estrada aqui.”
(Anexo I. Entrevista nº 5, p. 240-1).

A propriedade cria limites para os moradores, fazendo-os descobrir o que representa não ser dono da terra.

“Hoje em dia, esse terreno é da Diocese. Tudinho, só que ela doou aqui prá comunidade. Foi 500m de frente por 100m de fundo, esse pedaço aqui... Só que ela pediu prá nós, que num vendesse pra ninguém aqui, prá gente de fora. Que a Diocese é... aquela igreja, lá de Santarém, ela comprô... Então, ela pede pro pessoal daqui, que tão morando aqui, que não venda prá ninguém. Ela doou pra comunidade, pro pessoal fazere casa, fazere sítio, fazere o que eles quizere aqui, só não vendê. Os padre da Diocese dissero assim: – ‘Olhe, quem for filho naturar, nascido no lugar, em Ponta de Pedras, se ele morá em Belém, se ele morá em Santarém, se ele morá seja lá onde for, se um dia ele fazê procuração de um pedaço de terra, em Ponta de Pedras, ele tem o direito. Porque ele é filho de lá!’ Pois é, é

isso que eles falam. Assim: 'Ele tem o direito porque ele é filho de lá. Foi nascido e criado lá. Então ele tem direito.' (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 212-3).

Direito que não permite outra condição senão a de tomar posse, tornando-os guardiões da propriedade, o que os deixa sempre a postos contra aqueles cuja ambição não conhece limites. Os moradores de Ponta de Pedras percebem que as investidas são freqüentes, objetivando a exploração comercial do lugar, da mesma maneira como o são as formas de monitoramento dessas mesmas investidas.

“Logo quando começô essa venda aqui, a Secretaria de Turismo veio aqui pra financiá o dinheiro pra gente, aqui. Pra levantá uma pousada, levantá restaurante, levantá hote, mais outras coisa... Então, eu fui o primeiro a ficá escorado (quieto, desconfiado). Digo: 'Se o pessoal aceitarem, eu num vô aceitá.' E também, todo mundo escorando com essa arrumação. Aí, eu ainda disse assim: 'Vocês querem se metê nesse abacaxi, se meto. Mas eu num vô me metê. Sabe por quê eu num vô me metê? Porque a Diocese tá sabendo de tudinho.’” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 214).

Criada a Associação de Moradores, esta se rende à situação de tutela que se configura. Condição que se reveste como proteção, mas não permite independência.

“Aí, eu perguntei pro presidente: 'Vocês já falam com ela, com a Diocese, sobre esse negócio desse plano que tão fazendo aqui?' Ele disse: - 'Não!' Eu digo: 'Olha, então tem uma coisa, tenho que sabê e ir falá com ela. Sabê se ela consente. Aí eles falam com ela. Só que ela respondeu, disse que não. Ela deu pro pessoal morarem, fazerem venda e sobreviverem do que eles quiserem aqui. Só que num deixava ninguém vendê e acabasse com esse negócio de pousada, restaurante e hote, que ela num queria não! É só o que ela recomenda muito pro pessoal daqui: que num venda nada pra ninguém. As outras coisa você pode fazê. Sempre ela orienta a gente nisso. Sempre ela tá nos orientando que a gente num caia nessa patetice de fazê isso. Porque, como ela diz: 'Vocês vão se engolir!'” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 214).

O alerta soa falso, pois mascara a prática da própria ação que agora condena.

Até mesmo as vantagens assim identificadas pelos moradores expõem a desproteção, o não-pertencimento, o alijamento. Estão completamente à margem dos benefícios a que teriam direito, perdidos no meio da floresta. Mas, diante de uma possibilidade de alterar esta condição, surgem as instituições, por meio de seus representantes mais ilustres, para fazer a revelação: a área que visam explorar, a praia, pertence à União.

“Nós num pagamo imposto, nem aluguel, inclusive essa área das barraca não é da Diocese, é da Marinha. Já viero advogado, já veio, já olhou. Procurador da República já teve uma reunião aqui, com nós, olhou e disse que ela num tá na área da Diocese, e a própria advogada da Diocese reconheceu. Aí, não há impedimento, nós mesmo já fizemo requerimento prá Capitania, prá ver qual é limite que ela nos dá, e a permissão, por exemplo, de fazer um padrão de barraca. Se pode fazer, e qual é a área? Se é essa ou é mais ali? O que nós fazemo aqui é lutar na Associação pra ver se a gente consegue alguma coisa pra cá. Até agora, tudo o que a gente tem é reivindicação nossa.” (Anexo I. Entrevista nº 2, p.230-1).

Os sujeitos sabem qual é a saída e buscam alcançá-la, pelos meios que consideram adequados:

“Temos que fazer requerimento e levar até o prefeito. O último tem três prioridades: era a energia, o cais aqui, pra proteger contra a subida d’água, e o padrão das barracas, que foi prometido a inauguração no dia dez de julho e até agora tá parado.” (Anexo I. Entrevista nº 2, p. 231).

Porém, não há saída possível no mundo administrado.

“Tem essa barraca aqui; pra fazê a continuação dessas barraca, daqui prá cá, nós já temo na lista 12 barraca. Já tá

nossa... o nosso documento tudo na Prefeitura, pra ir pro BASA (Banco da Amazônia S.A.). Que é o BASA que vai financiá esse dinheiro, pra nós mandá fazê essa barraca. É dois mil real pra cada um de nós. Quem vai fazê essas barraca é um rapaz de Santarém, é o O. R. B. (famoso arquiteto de Santarém) que faz. Então, com esses dois mil tem que organizá tudo. Tem que comprá talher, garfo, tudinho, tudo bonito. Que eles querem mandá fazê assim. Só que o dinheiro, ninguém vai pegá nesse dinheiro. É só ele...” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 213).

Pudemos acompanhar, no capítulo II, a trajetória dessa comunidade, que foi sendo levada a substituir suas atividades primitivas pelas novas formas de trabalho que surgiram.

“Aí tem que lutar: prá pegar e pra viver. Se não, não dá pra viver! Aqui, a gente tem que dar o jeito da gente. Trabalha na roça, tece tipiti prá vender, faz caieira prá vender carvão prá esse barraqueiro aqui. Aí, trabalha todo mundo: a mulher, os filho, e ainda assim, tá difícil.” (Anexo I. Entrevista nº 2, p. 230).

A integração experimentada entre os sujeitos nas ações que desenvolviam – pesca, agricultura (roça e extrativismo) e produção rural doméstica (farinha de mandioca, carvão, produtos e artefatos artesanais) – torna-se incompatível com a comercialização nas barracas. As mulheres e crianças desenvolvem, desde muito pequenas, atividades idênticas às que são desenvolvidas pelos homens, e, da mesma maneira, essas não asseguram uma condição privilegiada a nenhum deles.

“Antigamente a gente pegava pouco dinheiro, comprava muita coisa. Hoje, a gente pega, num sabe o que compra, e vai procurar dinheiro, num existe mais, some. Num tem mais pra comprar nada. É essa diferença que tem. Também, ninguém trabalhava muito assim, antigamente. Agora tem que trabalhar demais! Só vive pra trabalhar! Também eu me preocupo, porque eu já tenho esses menino e eu sou pobre. Não desses pobre já demais, né? Mas sou pobre. Não posso dizê que eles

num passo fome, porque tem dia que a gente não tem mesmo.”
(Anexo I. Entrevista nº 3, p. 234).

Todas as alternativas buscadas para afastar a ameaça que representa a fome resultam ineficazes. Diante da impossibilidade de terem seus direitos básicos garantidos, os sujeitos se transformam em heróis para enfrentar as dificuldades que surgem, o que só reforça a dominação do sistema e o seu descompromisso para com aqueles que o nutrem com suas vidas.

“No meu caso, aqui (a barraca da praia) é o meu sustento; quando aqui tá muito fraco, a gente pesca e também faz farinha, prá poder sobreviver. Eu tenho três filhas, três meninas, todas tão estudando. A minha caçula tá com oito anos, a mais velha com quatorze, e a outra, a do meio, tá com doze. Essa com doze, ela tá morando em Fortaleza, com a minha tia. Minha tia num tem filho; aí, chegou aqui, ela gostou dela, se apaixonou por ela e levou ela. Hoje em dia, ela tá morando lá, ela tá tendo o que eu não posso dar prá ela, que é os estudos, né. Ela já tá fazendo aula de inglês, tá bem adiantada. E a que está aqui, eu faço o que eu posso Agora, ela tá fazendo curso de informática. Tem dia que a gente não come nada, pra mim manter ela na escola.”
(Anexo I. Entrevista nº 4, p. 236).

A situação atual é esta, apontada pelo velho pescador da comunidade, que fala da especialização a que chegaram, depois que os moradores ficaram divididos diante da exigência de executar apenas uma das atividades, de forma quase exclusiva:

“O jeito que tem é nós apelá pra quem tem mais possibilidade de pescá. Porque depois dessas casa (barracas) tarem pronta, um qualquer de nós num pode sai pra pescá. Porque, da vez que essa luz baixá aqui, e espalhá energia aqui, aí, num vai tê possibilidade de camarada pescá. Porque já foi falado assim: - ‘Olhe quem tem sua barraca aqui de venda, ele num vai podê fazê a sua granja, ele num vai podê fazê um carvão pra vendê pro barraqueiro, nada. O barraqueiro tem que ficá efetivo aí, só pra recebê o que vem de fora!’ (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 213, grifo nosso.).

O resultado é que são transformados, de produtores, em mero consumidores:

“Mas, antes comprar a carne que o peixe. Que aqui, eles num querem outra vida, aqui é só isso, é pesca. Eu como, como muito, mas eu num posso pescar. Olha, eles acho ruim quando vem um de fora [...] Eles acho ruim ele vender aquele peixe [...] aqui, eles acham ruim ele vender muito barato. Ele tá certo [...] e não está explorando. Vocês estão explorando. É pra gente mesmo daqui, a gente nem vem de fora. É, tá muito caro a comida aqui. E eu num sei não, daqui pra frente como é que vai ser com esse pessoal daqui.” (Anexo I. Entrevista nº 1, p.223).

Aquele pescador sabe que sua família ocupa posição privilegiada se comparada à maioria da população local:

“Naquele tempo o ganho era pouco, num dava pra quase nada. Agora, não; ela (esposa) ganha duzentos e sessenta e eu ganho quinhentos e vinte, por que eu sou aposentado como soldado da borracha. Aí, nós saímos de lá (da barraca). Eu ainda disse pra essa gente: ‘Olha, vocês vão sentir uma farta muito grande de nós!’” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 219).

Ao comparar sua situação à de outras famílias, Sr. D. desvela o modo pelo qual algumas idéias são assimiladas, em função de políticas assistencialistas adotadas para a população pobre. É relevante observar que a apreensão particular dos sujeitos, a partir da divulgação da medida, se efetiva como um imperativo categórico, ou melhor, uma imposição alheia seja à sua vontade, seja à sua necessidade, seja à sua decisão.

“Ainda mais, tem essa ordem, o governo vem aí e diz: ‘A criança num pode trabalhar! ‘Aí, foi que piorou! Aí, foi que melhorou pra eles. Aí, ele vem: ‘Eu num vou trabalhar! Sempre quando um filho vai trabalhar, o outro vem e diz: ‘Olha, tu não é pra trabalhar. Pra isso tem essa bolsa-escola que veio.’ Já tem bolsa-escola aqui, tem muitos que num recebe, mas tem muitos que recebe; já veio esse negócio de bolsa-escola. Outro dia, tinha um rapaz conversando aqui, que ele queria que acabasse com isso, porque tem muita gente que num quer mais trabalhar; quem tem três filho numa casa ganha essas bolsa-

*escola, é quinze reais de cada um, tudo fiado só naquilo. Mas o que é que dá aquilo? Num dá pra nada! Vai acabar na cidade! Se o governo desse trabalho pra ele, era melhor. Eles num sobrevive não. Tem gente que sai daqui, passa o dia inteiro, lá, esperando; às vezes, é dois filhos, são trinta reais; às vezes, é um, passa o dia inteiro, mais pobre que sempre. É uma coisa muito **difícil mesmo!**” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 221, grifo nosso).*

Em outra situação extrema, as escolhas realizadas pelos sujeitos transformam-se em uma segunda natureza, que ganha vida própria e, novamente, submete os sujeitos ao que parece ser coação.

*“Esse negócio do dinheiro aqui, eu num sei nem como é que pode ser, porque o pessoal procura um trabalho, num acha; e quando ele pega, acha, a gente vai falar com a pessoa que quer emprego, ele pede vinte, vinte e cinco a diária dele. Por exemplo, tu, olha, se ele gosta de trabalhar de pedreiro, tem pedreiro, aqui mesmo, que ele trabalha, ele cobra trinta reais a diária dele. É muito caro isso. É por isso que muita gente já não quer pagar gente pra trabalhar. Num é que não tenha dinheiro, é que eles tão pedindo muito caro. Se ele trabalha uma diária pra gente, ele pede quinze reais; passa do salário da pessoa, o salário tá duzentos e sessenta, não sai dez reais o dia, num sai não. É por isso que eles reclamam muito aí. A gente fala pra trabalhar, eles num quer ir. ‘Te pago tanto.’ Dizem: ‘Não, vou por tanto!’ Esse aí num vai dar duro. ‘Se é pra mim ir fazer um trabalho por isso, eu vou dormir na minha casa, que é melhor. Vou andar por aí.’ É o que eles diz. Mas tá certo? Eles tão fazendo isso. Nós, velho, temo seguro; agora, vocês que tão começando, vocês vão se esburrachar um bocado, aí. Agora, até chegar nesse ganho, tem muito mar. Muita coisa que o pessoal explorou muito, aqui. A pescaria foi muito explorada. Porque que hoje em dia o peixe tá caro? **Porque, naquele tempo, que a senhora andô por aqui, num tinha essa tanta ambição de ter [...]**” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 223-4, grifo nosso).*

5.2 Autonomia política

A complexidade que envolve aspectos de diferentes esferas da realidade, na vida dos sujeitos, pode ser compreendida com base naquilo que os unifica: a dominação. Entrelaçados em uma teia da qual não encontram saídas, os sujeitos repetem uma história de lutas, na qual não aparecem como vencedores.

Todo o esforço empenhado para conquistar, mimimamente, seus direitos e melhores condições de vida, vai, aos poucos, deixando os sujeitos em situação de impotência, pois não conseguem, por nenhum meio aquilo que esperavam: ter atendido o seu direito à dignidade.

Vamos colocar em contraponto a situação anterior e a atual, para compreendermos melhor o que ocorre:

5.2.1 Energia elétrica

Antes:

”Então, ninguém tinha luz, aqui. Ai, como é que essa gente ia tê essa luz? Ai, falemo com um senhô que é conhecido nosso. Ele tinha um motô (gerador) de luz pra vendê. Ai, nós fumo lá com ele pra vê se ele vendia. Ninguém tinha esse dinheiro pra pagá [...] O motô tombém foi assim: nós fizemo uma festa aqui.. O presidente falou com o prefeito. Ele falou com ele, se ele podia pagá esse motô, e ele pagou! O que tá mais preciso pra nós aqui eu acho que vai chegá, já tá perto, é a luz. Ainda não tem luz, a luz tá vindo. Tem um linhão que vai saindo daqui pro aeroporto. Ele já tá começando. Vai vim de lá do aeroporto pra cá; daqui, tem que espalhá tudinho, aqui.O pessoar tá trabalhando lá. Nós só temo o motô nosso de luz aqui, só motô. Agora, a energia que vem de fora nós num tem. Isso que o pessoar temo esperando. E prometero que, daqui pro dia 10, 15 de agosto, tá chegando. Eu num sei se tá mermo. O motô foi

prêmio (pausa). Agora a gente faz uma conta aqui, todo domingo. Quem usa luz na sua casa, na barraca, paga três reais, e quem usa nas barraca paga um real. É só pra comprá o óleo A gente faz uma coleta, prá movimentá ele, pra lumiá nossas casa. A energia vai chegá aí, num sei quando, mais vai chegá. Isso que tá preocupando mais nós, é a luz.” (Anexo I. Entrevista nº 1, p.215-6).

E depois...

“Agora, com essa luz aqui, as conta, eu pago pouco, às vez onze, doze, treze, porque é só o freezer e o ventilador, só; quando era aí embaixo, paga mais (na barraca); agora, essa gente pago mais, pago sessenta, setenta, é oitenta, por barraca e a casa; paga as duas; eu também pagava as duas, pagava lá e pagava aqui. Mas como foi o tempo que a mulher adoeceu, aí, pago só aqui; agora, tá bem pouquinho, num da prá faltar e facilita as coisa.” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 220).

5.2.2 Estradas

Logo na nossa chegada à Ponta de Pedras, ouvíamos:

“Outra coisa que também... é esse ramar (ramal de terra batida que serve de único acesso à comunidade) que vocês viero por aqui, tá muito feio! [...] Quando chove muito, e vem água de enxurrada e cava, e aí, fica os buraco. É isso que acontece. Agora, isso tá feio assim. Porque dissero assim:- ‘Não, deixa a estrada ficá assim, feia.’ É pra eles fazere logo outra, que eles vão: - ‘Mas, ah! Que a estrada de Ponta de Pedra tá feia mermo! É por isso que eles tão pedindo com urgência essa estrada.’ É por isso que ninguém qué indireitá. Que a gente sempre, sempre endireitava com a enxada, é só nós. Deixa ela ficá feia que eles vem: - ‘Ah! A estrada tá feia.’ Aí, eles vão dá providência noutra, outra melhó.[...] Agora, a estrada, mermo, que vem beneficiá pra cá, é essa que vem por aqui. Só que não é essa que vocês viero não, vai sé outra. É outra que eles tiraro o pico, lá do asfalto pra cá. Eles tiraro uma linha direta, que num tem curva, num tem nada. Essa aí, é que vem de lá pra cá e vão asfartá ela.” (Anexo I. Entrevista nº 3, p.).



Figura 10. Condições da estrada ligando Ponta de Pedras a Santarém (Santarém, PA). 2003.

Fonte: Acervo fotográfico pessoal da pesquisadora.

Tratava-se, na entrevista, da Interpraias, uma estrada litorânea, que gera disputa e competição.

“[...] de forma que essa Interpraias (estrada planejada para o litoral do Tapajós, que beneficiará Ponta de Pedras) ela vem pela beira do rio, ela sobe aqui em cima, ela baixa ali, vai passar por aqui, tudinho,[...], porque, aí, ela passa seis ou sete igarapé, riacho; então, por aí, tem muita gente que tá contra essa estrada aqui, muita gente que tão contra. [...] Por que? Porque se essa Interpraias, ele vim por aqui, ela tem que vir por aqui,[...] então, o pessoal de Alter do Chão tão indo contra isso, e se ela vim por aqui, ela vai derrubar Alter do Chão, tudinho, e tem gente que tá muito contra isso. Agora, num sei se ela vai sair ou num vai sair.” (Anexo I. Entrevista nº 1, p.220).

5.2.3 Transporte

No primeiro momento em que fomos à Ponta de Pedras, encontramos essa situação:

*“Daqui, nós temos ônibus; o ônibus daqui é toda sexta-feira. Ele vem buscá, toda sexta-feira, buscá o pessoal pra fazê compra, e vorta sexta, e vem domingo. É dessa empresa, que tá bem aí, da A. É dessa, aí. Quando num tem por aqui (aponta a estrada), tem por aqui, também (aponta o rio) do motô (pequeno barco) do presidente. O presidente mora aqui e tem uma barraca aqui que vende.[...] Porque ele tá numa situação meio ruim. Porque ele tá com essa doença no pé, então o motô dele ficou atrasado, por falta de pagamento na... ali na Capitania. Aí, ele pediu uma colaboração pro pessoal daqui. Uma lista de cada um (abaixo-assinado), dá seu nome, leva pra Capitania, pra mostra pro chefe de lá, pra vê que ele num tem condição, pro motô dele podê andá. Então, o pessoal encher o tudinho, uma lista grande assim, umas quantas assinatura. Pra ele podê... o barco dele podê andá, pra lá e pra cá. Porque, se não tivesse aquelas assinatura, ele num podia trafegá no barco dele. Porque ele tá sem condições de pagá, por causa desse acidente. Tudo isso a gente se ajuda, por aqui.”*Essa associação é todos nós que somos ela. Tem um presidente, tem um vice-presidente, o secretário, o segundo secretário, tem o tesoureiro, tem o segundo... tem tudo, por aqui. Quando ele num pode fazer, um de nós faz... É o rapaz, o segundo presidente, aquele lá, de camisa vermelha, aquele rapaz que tá ali. É ele que tá em lugar dele, porque ele tá de férias ainda. Ele tava meio adoentado, ele pediu licença de dois meses. É um acidente que ele teve no pé. Então, ele tá aí, tá manobrando aí. Assim como ele apóia nós, nós apóia ele.” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 215).

No segundo momento, a situação não parece ter se alterado, porém a avaliação serve para entendermos como aquela se configura:

“Olhe, aqui o negócio do ônibus também é a mesma coisa. Aqui, tem semana, aqui, que a gente freta um ônibus, pra ir pra

Santarém, comprar os bagulho pra esse pessoar daqui, porque aqui num tem nada assinado com dono de ônibus. Desna de quando entrô pela primeira vez, que entrou aqui, nunca foi assinado contrato. Ele vem se quiser vir! Olha, tombém agora, esse que tá aí, na escola, ele faz essas viagens, leva e traz os alunos pra cá, leva os alunos pra escola, quando é de tarde ele vem trazer, ele vai e leva. Quando é sexta feira, ele leva o pessoar de Santarém e vem aqui, pegá os aluno aqui e leva lá em São Braz (distrito a cerca de 20km de Ponta de Pedras, onde estuda a maioria dos alunos, por haver escola com as séries posteriores à quarta do ensino fundamental).. E tem dia que ele num vem, ele só vem se fizerem o pagamento pra ele. Tem vez que ele num vem, por que não tem, e ele num pode ir. Desde quando começaram visitar isso aqui, nunca teve um contrato assinado com linha de ônibus. Olhe, entrô essa L. (empresa de transportes), movimentou uns tempos, num tinha nada assinado. Entrou aquele, ali da P.S. (outra empresa), também a mesma coisa, num tinha nada assinado; entrou seu O., que eu chamo 'L.', também nada foi assinado com ele. Agora tem esse um, aí, que tá nesse vai pra lá, até iam prendendo o carro dele, desse que faz linha pra cá. Agora, tem outro rapaz que faz linha noutra carro, parece que é mesmo dele, mas num é uma coisa certa; só mesmo aí, ele vem se ele quiser, se ele num quiser, ele num vem. E, se a pessoa quer ir fazê uma viagem em Santarém, tem que fretar um carro. Olha, como eu, eu quando venho a Santarém, tenho que falar com o meu primo, telefone pra ele vim me buscá aqui e vir me trazer; ele cobra quarenta reais, ele indo e vindo; os outros cobram sessenta. E aí, o que acontece é que vai assim, o pessoar vai, fico brabo quando chega um carro pega dois, três passageiros, espero o carro pra ir; é por isso que num tem nada organizado, aqui dentro. A associação taí, tava desorganizado, tá desorganizada, tá tudo diferente, tá mais pior do que naquele ano que a senhora teve por aqui! O presidente é o rapaz que mora nessa casa, bem aí, o N., ele é sobrinho da R. (esposa do entrevistado); está saindo agora (esta é a última semana de mandato da atual diretoria), vai entrar outro em junho... finarmente. Aqui num sei não, num posso nem lhe dizê como é que tá.” (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 218-).

5.2.4 Saúde

Situação anterior:

“Porque a gente sofre. Às vezes, doente, tem que trabalhar. Porque tem os filhos e não tem ninguém pra mandar fazer. Aqui não tem posto médico. Não tem nem farmácia, aqui. Aí, se for o caso, tem que ir prá Santarém, prá Alter do Chão; e se for o caso de morrer, morre! Porque não tem! Quem tem dinheiro já morre na porta do hospital, avalie eu que se chegar... é morrer logo, porque eu num tenho com que pagar, né?” (Anexo I. Entrevista nº 3, p. 234).

Situação atual:

“Então, é uma dificuldade muito grande que nós enfrentamos. O transporte é um problema muito grande, principalmente, quando adocece uma pessoa; agora, já melhorou mais um pouquinho, porque tem esse telefone já. Foi sábado passado; hoje, tá completando oito dias, teve um caso de emergência, sorte que o telefone tava funcionando, aí, foi chamada, a ambulância veio buscar a pessoa. Então, é muito difícil; por exemplo, se uma pessoa adocece, tem que correr, fretar um carro, tirar do que ele não tem, né, pra poder salvar aquela vida. E é muito difícil...” (Anexo I, Entrevista nº 4, p. 236).



Figura 11. Condição do saneamento básico em Ponta de Pedras (Santarém, PA). 2003.

Fonte: Acervo fotográfico pessoal da pesquisadora.

5.2.5 Administração pública

A administração de Ponta de Pedras é de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Santarém, que era vista, anteriormente, desta maneira:

*“Mas os político, vou dizê pra você. Você acredita que tinha... tem um prefeito que entrô aqui e, durante ele tá aí, nunca ele veio aqui. E é muito difícil ele vim. A gente convida ele pra vim aqui, pra dá um passeio, pra dá uma espiada, vê como é que tá aqui. Ele diz que vai, que outro dia ele vai, e num vem. Agora, esse tá ajudando nós aqui. Mas que outras pessoa num apoio nós. **Eles só chego aqui na entre véspera de eleição. É só pra votá.** E é isso que acontece, a gente temo escabriado disso. Eles num venho e nem mandô, nem ajudô em nada, nada, nada... Pois é, o negócio é assim. Eu já falei demais, num sei nem se falei bem, se falei mal.”* (Anexo I. Entrevista nº 1, p. 216, grifo nosso).

Agora, é o jovem morador quem fala das dificuldades que a comunidade enfrenta, na situação que não é só atual, mas permanente. Ele percebe que os aspectos levantados por nós, aqui, de forma pontual, poderiam ser resolvidos, no todo, e compreende que isso apenas iria requerer uma outra atitude política.

*“[...] enquanto essa comunidade podia crescer em número de pessoas, ser muito bem investida. **Porque o governo num olha pra nós:**” (Anexo I. Entrevista nº 6, p. 253, grifo nosso).*

Ele enumera as situações que servem como evidências da irracionalidade do sistema, e que ora se implanta, em Ponta de Pedras:

“Aqui a gente vive de venda, tá entendendo. Mas, se num vem o cliente prá comprar o nosso produto, nós num vamos vender, num vamos ter nosso dinheiro. Por que? Porque nós num temos uma estrada boa; se nós num temos uma estrada boa, nós num vamos ter o acesso pra ir em Santarém, prá oferecer uma coisa boa pro cliente quando vier deixar o dinheiro, deixar uma qualquer coisa. Transporte, também; transporte tem tudo a ver com a estrada, porque a estrada, do jeito que tá, nenhum empresário quer meter seu ônibus pra cá. Por que? Porque se ele vem, mete um ônibus pra cá, se ele leva dez pessoas pra Santarém, não dá pra tirar o que ele gastou pra vir aqui, não dá de cobrir o que ele gastou prá vir aqui. Porque, se tivesse uma estrada boa, essa Interpraia, por um exemplo, que tá com vários anos, por aí, que chegou verba pra se concluir essa Interpraia, e nunca que foi concluída, tá no mato, né. Então, nós lutamos, aqui, contra o governo e contra uma outra comunidade, que é Alter do Chão. Alter do Chão. Por que? Porque, se hoje chegou a verba pra... vamos fazer a estrada de Ponta de Pedras, ela vai em peso pra derrubar. Por que? Porque é uma das nossas concorrentes; se melhorar a estrada, pelo menos em piçarrada (pavimentação com piçarra¹⁸), pra cá, vai cair muito pra eles. Por que? Porque muitas pessoas, não são todas, muitos reclamam daqui lá pra eles e muitos que chegam aqui, de lá, dizendo que Alter do Chão é um barulheiro doido, é isso e aquilo, porque eles

¹⁸ Picarra: mistura de terra, areia e pedra miúda, usada em pavimentação.

querem um lugar mais tranqüilo. Então, nesse ponto, já ia cair pra eles lá. Isolados, realmente, nós ficamos aqui, praticamente isolados, tanto por transporte, tanto por turista, por outras coisas. É muito complicado. Então, ele (o governo, por meio de ações do SEBRAE) investiu nessa parte, ele preparou nós, não totalmente, mas ele já preparou pra nós recebermos o turista. Mas não tem o turista pra nós receber. Navio americano passa, passa aqui, na frente de nós, mas eles nunca pararam aqui, não é? Em Alter do Chão, não; em Alter do Chão, eles enchem. Por que? Porque, lá, eles têm o que oferecer, né. O governo investe muito em Alter do Chão. Agora mesmo, eles já vão construir a orla de Alter do Chão. Lá, é muito bonito o projeto deles, eu já vi a planta tudo, já me deparei, então vai ficar muito bonito! (Anexo I. Entrevista nº 6, p..253-4).

A noção de ‘mundo administrado’, desenvolvida por Adorno & Horkheimer (1985, p.9), pressupõe a existência de burocracia. Os novos procedimentos de conformação e participação, que são efetivados na Associação de Moradores, recorrem à burocracia e dirigem-se, inequivocamente, rumo à centralização e à burocratização de poder.

“Então, é isso, aí, que a comunidade... ela nunca consegue andar com as suas próprias pernas. A associação funciona, de funcionar ela funciona, mas ela num tá totalmente organizada, porque eles aceitaram muitas das pessoas de fora se meterem nessa associação que, hoje em dia, como eu vou lhe falar, ela tá com um buraco. Por que? Porque se você... muito... (pausa, silêncio, por alguns minutos). O presidente do Brasil, ele é presidente do Brasil, todos os eleitores, todo mundo vota; então, aqui, hoje, vai ter uma eleição; quarta, dia quatorze, é sábado, vai ter uma eleição, mas só vai votar quem é associado. E os outros comunitários, como é que você vai se sentir? E, principalmente, eu fiquei, eu, pessoalmente, eu fiquei chocado com isso. Por que? Porque é um presidente comunitário e não de uma entidade só. Não é como presidente de time, você manda lá. Não. Então, os comunitários não vão ter o direito de votar, só os associados que tiverem quites, ainda. Então, nós num vamos ter o nosso, pô, eu tenho que dar a minha opinião, eu vou ajudar a escolher esse presidente,

porque eu acho que ele vai fazer uma coisa melhor. Não. Então, se entrar um outro presidente, na associação, que tem um presidente que tá concorrendo na chapa, que era da mesma chapa que tava anterior, se ele ganhar, então, vai ficar do mesmo jeito. Então, tudo tem que haver uma mudança, pra que nós possamos melhorar, se não... A eleição vai ser sábado. Então, nós tamos nessa, sem opção; tem opção, mas não vai poder ir lá, dar opinião, dar sua força. Então, tudo isso já é uma dificuldade pra comunidade, já é um problema pra comunidade.” (Anexo I. Entrevista nº 6, p. 255).

5.3 Autonomia intelectual

Ainda que a compreensão que envolve autonomia intelectual, nesta tese, esteja referida ao uso da razão, pelo sujeito, na orientação de sua ação; portanto, pressupondo a não dissociação entre teoria e práxis, acreditamos não ser possível prescindir da ilustração, enquanto educação formalizada, como etapa fundamental desse processo. Por esse motivo, abordaremos, inicialmente, o aspecto educacional que se desenvolve, em Ponta de Pedras, bem como as alternativas disponibilizadas aos moradores daquele lugar.

Ao entrarmos em contato, pela primeira vez, com a comunidade, fomos informados de que havia uma única escola atuando em regime multisseriado. O atendimento prestado se restringia às quatro primeiras séries, do ensino fundamental, e contava com uma professora que residia na própria comunidade.

“Escola nós só tem essa, aqui. Essa bem aí... A professora é aquela mulherzinha que tá bem ali, de aventar encarnado, é ela, lá. As criança todas estudo aqui e quando se formo, já mermo ali pela quarta, quinta, aí vão prá Santarém. Ficam aqui só os pequenozinho, aqui. Ela é paga pela Prefeitura, mas só funciona até às 11h.” (Anexo I. Entrevista nº 3, p.214).

Acredito que a imagem descreve melhor que as palavras as condições físicas e materiais, em que se desenvolvia o processo educacional.



Figura 12. Escola Municipal de Ponta de Pedras (Santarém, PA). 2003.
Fonte: Arquivo fotográfico pessoal da pesquisadora.

No último período em que lá estivemos, um novo prédio já havia sido construído para abrigar a escola, que mantinha, entretanto, a mesma estrutura educacional de classes multisseriadas. O número de professoras dobrou – agora, eram duas, atendendo às crianças.

O prédio, apesar de grande, situa-se em local afastado da área residencial da comunidade, sendo recorrente a presença de cobras, encontradas pelas crianças, no caminho da escola e até mesmo em seu interior.

A construção do novo espaço físico não alterou, de forma substancial, o quadro, extremamente sério, de dificuldades para aqueles que buscam se educar. Apesar dos inúmeros trechos de relatos, que poderiam ilustrar tal situação, apenas um será transposto para esta seção. Ele contém uma série de elementos que permitem não apenas dimensionar a resistência dos sujeitos para enfrentar os impedimentos que se apresentam, mas, fundamentalmente, coloca em questão uma convicção amplamente difundida no meio escolar: a de que filhos de pais oriundos de zona rural e analfabetos não atribuem valor à educação escolar, se comparados aos de pais que vivem nas cidades e que se submeteram a processos de escolarização.

Vejamos a dura realidade exposta no relato:

“Então, foi que veio, tinha supletivo, no São Braz, que eu num sei quantos quilômetros dá; acho que dá lá pra uns trinta quilômetros, daqui lá, né? Nessa faixa. Aí, nós fizemos uma equipe de cinco alunos – era eu, meu cunhado e mais três; nós saíamos aqui, de bicicleta, às vezes, sem o almoço, só com o café da manhã, né; às vezes, nós trabalhava em juquirá¹⁹, roçava (capinava), pra ter o nosso dinheirinho, pra comprar as peças pra bicicleta. Quando quebrava, às vezes num tinha, e um levava o outro, ainda. Era mais sacrificoso, ainda. Então, nós saíamos daqui, às três horas da tarde, né, e entrávamos, às seis horas, no colégio; às vezes, os professores diziam: ‘Pô, vocês tão chegando atrasados’, num sei o quê... Porque eles num entendiam pelo que a gente passava. Às vezes, a gente ia, daqui, quando chegava em tal parte, já lá perto, quebrava a peça de uma bicicleta dum. Aí, a gente num deixava aquele que quebrava a peça, a gente num deixava pra trás, a gente esperava e: ‘Se você vai andando, a gente vai andando também.’ Até que teve um dia, que a gente vinha de lá pra cá, quando chegou bem na entrada da pista pra cá, aí, do meu cunhado, que ele era o mais gordo, né, furou um pneu; e aí, a gente andava mesmo, sem preparo nenhum, sem arma

¹⁹ Tipo de vegetação que aparece em áreas onde ocorreu o desmatamento apenas de árvores de grande porte.

nenhuma, a única arma mesmo era Deus, que andava com a gente, pra livrar a gente de outras coisas más; então, de lá pra cá, não, a gente vai dar um jeito de chegar, andando pra casa. Nós viemo chegar pra cá, nesse dia, já eram quase quatro horas da madrugada. Porque nós vinha um esperando o outro, pra não deixar... “Não! Você? Aconteceu isso?” Nós escondemos a bicicleta, no mato, e viemos andando. Aí, foi o tempo que desistiram três; aí, ficou só o meu cunhado e eu. Aí, foi que eu terminei, né, concluí o meu primeiro grau, né, fiz o supletivo. Quando teve um ano que eu estudei, já era pra ser três anos, nessa peleja, né, quando teve um ano, aí, que desistiu o meu cunhado, ficou só eu. Aí, eu estudei o mês de fevereiro e março; aí, quando eu vi que era muito dificultoso, porque indo dois, não, é melhor, porque você vai conversando, vai se distraindo, né, até chegar no colégio; o tempo num custa a passar, dá mais uma coragem em você. Mas só um, pra você ir e voltar à noite, sozinho, é muito perigoso, no escuro, ainda. Às vezes, a gente comprava aquelas lanternas, né, colocava um carregó (carga de grande quantidade) de pilha e amarrava na frente, no guidão da bicicleta, prá poder guiar; só que, quando chegava no meio da estrada, acabava; aí, tinha que vir no escuro. Cobra, principalmente no período do inverno, né, que é muito molhado... Então, foram dois anos e dois meses, porque ainda estudei dois meses, né; foi nesse sacrifício, mas que hoje eu valorizo, né. Porque eu consegui, com meu próprio suor, eu consegui chegar nesse nível, que eu tô hoje, né, e pretendo ainda avançar mais.” (Anexo I. Entrevista nº 6, p. 249-50, grifo nosso).

Atualmente, no interior da totalidade operam conjuntos que, a partir do movimento social, sedimentam, na formação cultural, aquilo que Adorno (1996, p.338-341) denominou “espírito objetivo negativo” e que a converte em semiformação socializada. Trata-se do espírito alienado, que antecedia, e que agora sucede, aquela formação. Nele, a rusticidade que se atribui à natureza produz a vida e reproduz-se como símbolo que renunciou à autodeterminação e orienta-se rumo à barbárie. Adorno (1996) esboça uma “teoria da semiformação” (*Theorie der Halbbildung*), pela qual

ilustração e informação são auxiliares desse ofuscamento da consciência atual, indicando os fundamentos nela presentes.

Segundo o autor, a cultura dotou seus bens de valor e dissociou-se da relação com a liberdade. Essa dissociação permitiu a separação entre cultura e práxis, gerando uma consciência progressivamente alienada. Adorno assinala:

“Max Fish observou que havia pessoas que se dedicavam com paixão e compreensão aos chamados bens culturais e que, no entanto, puderam se encarregar tranqüilamente da práxis assassina do nacional-socialismo. Tal fato não apenas indica uma consequência progressivamente dissociada, mas sobretudo dá um desmentido objetivo ao conteúdo daqueles bens culturais – a humanidade e tudo o que lhe foi inerente enquanto sejam apenas bens, com sentido isolado, dissociado da implantação das coisas humanas.” (ADORNO, 1996. p.389).

A cultura, enquanto conformação à vida real que se reduz à própria adaptação, impede que os homens se eduquem uns aos outros. Por perceber a precariedade do processo de socialização, que força à unidade, ela precisa eliminar qualquer ameaça desorganizadora dessa unidade, possibilidade que só emerge onde já está estabelecida uma tradição de cultura espiritual autônoma. Nesse ponto, Adorno reitera o pensamento de Freud, que vê a pressão positiva de submissão à ordem, exercida sobre os homens, perpetuar neles a deformidade que pensava ter dominado – a agressão – razão do mal-estar que a cultura carrega em si.



Figura 13. Morador tecendo palha. Ponta de Pedras (Santarém, PA). 2003
Fonte: Acervo fotográfico pessoal da pesquisadora.

O conceito de formação cultural, necessariamente, postula a idéia de uma humanidade sem *status* e sem exploração, e, ao distanciar-se de seu fim, se faz ideologia. A idéia de formação contém momentos de finalidade, mas esses seriam voltados a tornar os indivíduos aptos a se firmarem como racionais e livres, numa sociedade racional e livre, ou seja, autônomos. Adorno (1996) alerta, entretanto, para o fato de que a burguesia assumiu posição-chave, na história, baseando-se na condição econômica objetiva e não num contexto espiritual, ao mesmo tempo que o proletariado não se encontrava, subjetivamente, mais avançado que ela. Foram os dominantes que monopolizaram a formação cultural, numa sociedade formalmente vazia. Passa, assim, a formação cultural transformada em “*educação popular, a nutrir-se da ilusão de que a formação por si mesma e isolada poderia revogar a exclusão do proletariado, que sabemos ser uma realidade socialmente construída.*” (Idem, *ibidem*, p.392-393).

Apesar dessa situação, Adorno ainda vislumbra alguma possibilidade de que a organização dos sujeitos venha se contrapor a esse modelo. “*É possível que inúmeros trabalhadores, pequenos empregados e outros grupos, graças à sua consciência de classe ainda viva, embora debilitada, não caiam nas malhas da semiformação*” (Ibid., p.395).

Até o momento, a autonomia nunca chegou a se realizar, passando de uma heteronomia à outra. Segundo Adorno, o resultado da semiformação não é a incultura do antigo estilo, a camponesa. Atualmente, as zonas rurais não passam de focos de semicultura, embora o conhecimento esteja mais a seu alcance que a arrogância da academia possa admitir. Daí, pode-se compreender porque a formação cultural, ao promover a integração, cria, para a consciência, barreiras cada vez mais fluidas... “*No entanto, é ainda a formação cultural tradicional, mesmo que questionável, o único conceito que serve de antítese à semiformação socializada,[...]*” (ADORNO, 1996, p.395).

Adorno, em “Educação e Emancipação” (1995 a), ressalta que:

“[...] como estão limitadas as possibilidades de mudar os pressupostos objetivos, isto é, sociais e políticos que geram tais acontecimentos, as tentativas de se contrapor[...] são impelidas necessariamente para o lado subjetivo. [...] A educação tem sentido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica.[...] Refiro-me tanto ao lado psicológico somente porque os demais momentos, mais essenciais, em grande medida escapam à ação da educação, quando não se subtraem inteiramente à interferência dos indivíduos.” (p.121 e p.123).

Acreditamos, portanto, que seja possível o desenvolvimento de uma proposta de educação, na Universidade Federal do Pará, que permita a crítica da dominação presente na formação que toma lugar, em nossa realidade amazônica. Pelo fato de a UFPA se constituir no *lócus* da produção de conhecimentos, da investigação e

análise que são desenvolvidas no interior do espaço acadêmico, que ela também seja capaz de levar em consideração as formas de conhecimento elaboradas pelas pessoas que habitam essa região e que se relacionam com os problemas ali existentes. A Universidade estará, assim, contribuindo para a compreensão das alterações ocorridas na estrutura social, baseadas tanto nos princípios constitutivos, quanto nas formas de integração e nos conflitos presentes naquela estrutura. Tal contribuição tornaria possível estabelecer um outro sentido para o desenvolvimento e a educação que se pretende capaz de promover alterações nos padrões sociais, que sejam mais dirigidas a benefícios efetivos para as gerações atuais e futuras.

“Nós não podemos produzir outra geração de cientistas iludidos pela crença de que a pobreza e a iniquidade dentre e entre os estados são realidades para outras culturas e que a comunidade científica serviria melhor se seu trabalho não fosse afetado por essas condições; ou outra geração de médicos para os quais a medicina começa onde o trabalho dos arquitetos e engenheiros termina e que consideram um desprestígio profissional aproximarem-se da cruel realidade dos cuidados de saúde em áreas rurais; ou outra geração de advogados defensores da lei que mantêm suas regras com tanta paixão como verdadeiros guardas imperiais para os quais a lealdade torna-se mais virtuosa que a justiça; ou, em geral, mais acadêmicos, particularmente nos países menos desenvolvidos, ligados a noções clássicas em campi privilegiados. Nós não podemos produzir, ao final, outra geração de polidos profissionais que asseguram um lugar ao sol, invés de uma outra geração de pessoas verdadeiramente educadas para os quais o horizonte seja o bem-estar universal e que vejam sua prosperidade e a prosperidade de sua sociedade não como um fim em si mesmo, mas como elemento da totalidade da felicidade humana.” (RAMPHAL, 1994 apud ARAGÓN, 2001, p. 8).

Eis também que a *“teoria crítica visa à felicidade de todos os indivíduos”* [e por isso] *“...não aceita a continuação da miséria. [...] O que resta do idealismo é a crença de que as possibilidades do homem são outras, diferentes da incorporação ao existente e da acumulação de poder e lucro”* (HORKHEIMER, 1975, p.166).

CONSIDERAÇÕES FINAIS...

AINDA REFLEXÕES A PARTIR DA REALIDADE

A busca pela compreensão do processo de evolução histórica do homem tem percorrido caminhos e descaminhos, por meio de análises feitas ao longo dos tempos. Se considerarmos o esforço realizado por inúmeros e importantes pensadores, parece tratar-se de análises que não se esgotam em nenhum enfoque particular, por maior que seja sua amplitude, profundidade e complexidade. Kant, Freud, Marx, Benjamin já discutiram alternativas para a emancipação humana, ao identificarem, no seu processo de desenvolvimento, os desvios possíveis. No percurso até aqui já traçado, as perspectivas efetivamente observadas não confluem para um fim que se apresente conciliador, quer na forma quer no conteúdo, para todos os homens.

A própria expressão *humanização* já apresenta conotação intrínseca à noção de etapa evolutiva compreendida como processo a ser desenvolvido pelas ações do homem que, enquanto indivíduo particular, busca atribuir significado à vida, ao mesmo tempo em que suas realizações afetam a espécie humana como integrante do todo do qual ele é parte.

O estudo relatado nessa tese permitiu-nos acompanhar não algumas simples abstrações, mas a busca de seres humanos para encontrar, em seu mundo interior e exterior, meios de traçar sua trajetória de humanização. Isso mostra suas vidas se desenrolando em fatos e situações concretas nos quais, por mais difícil que nos seja reconhecer a realidade em que suas existências se registram, a força que demonstram

por ainda suportá-los com tanta dignidade já dá provas de que é necessário resistir ao poder exterminador da dominação.

As dificuldades que se apresentam em cada momento revelam como o homem foi modificando as suas formas para enfrentá-la e superá-las. A floresta, apesar de apresentar, em seu interior, exuberância em riquezas e quantidade de condições que asseguram sobrevivência, expõe, com a mesma grandiosidade, a impotência e a inferioridade do homem e da vida humana, diante dela. Aos poucos, ele vai, pela necessidade, conhecendo-a e dominando alguns de seus segredos. Numa relação que ainda se baseia na correlação de forças evidenciada entre homem e natureza, a dominação é atribuída apenas a ela. O mito embasa suas explicações a respeito dessa condição e dessa relação. O que se percebe, por exemplo, nos relatos dos sujeitos, ao atribuírem aos animais, por sua esperteza diante do “conhecimento” das ações dos pescadores, a atual escassez de pescado.

A atitude dos mais velhos, no passado, também servia como exemplo de relação mais harmoniosa onde, apesar da fartura, o desperdício não era tolerado. Quando seu D. relata que o avô atirava de volta ao rio parte da quantidade de pescado apreendido na rede (tarrafa), quando a considerava acima da necessidade de consumo de sua família, ele não está narrando apenas um fato objetivo, mas uma apreensão moral dessa ação. Apesar de serem transmitidas experiências nas quais os sujeitos percebiam mais facilidades para sobreviver nas situações passadas que nas que vivenciam no momento, lá também se encontram situações difíceis.

As dificuldades da vida são experimentadas por essas pessoas desde tenra idade, mesmo que na infância, por sua imaturidade, filtrem as experiências dolorosas com uma aparente maior facilidade que noutras etapas da vida.

Assim é a infância vivida dos sujeitos, algumas marcadas pela morte precoce, de um pai ou de uma mãe, o que os coloca ante a exigência de ter que repor a força de trabalho que desaparece, para dar continuidade à vida daqueles que dela dependiam. A perda de um dos pais é entendida e relatada, entre os moradores de Ponta de Pedras, como necessidade de assumir um trabalho duro, muito cedo. Situação, hoje, que não se restringe à perda de um membro familiar, pelo fato de as dificuldades, agora enfrentadas, já afetarem, indiscriminadamente, a todos, mesmo quando a família, na sua totalidade, está envolvida no trabalho. Em outro extremo, a necessidade de trabalhar pode ocorrer e, com ela, a possibilidade de ter que deixar a família, por outros motivos; a experiência da perda, nessa situação, não é muito diferente da outra, a não ser pela morte em si.

Dona E. e seu filho B., moradores de Ponta de Pedras, viveram partes de suas vidas fora da família. A mãe, para trabalhar; o filho, com a intenção de estudar, o que não foi possível diante das condições de trabalho a que foi submetido. Mas a decisão de voltar para casa foi tomada como uma obrigação sentida para ajudar os pais e irmãos, que ficaram em situação que consideravam pior que a sua própria.

De outro lado, temos, entre os garimpeiros, casos em que a saída da família não é motivada pela morte dos pais, mas por outros motivos. Dos três que participam deste estudo, apenas um tem sua origem na zona rural, enquanto os outros dois vêm das capitais de seus estados. Nos relatos desses últimos, são declaradas situações de dificuldades, em algum momento de suas vidas, que tiveram de enfrentar sozinhos, longe de suas famílias.

Se tomarmos tais momentos vivenciados na infância dos sujeitos de Ponta de Pedras, observa-se que as situações, indistintamente, impõem a necessidade de que

esses indivíduos se orientem com base no princípio de realidade. O princípio do prazer, mesmo que atuante neles, se deixa conduzir por formas de comportamento que permitam ajustar suas necessidades aos padrões de vida existentes. Esse **mecanismo de auto-regulação**, em que o princípio de realidade vai moldando o princípio do prazer, para aquelas realizações possíveis no mundo exterior, não evidencia discrepância, no que foi obtido pelo relato dos sujeitos, quanto à intensidade da ação da realidade sobre os impulsos dos indivíduos. De um modo geral, os sujeitos narram situações onde a satisfação não está presente. Apenas duas pessoas expressam o prazer experimentado nesses momentos: seu D. e dona. E. O primeiro associa o seu trabalho aos laços emocionais que o ligam à família; a segunda, embora volte sempre à casa dos pais, expressa o prazer encontrado fora de lá.

Há evidências, nessas passagens da infância, de que os sujeitos, embora se deixem conduzir de modo a ajustar-se às exigências que a realidade impôs, têm nessa mesma necessidade, ainda identificada na situação, a justificativa para sua aceitação. Porém, a evolução desse quadro leva ao distanciamento crescente entre o que se impõe e aquilo que é realizado pelo sujeito. É necessário ressaltar que um dos pescadores, embora revele que, nas situações atuais, o desprazer seja freqüente, declara que, em momentos do passado, o trabalho, ainda que bruto, guardava características de trabalho coletivo, realizado, até certo ponto, de forma a promover satisfação e orgulho e beneficiar a todos.

No passado recente, ocorre uma inversão: os que trabalhavam com pesca e agricultura são os que atuam, hoje, no comércio, por influência do turismo ecológico, que se transformou em moda na região amazônica, face às mudanças econômicas observadas. Em suas narrativas, encontram-se as mais claras expressões da alienação

que vivenciam. Não conseguem se envolver nessa atividade, que parece não ser sequer necessária, no atual estágio de desenvolvimento que a comunidade atravessa. Os relatos dão provas de que, ali, dentro das barracas, são consumidas suas vidas, sem que vejam objetivo racional para isso. Não há fluxo de turistas, acessos que facilitem o deslocamento destes, facilidades para aquisição e comercialização de produtos (alimentos, bebidas, iguarias etc.) acrescentando-lhes, apenas, a sensação de inutilidade. Verifica-se uma **hetero-regulação** como uma imposição que não se funda em necessidade alguma que a justifique de modo racional ou razoável. A realidade parece irreal.

Por parte dos garimpeiros, o de origem rural fala da vida no garimpo de um modo bastante diferenciado dos demais. Não chega a expressar prazer, mas afirma a existência de relações de amizade e de solidariedade, também presentes, num ambiente, em geral, hostil; os demais só compartilham sua opinião, quando se trata de solidariedade nas situações de doenças. As outras experiências apresentadas são a ameaça constante, a insegurança, a disputa, a violência e o medo. Atualmente, apenas um dos garimpeiros, que se transformou em empresário, hoje falido, ressalta as dificuldades econômicas que atravessa, comparando a opulência que o garimpo permitia, em algumas situações, a uns poucos. Todos são unânimes em afirmar que não desejariam retornar a ele, nem permitiriam aos seus filhos tal experiência. Nesse aspecto, os dois grupos, garimpeiros e moradores de Ponta de Pedras, se aproximam, pela experiência de realizarem atividade para a qual não conseguem encontrar razão que se mostre suficientemente capaz de justificá-la. A diferença é: os garimpeiros experimentaram tais situações, no passado, e abandonaram-nas; para os moradores de Ponta de Pedras, elas constituem a sua sobrevida atual.

De outro lado, confrontando-se os relatos desse último grupo percebemos que, a expressão dos que identificam prazer em suas atividades atuais de trabalho, se evidencia em um sujeito – o agente de saúde de Ponta de Pedras -, enquanto, nos demais, a percepção que possuem das experiências de trabalho são de desprazer e de dor, na vida presente dos moradores da comunidade.

Há que se ressaltar que, dos grupos estudados, os sujeitos que desenvolvem atividades na comunidade, envolvem a família, de algum modo, em seu trabalho. As atividades são realizadas, coletivamente, no grupo familiar, e atendem suas necessidades; mas podem, ao mesmo tempo, extrapolá-las. Observa-se isso, de modo claro, como um padrão normativo para o conjunto dos moradores de Ponta de Pedras. Mesmo quando as mudanças são operadas fora da própria família, ainda é possível interferir. Seu D guarda, na memória, as lições aprendidas com o avô, opondo-se, com clareza, aos novos modelos de pescaria praticados por jovens moradores, de Ponta de Pedras, que não respeitam princípios básicos de preservação defendidos. Seus relatos são repetidos, como exemplo, pelos mais jovens, ao compararem as condições de vida anteriores e atuais. Isto se dá, mesmo que seu D. não tenha filhos.

O mesmo não é observado nos relatos de situações vividas no garimpo. O garimpeiro J.L. (Anexo II. Entrevista n° 1,p.273-83) faz questão de frisar sua decepção com o casamento desfeito, após tentativa frustrada de reconciliação com a esposa, no garimpo. Seu depoimento é contundente, no que diz respeito à total incompatibilidade existente entre a vida no garimpo e permanência e manutenção da família, no mesmo espaço.

Não – identidade: auto e hetero regulação

Com base nas situações destacadas das narrativas dos sujeitos, introduzimos uma discussão que nos parece pertinente: a aceitação, pelos sujeitos, das condições que estão se dando, ao longo de suas trajetórias de vida. Notamos que uma certa aceitação voluntária permeia o seu agir, quando a coação dos padrões comportamentais, que se dá pela necessidade de sobrevivência, passa a um segundo plano. A possibilidade de que os sujeitos não se apercebam, conscientemente, da coerção externa, produzida sobre a sua ação, se torna possível graças à interiorização da cultura nestes. Sua influência sobre os indivíduos atua de modo a promover manutenção ou ruptura com o dinamismo social. Uma influência que se dá pela mediação promovida, principalmente, pela família, enquanto instituição que obedece a uma hierarquia estabelecida no desenvolvimento ontogenético do indivíduo.

Hierarquia aquela que explicita o poder e a autoridade, centrados na figura do pai, o qual reúne a força física que assegura o provimento e atua, de forma decisiva, na inserção no mundo do trabalho. Esse mecanismo que fortalece a identificação com o que representa – força, autoridade e poder – será, mais tarde, consolidado por outras instâncias da cultura. Aqui, no entanto, não há unidirecionalidade de forças, uma vez que o indivíduo pode reconhecer a violência, no processo de socialização, e dirigir suas forças contra o que ela representa, visando sua independência.

Pode, ainda, ser reconhecida a particularidade dos sujeitos, no interior da instituição família, o que a faz distinta das demais agências socializadoras. As relações nela estabelecidas ainda se dão com base no afeto cultivado no seu interior e, particularmente, entre seus membros. Em outras instituições, o valor de troca se faz presente, o que poderia levar o indivíduo a apresentar resistência a essa ordem

que subverte a que se estabelece na família. Portanto, está presente a possibilidade de que, para além de sua função repressiva, ainda possa servir como modelo utópico para as gerações futuras.

Mas o que presenciamos, atualmente, entre os moradores de Ponta de Pedras, é a falência da família em assegurar ao menos a criação de seus filhos. A precariedade de condições ali evidenciadas torna a entrega das crianças a outras famílias uma rotina dramática. Os filhos que ali permanecem, por total falta de oportunidades suficientes (ou até de oportunistas), sofrem a indignidade diária de não conseguir alimentar-se, mesmo que, para isso, submetam sua vida ao trabalho.

Civilização e barbárie

Aprendem esses indivíduos, desde cedo, que, para conquistar alguma independência, terão que ir buscar outras formas de vida. Mas todas as saídas buscadas levam de volta ao mesmo lugar: à submissão ao poder. As condições de vida, a que são reduzidos os sujeitos, não apresentam oportunidades, para que neles se desenvolva uma consciência que seja auto determinada pela vontade, mas, ao contrário disso, fazem emergir tão somente a que se submete às exigências externas, impostas pela necessidade de sobrevivência do próprio mecanismo social.

Diante da percepção de que as chances de melhorar tal situação não se viabilizam, em função de uma escassez de recursos para atender a crescente demanda, põe-se em funcionamento uma disposição para o ajustamento ao que parece ser a saída: uma busca pelo acúmulo de bens, já identificada no processo social. Cedem, assim, às tentativas apresentadas de que seus procedimentos é que estão fora da ordem, que é preciso uma outra organização, para fazer frente às dificuldades enfrentadas.

A nova ordem não se estrutura apenas na vida externa, mas na própria interioridade dos sujeitos, que atuam de modo a regredir às arcaicas formas de violência, de quando precisavam enfrentar a natureza indomável. Mas o dispositivo que acionam, nesse sentido, é o mesmo que haviam projetado nela. Agora, a natureza indomada no homem é que se apresenta. Porém, como já ressaltou Freud, o homem lança ao exterior, objetos, pessoas, aquilo que não pode reconhecer nele, projeta, assim, na razão a dominação que via na natureza.

Comandado por essa força incontrolada, tudo fica sob seu domínio, menos ele próprio. Segue, assim, convencido de que a razão permite um novo olhar sobre a realidade e sobre si mesmo; de que, agora, os interesses de cada um devem se sobrepor aos do todo e de que os meios devem ser os que logrem alcançá-los. Cegos, não atingem nem seu auto-conhecimento, por não perceberem o que realmente querem, nem o conhecimento, aquilo que podem fazer para realmente alcançá-lo.

Razão instrumental e ética

Diante dessa nova ordem – o capitalismo, o sujeito passa a objeto. A ele se pode atribuir valor, em função do que possui. Os objetos é que são os sujeitos. A condição para que isso ocorra é a de que, por essa inversão ideologicamente preparada, forças externas, situadas na esfera econômica, concorram com forças internas, na estrutura pulsional dos sujeitos, para se instalar. A esfera econômica forja, pela coerção, a adaptação ao modelo; enquanto, no indivíduo, a ideologia atua de modo a atrelar-se às esperanças e expectativas de realização seus desejos.

O que consegue é a sensação de insatisfação ou de frustração, o que gera ainda mais violência contra a própria cultura. Nos garimpos, ela se dirige,

indistintamente, contra todos, mas se revela particularmente cruel nas relações estabelecidas com as mulheres. A renúncia ao prazer, que a razão promete satisfazer de outro modo, não se efetiva; apenas cria a falsidade e o logro. Tais impulsos não são impunemente represados ou recalcados. O dique se rompe, não há como contê-lo. A civilização recai em barbárie.

Autonomia e heteronomia

Como ideologia em que se vê transformada a realidade, aí, também, reside a possibilidade de o indivíduo desvelar a falsidade que a própria realidade nega.

É pelo conhecimento que isso se faz possível. O conhecimento que se ponha a serviço do desvelamento, como no processo psicanalítico, para revelar o que existe de irracional no sistema. Assim, a consciência se volta não para a sua concepção psicológica, vinculada apenas ao caráter inteligível, mas para esclarecer onde ela se perdeu. A saber, na idéia de possibilidade de um agir correto, situado na dependência da vontade exclusiva do indivíduo, pressuposta a correta organização do mundo, como alertou Adorno (1976, p.57)

A exacerbação da ação individual concorre para que a identificação não seja mais possível, nem mesmo no interior da instituição familiar, e permite uma identificação com o próprio dominador, graças à idéia de falsa integração e falsa identificação, que são apenas submissão.

Educação e emancipação

Em nosso estudo, ficou visível que a educação, ‘colocada a serviço’ dos grupos que investigamos, tem outras finalidades, que não sua transformação para a

autonomia. Está muito mais próxima dos objetivos de condicionamento social e de obscurecimento da consciência. Falamos de condicionamento social por entendermos que, ali, só vem se dando a manutenção de necessidades que são produzidas e reproduzidas pelas condições concretas de vida, numa atmosfera de falsa liberdade dos sujeitos, que dificulta a percepção da própria ausência daquela liberdade. Nega-se-lhe a possibilidade, tanto pela via da experiência formativa do trabalho social quanto pelo movimento de elaboração intelectual com vista a reflexão.

Hoje, já não é mais apenas uma possibilidade futura a proposta apresentada pelo pesquisador e então reitor da UFPA, para adoção de novas tecnologias educacionais, visando enfrentar a enorme desvantagem cultural observada na região amazônica, com a utilização da modalidade de educação à distância, em larga escala, para diminuição do baixo índice de escolarização da população. Ela é a realidade que se coloca para aqueles grupos. A Universidade Aberta do Brasil, única no país, nessa modalidade, já está criada e é coordenada pelo atual reitor da UFPA. Subsidiada por consórcios que não são conhecidos da comunidade acadêmica, ela representa uma incógnita, quanto à forma de atuação que irá seguir.

Não queremos criar oposição *a priori*. Entretanto, receamos que essa concepção de educação venha substituir o modelo tradicional presencial, previamente existente. E que se destine, prioritariamente, àqueles grupos considerados ‘indicados’ para recebê-la: os que estão mais carentes de uma formação de qualidade. Numa sociedade como a que ora se instala, fundada no capitalismo, a educação, vista como bem, só aumentará a produção de fins mercantis. Dominada em ambos os sentidos, no campo do trabalho e no da educação, a cultura se confunde com a economia.

Diante do que podemos alcançar da realidade estudada, não há como não constatar o processo acelerado de transformação cultural que toma lugar, mobilizado por questões econômicas, e que adentra as relações dos sujeitos a ele submetidos.

Não há progresso verdadeiro, ao compararmos as formas de comportamento adotadas, atuais e passadas, se identificamos um mesmo princípio subjacente, apesar de considerarmos, nas formas sociais anteriores, padrões comportamentais que indicam uma diferença qualitativa.

Nas relações previamente estabelecidas, as características comunais se faziam presentes e encontram-se ausentes, nas atuais. Essas últimas estão claramente assentadas na lógica capitalista, marcada por individuação, competição e mercantilização, que submete, indiscriminadamente, homem e natureza. A inclinação humana que leva em direção ao progresso não consegue a realização do objetivo primeiro da vida – a felicidade – e associa-se a formas de existência autoritárias e opressoras, enredando o homem naquilo mesmo que pretendia evitar – a dominação

Apontar a presença da dominação como princípio organizador desse processo tem, como pressuposto, o reconhecimento da possibilidade de que a brutalidade do exterior, a sociedade total que não permite a diferenciação de seus membros não seja capaz de evocar esse núcleo primitivo inconsciente para promover a liquidação do indivíduo, mediante sua opressão pela sociedade.

O ajustamento e a adaptação revelam a dominação, mas, ao mesmo tempo, é possível que, percebidas a irracionalidade e a contradição que representam, nesse momento, se dê o conhecimento dessas formas de alienação. Também, não são percebidas condições em que se possa efetivar liberdade e autonomia, sem que as condições concretas que as produzem sejam alteradas. Resta à cultura uma reflexão auto-crítica sobre a semiformação em que se converteu.

Não podemos negar que desvelar manobras engendradas pela indústria cultural e semiformação parece não permitir o vislumbre de saídas otimistas. Porém, a constatação de que tais mecanismos não conseguem negar a realidade, de forma total e permanente, faz apontar a direção rumo a uma outra possibilidade, uma vez que, de

modo efetivo, o que é vivido pelos sujeitos é o que nega a própria falsidade da realidade.

O que se coloca, no centro de nossa discussão, é a proposta de educação voltada para a emancipação, que se dá a partir das antinomias presentes nos modelos de educação colocados à disposição de diferentes grupos e classes. Se a emancipação é exigência da educação, deixo que as palavras de Adorno sirvam para dimensionar, no âmbito institucional da escola, como efetivá-la:

“[...] diria que a figura em que a emancipação se concretiza hoje em dia, e que não pode ser pressuposta sem mais nem menos, uma vez que ainda precisa ser elaborada em todos, mas realmente em todos os planos da vida, e que, portanto, a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência.” (ADORNO, 1995, p.183)

Ação que deve ir se ampliando, até alcançar outros âmbitos da realidade:

“Prefiro encerrar a conversa sugerindo à atenção dos nossos ouvintes o fenômeno de que, justamente quando é grande a ânsia de transformar, a repressão se torna muito fácil; que as tentativas de transformar efetivamente o nosso mundo em um aspecto específico qualquer imediatamente são submetidas à potência avassaladora do existente e parecem condenadas à impotência. Aquele que quer transformar provavelmente só poderá fazê-lo na medida em que converter esta impotência, ela mesma, juntamente com a sua própria impotência, em um momento daquilo que ele pensa e talvez também daquilo que ele faz.” (Idem, ibidem, p.185)

A universidade é uma instituição social e, enquanto tal, reflete e retrata a sociedade da qual faz parte. Portanto, é também totalidade, que se evidencia pela contradição, de ser republicana e democrática em sua concepção, mas conter internamente as desigualdades que são imanentes a esse modelo que lhe serve. Em seu

interior, tomam lugar as mesmas disputas para fazer valer as idéias de democracia e democratização do saber existente no todo social que transforma esse direito em bem a ser apropriado por grupos ou classes, como garantia do poder para manter a dominação que assegura a posição de comando.

A racionalização a que foi submetida a cultura é a mesma que regula a instituição universitária, apartada de seu ideal de universalização e autonomia. Uma racionalidade que ajusta homens a serviço de mercados consumidores de mão-de-obra especializada, para gerar mais lucros para o capital. Exigência que dá relevância à técnica, sem avaliar a que fins se destinam. A apropriação do conhecimento, enquanto finalidade a ser colocada a serviço do homem, faz-se produção de informações de caráter privado, para os fins econômicos que a lógica do capital exige.

A direção que é tomada pela universidade, como uma tendência do próprio modelo de sociedade e cultura em que ela desenvolve, apresenta o mesmo questionamento que os sujeitos já nos indicaram. A ação que executa dissociada de reflexão é incapaz de compreender a realidade que está reificada e, por isso mesmo, não é problematizada ou refletida visando seu conhecimento, compreensão e alteração.

A possibilidade de retomada de sua autonomia não pode prescindir de uma postura crítica que envolva a relação que se estabelece entre sujeito e objeto de conhecimento. Um sujeito que, ao criticar as tutelas a que se acha submetido, possa convocar a razão, para conhecer as distorções que ocorreram no caminho à emancipação humana, para sua retomada.

REFERÊNCIAS

- ACSELRAD, Henri. (1993). Mercúrio metálico: crise do mercado e dano ambiental. In: MATHIS, Armin & GEHAAG, Regine (Org.) **CONSEQUÊNCIAS DA GARIMPAGEM NO ÂMBITO SOCIAL E AMBIENTAL DA AMAZÔNIA**. 1 ed. Belém (PA): FASE/KATALYSE, 1993, p. 73.
- ADORNO, Theodor W. (1996). Teoria da semicultura. *Educação & Sociedade*. CEDES. Campinas: Papirus, n. 56, p.388-411, 1996.
- _____. (1995b). Sobre sujeito e objeto. In: ADORNO, T. **PALAVRAS E SINAIS. Modelos críticos 2**. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis (RJ): Vozes, 1995.
- _____. (1995a). Educação contra a barbárie. In: ADORNO, T. **EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p.155-168.
- _____. (1995a). Educação após Awschitz. In: ADORNO, T. **EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p.121-124.
- _____. (1995a). Tabus acerca do magistério. In: ADORNO, T. **EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p.98.
- _____. (1993). *MINIMA MORALIA*. Trad. Luiz Eduardo Bicca e Guido de Almeida. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. (1978). Preconceito. In: ADORNO, T.W. **TEMAS BÁSICOS DE SOCIOLOGIA**. São Paulo: Cultrix, 1978, p.172-183.
- _____. (1972). Teoria de la seudocultura. In: ADORNO, T. W. **FILOSOFIA Y SUPERSTICIÓN**. Madrid: Taurus, 1972, p.141-174.
- _____. (1968). Sociology and psychology II. **New Left Review**. N.47, p.79-97, 1968. (Tradução nossa).
- _____. (1967). Sociology and psychology I. **New Left Review**. N.46, p.67-80, 1967. (Tradução nossa).
- _____. (1963). Probleme der Moralphilosophie (1963) In: ADORNO, T. W. *Nachgelassene Schriften: abt. 4, Vorlesungen, Vol. 10 Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1996*. In: SCHWEPPENHÄUSER, Gerhard A filosofia moral negativa de Adorno. *Educação & Sociedade*. CEDES. São Paulo: Cortez, v. 24, n.83. p.391-415,ago.2003.
- ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. (1995). O conceito de esclarecimento. In: **DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995, p.19-52.

- ARAGÓN, Luis E. (2001). **CIÊNCIA E EDUCAÇÃO SUPERIOR NA AMAZÔNIA. Desafios e oportunidades de cooperação internacional.** Belém (PA): UNAMAZ-NAEA, 2001, p.1-8.
- BAKHTIN, Mikhail M. (V. N. VOLOCHÍNOV).(1986). **MARXISMO E FILOSOFIA DA LINGUAGEM.** São Paulo: Hucitec, 1986.196 p.
- BECKER, Bertha K. (1994). **AMAZÔNIA.** São Paulo: Ática, 1994. 112 p. (Série Princípios).
- BENJAMIN, Walter (2000). **A MODERNIDADE E OS MODERNOS.** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000. (Biblioteca Tempo Universitário, 41).
- _____. (1969: original) O narrador. Observações acerca da obra de Nicolau Lescov In: Benjamin, W. **TEXTOS ESCOLHIDOS.** Trad. Erwin Theodor Rosental. São Paulo: Abril Cultural, 1975, p. 63-81 (Coleção Os Pensadores, n. XLVIII).
- _____. (1961: original) A obra de arte na época de suas técnicas de reprodução In: Benjamin, W. *Textos Escolhidos.* Trad. Erwin Theodor Rosental. São Paulo: Abril Cultural, 1975, p. 63-81 (Coleção Os Pensadores, n. XLVIII).
- _____. (1968). *Theses on philosophy of history.* In: Benjamin, W. **ILLUMINATIONS. Essays and reflections.** New York: Schocken Books, 1968.
- BOSI, Ecléa. (2003). **O TEMPO VIVO DA MEMÓRIA. Ensaios de Psicologia Social.** São Paulo: Ateliê, 2003.
- BRANCHES, Fernando (1993). Observações clínicas da contaminação mercurial no vale do rio Tapajós. In: MATHIS, Armin & GEHAAG, Regine (Org.) **CONSEQUÊNCIAS DA GARIMPAGEM NO ÂMBITO SOCIAL E AMBIENTAL DA AMAZÔNIA.** 1 ed. Belém (PA): FASE/KATALYSE, 1993, p. 57-60.
- CARNEIRO, Celivaldo. A saída contra o mercúrio é a comida. **Jornal LIBERAL,** Belém. 21 julho 1993, Caderno CIDADES, p. 3.
- CARONE, Iray. (1998). Luzes e sombras da psicanálise hoje. [Prefácio de] CARONE, I. (Org.) **PSICANÁLISE FIM DE SÉCULO. Ensaios Críticos.** São Paulo: Hacker Editores, 1998, p.7-18.
- _____. **A questão da ideologia em “A personalidade autoritária”.** São Paulo: 1990, 24p. (mimeo).
- COSTA, Francisco de A. (1993). A GARIMPAGEM NO CONTEXTO REGIONAL. Nem tudo no ouro reluz. Considerações para uma economia política da garimpagem na fronteira da Amazônia. In: MATHIS, A. e REHAAG, R. (Org). **CONSEQUÊNCIAS DA GARIMPAGEM NO ÂMBITO SOCIAL E AMBIENTAL DA AMAZÔNIA.** 1 ed. BELÉM: FASE/KATALYSE, 1993, p.13.

- COUTO, Rosa C., CÂMARA, Volney M. & SABROSA, Paulo C. Intoxicação mercurial: resultados preliminares em duas áreas garimpeiras. In: GUIMARÃES, Geraldo A., SILVA, Alberto R. B., DUTRA, Manuel S. (Org.). **CONTAMINAÇÃO MERCURIAL: homem versus meio ambiente nos garimpos de ouro da Amazônia**. Belém (PA): UNAMAZ, 1994, 388p. (Série Cooperação Amazônica, vol 12).
- CROCHÍK, Jose Leon. Apontamentos sobre o texto 'Educação após Auschwitz' de T. W. Adorno. *Educação & Sociedade*. Campinas, v. 42, p. 342-351, 1992.
- DUARTE, Rodrigo. **TEORIA CRÍTICA DA INDÚSTRIA CULTURAL**. Belo Horizonte: Ed. UFMG / Humanitas, 2003.
- _____. **ADORNO/HORKHEIMER. Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. (Coleção Filosofia Passo a Passo).
- _____. **ADORNOS. Nove ensaios sobre o filósofo frankfurtiano**. Belo Horizonte (MG): Ed. UFMG, 1997. 189p.
- _____. **MIMESIS E RACIONALIDADE. A concepção de domínio da natureza em Theodor Adorno**. São Paulo: Loyola, 1993. (Coleção Filosofia, 29). (Tradução da tese de doutoramento).
- FREUD, Sigmund [1856/1939]. (1992). **SIGMUND FREUD: Obras Psicológicas. Antologia** organizada e comentada por Peter GAY. Trad. Maria Aparecida Moraes Rego. Trad. dos comentários Arthur Netovski. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- _____. Sobre os Sonhos. In: GAY, Peter (Org.). **SIGMUND FREUD. Obras Psicológicas. Antologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.133-198.
- _____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: GAY, Peter (Org.). **SIGMUND FREUD. Obras Psicológicas. Antologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1992.
- _____. Futuro de uma Ilusão. In: GAY, Peter (Org.). **SIGMUND FREUD. Obras Psicológicas. Antologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.638-639.
- _____. O mal-estar na civilização. In: GAY, Peter (Org.). **SIGMUND FREUD. Obras Psicológicas. Antologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.670-713.
- _____. O ego e o id. In: GAY, Peter (Org.). **SIGMUND FREUD. Obras Psicológicas. Antologia**. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p.588-613.
- FRANCO, Sérgio G. **HERMENÊUTICA E PSICANÁLISE NA OBRA DE PAUL RICOEUR**. São Paulo: Loyola, 1995. 271p. (Coleção Filosofia; 35).

- GUIMARÃES, Geraldo A., SILVA, Alberto R. B., DUTRA, Manuel S. (Org.). **CONTAMINAÇÃO MERCURIAL: homem versus meio ambiente nos garimpos de ouro da Amazônia.** Belém (PA): UNAMAZ, 1994, 388p. (Serie Cooperação Amazônica, vol 12).
- HEGEL, Georg W. F. **A FENOMENOLOGIA DO ESPÍRITO.** 5 ed. Trad. Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Nova Cultural, 1992. (Coleção Os Pensadores).
- HORKHEIMER, Max (1975). Filosofia e Teoria Crítica. In: LOPARIC, Zeljko & ARANTES, Otilia (Org.). **TEXTOS ESCOLHIDOS.** São Paulo: Abril Cultural, 1975, p.163-170. (Coleção Os Pensadores).
- JOVELOVITCH, S. & BAUER, M. W. Entrevista Narrativa In; M. W. Bauer e G. Gaskell (Orgs.), Pesquisa qualitativa com texto imagem e som. (P.A. Guareshi, Trad.) Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- KANT, Immanuel. **A PAZ PERPÉTUA E OUTROS OPÚSCULOS.** Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, [197-], p.11-12.
- _____. **CRÍTICA DA RAZÃO PRÁTICA.** Lisboa: Edições 70, 1986.
- _____. Crítica da razão pura. In: **KANT.** Trad. Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Coleção Os Pensadores).
- LANE, Sílvia. T. M. **A DIALÉTICA PROPÕE: SUBJETIVIDADE VS OBJETIVIDADE.** 1999. (mimeo.).
- _____. **IDEOLOGIA E CONSCIÊNCIA.** 1999. (mimeo.).
- LASTÓRIA, Luiz A.C.N.; COSTA, Belarmino G. & PUCCI, Bruno (Org.). (2001). **TEORIA CRÍTICA, ÉTICA E EDUCAÇÃO.** Piracicaba / Campinas: Ed. UNIMEP/ Autores Associados, 2001. 240 p.
- LASTORIA, Luiz A.C.N. (2001). Ethos sem ética: a perspectiva crítica de T.W. Adorno e M. Horkheimer. *Educação & Sociedade.* CEDES. Campinas, v.22, n.76, p.63-75, out. 2001.
- MARCUSE, Herbert. (1968). **EROS E CIVILIZAÇÃO. Uma interpretação filosófica do pensamento de Freud.** Rio de Janeiro: Guanabara/Koogan, 1968.
- MATHIS, Armin; BRITO, Daniel C. & BRÜSEKE, Franz. J. Técnicas de garimpagem. In: MATHIS, A.; BRITO, D.C. & BRÜSEKE, F. J. **RIQUEZA VOLÁTIL. A mineração de ouro na Amazônia.** Belém (PA): Cejup, 1997, p.79-98.
- _____. Danos ambientais causados pela garimpagem. In: MATHIS, Armin; BRITO, Daniel C. & BRÜSEKE, Franz. J. **RIQUEZA VOLÁTIL. A mineração de ouro na Amazônia.** Belém (PA): Cejup, 1997, p.99-105.

- MATHIS, Armin. & REHAAG, Regine (Org.). **CONSEQÜÊNCIAS DA GARIMPAGEM NO ÂMBITO SOCIAL E AMBIENTAL DA AMAZÔNIA**. Belém (PA): Cejup, 1993.
- MATOS, Olgária. **A ESCOLA DE FRANKFURT. Luzes e sombras do iluminismo**. São Paulo: Moderna, 2001. (Coleção LOGOS).
- _____. Paisagens: cidade-viagem. In: MISSAC, Pierre. **PASSAGENS DE WALTER BENJAMIN**. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- MEGUINS, Rosimê. A pesquisa educacional ante os desafios sociais na Amazônia. In: ARAÚJO, Ronaldo Lima (Org.). **PESQUISA EM EDUCAÇÃO NO PARÁ**. Belém: EDUFPA, 2003.
- MEYER, C. B. A case in case study. **Field methods**, 13(4), 329-352.
- MERQUIOR, Jose Guilherme. **ARTE E SOCIEDADE EM MARCUSE, ADORNO E BENJAMIN. Ensaio crítico sobre a escola neohegeliana de Frankfurt**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.
- MISSAC, Pierre. **PASSAGENS DE WALTER BENJAMIN**. São Paulo: Iluminuras, 1998.
- PUCCI, Bruno; LASTÓRIA, Luiz A. C. N. & COSTA, Belarmino. **TECNOLOGIA, CULTURA E FORMAÇÃO. Ainda Auschwitz**. São Paulo: Cortez, 2003.
- QUEIROZ, Maria. Isaura. (1988). Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga Von (Org.). **EXPERIMENTOS COM ESTÓRIAS DE VIDA**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1988.
- RUNYAN, W. N. **LIFE HISTORIES AND PSYCHOBYOGRAPHY: Exploration in theory and method**. New York: Oxford University, 1984.
- ROUANET, Sergio P. (2003). **MAL-ESTAR NA MODERNIDADE. Ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. **TEORIA CRÍTICA E PSICANÁLISE**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- _____. **ÉDIPO E O ANJO**. Itinerários freudianos em Walter Benjamin. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1985.
- _____. **IMAGINÁRIO E PODER**. 1979. Tese (Doutorado em Filosofia)–Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1979.
- RAMPHAL, Sir Shridath. (1994) *Enlightened Leadership. Opening address at the Zimbabwe International LEAD Session*. Harare, 18 de março, *LEAD Cohort 1*. In: ARAGÓN, Luis. E. **CIÊNCIA E EDUCAÇÃO SUPERIOR NA AMAZÔNIA. Desafios e**

oportunidades de cooperação internacional. Belém (PA): UNAMAZ- NAEA. 2001, p.8.

SCHWEPPENHÄUSER, Gerhard. A filosofia moral negativa de Theodor W. Adorno. *Educação & Sociedade*. CEDES. São Paulo: Cortez, v. 24, n.83, p.391-415, ago.2003.

SOARES, Maria Clara C. & MÉLLO, Leonardo. (1994) **Mercado Internacional e Consumo de Mercúrio no Brasil.** S.l., jul. 1996, 27p. (mimeo).

SOUZA, Terezinha M. & RODRIGUES, Rita M. Levantamento sócio-econômico sanitário e ambiental do Garimpo Cuiú-Cuiú – Tapajós. A poluição por mercúrio. In: GUIMARÃES, Geraldo. A.; SILVA, Alberto. R. B. & DUTRA, Manuel. S. (Org.). **CONTAMINAÇÃO MERCURIAL: homem versus meio ambiente nos garimpos de ouro da Amazônia.** Belém (PA): UNAMAZ / Falângola, 1994, p.105-115.

THOMPSON, John B. **IDEOLOGIA E CULTURA MODERNA.** Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes. 1995. 427p.

UFPA. **ESTRUTURA MULTICAMPLI.** Belém (PA): UFPA, 1993. Folder Informativo.

UFPA. **PROJETO DE INTERIORIZAÇÃO.** Belém (PA): UFPA, 1993. Folder Informativo.

WEILL, Simone. **A CONDIÇÃO OPERÁRIA.** (Ecléia Bosi Trad.) São Paulo: EDUSP,

XIMENES, Tereza (Org.). **PERSPECTIVAS DO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL. Uma contribuição para a Amazônia 21.** Belém (PA): Supercores, s.d. Também publicado por: UFPA-NAEA/UNAMAZ.

ZUIN, Antônio, PUCCI, Bruno & OLIVEIRA, Newton R. de (Org.). **TEORIA CRÍTICA, ESTÉTICA E EDUCAÇÃO.** Campinas (SP): Autores Associados, Piracicaba: Ed. UNIMEP, 2001. 195p.

_____. **ADORNO. O poder educativo do pensamento crítico.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2000. 191 p.

Páginas da Internet.

<http://en.wikipedia.org>. Acesso: 01 jun 2006.

http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Amazonia_legal_brazil_map.PNG. Acesso: 01 jun 2006.

http://en.wikipedia.org/wiki/Image:Amazonia_legal.gif. Acesso: 01 jun 2006.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Bacia_do_rio_Amazonas. Acesso: 01 jun 2006.

<http://noticias.uol.com.br/ultnot/reuters/2005/06/01/ult27u49225.jhtm>. Acesso em 02 jun 2005

ANEXO I

MORADORES DE PONTA DE PEDRAS

ENTREVISTA Nº 1

Informante: Sr. D

PESCADOR DE PONTA DE PEDRAS.

“A minha vi... minha vinda pra cá... que eu fui nascido e criado aqui, numa colônia... e morava lá, nessa colônia, com meus pai... Numa idade, deve tá numa idade de seis ano, a minha mãe morreu de parto duma irmã minha. Ela ficou cum, cum cuns seis mês de nascida... De lá, meu pai se desgostô, foi o tempo que ele entrego nós pra tudo os nosso avô. Aí eu me criei já com os meu avô. De lá foi indo... foi o tempo que ele entrego nós e se passou pra Belterra. Foi o tempo da Companhia Ford. Eu morava com ele, com meu avô, aqui perto do Arapixuna...Daí foi o tempo... que eu era muito chegado com ele (o pai), eu não deixava ele trabalha, eu churava muito por causa dele, tinha muito amor por meu pai mermo (ênfase). Aí foi o tempo que ele me entrego pros meus avô e eu me criei aí. De forma que eu conheci meus avô já como pai. Foi o tempo que foi me criando, né, me criando, foi me criando. Foi o tempo... foi o tempo que... aí eu saí dele. Trabalhei, trabalhei em seringa, trabalhei muito em seringa, gostava muito de trabalhar em seringa, borracha... (ênfase). E aí, eu trabalhava aí, aí nessa mesma colônia, foi o tempo que eu me casei com essa mulher. Eu comprei um terreno pra mim. Aí, sempre trabalhando na seringa e na lavoura, gostava muito (ênfase) e ela sempre me acompanhava, até hoje. Antes não era assim, porque tinha muita fartura aqui. Porque meu avô, o meu pai quando ele se formô aqui, ele fazia esse negócio de mutirão, ele convidava de 40, 50, 60 pessoa, como hoje, dizia: ‘Olha pessoar, eu vô fazê um mutirão, vô fazê um roçado de vinte tarefa aqui, vocês vão me ajuda segunda-feira, domingo eu vou pesca. Ele ia pesca, pegava uns 70, 80, 90, 100 peixe, curimatá e tucunaré (peixes nobres da região) sem fazê força. Olhe, nessa beira de rio, de primeiro, que eu não sei, que o meu avô, que o meu pai cansava de contá, que quando você chegava de canoa, que gritava na beira desse rio, ouvia-se aquele estrondá de peixe, na beira desse rio. Era muito farto naquele tempo. E hoje. em dia, num tem nada disso mais. Num tem nada, nada, nada...Nessa idade, eu saí dali, do meu avô com 18 anos, me casei com 25, e hoje tenho 65, ela tem 64 (sua esposa)... Daí foi o tempo que

nós, o pessoal de lá, daqui dessa colônia, foram se passando...foram se passando...tava só nós dois lá, só uma casa que morava lá. Aí eu disse pra mulher: 'Qué sabe duma coisa? Vumbora se passa também pra Ponta de Pedra. Porque tá só nós dois aqui! De repente a gente adoce num tem quem nos socorra, num é? Foi o tempo que nós passemos pra cá. Porque a gente teve muito trabalho aqui. Olhe esse quadro aqui, que quando nós se passemos de lá pra cá, isso aqui num tinha quem andasse. Que isso era só um espinhar de mourão e formiga. Só tinha uma casa bem ali. Esse lugar era da finada vó da minha esposa. Esse lugar foi vendido duas vezes: prum português e a mulhé dele, e hoje em dia, é da Diocese, que a gente num pode fazê nada aqui! Depois que a gente veio prá cá, ainda veio muita gente. Tudo, tudinho é conhecido. Num tem ninguém estranho que ninguém conheça. Todos são conhecidos. Olha é só quase uma família, só esse pessoal aqui. Duas família aumento muito. É da família Teixeira e, a outra é... me esqueço o nome da outra família...é Lobato. Tudo se conhece, tudo, tudo, tudo. Olhe aqui tem 32 casa. Agora as pessoa mermo, num sei se é uns 170 ou é 180 que tem, pessoa mermo. Agora casa é 32 pessoa que tem. Agora só que tem um bairro aqui pra trás, que eles se separaro aqui de nós, eles num quere se uni com nós de jeito nenhum. Eu tenho até um irmão meu lá, e minha mulhé tem uma irmã dela também. Eles trabalhavo em casa de venda daqui, de forma que eles tem o bairrozinho lá. Eles num quere se uni pra cá. Olhe que nós já temo pelejado prá eles vire, pra gente se uni com eles. Mas eles num quere nadinha Olhe aquele menino que tomo bença aqui, é meu sobrinho, filho dessa dita mulhé do meu irmão de lá. Mas eles num se dão pra cá de jeito nenhum. Olha que a gente já chamo, já aconselho, prá eles se uni, trabalhá tudo junto, mas diz que num qué! Que num qué ajuda de ninguém daqui pra lá!...A gente fica nisso. A gente fica até com vergonha de torná a convidá e num vim. A gente pejeja, pejeja, mas ele num qué ir, a gente num pode obrigá. Que, olhe a gente já trabalhemo muito nessa comunidade aqui. Já limpemo... Esse pessoal que tem maior parte aqui, eles pegaro isso aqui quase tudo limpo, tudo limpo. Desde que umas três família que trabalhavo aqui, trabalhavo pra limpá, essas quatro pessoa, quatro comigo, foi esses que trabalhavo aqui, essa limpeza disso, que são morador antigo aqui. Mas a maior parte desse resto aqui, negativo, que nunca trabalho. Onde começa essa casa daqui pra cá, eles pegaro limpo aqui. Num arrancarum pé de mato aqui pra fazê a casa...(pausa). Quando se enxerga uma fartura agora de peixe é no mês de agosto, prá banda do verão, agosto, setembro, outubro, novembro...que dá essa arribação de peixe subindo. E tá baixando. Pessoal pego de tarrafa, de malhadera, de zagaia, de lanterna

de mergulho, tudo eles pego. Agora é como eu tô lhe dizendo: agora tempo de verão não. Tempo de verão facilita mais, porque a gente pega peixe daqui pra vende pro pessoal que venho da cidade. Nesse tempo (meses de maré alta) porque a gente tem que comprar na cidade pra vende aqui, porque aqui num tem peixe, tá mais ruim. Sabe por quê é? Porque o pessoal ataca mais no fundo, de mergulho. Aqueles caçador do fundo, mergulhando fundo caçando peixe, o peixe até desse tamanho, que pesa 50g eles pego. Isso vai diminuindo pra tudo. Os próprio daqui mermo, eles fazem isso. Diz olha: 'Num faço uma coisa dessa, porque isso aqui, pra mim, eu e minha mulhé, que num tem família, isso num vem prejudicá quase a gente, agora vocês que tenho 5, 6, 8 filho, prejudica vocês. Porque você num tem outro meio de pescá se num for no fundo. Isso vai dá uma farta! E olhe, tá dando tudo certo, que de uns tempo pra cá, tá ficando muito ruim a pescaria aqui. Agora facilita mais é no verão. Porque no verão a água fica mais baixa, a gente pega na lanterna, pega na malhadeira, pega na tarrafa. Cada um sai na sua canoa pra pescá. Olhe eu vô lhe dizê como nós semo aqui: eu vou na minha canoa, aquele ali vai, aquele ali vai, aquele ali vai... Se eu pego, vamo diizê assim, uns 40, 50 peixe, o parceirinho, ele 10, 12, a gente pega, a gente já vende pra ele um pouco daquele. É assim que a gente faz aqui! E vai indo, levando a vida assim desse jeito... (tom pausado). Agora esse tempo não. Esse tempo tá meio ruim! Por que, sabe, eles tão invadindo muito pro fundo a pescaria. Tá ficando muito ruim mermo. Eu não sei como é que vai ficá esse negócio de mergulho, mas até agora, ninguém conseguiu nada. Essas própria lancha, olhe aí vem uma... Olha, eles pesco aí com aquilo, futrico tudinho, quando num pego nada eles vão pro fundo mergulhá. Ainda ontem, tinha duas lancha mergulhando aí. E são de fora, são de Santarém. E olhe que tucunaré tem muito. Tem dia que a gente vê o cardume de tucunaré de todo tamanho comendo aí. Só que quando eles enxergo o tucunaré comendo... eles ouve o barulho da lancha (os peixes), que quando eles chego, pára, eles cai n'água, vão pro fundo, mas num pego mais nada. Eles já tão vilhaco (ri num tom irônico, por referir-se aos peixes) que nem mesmo a própria gente. Olhe que quando começou, pra banda dessa pedra aqui, se você pegasse um charuto, era dez tucunaré. Hoje em dia, num pega nada. E eles tão acostumado a cair no fundo... nem eles... Mas agora os filho dos pecadô só quiere pescá agora assim. Os daqui mesmo. Eles uso uma lanterna de pilha, vão com aquela máscara, aí sai de noite. Aí, tem noite que eles sai de 5, 6, 8, numa canoa. A senhora deve conhecê aquele peixe que chama caratim. Eles pego de 100, 70, 80. Eles pego daqui até desse tamanho (usando a ponta do indicador). Tô lhe dizendo, que essa pescaria do fundo,

cai n'água, aquele alumeia lá no fundo, tudo o que enxerga atira, vai puxando de lá, isso acaba! Não é como a tarrafa, a malhadeira. A gente joga a tarrafa lá no peixe, ele vai, só vem aquele maior, miudinho não vem, ele não. Nessa pescaria do fundo, vem tudinho. Pega tudo, o graúdo, o miúdo, principalmente, o miúdo. Olha o tucunaré. O tucunaré com filho, é uma coisa que a gente num deve matá ele. Mas, quando o peixar enxergo o tucunaré com filho, eles mato todos dois. E fico os filho desse tamanhinho, e os outros peixe come tudinho. Aí vai desfalcando. Foi desde esse tempo, começou a ficar ruim Porque agora, quando começou esses garimpo, começou esse tar de mercúrio... Essa água aqui era mermo que ser a água do Amazonas, todo tempo ela era branca (refere-se à coloração da água do rio Tapajós, que é verde, enquanto a do Amazonas é barrenta). Aí, ninguém sabia por que era tão branca assim. Quando foi um dia, foi descoberto por que a água era branca, parece a do Amazonas, que a água do Amazonas não entra pra cá. E aí, se a gente fosse pescá num rio desse, topava muito peixe que era proibido pegá, aquele peixe a pescada, o apapá, porque ele comia outro peixe vivo, né? Então ele fazia aquela explosão (refere-se à aparência do peixe contaminado, que fica inchado). E foi proibido (refere-se, agora, às recomendações do Dr. Branches). Olhe a pescada, a gente cansou de achá pescada morta aqui. Essa água baixa dos garimpos... e o peixe... acha o peixe mermo morto. O peixe pequeno, ele não resistia, né? Por causa do mercúrio. Agora não. Acho que conseguiro fechar com esse negócio de mercúrio, a maior parte. A água clareou. Ela fico naturar. Ela fico bonita a água. Não é como de primeiro, a gente nota que vinha baixando a água branca (barrenta) no meio da escura (esverdeada). A gente via que ela vinha baixando também, agora não, não vê. Nesse rio, quando eu andava pescando prá esse lado daí, eu topava aquelas nodas (nódoas, manchas) no fundo d'água... pensava que era baixo (refere-se à profundidade: supunha que a parte mais clara fosse indício de que era raso, como eles costumam se nortear por essa pistas que a natureza oferece) quando acaba, não. Era a própria água branca que vinha pelo fundo. Porque, sabe, onde a água tem correnteza, ela vem rolando, né? Ela vem rolando... aparecia aí... ela rolava em cima d'água, aqui, tipo um baixão. Acaba não, era o mercúrio que trazia. Agora, não, a água fica naturar, quase, a água fica mais bonita. Melhorô, melhorô bastante. Só que desapareceu o peixe, difícil agora!... Hoje em dia, esse terreno é da Diocese tudinho, só que ela doou aqui pra comunidade. Foi 500m de frente por 100m de fundo, esse pedaço aqui... Só que ela pediu pra nós, que num vendesse pra ninguém aqui, pra gente de fora. Que a Diocese é aquela igreja, lá de Santarém, ela comprô... Então, ela pede pro peixar

daqui, que tão morando aqui, que não venda pra ninguém. Ela doou pra comunidade, pro pessoal fazere casa, fazere sítio, fazere o que eles quizerem aqui, só não vendê. Os padre da Diocese dissero assim: - 'Olhe, quem for filho natural, nascido no lugar, em Ponta de Pedras, se ele morá em Belém, se ele morá em Santarém, se ele morá seja lá onde for, se um dia ele fazê procuração de um pedaço de terra em Ponta de Pedras, ele tem o direito. Porque ele é filho de lá!' Pois é, é isso que eles falam. Assim: 'ele tem o direito porque ele é filho de lá. Foi nascido e criado lá, então ele tem direito num pedaço de terra.' Aí, vem um e compra, vem outro e compra, de forma que se fô vendendo tudo, aqui na frente, o pessoal vem tudo pra trás. Acontece muito em Alter do Chão. Alter do Chão também foi assim. Alter do Chão, também; moradô que morava na frente, tão tudo praquêles fundo. Tudo, tudo, tudo... Só tem três casa, lá, que é na frente de Alter do Chão. Que os antigo que dissero que de lá eles num sai, num sai de jeito nenhum. Eles num sai de lá. Aí eles dissero: - 'Se vocês venderem a frente do terreno de vocês pros de fora, vocês vão ser jogado lá pro campo!' É por isso que ninguém vende aqui. Aqui, nós temo com 19 ano aqui, morando aqui. E nós morava aqui, num tinha essa venda aqui na beira dessa praia. O pessoal baixava muito prá cá, só que num tinha o que vendê (fala dos turistas que vão à Ponta de Pedras). Aí, fizemo essas casa aqui. Tudo vende, em tempo de verão. Mas isso, aqui, é uma venda que a gente faz aqui, totalmente.... eu acho que ela num dá quase um lucro pra gente. A gente vem tendo muita despesa. A senhora vê. Pois olhe, vem muita gente, só que num compra quase. Olha, tem vez que... Olhe, a mulhé foi prá Santarém ontante, compro cem reais só de comida, agora eu num sei se vai vendê só menos a metade... Agora, nós temo essa venda aqui. Aqui, a gente trabalha aqui, eu e minha mulhé, meu cunhado e aquela mulhé que tá lá. É uma coisa que tá vendendo, que é pra num vê os outro tarem vendendo e a gente só espiando. Porque a gente já teve muito trabalho aqui. Aí ele chega, faz a casa, chega outro, que um pedaço de terra, ele vai com a comunidade, vai com o presidente (fazendo referência à Associação de Moradores de Ponta de Pedras), lá ele que tantos metro. A gente só pode doá 15, agora é só 15m por 30 que cada casa tem. Olhe, a maior parte desse terreno já tão loteado, tudo loteado já. Só farta os dono fazere as casa, que é pequeno o quadro aqui, que é tirado pra comunidade. O resto tudo é dela, da Igreja, da Diocese.... A gente faz amizade logo, porque são tudo conhecido, há muito tempo. Eles se mudaro daqui. Olha, tem gente que foi e vortô tudinho. Por exemplo, aqui mermo, só quem se mudo pra cá e num vortô, foi aquele home ali, que tá conversando com ele, ali. Que quando ele se mudo pra cá, ele num vortô mais pra parte

nenhuma, se coloco aqui mermo e parô. Aí, a Diocese deu 300m por 390m pra ele. Mas o resto não, saíro e vortaro. Saíro e tão vortando, tudinho. Uns vão prá Santarém. Já foi. Aquela úrtima barraca, dali do lado de cima, também ela é... ela morava aqui, foi embora pra Santarém, agora tão vortando. Essa casa aqui, bem defronte, aqui também. Aquele ali, tudo também. Foro imhora daqui e tão vortando. Já vortaro tudinho, tudo, tudinho.(pausa)... Esse tempo mesmo ... é só comprando na cidade . Olha, esse negócio de mergulhar, eles sai de lanchinha voadeira,, eles passo pra cá, eles venho na sexta-feira, eles pesco na sexta à noite, pesco de dia e pesco de noite, e é só Tucunaré que eles pego. Eles dize que pego, que é pra... A gente já pergunto pra eles: - ‘ E esse peixe que vocês pego é prá vendê?’- ‘ Não, é pro nosso mantimento”. Mas eu num acredito que uma pessoa pegue 20, 30, 40 peixe aqui, só prá três pessoa. A maior parte diz: - ‘ Ah, porque nós dá pros nosso colega.” Dá não. Eles dão? Eles vende outro. Que eles num vão ter só prejuízo de pegá e num querê o trocado, né? É pra renegociá, também. Eles dize que num é pra vendê, mas vende, sim. Agora, isso aqui, isso é que a gente tá imaginando. Ou vai melhorá, ou vai piorá mais. Porque tão com um negócio de melhorá essa parte aqui. Essas barraca que tão tudo aqui, tudo de venda, elas vão sê destruída, tudinho. Então, é outras casa que vão formá aqui, é de coberta de telha, é desse negócio de... piso de cimento, pra recebe os turista, que vem de fora pra cá. Então, com essa arrumação dessas casa, acho que vai fica mais difícil a comida pra cá. Não que tenha assim... Porque se a gente contrata... porque muita gente já se ofereceu pra nós: -‘Olha quando essas casa tivé tudo localizada, se quizere fazê um contrato conosco, a gente faz!’ Tem gente que já se prontifico a pescá, só pra vendê prá cá. Num é gente daqui, sabe? É gente de fora, mas é conhecido nosso mermo, que já se prontifico. Aí vamo vê como é que faz. Se essas casa saírem mermo... aí vão fazê, do jeito que quere fazê. O jeito que tem é nós apelá pra quem tem mais possibilidade de pescá. Porque depois dessas casa tarem pronta, um qualquer de nós num pode saí pra pescá. Porque dá vez que essa luz baixá aqui, e espalhá energia aqui, aí num vai tê possibilidade de camarada pescá. Porque já foi falado assim: - ‘ Olhe quem tem sua barraca aqui de venda, ele num vai podê fazê a sua granja, ele num vai podê fazê um carvão pra vendê pro barraqueiro, nada. O barraqueiro tem que ficá efetivo aí, só prá recebê o que vem de fora!’ Isso já foi dito prá nós aqui. Se continuá essas casa assim, aqui, então, ninguém vai podê saí daqui. Vai ficá atendendo aí o pessoar que vem de fora pra cá. Tem essa barraca aqui, pra fazê a continuação dessas barraca, daqui pra cá; nós já temo na lista 12 barraca. Já tá nossa... o nosso documento tudo, na

Prefeitura, pra ir pro BASA (Banco da Amazônia S.A.). Que é o BASA que vai financiá esse dinheiro, pra nós mandá fazê essa barraca. É dois mil real pra cada um de nós. Quem vai fazê essas barraca é um rapaz de Santarém, é o O. R. B. (famoso arquiteto de Santarém) que faz. Então, com esses dois mil tem que organizá tudo. Tem que comprá talher, garfo, tudinho, tudo bonito, que eles querem; manda fazê assim. Só que o dinheiro, ninguém vai pegá nesse dinheiro. É só ele...Logo quando começo essa venda aqui, a Secretaria de Turismo veio aqui pra financiá o dinheiro pra gente, aqui. Prá levantá uma pousada, levantá restaurante, levantá hote, mais outras coisa... Então, eu fui o primeiro a ficá escorado (quieto, desconfiado). Digo: 'Se o pessoar aceitare, eu num vô aceitá.' E também todo mundo escorando com essa arrumação. Aí, eu ainda disse assim: 'Vocês quere se metê nesse abacaxi, se meto. Mas eu num vô me metê. Sabe por que eu num vô me metê? Porque a Diocese tá sabendo de tudinho. Quando foi um dia, eu perguntei pro presidente: 'Vocês já falaro cum ela, cum a Diocese, sobre esse negócio desse plano que tão fazendo aqui? Ele disse: - 'Não!' Eu digo: 'Olha, então tem uma coisa, tenho que sabê e ir falá com ela. Sabê se ela consente? Aí, eles falaro com ela. Só que ela respondeu, disse que não. Ela deu pro pessoar morare, fazere venda e sobrevivere do que eles quizere aqui. Só que num deixava ninguém vendê e acabasse com esse negócio de pousada, restaurante e hote, que ela num queria não! É só o que ela recomenda muito pro pessoar daqui: que num venda nada pra ninguém. As outras coisa você pode fazê. Sempre ela orienta a gente nisso. Sempre ela tá nos orientando que a gente num caia nessa patetice de fazê isso. Porque, como ela diz: 'Vocês vão sê engolido! Aconteceu muito, em Alter do Chão também. Alter do Chão era assim: luminado por lamparina, aqueles lampião. Hoje em dia.... Tá acontecendo com isso, aqui. Olhe, tem num sei quantos home aqui, esses home que dão tudo aqui, tudo eles traze comida, fica maió sujeira (fala dos turistas). Olhe, lá está, fica um montão de lixo ali. É nós que limpa, eles só vem aqui sujá e não dão rendimento a ninguém aqui. É isso... (pausa) por aqui são pouco os que aparece prá se interessá por nós aqui. Escola, nós só tem essa aqui. Essa, bem aí... A professora é aquela mulherzinha que tá bem ali, de aventar encarnado, é ela lá. As criança todas estudo aqui e quando se formo, já mermo ali pela quarta, quinta, aí vão pra Santarém. Ficam aqui só os pequenozinho, aqui. Ela é paga pela Prefeitura, mas só funciona até às 11h. E tem muita coisa pra gente falá. Só que, as veze, a gente esquece. É, acho que já tá na hora de pará. (Pára, repentinamente, e retoma sua fala). Olhe, eu acho que o que tá mais preci...O que tá mais preciso pra nós aqui, eu acho que vai chegá, já tá perto, é a

luz. Ainda não tem luz, a luz tá vindo. Tem um linhão, que vai saindo daqui pro aeroporto. Ele já tá começando. Vai vim de lá do aeroporto pra cá; daqui, tem que espalhá tudinho, aqui. O pessoal tá trabalhando lá. Nós só temo o motô nosso de luz, aqui, só motô. Agora, a energia que vem de fora nós num tem. Isso que o pessoal temo esperando. E prometero que daqui pro dia 10, 15 de agosto, tá chegando. Eu num sei se tá mermo. O motô foi prêmio (pausa) Agora, a gente faz uma conta, aqui, todo domingo. Quem usa luz na sua casa, na barraca, paga três reais, e quem usa nas barraca paga um real. É só pra comprá o óleo A gente faz uma coleta, pra movimentá ele, pra lumiá nossas casa. A energia vai chegá aí, num sei quando, mais vai chegá. Isso que tá preocupando mais nós, é a luz. Outra coisa que também... é esse ramar que vocês viero, por aqui; tá muito feio! E essa estrada que vem por aqui não é pra carro andá; é só prá linha mermo da luz. Agora, a estrada, mermo, que vem beneficiá prá cá, é essa que vem por aqui. Só que não é essa que vocês viero, não; vai sê outra. É outra que eles tiraro o pico, lá do asfalto pra cá. Eles tiraro uma linha direta, que num tem curva, num tem nada. Essa aí é que vem de lá pra cá e vão asfalta ela. Quando chove muito, e vem água de enxurrada e cava, e aí fica os buraco. É isso que acontece. Agora, isso tá feio assim. Porque dissero assim: -'Não, deixa a estrada ficá assim, feia. É pra eles fazere logo outra.' Que eles vão: -'Mas, ah! Que a estrada de Ponta de Pedra tá feia mermo! É por isso que eles tão pedindo com urgência essa estrada.' É por isso que ninguém que indireitá. Que a gente sempre, sempre endireitava com a enxada, é só nós. Deixa ela ficá feia, que eles vem: -'Ah! A estrada tá feia.' Aí, eles vão dá providência noutra, outra melhó. Daqui, nós temo ônibus; o ônibus daqui é toda sexta-feira. Ele vem buscá, toda sexta-feira; buscá o pessoal pra fazê compra e vorta sexta e vem domingo. É dessa empresa que tá bem aí, da A.. É dessa aí. Quando num tem por aqui (aponta a estrada), tem por aqui também (aponta o rio).do motô (pequeno barco) do presidente O presidente mora aqui e tem uma barraca, aqui, que vende. Essa associação é todos nós que somo ela. Tem um presidente, tem um vice-presidente, o secretário, o segundo secretário, tem o tesoureiro, tem o segundo... tem tudo por aqui. Quando ele num pode fazer um de nós faz... É o rapaz, o segundo presidente, aquele lá, de camisa vermelha, aquele rapaz que tá ali. É ele que tá em lugar dele., porque ele tá de férias ainda. Ele tava meio adoentado, ele pediu licença de dois mês. É um acidente que ele teve no pé. Então, ele tá aí, tá manobrando aí. Assim como ele apóia nós, nós apóia ele. Porque ele tá numa situação meio ruim. Porque ele tá com essa doença no pé; então, o motô dele ficou atrasado, por falta de pagamento na... ali na Capitania. Aí,

ele pediu uma colaboração pro pessoal daqui. Uma lista de cada um (abaixo-assinado), dá seu nome, leva pra Capitania, pra mostra pro chefe de lá. Pra vê que ele num tem condição, pro motô dele podê andá. Então, o pessoal encherô tudinho, uma lista grande assim, umas quantas assinatura. Pra ele podê... o barco dele podê andá pra lá e pra cá. Porque se não tivesse aquelas assinatura, ele num podia trafegá no barco dele. Porque ele tá sem condições de pagá, por causa desse acidente. Tudo isso a gente se ajuda, por aqui. O motô, tombém foi assim: nós fizemo uma festa aqui. Então, ninguém tinha luz aqui. Aí, como é que essa gente ia tê essa luz? Aí, falemo com um senhô que é conhecido nosso. Ele tinha um motô de luz pra vendê. Aí, nos fumo lá, com ele, pra vê se ele vendia. Ninguém tinha esse dinheiro pra pagá. O presidente falou com o prefeito. Ele falou com ele, se ele podia pagá esse motô, e ele pagou. Mas os político, vou dizê pra você. Você acredita que tinha... tem um prefeito que entrô aqui e, durante ele tá aí, nunca ele veio aqui. E é muito difícil ele vim. A gente convida ele pra vim aqui, pra dá um passeio, pra dá uma espiada, vê como é que tá aqui. Ele diz que vai, que outro dia ele vai, e num vem. Agora, esse tá ajudando nós, aqui. Mas que outras pessoa num apoio nós. Eles só chego aqui, na entre véspera de eleição. É só pra votá. E é isso que acontece; a gente temo escabriado disso. Eles num venho e nem mando, nem ajudo, em nada, nada, nada... Pois é o negócio, é assim. Eu já falei demais, num sei nem se falei bem, se falei mal.

SEGUNDA ENTREVISTA

“Oi, professora. As coisa aqui num vai muito bem. Minha senhora teve derrame, faz três ano. De lá prá cá, num ando mais, veve deitada aí, nessa rede. E eu, nesse vai e vem... Da sua úrtima vinda prá cá, muita coisa quase num mudô, quase nada. Pra num dizê que num mudô quase nada, mudô essas casinha que tão vendo aqui, desna dali (fazendo referência às barracas de venda da praia)... Era pra ser coberta de telha e saíram de palha. Os pessoal foro meio contra, mas foi mais a favor do que contra. Essa escola também aqui, a mesma; esse, esse sanitário a mesma coisa... Teve muita gente que veio de Santarém, soube dessa arrumação que ia fazê aqui, essa mudança de barraca, e disse:

- “Olha vocês vão tirá a beleza da praia de vocês, tudinho!”

- Eu disse:- “Por que?”

- “Porque olha quem vem de fora, ele quer sabe o que é que o pessoal tá fazendo, dentro de uma casa dessa (fala da cozinha da barraca, que agora é um compartimento fechado)

Agora, com essa casa fechada, aí, né, eles tão lá, eles num sabe como é que a pessoa tá fazendo, lá dentro. E ele estando assim, fora, ele está vendo, ele está espiando, às vezes ele vai lá espiar dentro mesmo, ele ainda pergunta pra pessoa que tá fazendo a comida, aí. E assim, não, a coisa emperra. Tá uma coisa que eu achei meio contra, dessas barraca terem modificado. Tá modificando elas, aí. Aí, muita gente saiu contra. Agora, querem tirar essa praça. Dali daquela casa, até ali, naquela casa de palha ali. Prá praça de turismo, aqui. (apontando uma extensão de aproximadamente 100m, em frente à praia). E eles vão fazê. Eu num concordo de eu fazer a casa. Cês sabem que a minha mulher tá doente, eu não posso saí quase de casa; agora, pra mim pagá uma pessoa pra ir fazer... Porque você num se comprometeram, a firma se comprometeu a fazer; então, o interior não tem condição. Eu não vou sair do meu terreno, pra num dá chance pra ninguém vir fazer como o pessoal de Alter do Chão. Eles foro assim, eles foro quase que eles foro empurrado pra trás. Aí, teve gente que disse, que:

-“Olha, vocês num saiam do seu lugar, porque isso é uma coisa que, é... se vocês saírem daqui, vocês vão perder seu direito. Vocês vão ficar lá pra beira do campo e quem nunca trabalhou vão ficar aí na frente”.

Então eu disse:

-“Pois olha, eu não vou sair, vou ficar assim!”

Agora, outra coisa também, é esse negócio de escola, favoreceu um bocado, que o governo, agora, tá mandando educar essas moças, esses rapazes, tá trazendo uma facilitação que num tinha, mando ônibus pra cá. Pra trazer, carregar os alunos daqui, tudinho. Mas, sabe quando uma coisa é dado, ninguém aproveita o que é dado. Olhe, já teve gente que já saiu pra num ir. Mas, sinceramente, se fosse andando, ia. Mas, é pouco? O cara vai de casa em casa, pegando os alunos, mas, de repente, sai quatro, cinco, vai saindo e diz: - “Eu num vou!” Isso vai desgostando a pessoa. Já teve gente que tirou o filho da escola, foi pra Santarém; mas eu acho que, aqui, num mudou quase nada, nada mesmo, nada, não, senhora... Tem gente aí que mora, tem muita gente aí, os próprios, mesmo, do lugar, que foram embora daqui, tão voltando. Eles tão tirando

casa aí atrás; agora, eu num sei se vão conseguir alguma coisa. Porque tudo o que a gente quer, de tudo, tem casa, só que aqui num tem emprego pra ele evolui. É isso que tá pegando, aqui. Olhe aqui, o negócio do ônibus, também a mesma coisa. Aqui, tem semana aqui que a gente freta um ônibus, pra ir prá Santarém, comprar os bagulho pra esse pessoal daqui, porque aqui num tem nada assinado com dono de ônibus. Desna de quando entrô, pela primeira vez que entrou aqui, nunca foi assinado contrato: ele vem, se quiser vir! Olha, também agora esse que tá aí na escola, ele faz essas viagens, leva e traz os alunos pra cá, leva os alunos pra escola, quando é de tarde ele, vem trazer, ele vai e leva. Quando é sexta feira, ele leva o pessoal de Santarém e vem aqui, pega os alunos aqui e leva lá em São Braz (distrito a cerca de 20km de Ponta de Pedras, onde estuda a maioria dos alunos, por haver escola com as séries posteriores à quarta do ensino fundamental) e, vem pra cá e, pega os alunos. E, tem dia que ele num vem, ele só vem se fizerem o pagamento pra ele. Tem vez que ele num vem, por que não tem, e ele num pode ir. Desde quando começaram visitar isso aqui nunca teve um contrato assinado com linha de ônibus, Olhe, entro essa Lobo (empresa de transportes), movimentou uns tempos, num tinha nada assinado. Entrou aquele, ali da Perpétuo Socorro (outra empresa) também a mesma coisa, num tinha nada assinado, entrou Seu O., que chamo 'L' também nada foi assinado com ele, agora tem esse um aí, que tá nesse vai pra lá', até iam prendendo o carro dele, desse que faz linha pra cá. Agora tem outro rapaz que faz linha noutro carro, parece que é mesmo dele, mas num é uma coisa certa, só mesmo aí, ele vem se ele quiser, se ele num quiser ele num vem. E, se a pessoa quer ir fazê uma viagem em Santarém, tem que fretar um carro. Olha como eu, eu quando venho à Santarém, tenho que falar com o meu primo, telefone pra ele vim me busca aqui e vir me trazer, ele cobra quarenta reais, ele indo e vindo; os outros, cobram sessenta. E aí, o que acontece é que vai assim, o pessoal vai, fiao brabo quando chega um carro pega dois, três passageiros, espero o carro pra ir, é por isso, que num tem nada organizado aqui dentro. A associação tá, tava desorganizado, tá desorganizada, tá tudo diferente, tá mais pior do que naquele ano que a senhora teve por aqui! O presidente é o rapaz que mora nessa casa bem aí, o N., ele é sobrinho da R. (esposa do entrevistado) está saindo agora (esta é a última semana de mandato da atual diretoria) vai entrar outro em junho... finalmente aqui num sei não, num posso nem lhe dizer como é que tá. Porque depois dessa tal viagem, quando a gente tava vendendo ali, eu sempre dizia pra ela :

- 'Olha, R. (esposa) vamo sair dessa venda, essa venda num dá resultado pra nós!'

Mas ela sempre defendendo, sempre defendendo. Eu falei pra ela... quando foi um dia... e além disso o pessoal tinha raiva de nós aqui, por que nós ganhava (aposentadoria) e num tinha como vende, mas tem gente aí que tem aposentadoria e ta vendendo aí. Nós já saímos daí. Foi o tempo que ela adoeceu... Mas sempre eu dizia:

- 'Olha, pessoal, agora eu vou sair daqui dessa barraca porque a minha mulher adoeceu'.

Mas, nós já tava com a intenção de sai mesmo de lá, por que vocês têm inveja de nós porque ela ganha aposentada, ela ganha e eu ganho, agora a gente num vai se fiar só nisso, né? Naquele tempo, o ganho era pouco, num dava pra quase nada. Agora não, ela ganha duzentos e sessenta e eu ganho quinhentos e vinte, por que eu sou aposentado como soldado da borracha, Aí nós saímos de lá. Eu ainda disse pra essa gente:

- 'Olha vocês vão sentir uma falta muito grande de nós!'

Por que? Porque sim! Porque aqui, quando era, aqui chegava um trabalho aqui, um ajudava pra cá, outro ajudava pra ali, varria tudo pra lá... se chegava aqui, tava trabalhando aqui, trabalho de capinar, chegasse um carro aqui:

- 'Tu vai pedir?'

- "Vou, deixa a merenda que eu vou!"

Chegava lá, eu chegava com o cara e dizia:

- 'Olha, rapaz vamo dá uma merenda pro pessoal que tamo aí capinando.

Eles davou, pra gente tudinho. E por aí ia indo... Aí quando eu saí daí ,chegavo:

- 'Vai pedir ali pra merenda. '.

Digo:

'Não, num vô pedi, eu num prestava, com é que agora eu estou prestando (risos).

Querem que eu peça. Eu num peço não, vocês se virem aí. Eu já disse pra vocês que vocês iam sentir falta. Vocês num acreditavo. E daí, de lá pra cá, muita coisa mudo. Eu num sei não. Olha quando a senhora veio pra cá já tinha essa luz? Pois isso

aí foi indo, foi indo, foi o tempo que o Prefeito Lira Maia veio, o pessoal foi lá, nós ia lá conversar, conseguiu, de forma que essa Interpraias (estrada planejada para o litoral do Tapajós que beneficiará Ponta de Pedras) ela vem pela beira do rio, ela sobe aqui em cima, ela baixa ali, vai passar por aqui tudinho, porque aqui ela vem pela beira do rio, porque aí ela passa seis ou sete igarapé, riachos, então por aí tem muita gente que tá contra essa estrada aqui, muita gente que tão conta, porque olhe, principalmente os pessoal de Alter do Chão, eles tão muito contra. Por que? Porque se essa Interpraia ele vim por aqui, ela tem que vir por aqui, ela sobe aqui, vai por aqui, então o pessoal e Alter do Chão tão indo contra isso, e se ela vim por aqui ela vai derrubar Alter do Chão tudinho, e tem gente que tá muito contra isso. Agora num sei se ela vai sair ou num vai sair. Agora com essa luz aqui as conta, eu pago pouco, às vez onze, doze treze, porque é só o freezer, e o ventilador só, quando era aí embaixo paga mais (na barraca) agora essa gente pago mais pago sessenta, setenta, é oitenta, por barraca e a casa, paga as duas, eu também paga as duas, pagava lá e pagava aqui, mas como foi o tempo que a mulher adoeceu, aí pago só aqui, agora ta bem pouquinho, num da pra faltar e facilita as coisa. E é isso que tá acontecendo, num vai bem pra frente aqui porque o pessoal de Alter do Chão tão meio contra essa estrada aqui. Porque se asfaltarem por aqui vai derrubar de Alter do Chão mesmo, vai derruba. Aqui agora esse tempo que está cheio (refere-se à maré que sobe nos meses de janeiro a junho fazendo desaparecer as praias), tá cheio, tem muita gente que vem de Alter do Chão, os próprios de lá venho aqui. Então inda proguntei assim:

-“E lá?”

-“Ah! mas tá cheio. Tá até quase na beira do mato mesmo”

No cais, também tá cheio o cais, num tem praia, num tem nada. Tá mesmo que esse pedaço, num tem praia. E aqui ainda tem esse pedaço de praia e o pessoal, venho aí, ainda se acomodo aí, dá pra agüentar. Agora aí, outras coisas mais, que fizeram aí, esse cais, num sei nem por que foi feito ele foi feito, um contrato que eles fizeram, que veio dinheiro pra eles comprá tudo, terra, areia, pagá, a gente, tudinho, e aí eles num compro nadinha aqui. Areia, foi tirado daí mesmo, que num era pra tira areia daí. A terra foi pegada daí mesmo, nada foi comprado daqui, muita gente ficou contra eles. Tá certo que eles pegasse areia daí, mas que comprasse, veio dinheiro suficiente, ele só pago as pessoa que ajudaro tudo aí, o resto não.... Não sei nem de onde era esse pessoal, era daí dum banco de Belém, finalmente num sei nem quem foi que mando fazer

isso aqui, num sei não. E, muita coisa aqui tá... Agora tá querendo fazer essa praça de turismo aqui, num sei se isso vai sair, diz que vai sair, mas isso vai custar muito, muito, muito... Esse é um período muito ruim, dá pouca gente aqui. Olhe que tempo de verão, dia de sábado fica cheio de gente aqui, olhe como tá, hoje é sábado, só um carrinho bem ali, e é só. Aí o pessoal fico reclamando, porque quando chega esse tempo, bem do meio tá repartido, porque bem do meio daqui pra ali, vão vendê hoje e amanhã e noutra semana vão vendê daqui pra cá (aponta as quatorze barracas de venda da praia e divide em dois grupos de sete), aí então eles quere que abra tudo mas num tem condição pra ficar só um... pouca gente num vai vendê nada pra eles aí. Pois é, e outras coisas mais que tão acontecendo aí, o pessoal ficaro desunido, depois de aparecer essas venda aqui, maior parte da juventude num quer trabalhar, os que tão hoje, a senhora ta vendo esse mato que tá ao redor por aqui. Porque quando era os antigo,,o tempo de nós mais velho, tudo era limpo, tudo aqui nesse tempo trabalhava, e agora a juventude num quer pegá no terçado. Tem gente que é nascido e criado aqui, ta estudando agora pra fora porque num tem uma professora suficiente pra trabalhar aqui, são filhos do lugar, mas desde o começo eles nunca quiseram trabalhar. Ainda mais tem essa ordem, o governo vem aí e diz:

- 'A criança num pode trabalhar!'

Aí foi que piorou! Aí foi que melhorou pra eles. Aí ele vem:

- 'Eu num vou trabalhar!'

Sempre quando um filho vai trabalhar, o outro vem e diz:

- 'Olha tu não é pra trabalhar. Pra isso tem essa bolsa-escola.que veio'

Já tem bolsa-escola aqui tem muitos que num recebe mas tem muitos que recebe, já veio esse negócio de bolsa-escola. Outro dia tinha um rapaz conversando aqui, que ele queria que acabasse com isso, porque tem muita gente que num quer mais trabalhar, que tem três filho numa casa ganha essas bolsa-escola, é quinze reais de cada um, tudo fiado só naquilo, mas o que é que dá aquilo? Num dá pra nada! Vai acabar na cidade. Se o governo desse trabalho pra ele, era melhor. Eles num sobrevive não. Tem gente que sai daqui, passa o dia inteiro lá esperando, às vezes é dois filhos, são trinta reais, às vezes é um, passa o dia inteiro, mais pobre que sempre é uma coisa muito difícil mesmo! Mas isso eles num tão nem ligando. Agora o que interessa pra ele, é esse negócio de festa. Eu num sei como esse pessoal arrumo festa aqui. Tudo

festa fora aí pra fora. Quando tem uma festa ali, vão tudo pra ali, se tem uma festa lá, vão tudo pra lá, mas num vejo esse pessoal trabalhando. Mas, eu não acho que seja influência da televisão. Sei que tem muita gente aqui que gosta de televisão, mas eu tenho televisão. Mas, a televisão que eu olho aqui é, ali das quatro, das cinco horas até sete horas da noite. Passa o dia inteiro aí, a noite inteira aí, é só pra distrair, por que aqui é só nos dois, a mais disso, num tava funcionando por causa da chuva. Eu num sei não, o que se pode fazer por esse pessoal daqui. Pra eles, é uma coisa bonita, se ajunto aí, aquela turma de gente jogando bola, brincando aí, às vezes eu fico olhando, esse matagal que tá tudo aí, ao redor, tudinho. Outra coisa também aqui, você tá vendo essa barraca aqui, muita gente num quis trabalhar, porque ele investiu na pescaria. Olhe tem gente que amanhece o dia e anoitece na pescaria. Pescando. Se ele pega um peixe, um tucunaré desse tamanho aqui, ele tira e a gente pergunta:

- 'Quanto é?'

Ele diz:

- 'Dez reais o quilo!'

Já pensou? Ai a gente:

- 'Mas olha, tá muito caro.'

- 'Ah, mas é caro. Porque a gente compra linha, compra tudo.'

Mas, olha na cidade, num é esse preço. Na cidade é diferente. Na cidade ele vende o quilo do tucunaré por oito reais, mas ele compra do pescador aí, aí ele já vende pra gente, já paga o custo, paga o dinheiro, tudinho. Vocês aqui num pago nada, porque vocês fazem isso com a gente?

- 'Ah, se a gente num vender vocês vão reclamar: ah, fulano pega peixe e num vendeu...'

Mas num é certo. Olha um como eu, a gente tava num domingo com uma pessoa que pega tucunaré, ele mando me oferecer outro dia dois Tucunaré por setenta reais.

Digo :

- 'Não, setenta reais dá pra mim comprar quase um boi!'

Digo:

- 'Olha na cidade compro o quilo da carne agora, tenho comprado por seis e cinqüenta, mais do que isso às vezes é sete.'

Mas antes comprar a carne, que o peixe. Que aqui eles num querem outra vida, aqui é só isso, é pesca. Eu como, como muito, mas eu num posso pescar. Olha, eles acho ruim quando vem um de fora, dali daquelas várzeas, vem um rapaz de lá vender o peixe aqui, ele vende o quilo do tucunaré é quatro reais, o do curimatá é três, de outro peixe é dois e cinqüenta. Eles acho ruim ele vender aquele peixe lá. Ele vem de lá gastando o óleo dele, a gasolina, aqui, eles acham ruim ele vender muito barato. Ele ta certo. E vocês lá que num pagam nada, só ta andando aqui. Ele ainda vem no motor dele, de lá, vem embora e não está explorando. Vocês estão explorando. É pra gente mesmo daqui, a gente nem vem de fora. Olha, eles pede num tucunaré, cinqüenta reais. Olha, eu conheço muita gente que tá trazendo muita comida, e o pessoal reclamo que num tá vendendo nada, porque já trazem muita comida. Mas, por que? Porque ta vendendo muito caro. É ta muito aro a comida aqui. E eu num sei não, daqui pra frente como é que vai ser com esse pessoal daqui. É assim, tem que ir assim. Outra coisa num querem fazer: se for um trabalho, num quere fazê. Se empregar, num querem se empregar. Tem que enfrentar essa barreirazinha aí até chegar o tempo de irem pra outra casa, né. (ri) Esse negócio do dinheiro aqui eu num sei nem como é que pode ser, porque o pessoal procura um trabalho num acha, e quando ele pega, acha a gente vai falar com a pessoa que quer emprego ele pede vinte, vinte e cinco a diária dele. Por exemplo, tu, olha, se ele gosta de trabalhar de pedreiro, tem pedreiro aqui mesmo que ele trabalha, ele cobra trinta reais a diária dele. É muito caro isso. É por isso que muita gente já não quer pagar gente pra trabalhar. Num é que não tenha dinheiro, é que eles tão pedindo muito caro. Se ele trabalha uma diária pra gente ele pede quinze reais, passa do salário da pessoa, o salário ta duzentos e sessenta, não sai dez reais o dia, num sai não. É por isso que eles reclamo muito aí. A gente fala pra trabalhar eles num quer ir.

- 'Te pago tanto.'

Dizem:

- 'Não, vou por tanto!'

Esse aí num vai dar duro:

- 'Se, é pra mim ir fazer um trabalho por isso eu vou dormir n minha casa que é melhor. Vou andá por aí.'

É o que eles diz. Mas tá certo! Eles tão fazendo isso. Nós velho temo seguro agora vocês que tão começando, vocês vão se esburrachar um bocado aí. Agora até chegar nesse ganho, tem muito mar. Muita coisa que o pessoar exploraro muito aqui. A pescaria foi muito explorada. Porque que hoje em dia o peixe tá caro. Por que naquele tempo que a senhora ando por aqui num tinha essa tanta ambição de ter, pescava de linha, pescava de tarrafa. De um certo tempo pra cá deram de arrastar, cercar os ardues de peixe até ele vira, essas pedra aí tinham um cercado aí, pra pegar os peixe. E cerca, mete a malhadeira grande, entra dentro do círculo, o cara vai só, os peixe entra tudo dentro depois tira na linha. Olha, essas pedra aqui, todo esse tempo depois que você saiu daqui, era cercado aí. Hoje em dia você mergulha num vê um peixe aí dentro. É isso que acabou, é isso que vicia o pessoal, num querem trabalhar, só querem viver da vida do peixe, da pescaria. Num sei não, ficou tão ruim menina. Eu achei que daquele pra cá o negócio ficou mais ruim ainda do que era, principalmente o negócio da comida, do rancho, muito mesmo. E o pessoal que saiu um bocado daqui, esses que tão chegando já tá tudo de volta. Agora eu num sei porque? Porque olha eu fui uma pessoa que eu fui nascido e criado aqui, eu nunca mudei de lugar daqui, se é pra mim sair daqui pra ali, pra torna a vortá. Num adianta não. Ficar logo aqui que é melho. Tem quem saiu daqui porque num é terra que se viva. Digo: 'É! Aqui o pessoar trabalho, tem trabalho aí basta querer'. Agora eles tão voltando tudinho aí. Num sei como vai ser porque trabalho aqui num tem, num quere se empregar, num quere fazê nada... Aqui tinha uma menina que trabalhava com nós, aqui, Ela trabalhou nove mês, depois ela saiu, foi pra casa do pai dela, que o pai dela adoeceu. Como num tinha, aí mãe desse menino veio (refere-se ao garoto que está em minha companhia) ficou uns dias comigo, depois ela chegou e a ela saiu. Agora tornou vortá de novo essa uma, parou aqui parece que uns quatro meses, aí ela saiu daqui foi pra casa da mãe dela, aí quando foi num dia ela queria vortá pra gente, e depois já queria vorta pra banda dela dela. Aí eu disse: 'Olha eu num sei se eu ainda vou chamar ela pra vorta pra cá' Quando foi agora ela apareceu gestante. E o pai dela veio aqui e eu disse: 'Olha, ouvi dizer que a tua filha tá gestante e eu num vou quere ela aqui em casa gestante.' E o pai dela disse a mesma coisa, que não. Aí ela saiu daqui. Aí o pai dela foi falar com o pai do rapaz, ela ta pra lá. Ela tá no quarto mês. Aí eu fiquei só eu aqui com ela aí eu

falei com a mãe desse menino vir fazer as coisa aqui pra nós. Mas, é de manhã até o meio-dia, de meio dia pra tarde num tem o que fazer, mas é uma ajuda pra nós. Agora eu precisava assim, de uma que a pessoa ficasse em casa direto, porque às vezes eu quero ir fazer um mandado, num posso fazê. Mas aqui num querem nada não, num querem trabalhar, num querem faze nada não. Só essa menina que tá pra lá, que disse que ela ia ter a criança e ia voltar de novo pra cá. Mas eu num sei se eu vou aceitar ela porque ela não pára. Ela sai, quando chega umas sete horas da noite ela sai, e só volta umas altas horas da madrugada. É isso que me incomoda. Eu fico perturbado, às vezes ela sai daqui num diz nada pra ninguém. Eu fico perturbado com isso, porque ela tá na minha responsabilidade, depois acontece qualquer coisa, e daí. É isso que me preocupa. Agora a mãe dele tá aqui com nós, mas é só até o meio dia, uma hora, e ela vai pra casa, depois num tem mais, fica só eu e ela aqui. As sobrinha dela (da esposa), ela tem tanta sobrinha dela, mas num quiere trabalhar. Olhe, nessas casa (as barracas da praia) aí, tem gente que fala ai, pra filha de fulano: ‘Olha, vem trabalhar comigo no fim-de-semana’ Ela vem um sábado, domingo, num dia vem mais. Depois reclama que num tem o que fazer. O que fazer tem, só que num querem se ocupar com nada. Querem tá é andando prum lado e pro outro, em festa, na safadeza. Aqui quando tem festa é nesse malocão (mostra a construção em madeira com cobertura de palha em formato de uma grande maloca) grande aqui. Mas é assim: passa um, dois, três meses pra fazê. Onde fazem festa mais é ai pra fora. Aqui quase não tem problemas com bebida, briga, é bem difícil ter. Olhe o presidente é aquele lá. (apontando para o presidente da associação de moradores que passa na rua). Ele é sobrinho da minha mulher, ele mora bem aqui atrás logo. Esse barraco aqui que era nosso aqui, nos vendemos tudinho pra eles que vem de lá. Na época que a gente trabalhava lá a gente pagava um irmão dela (esposa) pra ajudar nós, mas depois que nós saímos de lá, aí... Pois é muita coisa aqui... eu acho que num mudou nada, eu pra mim, naquele tempo era melhor do que agora. Pra mim era! Porque naquele tempo dizia: ‘Olha quinta-feira. Umbora trabalhar?’

- ‘Umbora!’

Sentava e fazia. Agora não. Dia de quinta- feira diz:

- ‘Umbora trabalha, faze um mutirão’

Hum! Pode esperar o dia inteiro num querem mais nada não.

Nossa conversa se encerra, ao observarmos dona R. que, deitada em uma rede, chora, ouvindo seu marido durante a entrevista. Dona R. sofreu um acidente cardiovascular, perdendo os movimentos, tendo, inclusive, comprometimentos na fala. Passa o tempo inteiro deitada e precisa de ajuda constante.

ENTREVISTA N° 2:

Informante: Sr. J

PESCADOR DE PONTA DE PEDRAS.

“Eu nasci lá na colônia, dá uma hora daqui pra lá. Bom, eu me criei lá. Eu fiquei com os meus pais até os 25 a 30 anos, nessa faixa. Eles morreram e eu arranjei mulher. Aí lá era muito difícil pra nós. Essa coisa de transporte pra Santarém. Aí nós resolvemos vir pra cá, pra beira. Apareceu essa área e nós se colocamos aqui. Há uns treze anos atrás. Quando nós era pequenino, que comecemos a entender as coisa, a pescaria aqui era muito farta, tinha muito peixe. Meu pai de criação, ele vinha de madrugada, quando era oito horas, tava de volta em casa com muito Tucunaré, e puxava mesmo. Depois que comecemos, assim a perseguir também, ajuda ele a percorrer, ainda tinha muito peixe. Mas só que naquele tempo, também tinha pouca gente, né? Pra perseguir. Aqui tinha pouca gente nessa área. E essas pescaria de arrastão, de bubuia, isso aqui, não existia. Não existia naquele tempo. A senhora sabe o que é bubuia? São esses barco grande que venho daí de fora, e passo essas bubuiadeira de 1000. 2000m no fundo aí. Aí acaba com o filhote, com a dourada, leva até ova de peixe. Então é isso aí, um meio que tá destruindo. Ainda ontem, nós tava conversando aqui sobre os banhista. O banhista daqui com três anos, pra comer um peixe bonito aqui na praia, num tem. Por que num tem? Porque ta acabando. Ninguém acha, nem pra vender, nem pra pesca. Então o que eu vi depois que apareceu, há quatro anos atrás, uma equipe de pessoas fazendo um estudo sobre mercúrio, quer dizer, conversando com as pessoas. Porque tinha muito peixe contaminado e ia prejudica o pessoal. Eles andaro fazendo isso aqui umas duas vezes. Eu até sabia o nome do doutor que vinha, um baixinho (referindo-se ao Dr Branches), mas eu me esqueci. Então, eles andaro aqui fazendo várias pesquisas e trazendo o resultado dos exames das pessoas. Mas, graça a Deus, não deu nenhum caso. Até eles indicavo os peixes que estavam sendo mais mercurizados: era o apapá, a sarda e o tucunaré. Peixes que comiam outros peixes. Eles comiam o peixe que já tava contaminado e se prejudicava. E a gente ia comer, prejudicava a gente. Mas graças a Deus, não aconteceu isso aqui até agora. Agora o que nos vemo aqui é a grande falha do peixe mesmo. tá acabando! A gente coloca a malhadeira, tanto faz de malha graúda, como de

malha miúda, tarrafa que vai diminuindo cada vez mais. E o peixe de lanternada que a gente matava, o tucunaré, o acari, o jaraquí, isso aí é difícil da gente encontrar. Se acontecer da gente ir pesca uma noite e encontrar um boto amigo, que ele ajude a gente a encontrar o peixe, a gente pega. Mas, se não encontrar, do jeito que vai volta. Essa noite ainda, meu genro foi pescar, matou três peixinhos... Então tá difícil a situação do peixe. Mas só que a gente vê, também que o peixe, ele tá mais arisco. É! Ainda ontem a gente tava aqui, um monte de gente tomando banho aqui, aí espoca uma fofoca de tucunaré (aparição de cardume). Aí ficou, horas e horas. A gente vê que tem muito peixe. Olhe o mergulho no fundo com espingarda, o peixe fica arisco. Então ele prefere não pegar mais no anzol, ele prefere num dá na malhadeira. Porque ele já sabe o que é malhadeira. Então o peixe só tem que ta cabreiro. Todo tipo de arma eles tão usando pra acabar, fica difícil por isso. Então a gente sabe que tem o peixe. Agora a gente não sabe se essa falha do peixe é por causa do mercúrio que vem lá do Tapajós.. Porque eles jogam lá nas cabeceiras de Itaituba pra cima. Então, a gente num sabe se o peixe sente alguma coisa e vai se afugentando da área. Aqui a gente vai fazendo o que pode. Vai se unindo em grupo, por vizinhança. Vizinhos eu quero dizer assim que quando um tem dá pro outro. Eu acredito que, olhe esse grupo, desse aqui, tem essa casa aí e essas duas aqui. Eu acredito que quando eles têm, um dá pro outro. Ou, se eu não tenho, e o outro que não faz vizinhança comigo tem, eu falo em compra. Ou pra ele me arruma. Olhe o cara chega comigo assim, por exemplo, no verão, quando tinha muito peixe: - 'Cumpadre, me empreste uns vinte aracú, quando eu pega eu lhe reponho esse peixe.' É um meio de trocar peixe, de ajudar o outro. Há quatro anos nós temos essas barracas. Nós temos que pesca pra nós e pras barracas também. Isso é mais difícil, principalmente no inverno. Quando a água ta baixa facilita mais um pouquinho, porque o peixe fica no 'baixio'. A gente pode alumiar com uma lanterna pela beirada acha. Tem as baixas, né? Aí coloca uma malhadeira, ali onde o peixe vai entrar, aí ele engata. Então fica mais fácil né, porque a gente tá vendo. No inverno a gente num vê nada, só se ele boa. Que é muita água. Nesse período a gente tem que comprar. Toda sexta-feira tem que ir à Santarém vê se encontra o tucunaré, o curimatá, a tambaqui, frango ou bisteca. Tem que vir um pouco dela pra cá. E pra isso tem que ter dinheiro, porque é caro. Tá cada vez mais caro o peixe. Agora, nós tamo comprando o curimatá a três reais o quilo. Quer dizer, um peixe que dá um quilo, tem que dá três reais, pra ter o peixe na barraca pro consumidor ir lá e comprar o peixe, né? Então tá ficando mais difícil. E na cidade, onde tem muitos pescadores pra abastecer o mercado,

não se encontra peixe! Antigamente, num tinha pescador vindo pescar aqui, era difícil. Olhe, agora mesmo, nesse mês de julho, teve um barco pesqueiro, que ele passou quase um mês aqui. Mais lá em baixo, pescando aqui de bubuia. Mas, pelo que a gente viu, também num tenho resultado. Porque o rapaz que mora lá perto também pescava com eles, aí eu me informei com ele. Porque a gente tinha uma idéia...Que, do outro lado, quando a gente ia pescar, a gente via que eles pegavam muito peixe. E o que eles faziam: só aproveitavam o peixe inteiro. Aquele peixe que estava estragado, eles jogavo tudo n'água. E a gente ficava olhando. Quando foi um dia, a gente tava pescando lá, e a gente ficamo só observando. Eles encostaro perto de nós, e foro gelar o peixe. Então, só de uma rede, de uma canoa, que eram seis canoas, eles jogaro pra dentro da geleira, 46 Filhotes. Fora os pedaços que eles jogaro n'água. Aí. Nós ficamo pensando: Rapaz, mas eles pego muito peixe, né? Quando foi agora eu perguntei pro rapaz que pescava com eles: - ' Como é que tá a pescaria de vocês? Pegaro muito peixe?' – 'Rapaz, num deu foi nada. Olhe, os primeiro peixes que eles pegaro na primeira de semana, eles fizeram duzentos reais. De lá pra cá, eles pegavo dois peixe por dia, ficava. Passa a noite inteira a rede n'água' Então lês levou o prejuízo deles. Então eles tão observando que o peixe num ta muito fácil por aqui. Com isso aqui, nós vimos que... Essa semana, nós tivemo olhando aqui, que sempre eles paro nessa área, e que agora num tem bubueira aí.Eles deve tá pro outro lado procurando peixe. O peixe já tá, também, aprendendo a viver. Apareceu também uns veleiro, aí desse lado... Cada uma canoa daquelas com duas pessoas. Aí, eles soltam 1000m pra pegar o mapará, eles fazem uma circulação tão rápida com as canoas de vela, que uma área grande eles cercam de malhadeira e jogam a outra no meio. O que tiver ali no meio num pode correr. Então eles pegam uns setecentos, oitocentos quilos de mapará, rápido. Então esse peixe sai da água, e não volta. E a gente vê que não tem proibição pra isso. O pior é que não tem proibição pra isso. Porque se tivesse pelo menos uma orientação... Tem muita gente aqui como nós, outros pior que nós, que já num tem mais condição de criar e sustentar as crianças. Olhe, num tem malhadeira, num tem tarrafa, num tem canoa. Vai ficando difícil pra ele. Nós também já moramo tudo espalhado nessa colônia por aí, e nos reunimos aqui. Minha família é composta de 10 pessoas, 11 com o pai de criação. Ele ainda está com nós. Todos os meus filhos me ajudam a puxar. Se a gente tentar levar esse menino pra pilotear, ele piloteia, ele puxa um peixe. Eles já cansaram de dar almoço pra nós quando a gente num pode ir. Eu já tenho filho que é casado em Santarém, uma filha que é casada aí, tem outro dois maiores: esse que tava aqui ainda agora, e outro que tá

trabalhando pra comunidade, ele foi hoje. Então a gente se ajuda, eles ajudam muito a gente por aqui. Independentemente disso, aqui na vila, também cada um faz sua vida, sai a hora que quer, volta a hora que quer. Vai lá pro outro lado pescar. Aí, é a determinação de cada um! Agora se, por exemplo, ele acha que ele pode se dedicar só a pescaria, ele vai se dedicar na pescaria. Tem época que a pessoa se dedica só a pescaria. No inverno, vai pescar só no espinhel. Passa três quatro dias, pescando no espinhel. Espinhel é uma linha, vamos dizer, duzentos metros de linha, ou trezentos metro de linha com cento e cinquenta anzol pendurado, tipo escada, duas pedra no fundo, duas bóia lá em cima. Aí, nem todos os moradores tem barraca, mas é porque eles não querem. Porque esse trabalho é sacrificante, a senhora sabia? A gente fica... Olha tem uma semana pra cada barraqueiro, mas os trabalho de casa fica parado. No caso, que Deus o livre, não deu aqui, não deu lá também. E, é sempre assim, uma barraca por semana, e todas no fim-de-semana, sábado e domingo. A senhora viu, esses dias agora, deu bastante gente. E daqui pra frente vai aumentar. Porque vai baixando a água e ainda tem os evento, os show. Precisa ver o show que tem em outubro aqui. Eles faziam lá na cidade, e agora passou pra cá. E a gente espera que melhore esse ano. E, talvez assim, eles melhorem a estrada pra cá, que tá muito feia... Tem um projeto aí... Outro dia, a gente teve até trocando idéia, um dia desses, sobre a vivência deles, pra nossa vivência hoje. A felicidade que eles tinha naquele tempo e a dificuldade que tem agora...Porque ele conta, 'olha nós vinha de lá do seis' (refere-se ao quilometro seis da Estrada Santarém – Alter do Chão), moravo lá ,aí eles reuniam e diziam: vamo fazer uma piracaia lá na beira, hoje? Aí eles vinho todo mundo. Traziam uma tarrafa. Aí, eles chegavo aí na beira, aí eles gritavo 'EH!' Ai, o peixe estrondava na beira do rio. Aí dizia: - 'Olha, tu só joga meia tarrafa, o resto tu joga pra terra pra num pegar muito peixe.' Hoje num faz mais isso. Aí ele diz: 'Porque o pessoal de hoje é muito ambicioso! 'Eu digo não é ambicioso não, é que hoje a quantia de gente que evoluiu muito. Aí todo mundo começa a pegar, pegar, pegar, aí vai diminuindo. E o peixe também, através da inteligência que ele tem ele começa a se desviar. Aí tem que lutar: pra pegar e pra viver. Se não, não dá pra viver! Aqui, a gente tem que dar o jeito da gente. Trabalha na roça, tece tipiti pra vender, faz caieira pra vender carvão pra esse baraqueiro aqui. Aí trabalha todo mundo: a mulher, os filho, e ainda assim tá difícil. Nós num pagamo imposto, nem aluguel, inclusive essa área das barraca não é da Diocese, é da Marinha. Já viro advogado, já veio, já olhou. Procurador da República já teve uma reunião aqui com nós, olhou e disse que ela num tá na área da Diocese, e a

própria advogada da Diocese reconheceu. Aí, não há impedimento, nós mesmo já fizemo requerimento pra Capitania, pra ver qual é limite que ela nos dá, e a permissão, por exemplo, de fazer um padrão de barraca. Se, pode fazer, e qual é a área? Se, é essa, ou é mais ali? O que nós fazemo aqui é lutar na Associação pra ver se a gente consegue alguma coisa pra cá. Até agora, tudo o que a gente tem é reivindicação nossa. Temos que fazer requerimento e levar até o prefeito. O último tem três prioridades: era a energia, o cais aqui, pra proteger contra a subida d'água, e o padrão das barracas, que foi prometido a inauguração no dia dez de julho e até agora tá parado. Nós temo até pensando que, se for o caso, nós vamo adiar. Porque o verão tá em cima. Pra escangalhar essas barraca aqui, nós vamo ficar sem atendimento quase um mês, sem dar assistência pro pessoal. Nós távamo pensando que se mexesse em janeiro, pra pegar o período do inverno, eles trabalhavo mais lentamente, fazio um trabalho melhor. Aí ninguém tinha muito preocupação com prejuízo. Que se for agora vai ser um mês de prejuízo. Essa é a nossa proposta, e como nós queremos ter o espaço.”

ENTREVISTA N° 3

Informante:: Sra. E.

ESPOSA DE PESCADOR DE PONTA DE PEDRAS

“Enquanto ele trabalha aqui na barraca, eu fico em casa dando murro pra ajudar ele colocar em ordem, criar os filhos da gente, que a gente tem, né? Que se não trabalhar não cria né? Que a condição tá difícil. Nós temos um clube de mulheres onde a gente procura se ajudar, e também fazemo as nossas festas. Agora pro dia dos pais nós vamos fazer uma brincadeira aí no barracão pra ofertar pros pais, né? A gente tem um time de bola de mulheres, a gente joga contra os homem, contra outros time que vem...Domingo a gente joga aí com o pessoal, demos de três a um neles. As mulheres deram. Mas, a gente trabalha muito mesmo aqui. Tem o trabalho da comunidade que as mulheres fazem. O pessoal da comunidade a gente ajuda. Como tem muita mulher aqui aí a gente se divide, metade sai pra fazer o almoço pra comunidade metade fica ajudando eles, né? É assim que a gente trabalha aqui. O trabalho nessas barracas, a maioria é feito pelas mulheres mesmo, as comida, essas coisa toda, é com as mulheres. A nossa sorte é que nós somos muito unidos mesmo! É melhor dizer que aqui é só uma família: é madrinha, é tio, é compadre, é comadre... Nós já moramos aqui há treze anos e não pensamos em sair daqui, porque a gente não temo condição. Pra sair daqui pra passar pior do que a gente temo passado, num tem condição. Eu já tenho filhos grande. Um está em Santarém com a mulher. Aqui a minha filha mais velha já está casada, já tenho três netinhos. Ela tem a casa dela, mora ao lado de casa. E os menores ainda tão comigo. Então, não vale a pena, vale a pena é ficar e melhorar aqui mesmo. Vontade eu tenho muito de sair daqui! Mas, pra passar pior do que eu to passando, também não interessa. (Ela pára um pouco, para atender o filho que está pedindo-lhe para armar uma rede ao seu lado). Eu acho que faz umas três semanas que eu fui à Santarém. Eu tenho um filho que trabalha no S. C. (o melhor restaurante da cidade), daí agora ele tá lá perto da prefeitura, perto do B. N., outro restaurante (fala de lugares próximos ao trabalho dele), aí quando nós távamo na parada do ônibus, chegou um meninozinho, maiorzinho do que este e mais gordo, mas sujo, sujo, sujo, com um calção rasgado né? Aí o meu filho, o nome dele é Gilson, aí perguntou pra ele: - ‘Tu tá fazendo o quê aqui?’

- ‘Ah, mas eu durmo, como por aqui quando me dão!’
- ‘Tu não tem mãe?’
- Ele disse: - ‘Eu tenho.’
- ‘Onde ela mora?’
- ‘Lá no Mercado 2000.’ (Mercado de Santarém)
- ‘Tu tem pai.’
- Ele disse: ‘Não.’
- ‘Tu quer ir lá pra casa?’
- ‘Eu quero.’
- ‘Só que eu vou te colocar no meu regime.’

Aí ele pulou no ônibus e veio embora, só que quando o ônibus chegou e deixou nós ali, aí nos tirando os troço, se esquecemo do menino, aí ele pra cá (gesticula com as mãos) e voltou’, e perdeu o pai que era o Gilson, que ia ficar com ele. Voltou de novo: É triste uma vida dessa! O melhor período era antigamente quando eu era solteira e não tinha família pra me preocupar, pra cuidar. Eu andei muito quando eu era solteira. Conheci o Tapajós, aqui pra dentro, num sei até onde. Porque eu era a única das minhas irmãs... nós semo seis irmã e cinco irmão, só tenho um irmão que tá vivo, o resto já morreu, minhas irmãs tão vivas também, mas só, era a única que saía, era eu. Se a senhora chegasse comigo e dissesse: – ‘Tu queres ir comigo, E., passar um ano, dois meses..?’ Eu, olha, ia embora. Quando chegava em casa, passava mais duas semanas...’Olha eu vim pedir a sua filha pra ir comigo. Tu vás querer ir?’. Mas eu era assim, não parava... Ia com o pessoal, quando eu queria trazer as coisas pra mamãe trazia. Aí passava uma semana com a mamãe. Aí, até ela achava ruim; - ‘Mas não pára mais em casa. É só andando.’ Mas eu andei muito, Deus o livre! E as minhas outra irmã não. Era só mesmo junto com a mamãe. Elas num sabem nem contar assim dessas paragem. Eu sei contá muita coisa, que eu andei muito. Porque eu comecei a andar com 10 anos pela casa dos outros...Eu sei fazer muita coisa, já trabalhei em

restaurante, sei do que eu aprendi. Graças a Deus eu sei! É muito difícil eu passá vergonha numa coisa que eu vou fazer, um serviço: uma lavagem de roupa, um passar uma roupa. Eu sei, graças a Deus, fazer tudo! Disso, hoje, eu acho que mudou um pouco a coisa. Antigamente a gente pegava pouco dinheiro, comprava muita coisa. Hoje a gente pega num sabe o que compra, e vai procurar dinheiro, num existe mais, some. Num tem mais pra comprar nada. É a diferença que tem. Também ninguém trabalhava muito assim, antigamente. Agora tem que trabalhar demais! Só vive pra trabalhar! Também eu me preocupo porque eu já tenho esses menino e eu sou pobre. Não desses pobre já demais, né? Mas sou pobre. Não posso dizê que eles num passo fome, porque tem dia que a gente não tem mesmo. Mas, eu prefiro os meus filho comer todo dia uma bocadinha. Tomar um café com leite todo dia antes de dormir, eu prefiro...todo dia...Agora, aqui, tem umas famílias muito... muito penoso a gente ver. Eu... porque eu tenho pena, mas, porque eu não posso ajudar, porque eu também sou pobre. Mas, do que eu tenho, eu ajudo muito eles. Aqui tem duas famílias assim. Eles vinham sempre comigo. Eles moravam lá pra colônia, agora tão pra cá. Sempre eu mandava roupa, que eu chagava assim com uma vizinha, uma pessoa que eu conhecia, eu pedia, sabe, ... não é pra mim, é pruma família que tá precisando. Eles dava assim, rede, essa coisas, eu dava pra elas. Quando uma família chega aqui, a comunidade ajuda. Porque a gente vê uma situação dessas. Aí a gente coloca um bingo, uma coisa e doa o dinheiro, ou compra uma despesa e dá, né? A gente procura ajudar. Aqui é pesada a vida de uma mãe em casa, pode ser que isso seja conforme a mulher, tem mulher que se incomoda, tem mulher que não. Tanto faz zelar como não zelar, pra ela tá tudo bem. Ela tá andando, não quer saber dos filhos, não quer saber de roupa... Eu sei, porque aqui tinha uma família que era assim. Agora eu, eu sou muito diferente A minha casinha é de pobre, mas é tudo ariadinho, tudo ajeitadinho, a roupa dos meus filhos é cuidadinha. Meu marido num pode reclamar. Dizer assim: 'Ah! Eu chego em casa minha mulher tá pela rua, não liga pra casa ou pelos meus filhos.' Não, isso não! Tenho certeza que ele não faz isso, porque eu tenho certeza que eu ajudo muito. É porque tem dias que eu não choro porque não adianta né? Porque a gente sofre. Às vezes doente, tem que trabalhar. Porque tem os filhos e não tem ninguém pra mandar fazer. Aqui não tem posto médico. Não tem nem farmácia aqui. Aí se for o caso, tem que ir pr Santarém, pra Alter do Chão, e se for o caso de morrer, morre! Porque não tem! Quem tem dinheiro já morre na porta do hospital, avalie eu que se chegar é morrer logo porque eu num tenho com que pagar, né?"

ENTREVISTA Nº 4

Informante: Sra. V.

PROPRIETÁRIA DE BARRACA NA PRAIA

“Eu nasci na Comunidade de Irurama, e já vivo aqui desde os quatorze anos de idade, não sou casada, sou solteira mas vivo com uma pessoa. Ele é lá do Capixauã, e temos uma filha. Com ele eu tenho uma filha fora dele, eu tenho duas. Eu o conheci aqui mesmo, vim morar pra cá com meus pais. Bom, a gente veio pra cá, porque meu pai era líder sindical na comunidade de São Francisco, né? E aí, pra lutar por essa terra, aqui num tinha associação de sindicato então a senhora, Dona H. ela convidou meu pai, como ele era presidente do sindicato lá de São Francisco, convidou ele pra ele vim pra cá pra uma reunião pro sindicato, pra ele começar a organizar o sindicato aqui. Então eles fundaram o sindicato e o papai fiou como um dos líderes da frente aqui, né? Aí eles foram, lutaram por essa terra foram várias vezes na Diocese, pegaram muitos não aí, mas eles não desistiram, continuaram lutando. Então, essa foi uma luta que eu praticamente eu não sei contar detalhes por que eu num vi, eu era pequena. Mas foi assim que eles conseguiram, aí eles foram ficando, e até hoje eles tão morando aqui ainda. Meu pai é o B. e foi por isso que nós viemos pra cá. Aí ele ganhou um pedaço de terra, aí a gente fez casa e a gente continuou morando aqui. De lá pra cá eu não saí mais daqui. Antes aqui era... num tinha... Quando começou aqui só tinha uma barraca que começou, que era a barraca comunitária, então dessa barraca foram surgindo mais, que hoje em dia tão nessas aqui, né? E então aqui é assim, período do verão, a gente.... dá da gente se manter um pouco, mas no inverno é mais difícil. Como você pode ver, hoje a gente veio pra cá, a gente passa a semana aqui olhando pro rio, num faz nada. Se num tiver uma outra coisa, um crochet, uma coisa pra tecer, você passa o dia inteiro olhando pro rio, que de barraca você num ta usufruindo nada, ta só tendo prejuízo por que todo dia você precisa comer, o freezer fica ligado, a energia é direto, então isso é um ponto muito negativo pra nós. Nós num temos assim por exemplo, se a gente precisa de bebida, tem um intermediário que não é o revendedor mesmo, que é o Seu J. A., que fornece a cerveja., mas as outras bebida que a gente precisa, tem que levar vasilhame pra Santarém, pra de lá paga transporte de ônibus, paga, compra o

gelo né, pra gente conservar o peixe que a gente num vai conservar junto com a bebida, e quando chega na sexta-feira, tem que ir pra Santarém comprar o que a gente vai precisar pra cá, né,então é uma dificuldade muito grande que nós enfrentamos.O transporte é um problema muito grande, principalmente quando adocece uma pessoa, agora já melhorou mais um pouquinho porque tem esse telefone, já, foi sábado passado, hoje tá completando oito dias, teve um caso de emergência, sorte que o telefone tava funcionando, aí foi chamada, a ambulância veio buscar a pessoa.Então é muito difícil, por exemplo, se uma pessoa adocece tem que correr fretar um carro, tirar do que ele não tem, né, pra poder salvar aquela vida, e, é muito difícil... Se tivesse um transporte né, talvez seria melhor. Tem muita gente que quer vir pra cá, mas não tem o transporte, e um táxi pra pagar de lá é muito caro, né, pra vir só conhecer aqui, voltar, se torna muito caro, então de ônibus seria mais fácil mas não temos.No meu caso aqui é o meu sustento, quando aqui tá muito fraco a gente pesca e também faz farinha, pra poder sobreviver. Eu tenho três filhas, três meninas, todas tão estudando, A minha caçula ta com oito anos a mais velha com quatorze, e a outra, a do meio, ta com doze. Essa com doze ela tá morando em Fortaleza com a minha tia,minha tia num tem filho, aí chegou aqui ela gostou dela se apaixonou por ela e levou ela. Hoje em dia ela ta morando lá, ela ta tendo o que eu não posso dar pra ela que é os estudos, né. Ela já ta fazendo aula de inglês', tá bem, adiantada. E a que está aqui eu faço o que eu posso. Tem dia que a gente não come nada pra mim manter ela na escola. Agora ela fazendo curso de informática. É difícil né, porque quando o ônibus vem, né, ela vem e dorme na casa do meu irmão; quando o ônibus num vem ela passa a semana pra lá, então eu tenho que dar o que eu num tenho pra mim poder mandar ela pra lá, pra ela pagar passagem de ônibus todo dia, vim e voltar,por que ela estuda no São Braz, né. E aí a outra estuda aqui a caçula, tá fazendo a segunda série. As crianças reclamam porque quando o ônibus vem buscar eles pra ir pra aula, eles tenho que sair quinze pras onze, tem dia que a gente tá ocupado num dá tempo delas almoçarem, aí elas vão com fome né, passa quando elas chegam em casa é seis horas da tarde, às vezes num tem merenda na escola, aí elas chegam com muita fome, então nesse ponto elas reclamam que vão muito cedo, como se tivesse uma escola aqui mesmo, que entrasse uma hora, elas tinham a manhã toda, e assim não. E tem que ajudar em casa também, principalmente quando a gente faz farinha, que a farinha, que se tiver dez pessoas ela ocupa as dez e é muito trabalho. Aí, geralmente nesse ponto eles reclamam bastante... E, olha eu acho, eu acho não eu tenho certeza, e aqui todo mundo conhece, todo mundo

me conhece, sabe que eu sou o puxador da carroça, né? Por que o rapaz com que eu vivo ele é, por exemplo, uma pessoa muito mais nova que eu, mas que não é a idade dele é o pensamento dele, que é, é muito devagar, ele num tem assim iniciativa de fazer nada sabe, sempre eu que tenho que dizer pra ele: 'Olha tem que fazer isso'. Se já tem essa barraca aqui é porque eu tomei a iniciativa, eu sempre saí na frente entende. Então eu sempre me determinei e sempre tive que puxar ele, por que se não, não fazia nada. O trabalho sai, mas puxado mais por mim, isso num é eu que tô dizendo, mas o que todo mundo vê. É igual, por exemplo, se espera só pelo presidente da comunidade, aí todo dia o presidente tá, ou então uma vez no mês ele vai, então eles vão pensar assim: 'Ah! A comunidade num tá tendo interesse, né, de vir. Aí quando vai assim massa mesmo quando o povo ta lá todo dia e passa fome e tá lá mesmo pedindo, reivindicando, então eles vejo que aquela comunidade está tendo mesmo muita necessidade, e tá tendo um pouco de vontade, de querer, né? Quando nós temos problemas como é o caso do ônibus, a gente sempre fala com ele (o presidente da comunidade), porque se por acaso a gente se reunir e ir lá, é capaz de dizer assim: 'Ah! Estão passando por cima de mim'. Então a nossa coisa é chegar com ele. Só que a gente fica esperando, né, por ele, por ele, por ele, e aí eu não sei se é por falta de iniciativa, ou de convocar. Também é muito difícil, por que ele é uma pessoa muito calma, né assim. Ele não chega não expõe os problemas assim direito pra gente, o que é que ta acontecendo, aí fica difícil jogar pra ele e não obter um resultado. Tem muitas coisas que a gente precisa melhorar aqui assim. Mas eu num sei explicar assim de urgência. A gente pensa que a principal seria a estrada, num sei essa seria uma forma ou se dependeria muito de nós assim, se mobilizar mais, ter mais força de vontade de chegar junto das pessoas e pedir, ou mesmo com essa estrada pedindo mais carro, pedindo ajuda pra melhoria das coisas. Hoje aqui só é aparência, porque a gente num é assim uma comunidade bem organizada. Porque eu tiro assim, se a gente fosse bem organizada, esse problema do ônibus das crianças se ele ainda num tivesse sido solucionado, mas já tinha sido dado um encaminhamento né, por que a gente num é muito preocupado um com o outro. Aqui tem, num são todos né, mas tem a maioria que se preocupa mais a si próprio que com os outros. Bom eu vou falar do que eu conheço e do que eu já ouvi a minha própria filha falando né. Que ela disse que ela num pretende ficar aqui, por que ela num pretende ter essa vida. Por exemplo, de ficar trabalhando em barraca, por que o que ela quer, ela quer um futuro melhor e que ela ta vendo que aqui ela num ta tendo condições, ela num ta tendo essa oportunidade de ter um emprego

melhor, de ter um conhecimento. Então ela pensa em sair daqui. Então eu acho, que pela cabeça dela né, assim como ela pensa, muitos outros pensam. Por que num tem futuro né. Os mais velhos ainda têm esperança que melhore, eles acreditam de que pode melhorar, mas em que todos participem, por que pelo menos assim.. em termos de... A dona H. mesmo, ela reclama muito, que a luta muito grande foi pela Diocese, foi pelo Sindicato e hoje em dia mesmo eles esquecem, principalmente de ir na igreja, porque aqui todos são católicos, então de ir na igreja. Então isso pra ela, por exemplo, se todo domingo ela visse a igreja lotada aquilo pra ela seria um prazer que ela tinha. E nesse ponto nós todos estamos esquecendo, então ela diz que o turismo aqui afetou muito esse ponto aí, afetou as pessoas. Hoje eu vejo que muita coisa mudou, assim, por exemplo, os jovens eles querem mais é ter liberdade de sair, ir pras festas, mesmo que seja em localidades vizinhas, distantes daqui, eles querem ir. Assim, por exemplo, no meu tempo não, a gente só saia com pai e mãe, e hoje em dia não eles querem ir só eles. Então, vai se o pai e a mãe não pode levar, ou então se a gente diz que não tem dinheiro, eles ficam revoltados, eles choram e, isso no meu tempo, a gente podia até querer ir, mas a gente num ia. E às vezes eles fazem alguma coisa e vão, sem o consentimento da pai, da mãe. Em lugares que dá pra ir de bicicleta, vão de bicicleta, em outros vão de barco. Tem muito que vão, tem muitos que não, que ainda são obediente ainda faz. Aqui ainda não tem drogas, bebedeira, graças a Deus. Minha família quase toda mora aqui, meu pai e minha mãe, eu e dois irmãos meus, um irmão e uma irmã. Só os que já são casados, que já moram em Santarém, mas quando nós viemos pra cá eles, já moravam lá estudando, aí depois eles fiaram arrumaram mulher e ficaram lá mesmo, eles nunca moraram aqui, e fiaram lá mesmo. E eu quero ter uma vida sossegada né, assim esse negócio de muito barulho, aqui, é uma vida boa ainda, até agora né, num sei daqui pra frente. Então eu espero morar aqui mas tendo essa paz. Assim a situação assim de sossego, por exemplo, esse negócio de marginalidade, aqui graças a Deus num tem, a não ser que venha de fora, mas aqui mesmo num tem. Então esse daí é um problema sério que as pessoas falam: 'Se melhorar, estraga. Então vai piorar isso aqui' Então, eu num sei se, por que só mesmo a gente vivendo pra ver se vai acontecer ou não. Mas, o meu sonho é ficar aqui mesmo ter uma casa pra colocar os meus filhos, se eles quiserem ficar aqui comigo. Se num quiserem elas, mas conforme a gente vai crescendo a gente vai sempre procurando as melhora da gente, né. Se elas forem todas embora, aí depende muito do... eu já num posso dizer assim do meu trabalho, por que eu num tenho outro tipo de trabalho né, o meu trabalho é esse aqui.

Então se elas forem me manter... Até assim mesmo eu num sei, por que eu sempre fui acostumada a trabalhar e assim a me manter, entende? Sempre assim, como por exemplo, dizer assim: 'Ah, tomara que quando que o pai morrer, ele me dê a herança dele'. Não! Eu penso em construir alguma coisa mas com o meu trabalho. Eu sou, num sei se eu sou orgulhosa ou se... eu num sei, eu sempre penso isso. De ter alguma coisa, mas com o meu trabalho não que o papai me dê. Por que o que ele tinha de me dar ele já me deu quando eu era criança então agora que eu possa trabalhar e possa sobreviver do meu trabalho. Eu tenho trinta e cinco anos, eu já coiso mais, por eu já tenho duas operações, já fui operada três vezes e não posso mais trabalhar muito assim no pesado. (Ri e encerra a entrevista para ir trabalhar na barraca da praia)

ENTREVISTA Nº 5

Informante: Sra A. P.

MORADORA DE PONTA DE PEDRAS

“Eu cheguei pra cá, que eu morava lá em Arapixuna, Muacá, município de Arapixuna. Eu cheguei pra cá, que eu me casei com ele em 63, a gente morou lá colônia, né, Macaco, de lá ele pescava, a gente cortava seringa também, a gente ia vender no Alter do Chão a seringa, ia vender no Alter do Chão, ia de canoa pra lá, atravessando aquele lago que tem, não sei se senhora já foi lá? E, a gente descia lá da colônia, onde a gente morava, a gente descia aí pra beira, aí perto da Dona H. e a gente descia de canoa pra Santarém. Inclusive cansei de ir com mais duas, uma minha comadre, e uma outra minha amiga e um rapaz. Sabe esse J. M., era menino ainda, mas ele dava conta de ir com a gente na canoa, a gente ia fazer compra pra gente lá na cidade de canoa, aí quando dava lá pra uma hora duas hora a gente saía. Aqui num tinha nada, aqui era tudo, era, é melhor dizer era só mato, a gente nem vinha pra cá, por que num tinha como vir, e o quê que a gente vinha fazer. Aí tinha uma capelinha lá pra colônia também, pra lá que a gente freqüentava dia de domingo, às vezes tinha jogo a gente ia, por que o campo, tudo, o campo de futebol, tudo era lá. Aí foi passando os tempo, foi passando os, tempo aí desceram com a capela pra cá. Fizeram uma igreja lá praia, onde tem aquela rama, que tá no fundo (refere-se a uns arbustos na frente da praia que estão submersos por causa da maré alta), pois é, era a capelinha, aí a gente já não ia pra lá, Aí foi o tempo que eu tive essa filha que tava aqui, a gente já vinha pra cá, freqüentava pra cá. Aí, só tinha uma casa, que era ali do Seu V., lá ao lado da igreja, só que era pra cá mais, aí onde é a barraca, lá era a casa que ele morava. Aí, depois, foi o tempo que a dona desse lugar, que comprou, ela chamou ele (o marido) pra tomar conta da casa dela, também era lá na praia, aí ele foi pra lá. Ai a gente vinha de lá, a gente vinha trabalhar aí, ela tinha roça e a gente vinha fazer farinha pra ela, e naquele sacrificio todo. A grana era pouco, eu com ele a gente fazia carvão, a gente levava ela (a filha mais velha) com a gente que era pequena, pra lá pra onde a gente fazia carvão, lá eu deixava ela dormindo e ia ajudar ele. Com esse carvão a gente descia lá pra beira e ia vender na cidade, aí até que foi com, passando os tempo, e os morador que moravo lá no Macaco, foram descendo e fizeram... inclusive o primeiro que

desceu foi esse J., o segundo foi senhor A. ali. Aí foi o tempo que a gente morava lá e aí tinha um lugar ali em cima, e a gente morando lá, aí resolvemos descer, pedimos mais um terreno que a dona H. tomava de conta, e ela deu pra gente. Aí ele fez uma casinha lá na beira, enquanto ele fazia o roçado pra poder fazer a casa lá em cima, e aí depois ele fez a casa e nós subimos pra lá. Aí foi o tempo que nós fomos plantando roça, aí nos já tinha a roça, a gente fazia a farinha, foi o tempo que começou, fizeram essa igreja aqui, aí foi evoluindo né, abriram essa estrada aqui, aí começou a descer carrinho pequeno, foi o tempo que passou não me lembro a data do ano, né, aí um rapaz que tem ali um rapaz chamado N. abriu uma barraquinha pra vender comida, vender refrigerante, por que começou a aparecer gente na praia, aí ele abriu essa barraquinha e era por equipe uma semana, sábado e domingo uma pessoa que vinha ajudar a mulher dele, noutra semana era outra, era assim. Aí foi o tempo que começou a coisa, aí começaram a fazer barraca, pedir lugar pra fazer barraca aí foi, foi, que inclusive até a minha filha fez uma, aí nessa barraca que ele trabalhava, que fizeram uma barraca comunitária, nesse tempo eu até trabalhei aí nessa barraca comunitária. Foi o tempo que ela adoeceu, ela foi embora pra Belém se operar, aí eu fiquei já na casa dela, fiquei na barraca dela tomando de conta. Aí, nesse tempo, aí foi aberta essa estrada mesmo, e aí foram pedir o ônibus lá em Santarém, foi até o seu S., aí esse ônibus entrou, e as coisa foram melhorando. Por que a gente morava lá, vivia jogado, só ia se fosse de barco ou de canoa, né? Aí apareceu o seu B. ali, por que ele morava lá em baixo, aí ele vinha buscar a gente toda sexta-feira e segunda, se a gente quisesse ir, ele vinha buscar a gente (de canoa), aí foi melhorando, aí entrou o ônibus, aí facilitou mais. Aí a gente, nós paramos de cortar seringa, aí nós fomos trabalhar só em roça, fazendo farinha. Graças a Deus, a gente tinha muita roça, a gente fazia farinha e ia vender na feira. E aí foi melhorando a situação. Aí foi o tempo que eu comecei a adoecer, ela casou, aquela que saiu aí, é minha filha também, aí com oito anos que essa tava, eu me engravidei dela, eu só tenho essa duas filhas, tinha três, um casal e meio, mas o meu filho tá com ... vai fazer quatorze anos que ele faleceu, e aí...(pausa) a gente foi...(pausa), mode que a coisa, levantando mais. Aí eu adoeci, eu comecei a adoecer, que eu ao sabia se eu sofria de pressão alta, né. Aí eu adoeci, começou a passar mal e escapava, escapava de morrer, aí passava mal. Aí foi o tempo que ela foi embora pra Santarém, essa aqui, e aquela casou, aí veio embora também. Aí ficamos só nós duas. De fato que a gente num podia ficar só, ele num podia nem sair, aí foi quando distribuíram uns terrenos aqui né. E a gente veio, aí nós ainda ficamos com esse aqui,

eu,... o dela com o marido e o meu com ele. Aí nós viemos embora, nós viemos pra cá e aí mandamos fazer essa casa, vendemo o terreno dali, aí o senhor que comprou, fez essa casa, dono da X, firma dele, aí a gente vendeu lá e viemo pra cá. Viemo pra á que era mais perto de gente que tinha onde eu ficar, na companhia de alguém, que era mais povoado. Vendemos pra ele e pedimos pra ele fazer essa casa pra nós, ele mandou fazer e a gente tá aqui com quatro anos já, nós cinco morando aqui, e aí melhorou mais, só que eu vivo assim doente, não posso fazer mais nada, só já tô mesmo em casa. Ficou melhor por que pelo menos o transporte pra Santarém a gente tem, toda sexta-feira e domingo também tem transporte se a gente quiser ir. E mesmo a emergência nós num tínhamos e agora tem (refere-se à possibilidade de um resgate em ambulância em caso de emergência, pela instalação de um orelhão na praia) e melhorou muito. Pro tempo que eu cheguei aqui e que era tudo mato, nem se compara. Agora já tem muita gente de fora, inclusive essas malocas aqui até lá é de gente de Santarém, que eles (os moradores) vendem os terreno aí. Essa pousa aonde a senhora está, do seu J. A., ele também não é daqui, ele é lá de Belterra, e ali pra baixo tem muita gente né, muita gente de fora, ali pro Tapari. Eu acho que isso num é bom, num é muito bom, por que a comunidade tem um estatuto, então esses terrenos num eram pra ser vendido. E num eram pra ser vendido por que senão vai ficar mermo que ser Alter do Chão. Em Alter do Chão os que moravam na margem do, lá na beira, tão tudo lá pra colônia, por que eles vendero tudo ali na frente. E aí ficou ruim, é por isso que a gente num queria. Mas só quem mora na frente são só esses aí já, por que até o J. mesmo, o J. A. que fizeram negócio com ele, e todo mundo acha ruim isso. E aí a gente num queria isso, mas quando a gente sabia já tinha acontecido né. E o que fazer com isso, e agora, agora tá assim. Mas a gente num quer o cuidado maior que a gente tem de não entrar mais gente de fora. Por que com o pessoal de fora a gente num veve mais aquela vida sossegada. Como a gente vivia tranqüila aqui, né. Fica tumultuado, fica, inclusive esse aí, que dono do supermercado Y., o E. C., quando ele vem praí, é um som tão alto é à noite, de noite que eu, principalmente, que tô nessa idade, tô com sessenta e cinco anos completo, em julho eu completo sessenta e seis, aí fico perturbada, não posso sossegar, não posso dormir, né? E aquela coisa toda... É isso que eu acho ruim... O período melhor aqui pra gente é as férias de julho, agora nessa época tá fraco, por que dá muita chuva. Nas férias de julho, ela já dá mais um pouco. Mas, melhor é no verão mesmo, dá muita gente, nas férias do mês de... do fim do ano mesmo. É vem muita gente de fora pra cá pra Santarém à passeio e aí eles venho pra cá. É, dá muita gente mesmo de fora, de

Manaus, de Belém, do Rio, São Paulo, de tudo por aí a fora, do sul. Mas, nos temos uma situação difícil, a escola. Por que aqui, as criança, os pessoal deixando, eles aprendem, eles fico aqui até a quarta série, né, quando termina a quarta série eles são obrigado a sair daqui por que aqui num tem uma professora que inicie a quinta, a sexta até a oitava série, mesmo. Num tem. Então daqui tá sendo uma dificuldade pro alunos que estudam lá em São Braz. Porque? Por causa do transporte. É uma luta. É uma coisa ruim mesmo. Inclusive eu tenho dois netos que estudam lá, é um sacrificio pra eles ir. Mas, assim mesmo eles já estão com dois anos, com uns três anos, que eles tão indo pra lá. Eles estudam à tarde. Aí, se tivesse uma escola, eles ficavam aqui mesmo. Vamos dizer que eles eram pra estar estudando à noite. Mas, como que vai, que num tem transporte à noite. E, se tivesse aqui eles estudavo à noite e aí melhorava muito. É isso que ta difícil. Hoje a gente vive o meu marido da pesca e ela da barraca. A gente veve uma vida regada à dinheiro. É muito ruim, esse tempo é muito ruim aqui. Mas, a gente vai levando a vida, né. Ele vai pra várzea, ele pesca, ele pega peixe, ele vende e a gente, eu e ele, nós semo aposentado, com aquele dinheiro que ele pega já ajuda mais um pouco. Por que o salário ta valendo mais nada. Quando eles anuncio o aumento do salário, aí que quando a gente vai receber, já num dá nem pra gente comprar o que a gente comprava antes. Como agora que tá duzentos e sessenta, mas mo mês que for aumentar o salário já a mercadoria já tá além. E daí, dizem que vai aumentar o salário mais a mercadoria aumentou também. Por que agora a gente ainda nem recebeu o aumento, só vai sair em junho, como sexta-feira que a gente foi receber já tudo com aumento a mercadoria. Por que da feita que eles anuncio que a partir do dia primeiro de maio ia sair aumento, aí já levou. Eu acho que hoje tem muita coisa mudada. E eu acho assim pior, por que antes eu, no meu tempo de jovem, eu, eu só ia aonde a minha mãe deixava eu ir, né. Uma, é que a minha mãe nunca andou comigo assim, vamos dizer em festa, que eu gostei muito de festa quando eu era mais nova e, eu ia com meus irmão, meus irmão é que iam comigo, eu pedia dela e... Eu fui muito sofrida, fui uma filha sofrida, porque quando o meu pai morreu, eu fiquei com dez anos, e daí pra frente a minha mãe ficou, e nem ela sabia que ela estava gestante quando ele morreu, adoeceu muito, quase ela perde a criança e ela morre. E aí, eu fui trabalhar olha, a minha mãe doente, ficou, os menores que ficou, eram três, e aí o que fazer, eu ia trabalhar com meu irmão mais velho, que ele tá com setenta e dois anos completo, vai completar setenta e três agora em setembro, eu ia junto com ele trabalhar e ela ficava em casa. Eu tinha, a gente tinha que comprar tudo, tudo, tudo a despesa, negócio pra casa, né. Eu

pescava junto com ele, chegava do trabalho ia-me embora de noite, pescar com ele. Pescava pra deixar em casa e a gente vender pra ajudar no nosso serviço. Ai com uns vinte e três anos, eu tava, aí por infelicidade, a gente num pensa, sei lá, ou era a sorte, eu arrumei um filho que só teve um pai só pra fazer, tipo como diz na gíria, aí foi outro sofrimento pra mim, e naquele tempo o serviço que tinha era a juta, a senhora ouviu falar? É, eu trabalhei na água lavando juta, eu trabalhei gestante até o dia quatro de julho, quando foi dia vinte e seis de julho eu teve ele. E aí eu fiquei em casa, mas eu comprei tudo que era necessário pra aqueles dia que eu ia ficar parada, sem fazer nada, trabalhar né, eu ter. Meu irmão graças a Deus, nesse tempo meus irmãos já tavam tudo, os que fiaram, já tavam tudo grande, né, e aí eles me ajudaram muito, sobretudo esse mais velho, aí eles me ajudaram muito, que quando foi na época que eu teve ele eu fiquei parada, com quarenta e um dia, eu deixei minha mãe em casa, Deus perdoe os peado dela que ela já faleceu, num era bonito pra mim, eu ficar em casa com o meu filho e a minha mãe ir pro roçado trabalhar num é? Então eu deixava ela em casa com ele, e naquele tempo era mais fácil o negócio do leite do gado, né. Eu comprava o leite, ela dava pra ele e quando era onze horas, eu ia em casa amamentar ele, e voltava pro roçado, só ia cinco horas. E assim eu fui levando a vida, até que ele ficou grande, e foi nessa época que ele tava com três anos, quando eu me casei com ele. Aí ela ficou com ele. Ela me pediu ele, pra ficar com ela, que ela ia mandar ensinar ele. Aí eu deixei ela com ele, porque Deus o livre se eu tirasse ela dele, era ruim. Aí eu deixei ele com ela. Aí ele só vinha pra minha banda assim. Ele me chamava de mãe, mas mãe também era ela. Mas ele queria mais bem ela, do que próprio eu, que era mãe verdadeira, e aí até hoje. E agora não os jovens num tão nem aí, já fazem tudo o que eles querem né? Às vez pai e mãe diz uma coisa, eles dizem que não, que é mentira que a gente tá falando. Eles vão e fazem o que eles querem. Porque, muito jovem, muita menina nova, e quando a mãe deixa, hoje em dia quando a mãe pensa que ela ainda é uma coisa, quando acaba já está até gestante. Não obedecem mais pai e mãe. No meu tempo não, no meu tempo era diferente. Eu mesmo digo, que eu comecei a andar em festa assim, a danar né, quando eu era da escola, que a professora ensaiava quadrilha, brincadeira, naquele tempo existia as pastorinhas, né, aí era que eu ficava com meu irmão nos ensaio e quando a gente ia por aí que chamavam, a gente ia, principalmente no Arapixuna, a gente ia pra lá dançar quadrilha, no mês de São João. Aí daí pra frente eu fui indo, mas tinha o costume só ia com eles, se num fosse com eles eu num ia. E a minha mãe nunca me levou em festa. Aí arrumei filho com vinte e três anos, com

idade. E hoje em dia já num param. Esse meu filho mais velho, ele é morto, ele foi morto assassinado. Ele num mora mais nessa terra. E eu num tenho mais pai e nem mãe. A minha mãe vai fazer dia treze agora, sete meses de falecida. Ela viveu, Graças a Deus, eu tenho orgulho de dizer, ela morreu, ela ia completar, dia quinze de novembro ela ia completar cento e três anos. E ela num caducava, como se diz, né. Ela só perdeu o sentido dela, já mesmo pra morrer, foi o coração que matou ela. Minha mãe viveu muito, Graças a Deus, deixou muitos exemplos. No que ela me falava, ela me chamava, sempre ela conversava muito comigo quando eu vivia com ela. Pra mim ele deixou muito exemplo, o que ela me dizia eu seguia (pausa). Ela morava lá no Macuá, mesmo, há uns dez anos ele veio pra Santarém, vivia com um neto, vivia com outro, pra cá nunca ela veio. Ela disse pra mim no ano passado, num dia de hoje (Dia das Mães) eu fui lá, ela morava na casa de uma neta dela, filha da outra minha irmã, irmã de criação ela era, nós semos só duas irmãs aí eu fui lá, levar o presente do Dia das Mães, aí ela disse: 'Minha filha, tu já ta pagando o meu caixão?' Eu disse: 'Oh mamãe não diga isso, não fale besteira.' Velhinha, cabelo branquinho. Aí ela disse: 'È minha filha eu não vou demorar pra morrer.' E eu disse: 'Que nada mamãe, a senhora ainda vai viver muito anos se Deus quiser.' Aí ela disse: 'Mas quando minha filha, eu num vou demorar pra morrer.' Aí eu fiquei lá com ela, aí quando foi lá pra umas onze horas, eu disse: 'Mãe eu vou lá pra casa do outro meu sobrinho, eu vou lá pra casa do H., eu não venho mais aqui que amanhã eu vou me embora.' Aí ela disse: 'Tá minha filha. Mas num demora pra ti vir aqui'. Aí demorou uns dois meses aí eu fui lá com ela. Aí ela disse: 'A. vem me buscar que eu quero ir passar uns dias, pelo menos um mês lá contigo.' Aí foi o tempo que eu já andava doente da fratura (mostra o braço), que eu caí e quebrou, e eu já vivia assim. Aí eu pensava de ir busca ela, e pensava de num ter quem cuidasse dela, porque... Mas ela andava. Aí eu num fui buscar ela, aí ela começou a adoecer, adoecer, e a doença dela era uma canseira. Aí levaram ela no médico, aí o médico passou uns remédio, aí ela fez os exame, aí ele disse que era coração. Aí ela tomou esses remédio, tomou, aí foi passando. Quando foi mês de setembro, aí apanhei essa doença na minha perna e eu num podia andar, e ela tava passando muito mal, uma tosse, sabe essa gripe que todo ano dá, né. Ela tava passando mal, muita tosse e aquela canseira. Aí foram me chamar lá na casa da minha nora, a mulher que era do meu filho, foram me chamar e como é que eu num podia andar. Aí eu disse pro meu irmão que eu não ia, por que eu não podia andar. Eu tava proibida do médico por causa da minha pressão, meu coração também, que não era pra eu me aborrecer, nem pra eu

ficar triste, e aí eu num fui. Disse e mesmo acontece isso e eu num posso ir, por que pode que eu vá e aconteça qualquer coisa, com certeza que vai me acontecer coisa pior. Aí eu num pude ir... Ai foi o tempo que eu melhorei mais um pouco, aí eu vim embora. Aí passei uns dias aqui e voltei fui no médico, eu já estava melhor, já andava me apoiando com um bastão, eu fui mesmo num domingo, segunda fui no médico cedo, quando eu cheguei de lá peguei o ônibus e fiquei lá. Aí eu fui lá com ela, foi em setembro, aí eu teve lá com ela ainda levei uns peixe, que ela gostava tanto de peixe, aí a menina a minha sobrinha disse: 'Mas quando que ela não come mais, ela só toma as coisa líquido.' Aí, batiam no liquidificador banana ou faziam aquele mingau com leite, botavam na boca dela. Aí já estava começando a inchar as pernas dela. Aí eu estive lá com ela depois e lê disse: 'Olha minha filha tu traz a E. (neta), que foi essa que saiu com o nenenzinho e diz pro M.(marido) que eu quero muito ver eles. Aí eu vim e disse pra eles, mas num deu pra nós ir. Eu só vivia assim um dia passava bem, outro dia já tava ruim, aí eu num foi. Quando foi dia doze de, é antes eu foi, não me lembro se foi dia nove de outubro, uma quinta-feira, aí eu foi. Eu disse: 'Eu vou lá ver a mamãe, como ela estiver, eu venho aqui e volto, mas eu num durmo. Aí no outro dia o ônibus da escola foi levar os meninos, aí nós fomos, já cedo pra lá. Aí ela ligou, de manhã cedo ela ligou, ela já tava mal, tava toda inchada mesmo, e tava toda, umas mancha roxa nela. Aí quando foi no dia treze, aí ela disse que ela ia ligar mais tarde. Aí quando foi dez horas, ela ligou de novo, já dizendo que ela já tinha morrido, aí nós fomos pra lá, aí chegamos lá era meio-dia, ainda não era meio-dia, chegemo lá ela tava morta, negra, negra, negra, ela era bem clara, clara mesmo a mamãe, tava pretinha. Já fiamos lá... Eu tenho dois irmão lá, o S. e o F., e tenho um que mora lá no Carariacá, num sei nem se ele ta aí. O ano passado ele adoeceu muito foi lá pra Manaus, ai lá ele já tava com câncer, aí se operou, passou pra lá, dia três de fevereiro completou um ano. Ele já teve aqui dia oito de janeiro, ele veio com as filha dele. A mulher e os filho viero aqui me visitar, de lá ele foi e eu num falei mais com ele, ele foi embora lá pra Manaus, e todos esses dias eu tenho ido, eu sei se morreu, sexta-feira eu tenho que ir lá pra saber dele. De dois em dois meses ele tem que ir pra fazer exame, né. É por que ele se operou, mas ficou com defeito, é a urina, ele vive o tempo todo forrado, parece criança, é com fraldas e o médico disse que conforme vai passando o tempo, ele vai diminuindo, vai diminuindo até ele ficar bom. Aí ele tem que ir fazer esse exame sabe, pra ver como tá. Eu tenho essa irmã, ela morava lá na Ilha das Marrecas, lá no Amazonas, aí ela comprou um terreno aí na colônia, aí na Ponte Alta, eu acho que ela ta morando lá, e

eu tenho que ir lá. Sexta-feira eu tenho que ir, ao menos pra saber dela, nós somos só duas, e ela também não anda bem, ela tem problema de coração ela também escapa, escapa de morrer, é um sofrimento. São três irmão e ela. Porque esse S. nós se falamos no dia que a mamãe morreu, no enterro dela lá pro Arapixuna que assim mesmo eu fui, com muito sacrifício, mas eu fui, foi a última vez dela e eu fui. Aí foi o dia que nós se falamos, eu com ele, por que eu num tenho raiva dele, eu num tenho raiva dele, eu num botei culpa nele, por que o pai e a mãe da gente nunca aconselha o mal pros filho da gente, sempre ela pede o bem, né. Por isso ele num tem a culpa. Por que foi ele, o filho dele, que matou o meu filho... e só que ele, eu acho que ele pensa que eu tenho raiva dele. Não. Eu num tenho raiva dele eu num ponho a culpa nele, porque ele num mandou, num tem esse pai ou essa mãe, que diga vai, vai fazer, vai matar esse homem ali vai, num tem, né. Mas só que é difícil por que eu lá, eu fui duas vezes. Eu fui, no primeiro ano, no Dia da Iluminação (Dia de Finados) eu fui iluminar ele. Depois que a minha mãe saiu de lá que foi pra Santarém, começou a andar em Santarém, ela passava uma semana, um mês lá, ela vinha pra Santarém passava dois três meses aí. E aí eles moravam lá mesmo, depois que ele saiu da prisão, foi lá pro Arapiuns, pra lá ele parava, aí quando foi no terceiro ano aí ele se localizou lá, até na casa da mamãe, aí eu disse que eu num ia mais lá. Eu podia até ir lá, no dia que a minha mãe morresse ir lá, eu ia. Mas pro enterro eu num ia lá por que eu num teve coragem de ver aquele homem, num teve...Depois que tirou a vida do meu filho, eu num fui mais. Mas, eu num tenho raiva do meu irmão, eu peço pela sorte pra ele, por que uma coisa dessa numa família, matando parente, ele meu sobrinho. Ele morreu com trinta anos e tinha vinte e dois anos.(faz uma pausa)... Aqui em Ponta de Pedras não, graças a Deus, o pessoal bebe, ficam porre, esse pessoal, aí pra baixo, sempre pra lá. Aqui só tem um que quando ele bebe, às vezes ele aprontam as tirou disso. O meu marido também logo no início, também tomava, ele bebia muito, mas graças a Deus, que ele deixou, Agora a bebida que ele toma só é essa, que é a cerveja, Pra tirar, que ele mesmo tire dele pra ir beber, não. Graças a Deus que a gente se entende até hoje. Nós casamos em sessenta e três, ele também é mais velho que eu poucos dias, ele faz aniversário dezessete de junho, ele completa sessenta e três anos e eu faço dia dois de julho.

(Dona A. encerra a conversa, falando de parentes que fazem aniversários neste mês de julho).

ENTREVISTA Nº 6

Informante: M.J.

JOVEM MORADOR DE PONTA DE PEDRAS

“Meu nome é M. J., eu tenho,... vou fazer agora, vinte anos e aqui pra nós aqui na comunidade, de quando você veio, de 94, vamos supor que de 94, agora pra 2005, é já do meu entendimento, que eu acompanho, como eu te falei, eu acompanho os problemas da comunidade, praticamente me dando com ele me dando com eles. Então pra mim, teve várias mudanças, umas com certeza trouxeram bom retorno outras não trouxeram, e como eu falei também, a nossa comunidade tá com um buraco. Por que? Porque muitas coisas entraram e hoje tá difícil de... de... fazer coisas para, é vamos supor esquecer aquelas ruins e ficar só as coisas boas. Então, foi umas mudanças que, vamos dizer, que algumas, trouxeram bom, vamos dizer bom futuro, por que elas prevêem um bom futuro, mas outras não. Então essas mudanças que ocorreram desse período pra cá. Então todas essas mudanças que ocorreram desse período pra cá com certeza nós temos que visualizar ela todas, e tem alguns projetos que possam, vão ser (ênfase) se Deus quiser, vão ser implantados na comunidade também, que com certeza vai ter uma melhoria boa pra nós. Então na comunidade, ela tem várias dificuldades pra nós aqui, como moradores, como jovens, principalmente pros jovens. Estudo aqui até a quarta série, na quarta série tem que abandonar a família e ir estudar em Santarém, para se elevar no seu estudo. No meu caso foi assim, no meu caso é desde pequeno, eu estudei aqui até os sete anos de idade... estudei até a quinta série, daqui eu fui pra Santarém lá por 95, por aí assim, fui pra Santarém pra concluir a quinta série, forma quatro anos eu indo na quinta série e parando, estudava até o meio do ano daí eu parava, por dificuldades que, eu morava com um pessoal em Santarém, era a dona C. e o D., que era dono do S. C., um restaurante, e lá eram pessoas que tinha dinheiro e queriam só se aproveitar do trabalho da gente que é uma coisa muito errada, né? Então lá, eu trabalhava, trabalhava e estudava. Acordava às quatro horas da manhã, pra mim trabalhar e deixar tudo limpo, até muitas das vezes eu fazia até o café eu fazia pra deixar na mesa, isso à quatro horas da manhã, pra nas seis e meia sete horas, eu, tá limpo, pra eu tomar meu banho, mudar minha roupa e ir pro colégio. Nós éramos quarto pessoas, nós éramos quatro pessoas lá, porque ela morava separada do filho,

mas eu ficava praticamente morando com os dois, né, então eu tinha que acordar esse horário, ir pro colégio, quando eu retornava onze horas do colégio só fazia trocar minha roupa e baixava pro restaurante, lá você sabe onde é, né? Lá na F. P. Lá eu trabalhava até umas cinco pras seis hora da tarde, e o meu almoço era nesse horário, mais ou menos, eu saía com o café da manhã e ia almoçar lá pras cinco seis horas da tarde, era praticamente almoço e janta. Então, quando eu ia almoçar, meu estudo fiava nesse vai e vem, porque quando eu ia almoçar e jantar praticamente, eu tava ali, eu me deparava com aquela comida, puxa, um prato de comida bacana, mas quase toda sexta-feira, meu pai, minha mãe chegava lá pra dizer: ‘Ah meu filho, é, nós passamos fome essa semana’, ‘Comemos tal coisa’, ‘Os menino tão com fome’ ou ‘Eu num sei nem o que é que eu vou jantar hoje’. Então aquilo como filho me doía, porque eu tava me deparando com uma comida, me alimentava todo dia, embora só uma vez, mas eu me alimentava, enquanto a minha família tava aqui passando fome, sem um filho, tinham filhos, mas que num podiam ajudar eles, né. Então foi o meu caso, porque eu disse não eu vou parar. Nós somos onze filhos ao todo. Então era aí que eu pensava, pôxa, eu tô aqui, tô e lá num nem dos meus irmãos pra ajudar meu pai, então vou pra lá pra ajudar eles, né. Era o caso que eu voltava pra ajudar eles, então eu ficava nessa, quando terminava o ano, que ia iniciar o outro ano, eu voltava pra Santarém de novo, quando chegava o mês de maio ou mês de junho, assim antes de terminar o meio do ano, aí acontecia a mesma coisa. Ai foi o tempo que eu fiquei dois anos sem estudar, né. Fiquei dois anos nesse vai-e-vem e parei dois anos mesmo assim sem estudar, sem pegar na caneta, pegava na caneta, mas só que pra fazer outras coisas, né. Então foi que veio, tinha supletivo no São Braz, que eu num sei quantos quilômetros dá, acho que dá lá pra uns trinta quilômetros, daqui lá, né, nessa faixa, ai nós fizemos uma equipe de cinco alunos, era eu, meu cunhado e mais três, nós saíamos aqui de bicicleta, às vezes sem o almoço, só com o café da manhã, né, às vezes nós trabalhava em juquirá²⁰, roçava (capinava) pra ter o nosso dinheirinho pra comprar as peças pra bicicleta. Quando quebrava, às vezes num tinha, e um levava o outro, ainda era mais sacrificoso ainda. Então nós saíamos daqui às três horas da tarde, né, e entravamos às seis horas no colégio, às vezes os professores diziam: ‘Pô, vocês tão chegando atrasados’, num sei o quê, porque eles num entendiam, pelo que a gente passava. Às vezes a gente ia daqui, quando chegava em tal parte, já lá perto quebrava a peça de uma bicicleta dum. Ai a

²⁰ Tipo de mato que aparece em áreas onde ocorreu o desmatamento apenas de árvores de grande porte

gente num deixava aquele que quebrava a peça, a gente num deixava pra trás, a gente esperava e: 'Se você vai andando a gente vai andando também' Até que teve um dia, que a gente vinha de lá pra cá, quando chegou bem na entrada da pista pra cá, aí do meu cunhado que ele era o mais gordo, né, furou um pneu, e aí a gente andava mesmo sem preparo nenhum, sem arma nenhuma, a única arma mesmo era Deus que andava com a gente pra livrar a gente de outras coisas más, então de lá pra cá, não a gente vai dar um jeito de chegar andando pra casa. Nós viemos chegar pra cá, nesse dia já eram quase quatro horas da madrugada. Por que nós vinha um esperando o outro, pra não deixar não, você aconteceu isso, nó escondemos a bicicleta no mato, e viemos andando. Aí foi o tempo que desistiram três, aí ficou só o meu cunhado e eu, aí foi que eu terminei, né, concluí o meu primeiro grau, né, fiz o supletivo. Quando teve um ano que eu estudei, já era pra ser três anos nessa peleja, né, quando teve um ano aí que desistiu o meu cunhado, ficou só eu, aí eu estudei o mês de fevereiro e março, aí quando eu vi que era muito dificultoso, porque indo dois não, é melhor por que você vai conversando, vai se distraindo, né, até chegar no colégio o tempo num custa a passar, dá mais uma coragem em você. Mas só um, pra você ir e voltar à noite sozinho, é muito perigoso, no escuro ainda. Às vezes, a gente comprava aquelas lanternas, né, colocava uma carrego (grande quantidade) de pilha e amarrava na frente, no guidão da bicicleta, pra poder guiar, só que quando chegava no meio da estrada acabava, aí tinha que vir no escuro. Cobra, principalmente no período do inverno, né, que é muito molhado, então foram dois anos e dois meses, porque ainda estudei dois meses, né, foi nesse sacrifício, mas que hoje eu valorizo, né. Por que eu consegui com meu próprio suor eu consegui chegar nesse nível que eu to hoje, né, e pretendo ainda avançar mais. Bom, naquele tempo pra hoje teve uma mudança em relação a minha pessoa, né, porque naquele tempo eu também ajudava o meu pai, não deixei de ajudar hoje em dia eu ainda ajudo, hoje eu trabalho, se tem alguma coisa em casa pra mim fazer, por exemplo, se meu pai tá doente eu sou ma pessoa que não gosto de ver ele doente trabalhando, né. Hoje de manhã eu já fiquei um pouco, por que eu tinha que fazer as minhas visita, mas ele tá com uma desmintidura (problema muscular) na costa e tinha que roçar, né, então eu sinto muito, é de mm eu sinto, né. Então daquele tempo pra cá, em relação a trabalho mudou, mas não tanto. Hoje mudou porque, porque hoje eu já tenho o meu trabalho fixo. Hoje eu já sou agente comunitário, já trabalho meu dia, na semana já trabalho. Nós fizemos uma prova, teve uma reunião aqui, escolheram cinco pessoas no qual uma pessoa me apontou, da comunidade, né. Foi colocado o meu

nome, nós fomos fazer é, essa prova no Colégio Ezeriel, pela parte da manhã, fizemos essa prova, na qual caíram várias perguntas como eu lhe falei, né. Em que grupo você participa na comunidade, eu sempre fui envolvido na comunidade, participo também, qualquer trabalho que criam, às vezes eu vou, ou então quando eu não vou, eu mando, compro um quilo de feijão, qualquer coisa e mando pro almoço do pessoal, né, pego de casa e mando. Então é assim, então eu fui escolhido e nós fomos, as cinco pessoas, no qual lá eu lutava contra as minhas provas e mais umas pessoas que queriam me derrubar, né. Então nessas provas aí, nós fizemos as provas, numa das qual caiu um mapa, como eu lhe falei, você vai ter que desenhar o mapa da comunidade, 'desenhe o mapa da comunidade especifique as pessoas e o número de pessoas que moram naquela família' Então foi na qual eu desenhei praticamente todo, faltaram duas asa apenas pra mim terminar, por que eu num conhecia ainda aquela área. Aliás, conhecia,mas não sabia que tinha aquelas duas famílias morando. Então, aí eu passei, só que quando foi pra, quando o cara foi corrigir, o enfermeiro foi corrigir, lá ele achou que eu não devia fiar porque tinha uma que tava querendo me derrubar,uma pessoa que tava querendo me derrubar, então ele me colocou como suplente do agente, né. Então eu já não era mas agente de saúde, eu já era suplente dele, no caso se ele desistisse um dia, eu assumiria o lugar dele. Então foi aí que uma amiga minha, uma enfermeira, a V. foi, que ela que tava me apoiando, não querendo me colocar assim totalmente direto lá: 'Não, eu vou corrigir tuas provas eu vou colocar tudo certo'. Não. Ela me dava o apoio, me dá até hoje. Então ela foi, olhou as provas e me viu mo suplente e ela achou que não devia. Por que? Nas provas anteriores que eu fiz, tava tudo correto, conhecia o pessoal da comunidade, desenhei o mapa todinho, não tinha intriga com ninguém e participativo na comunidade, então isso tudo me ajudou a passar, mas com o que ela foi lá e viu, como o cara tinha corrigido a prova errada. 'Não, você tá querendo colocar essa pessoa aqui, mas na verdade quem deve ser é esse'. Porque ela foi, recorreu tudo, então eles acharam melhor que eu ficasse. E eu tô trabalhando hoje como agente de saúde, eu agora vou pra três meses, né. Mas, eu tô gostando do trabalho, né, que é um trabalho que eu gosto de me dar muito com outras pessoas, gosto de ser comunicativo, então é muito bom pra mim pra mim assim. E, mesmo você fica por dentro das coisa, você tem um conhecimento muito forte, sobre a saúde das pessoas, é muito bom você poder orientar as pessoas. 'Não isso aí tá errado. Vamos agir assim. Porque assim nós vãos combater tal coisa' Então o meu trabalho mudou, nesse aspecto. Eu trabalho a semana toda, no meu trabalho de agente de saúde eu

trabalho até sexta, de segunda à sexta. No sábado e no domingo eu trabalho na barraca do meu pai ajudando eles, né. De sexta, já começo a trabalhar de sexta à tarde até no domingo à noite, já ajudo eles lá, só eu, papai e mamãe, só nós três apenas, na barraca, né. Então, essa mudança em mim foi essa, do meu trabalho, trabalho porque eu já tenho trabalho fixo hoje, né de onde eu posso ganhar o meu dinheiro. Que antigamente você, eu tinha vontade de ter as minhas coisas, mas eu não podia. Porque é a dificuldade, num tinha trabalho. De vez em quando aparecia um trabalho eu num podia trabalhar, por que era um trabalho que eu num podia fazer, porque não tinha experiência. Então, isso hoje, tudo foi uma mudança, que hoje se eu quero tal coisa assim, não tudo, né, mas o que cabe a mim de conseguir, por exemplo, se eu quero um sapato, digo, pôxa, eu vou... Porque naquele tempo, também era assim, se eu tinha vontade de ter alguma coisa, eu ralava pra mim ter. Se eu ganhava dois reais, um real, pôxa, não eu to com vontade de ter aquilo, eu já deixava separado aquilo, pra mim comprar, pra mim ter o que é meu, né. Porque a pior coisa é você querer ter uma coisa, e não pode, quer ter uma coisa e... Porque muito jovens hoje estão nessa vida, de entram, vendem drogas, matam, roubam, por causa de quê? Porque eu acho que eles querem ter uma vida melhor, eles não, se contentam com a vida que Deus dá, eles não ralam. Eu acho que hoje em dia tá muito difícil trabalho, mas se a gente correr atrás, se a gente... Por que hoje em dia se você, em Santarém dói, eu num ajudo muitas das vezes por quê? Tem crianças que são usadas, para, a mãe põe na rua de propósito, pra conseguir tal coisa. Famílias, que eu já vi uma família, já chegou comigo pra dizer me ajuda pra isso aqui, eles usam a foto de uma pessoa doente, dizem que é pra tal doença, ou pra tal coisa, mas na verdade é pra comprar drogas, pra comprar cachaça pra comprar qualquer coisa. Então uma pessoa dessa, se você chegar com uma pessoa dessa; 'Ah, você tá precisando de dinheiro, vá lá em casa limpar o quintal pra mim'. Ela num vai. Por que? Porque ela num quer trabalhar. Então, às vezes, num aparece trabalho, e quando aparece num querem. Porque, que hoje aparece um trabalho, você quer ganhar um, você tá passando por necessidade, por dificuldade, quer comprar tal coisa, quer sustentar sua família, aparece um trabalho: 'Oh, vai lá em casa, trabalha uma diária pra mim que eu vou te dar dez reais'. Aí a pessoa diz: 'Não, num vou. Dez reais é muito pouco.' Não é pouco se você for pensar bem, dez reais é muito pra você, por que tem dias, tem semanas que você num ganha dez centavos, né. Então, é no qual a gente deve abraçar bem forte e fazer o trabalho. Bom, tem algumas coisas na televisão, que muitos jovens, que passa várias reportagens, várias entrevistas do lado

ruim, certo. Então, por exemplo, se passa um rapaz que ele trabalha e lê foi preso por tráfico de drogas, droga é uma coisa que dá dinheiro, mas num traz felicidade a ninguém, porque dinheiro num traz felicidade à ninguém, então foi pego aqui, já um colega meu foi pego aqui, por trabalhar com drogas, ganhava muito bem, tinha seu carro muito do seu bonito, andava todo lindo, todo bem vestido, bem calçado, mas quando ele foi pego. Hoje ele vai pegar quinze anos de prisão. Uma pessoa jovem, então o futuro dele já, se ele tinha um futuro brilhante pela frente, hoje ele já num vai mais ter. Por que? Porque ele não correu atrás desse futuro. Então por esse lado aí, né. Ele é de uma comunidade, a Pajussara, próximo aqui. Então, muitas coisas que aparecem na, é que os jovens eu acho, que eles tenho vontade de ter, é se eles assistem alguma entrevista, alguma coisa boa que eles tenho vontade de ter, vontade todo mundo tem, mas a condição é que eles num tem por que? Porque eu acho que aqui mesmo ele podia se fazer, aqui mesmo na comunidade ele podia ter uma coisa que ele ganhasse seu dinheirinho, pra ele ter o que era dele. Por que eu vejo, acompanha a vida, eu trabalho com pessoas, eu ando de casa em casa, então eu acompanho meus amigos, meus colegas jovens, né. É você parar, na quinta série, de estudar, e aí você vai ficar velho naquele nível de educação, então hoje o que vale é o estudo. Até pra voe ser um gari, até pra voe ajuntar lixo você tem que ter o segundo grau completo, por que se voe num tiver você num vai arrumar. Então é isso, o que acontece aqui na comunidade se tivesse um colégio que tivesse o ensino médio completo, em vez de a comunidade diminuir, porque a comunidade diminui. Se, tem vinte alunos pra fazer a quinta série, quando eles terminam, sabe terminam a quarta eles vão ter que sair sabe, esses vinte alunos da comunidade. Já é vinte jovens, vinte pessoas, que a gente vai perder. Enquanto essa comunidade podia crescer em número de pessoas, ser muito bem investida, por que o governo num olha pra nós. Aqui a gente vive de venda, tá entendendo. Mas, se num vem o cliente pra comprar o nosso produto, nós num vamos vender, num vamos ter nosso dinheiro. Por que? Por que nós num temos uma estrada boa, se nós num temos uma estrada boa nós num vamos ter o acesso pra ir em Santarém pra oferecer uma coisa boa pro cliente quando vier deixar o dinheiro, deixar uma qualquer coisa. Transporte também, transporte tem tudo a ver com a estrada, por que a estrada do jeito que ta, nenhum empresário quer meter seu ônibus pra cá. Por que? Porque se ele vem, mete um ônibus pra cá, se ele leva dez pessoas pra Santarém, não dá pra tirar o que ele gastou pra vir aqui, não dá de cobrir o que ele gastou pra vir aqui. Por que se tivesse uma estrada boa, essa Interpreia por um exemplo, que ta com

vários anos por aí que chegou verba pra se concluir essa Interpraia, e nunca que foi concluída, ta no mato, né. Então nós lutamos aqui, contra o governo e contra uma outra comunidade que é Alter do Chão. Alter do Chão; por que? Porque se hoje chegou a verba pra, vamos fazer a estrada de Ponta de Pedras, ela vai em peso pra derrubar. Por que? Porque é uma das nossas concorrentes, se melhorar a estrada, pelo menos em piçarrada (pavimentar com piçarra) pra cá, vai cair muito pra eles. Por que? Porque muitas pessoas, não são todas, muitos reclamam daqui lá pra eles e muitos, que chegam aqui de lá dizendo, que Alter do Chão é um barulheiro doido, é isso e aquilo por que eles querem um lugar mais tranqüilo. Então, nesse ponto, já ia cair pra eles lá. Então, a estrada dificulta o trabalho pra nós. De primeiro, você tinha que ir de canoa pra cidade, e hoje você num tendo carro você anda esses doze quilômetros até na pista, de pés, pra pegar o ônibus, pra poder ir pra Santarém resolver qualquer coisa. Por que se você tem alguma coisa, por exemplo, pra resolver no meio da semana, por que os ônibus aqui, eles num tão acontecendo nem na sexta nem domingo, né, mas se você tem alguma coisa pra resolver no meio da semana você tem que ir andando, por que num tem o transporte, ou então você vai ter que pagar setenta a oitenta reais, só pra levar, por que se ele for esperar é muito mais caro. Então uma dificuldade enorme pra nós é o transporte, porque nós num temos. Isolados, realmente nós ficamos aqui, praticamente isolados, tanto por transporte, tanto por turista, por outras coisas. É muito complicado. Então, eu acredito que, se esta estrada melhorasse, ia mudar em vários aspectos pra nós. Meio de transporte com certeza, ia ter transporte eu acho, acredito que todos os dias. Não poderia ser toda hora, mas todos os dias. Uma vez no dia já ia ser muito bom para nós. Em termos de venda ia mudar também, por que também há uma coisa, eles já investiram. O SEBRAE já veio dar vários cursos de graça pra nós. Sobre como eu tava te falando, eu já fiz curso de garçom, de culinária, num fiz de tudo, porque num dá. Mas se agente pegar um pouquinho de cada, já é um ganho pra nós, já é uma experiência melhor pra nós. Então ele investiu nessa parte, ele preparou nós, não totalmente, mas lê já preparou pra nós recebermos o turista. Mas, não tem o turista pra nós receber. Navio americano passa, passa aqui na frente de nós, mas eles nunca pararam aqui, não é? Em Alter do Chão, não, em Alter do Chão eles enchem. Por que? Por que lá eles têm o que oferecer, né. O governo investe muito em Alter do Chão. Agora mesmo, eles já vão construir a orla de Alter do Chão. Lá, é muito bonito o projeto deles, eu já vi a planta tudo, já me deparei, então vai ficar muito bonito. Já uma coisa que vai piorar lá pra eles, é na catraia, que se eles fizerem lá, os que trabalham

de catraia²¹ vão... Então é tudo isso, é mesmo que ser aqui em Ponta de Pedras, se você vive de uma coisa, por exemplo, aqui num tem uma pousada que concorra com essa, num tem uma concorrência, então o dono daqui ele quer humilhar nós, porque que o preço hoje daqui numa pousada que você só faz dormir é cinquenta reais, porque ele num tem uma concorrência. Num tem uma pessoa que a, que tenha condição aqui de montar uma pousada ou um redário²², por um exemplo, né. Então tudo isso pra nós já é um prejuízo, por que um ganho que era pra ser de uma pessoa da comunidade e hoje num é. Se o governo, investisse e a comunidade tivesse condição o que ela fazia, montava uma pousada e olha vai, nós vamos pagar pras pessoas da comunidade trabalharem pra nós. Ia dar emprego pra nós. Por que ele quando construiu essa pousada, me lembro como se fosse hoje, ele disse que no dia que essa pousada estivesse pronta ele ia colocar pessoas daqui da comunidade pra trabalhar, e você num vê uma pessoa daqui trabalhando com ele. E quando vai trabalhar ele praticamente humilha paga aquela mixaria. Então já é demais. Ele já ganha em cima de nós. Por que? Por que ele tem condições e nó num temos, então ele é um dos maiores que quer passar por cima de nós. Mas, eu acho que a força maior se nós nos unirmos ele nunca conseguirá passar, né? Então se ele traz um benefício pra comunidade, porque através dele ele se acha, praticamente o tal, Por que? Por que ele tem condições de trazer alguma coisa aqui, ele é chegado com o vice-prefeito, com a prefeita. Se ele, por exemplo, se ele trouxe uma melhoria pra estrada, ele já vai dizer que ele, praticamente, ele que fez por que ele conseguiu trazer uma melhoria pra cá. Então é isso aí que a comunidade ela nunca consegue andar com as suas próprias pernas. A associação funciona, de funcionar ela funciona, mas ela num tá totalmente organizada, porque eles aceitaram muitas das pessoas de fora se meterem nessa associação que hoje em dia, como eu vou lhe falar, ela tá com um buraco. Por que? Porque se voe muito [pausa] o presidente do Brasil, ele é presidente do Brasil, todos os eleitores, todo mundo vota, então aqui hoje vai ter uma eleição, quarta, dia quatorze é sábado vai ter uma eleição, mas só vai votar que é associado e os outros comunitários, como é que você vai se sentir. E, principalmente, eu fiquei, eu pessoalmente eu fiquei chocado o isso. Por que? Porque é um presidente comunitário e não de uma entidade só. Não é como o presidente de time, você manda lá. Não. Então os comunitários não vão ter o direito de votar só os

²¹ Canoa de remo que são usada na travessia de banhista do cais ate a praia de Alter do Chão.

²² Espaço reservado onde poderiam alugar vagas para usar redes.

associados que tiverem quites ainda. Então nós num vamos ter o nosso, pô, eu tenho que dar a minha opinião, eu vou ajudar a escolher esse presidente, por que eu acho que ele vai fazer uma coisa melhor. Não. Então se entrar um outro presidente na associação, que tem um presidente que tá concorrendo na chapa, que era da mesma chapa que tava anterior, se ele ganhar, então vai ficar do mesmo jeito. Então tudo tem que haver uma mudança, pra que nós possamos melhorar, se não. A eleição vai ser sábado. Então nós tamos nessa, sem opção, tem opção, mas não vai poder ir lá, dar opinião, dar sua força. Então tudo isso já é uma dificuldade pra comunidade, já é um problema pra comunidade. Então, nós estamos praticamente isolados, por que a Prefeitura não olha pra nós, por que se olhasse, eu acredito que nós num éramos assim aqui. Energia elétrica nós temos, mas é por dentro do mato, e se acontece algum imprevisto, de cair um pau em cima da rede elétrica, nós vamos passar duas três semanas sem energia. Se você que trabalha de venda, tem aquele peixe: 'Pôxa, eu num vendi hoje, mas eu vou deixar pra amanhã'. E falta energia hoje, e vem com uma semana, pôxa, você vai perder toda a sua comida vai se estragar tudo, você vai chegar no escuro, Nós tamos, olha só, aqui nós num temos um Box policial, nós num temos, então aqui, ultimamente já apareceu muitas coisas ruins, que só nos traz preocupação, nós se deparamos há três meses atrás, com uma embarcação com um desembarque de drogas, aqui na nossa frente, e nós sem ligar, só tem um telefone, se nós formos ligar pra polícia aí eles vão se toar que nós tamo ligando pra polícia eles podem fazer qualquer coisa com nós, que eles tão com certeza bem preparados em armas, tão bem armados, né. Então isso aí já é uma dificuldade pra nós, por que se tivesse aqui, com certeza a gente já ia tomar uma outra atitude, ia amenizar a coisa, né? Então aconteceu esse desembarque de droga. aqui na nossa comunidade e nós ficamos, né, sem poder fazer nada. Agora mesmo, se você for lá, o telefone tá mudo, e é o único lugar que tem telefone, e lá e aqui na pousada, mas na pousada pra você falar dois minutos, você vai pagar um absurdo, que aqui é celular. Então, tudo, você pensando bem, nós temos dificuldade de todos os lados. Pra mim, no meu ponto de vista é a mesma coisa que você ter um filho e não poder repreendê-lo ele. Porque tá certo que hoje em dia você num vai espancar um filho, mas você pode mais triscar o dedo num filho que você vai preso, você vai aquilo, você vai aquilo, você não tem mais o direito de repreender o seu filho, você não te mais esse direito, o seu filho vai se criar desnorreado, é a mesma coisa desse bolsa.... (refere-se ao Programa Bolsa Escola). Bom, eu acho que pra muitas famílias, que são muito carentes, demais, se eles recebem eu acho que é legal é um

ponto de melhorar, né. Quer dizer, que nem todos recebem também, né. Porque se esse dinheiro, por um exemplo, o dinheiro que eles dão, eles investem em qualquer coisa, que não vai trazer benefício pra ninguém, se eles investissem: 'Vamos ajudar tal família que tá lá e num, lá num tem saída pra ele, a saída é aquela.' Eu acho que a nossa vida, o nosso Brasil ia melhorar. Então, pra uns eles trazem benefício, pra outros, não. Então, quando seu D. falou, ele deu uma, o ponto de vista dele é o ponto de vista coletivo, é mesmo praticamente, do meu. Porque como eu li na história que você escreveu né, o seu D., não só ele tem uma opinião, você pode ler aqui, a opinião da mamãe, a opinião do papai são as mesmas em relação ao mutirão que tinha aqui e hoje num tem. Eu ainda cheguei a participar de mutirão, não como eles faziam que reuniam todas as casas, mas o trabalho comunitário que toda a comunidade se reunia pra fazer, era verdade o que ele falou, era tudo limpo, você num via um lugar sujo. Por que? Porque tinha união, antigamente tinha união, hoje em dia num tem. Olha, hoje aqui na comunidade num tem um grupo de jovem. Por que se..., eu tenho vontade, eu já iniciei mas com dois meses eu desisti. Por que leva você a desistir. Se você tem vontade de criar, por exemplo, uma, em todas as comunidades tem um grupo de jovens, então aquele grupo de jovens tem uma responsabilidade, de incentivar a comunidade de fazer tal coisa limpa, fazer tal coisa bonita, e aqui nós num temos. Porque se você tem vontade de fazer uma coisa tem cinco pessoas que tentam lhe derrubar de tudo quanto é jeito, né. Você tenta a primeira vez, tenta segunda, tenta a terceira, quando você vê que não dá mais certo só você, num é ele, você pega desisti. Se você faz um grupo de vinte pessoas pro trabalho comunitário, pra conseguir alguma coisa de bem pra comunidade, dali vão sair quem tá com força de vontade, quinze vão lhe pressionar até você cair, né. Então, esse bolsa-escola, como diz, o seu D. deu um ponto positivo, que se a pessoa ganha, se o aluno ganha ele num quer mais trabalhar, isso é verdade, mas quinze reais num dá de se viver. Quinze reais, mal você comprar o seu material escolar. Então muito jovem às vezes pensa realmente assim: 'Não eu tô ganhando isso, eu num vou trabalhar. Porque todo mês tá vindo quinze reais, tá vindo alguma coisa.' E acaba estragando. Justamente isso, que se esse dinheiro todo, já que eles num querem ajudar totalmente a família, mas se eles criam alguma coisa que dali vai surgir emprego, e eles colocassem essas pessoas pra trabalhar, porque eles só querem uma pessoa que tenha o segundo grau completo, outro ponto que eu acho muito errado porque eu num tenho o segundo grau porque eu num tenho condições de trabalhar pra, quer dizer condições eu tenho, num tenho condições é de me manter na escola. Se eles criassem uma coisa pra

surgir mais emprego, eles iam tirar muita criança da rua, muitos jovens que estão desempregados, iam ajudar. Então, não era preciso ele ter o segundo grau completo. Por que muitos não tem, por que num tem condições, por exemplo nós aqui, se nós num temos parente na cidade pra morar lá, se nós num temos condições de alugar uma casa pra morar lá, terminou a quarta série aqui, aqui nós vamos ficar. Porque nós num temos. Eu vou dizer: 'Não, eu vou pra Santarém que lá eu vou estudar.' Mas aonde que eu vou morar lá? Aonde que... Hoje em dia em Santarém você vê, se você for comprar um ovo, você tem que coçar seu bolso. É diferente como é que eu falo, se eu tivesse um colégio, tivesse ensino médio aqui você quer comer alguma coisa, tá certo tem que procurar, mas vá ali no rio, que você ganha de graça, vá no mato você mata uma caça e come, você cria galinha, aqui você pode criar galinha à vontade pra você tirar do seu quintal e comer, né. Então por que só do segundo grau. Não. Vamos pegar aqueles jovens, aqueles que tão lá na rua, que tem condições de trabalhar, tem como trabalhar, vamos colocar ele aqui, que aqui eles vão ganhar seu dinheirinho e vão se auto-sustentar. O supletivo foi uma coisa que foi criada que tirou muitos, muita gente que tava pensando que num ia mais pegar num lápis, numa caneta, que hoje pessoas de quarenta, cinqüenta anos, que ainda estudam, que voltam pra estudar. Mas já num tem aquela ... É, eles estão voltando pra estudar, porque eles ficaram, justamente num ter as condições de terminar os estudos quando eles eram jovem, então foi por isso que parou. É o que acontece com muitos jovens, por exemplo, daqui da comunidade. Tem jovem já, que vão lá pra trinta anos, jovem não, que já tão com mais de trinta anos, que tão maduro, mas que não tiveram condições de estudar quando eram jovens, pra hoje ter um estudo. Meu pai, ele conversa bem, ele pode conversar bem, mas ele só tema quarta série por que? Por que ele nunca teve chance de estudar. E o que ele quer dar pra nós hoje, mas ele num tem condições de dar pra nós, ele tem vontade. Bom, já foi muita gente atrás, é uma coisa que a gente não, é pra lutar, só uma vez, não tem que lutar muitas vezes pra gente conseguir, tem que ser persistente mesmo, tem que insistir lá, pressionar e tudo pra poder conseguir. É como eu falei aqui há desunião, então fica difícil, só você num conseguem nada. Ou eles dizem que tem que fazer um grupo, ou uma comissão pra ir exigir. Porque é um direito nosso, é mesmo que, muitos têm o direito e não exigem esse direito. É mesmo que se vem um médico na comunidade e você: 'Ah, num vou nesse médico' Num sei o que. Mas é você que tá pagando o médico, você que tá pagando pra trabalhar. Os médicos agora já tão visitando, mas às vezes é por mês, às vezes passa dois meses sem ele vir. Se adoce alguém aqui e se a

ambulância num entra aqui, fica muito difícil aqui, morre aqui, se for uma doença grave vai ficar aqui. Porque muitas famílias aqui, que passam à base de dificuldade, num tenho condições de chamar um carro pra levar pra Santarém e quando levam ainda é, vou falar o português claro, ainda é a maior frescura pra eles levarem. Porque? Porque você num tem dinheiro. Porque se fosse um com dinheiro, você ia pra lá você ia ser bem atendido, ia ser bem tudo, né. Então eu tava conversando com um rapaz lá no Lago do São Sebastião, que ele o que, a filhinha dele começou a sangrar pelo nariz, aí ele levou no hospital, chegou lá meia noite no hospital, chegou lá e mulher num queria atender, disse que ela não tinha nada. Então foi que ele se revoltou, puxou a enfermeira pelo cabelo e disse que ela tava ganhando lá pra atender. Então foi aí que ela atendeu já, mas que se ele fiasse, desistisse ele num ia ser atendido, né? Então em relação a médico pra cá também é dificuldade, é dificuldade. Não há preocupação, não há investimento, por que condições, por que se vem uma verba pra prefeitura investir nessa comunidade aqui eles embolsam a metade, com certeza, né. Eu tiro por que já pra Santarém, eles já não investem, imagine pra uma comunidade aqui o interior. O carnaval desse ano principalmente, veio doze mil reais pra eles investirem, eles apresentaram só oito mil, e quatro mil, pra onde foi? Então é uma coisa que como eu tava lhe falando, essa Interpraia, se melhorassem essa Interpraia aqui, se eles asfaltassem, que eles num querem asfaltar essa estrada por que querem asfaltar a Interpraia, quando? Se asfaltassem a Interpraia, não ia melhorar só pra nós, como ia beneficiar várias comunidades que dependem de transporte, também. Tem comunidade aqui na beira desse rio, que vai andando pra São Braz, pra estudar no São Braz, por que o único transporte é barco, mas é a coisa mais difícil, né? Então tudo isso, vem, pega, mas nunca que tem, num que fazem esse trabalho pra nós. Então essas, é isso que falta aqui pra nós, essas mudanças que aconteceram, é isso que ta faltando pra nós por que aqui você pode ter se o governo investisse você tinha emprego aqui, com certeza, pros jovens não abandonarem suas famílias. Por que você que já, você quer dar uma boa educação pro seu filho, você tem só um filho, vamos supor um casal que tem só um filho, se aquele filho era pra lutar por você, pra ficar do seu lado, ele vai ter que sair cedo do seu lado, aí você vai batalhar só você. É isso que aconteceu comigo, meu pai ter vontade, ter que trabalhar, mas não poder. Então eu tive que sair do colégio, tive que vir, ajudar eles, pra lutar junto, pra conseguir alguma coisa pra dentro de casa. Hoje eu tenho dois irmãos trabalhando pra Santarém, tão trabalhando pra lá. Um já tem a família dele, esse daí, trabalha lá, já tem a família dele é muito difícil ele vir

aqui, mas ou outros tão todos aqui. Eu também fez plano de sair daqui, pra ir pra Santarém pra tentar melhorar, pra estudar, principalmente, mas como a gente depende também do trabalho da gente pra se auto-sustentar, né, pra trazer alguma coisa pra dentro de asa, tive que abraçar também esse aí. Mas eu to com objetivo aí, o meu objetivo é de concluir o meu estudo, nem que eu tenha que pagar alguma coisa, mas eu vou concluir o meu estudo, né. Eu tenho só o primeiro grau, então na ES (ensino supletivo) eles fazem alguns módulos, eu tenho que me informa e ligar pra lá, né. Com certeza, isso eu queria que, num é por que eu sou assim, mas é meu modo de pensar, eu ajo assim eu queria que todos os jovens fossem assim. Mas foi uma coisa que o pessoal deixaram se levar que hoje num existe mais, por que antigamente, como eu lhe falei, eu gosto muito de sentar com uma pessoa de antigamente pra mim ouvir as histórias que eles contam por que hoje não existe mais. Por que antigamente se você num tinha um quilo de açúcar na sua casa aí você tinha um pacote de café a mais e tava precisando de açúcar, você pegava o pacote de café seu e ia trocar com o que tinha mais um quilo de açúcar, havia essa união, existia essa união, mas hoje o pessoal querem só pra si, num penso no seu próximo, num penso. Eu to me dando bem com uma coisa aqui, eu num to nem ligando lá pro outro lá que ta na rua. Chegou gente aqui professora, de comunidades aí de dentro, de Itaituba, dessas bandas, que hoje tão morando aqui, que num tinha nada. A mamãe foi uma que chegou a deixar nós com fome, pra ajudar essa família. Pra hoje essa família subiu e ela num enxerga nós hoje não, briga com o pai, briga com a mamãe. Por que? Porque nós fomos umas pessoas que ajudamos elas subirem. Num tô alegando não, é que num reconhecem. Se todas as pessoas reconhecessem o que se faz, com certeza era uma mudança pra nós. Isso é muita falta de vontade que ta faltando em cada um pra conseguir coisas boas, em benefício de todos, num adianta eu pensar numa coisa só pra mim. Então, hoje olha, hoje nós já não tivemos transporte escolar. Que horas são? Então, o ônibus era pra sair hoje daqui dez horas, num vamos ter ônibus hoje. Quando eu estudava, eu parei de estudar o ano passado, era muito difícil nós termos ônibus, era difícil pagar ônibus pra nós, mas hoje já mudou. Mas ainda tem, que passa semanas, tá com menos de um mês que passou uma semana e três dias sem o ônibus vir aqui, hoje já num veio. Então os alunos já tão perdendo aula, chega no final do ano eles não vão passar, se era um ano pra eles subirem mais um pouco eles já vão cair, porque vão repetir quantas vezes.... São na faixa de cinqüenta alunos ou até mais eu não tenho noção, mas são muitos. Agora moradores em número de pessoas, eu acho que lá pra quinhentas pessoas. Por que

numa casa mora às vezes, mora dez pessoas, é muito, o número de pessoas que mora numa casa, nós somos só sessenta e três famílias, mas é muitas pessoas. Então a comunidade ela é grande, você só vê aqui, porque você só chega aqui, mas se você for andar de casa em casa, você vai saber como é que as pessoas vivem, como é a dificuldade que as pessoas têm, passam, né. Hoje, não, hoje eu posso dizer assim, 'Eu passo por dificuldade e coisa, mas eu já tenho o meu empregozinho, graças a Deus.' Mas, eu na vista de muitos assim, às vezes eu venho do meu trabalho, no caminho quando eu venho andando, eu venho pensando a dificuldade que muitos passam. Aqui são quatorze barracas (na praia) de famílias diferentes e é justamente isso, essa que é a questão, é você viver só da roça, você vive por que você pega o peixe aqui, faz a farinha, tá entendendo? Você pega o peixe e faz a farinha, se alimenta hoje, amanhã você tá sem rumo num tem pra onde, né. Então, muitos vevem do que? Tem famílias que o pai e a mãe é aposentado, ele tem que sustentar, o pai e a mãe tem que sustentar aquela família todinha, por que num é com, nem é muito dinheiro. É como eu digo, aqui a comunidade em nível de estudo, de educação é pobre. Por que? Porque se você for fazer uma avaliação, poucos moradores que tem o primeiro ou segundo grau, é só a quarta, quinta série, jovens que tem a quarta e que param aqui mesmo, por causa, por que eu vivo com essas pessoas. Não é como se, o governo investisse, o governo dissesse: 'Olha eu vou lá pra Ponta de Pedras e vou doar, vou montar uma casa, e vou dar máquinas pra trabalharem com artesanato.' Ia tirar muitos, jovens vinham trabalhar aqui, com seu próprio dinheiro, já iam mudar uma coisa. Já iam: 'Pôxa, já vou comprar tal coisa pra sustentar, ajudar a sustentar a minha família. Mas num tem isso aqui, é difícil. Então, é por isso que quando surge um empregozinho, fazem aquele monte de gente, né. Ai, outros, ficam chateado por que num ganharam, porque... Mas tem que entender, um dia vai chegar a nossa vez, né. Então é muita dificuldade pra nós aqui, se for, você já ouviu a história de muitos antigos, muito antigo não, de algumas pessoas já mais maduras, já mais idosas, que é muito diferente da minha de hoje, a mudança é a facilidade, tinha dificuldade, mais as coisa eram mais fáceis, antigamente, era mais farto também. Hoje em dia, você passa o dia todo pra conseguir o almoço no rio ou em qualquer lugar. Você, de Santarém pra cá, você em Santarém compra um quilo de açúcar por um e dez, aqui você compra por dois reais ou um e lá vai, então é uma coisa que explora muito a gente. Por que, por exemplo, se tivesse um comércio, por que se tivesse estrada, se tivesse estrada e fosse boa, com certeza já teria um comércio aqui pra nós. Em vez de você pagar dez reais porque é dez reais, é mais de

dez reais, só pra você ir em Santarém. Porque se você vai em Santarém, é dois e cinquenta de passagem, cinco reais é só a passagem, se você traz um isopor com gelo, pra conservar a sua comida, você vai pagar uma passagem, dois e cinquenta, pelo isopor, você vai pagar lá, quatro reais pra se alimentar, por que você num vai passa o dia todo com fome, sete reais com quatro, é praticamente quinze reais pra ir em Santarém, pra uma pessoa, se vai duas pessoas numa família, trinta reais que é pra comprar o mantimento da casa, ela vai gastar só com a viagem, ta entendendo. É muito ruim, é dificuldade pra nós aqui. A bolsa escola. Se, você tem quinze reais pra receber, você vai gastar cinco reais só de passagem e ficar o dia todo no banco (refere-se às filas de não correntistas e aposentados, intermináveis, na única agência às vezes existente na cidade), pra receber aqueles quinze reais. Aí pensando bem quando você pega no dinheiro: 'Eu já gastei mais do que isso' Então juntando tudo isso você vai chegar num ponto: que a coisa é difícil. Aqui olha, a escola é só até a quarta série, a criança ela já entra na escola só com sete anos de idade, se tivesse uma crechezinha aqui, então as nossas crianças não estavam do jeito que estão por aí. Hoje já mudou um pouco pra nós, por que era só uma professora pra dar aula pra quatro turma, então as crianças não aprendiam nada. Sabe o que é nada? Porque se você saia daqui na quarta, você teria que repetir ela lá pra você poder ter um conhecimento melhor. Hoje, tem duas professoras, mas dão também, cada professora dá aula pra duas turmas. Elas se formaram em Santarém porque a família delas tinham uma condiçãozinha melhor, pra pagar os custos pra manter elas em Santarém, eles tinham parente em Santarém. Mas, professora, muitas pessoas que saíram daqui, né, que hoje tão voltando pra cá, pra ficar de braços cruzados, sem poder fazer nada. Porque num tem, é como eu tô lhe falando, não tem condições de se manter na cidade, não tem um parente que more na cidade, não tem, fica difícil. Então, se termina a quarta, aqui eles ficam, num vai sair pra nem um lugar mais. Aí se um dia aparecer uma família de Santarém: 'Ah, tu quer ir morara comigo? Umbora.' Aí, vai, foi o meu caso, né: 'Umbora. Eu vou!' Só que no meu não deu certo, né. "Eu vou morar com a senhora." 'Lá tu vai estudar, nós vou te dar roupa, nós vamos te dar comida.' Né? Aí pôxa, já vai ser uma chance que você vai ter, de um aprendizado melhor. É justamente isso que acontece. E pessoas sem condições que tem um terreno aqui. Aqui, que se chegar um dos maiores, que vier com dinheiro na mão, a pessoa vê aquilo, mas num tem base do que é. A senhora vê, por exemplo, três mil reais na mão de uma pessoa, ela vai dizer: 'Pô, to feita na vida.' Pega os três mil reais, eles pago, ele some tudo. Aí depois você vai ficar: 'Pôxa pra quê que

eu fui vender meu terreno.' E é no qual, nesse terreno, que vai vir um dos maiores, que vai montar uma coisa que nós num podemos montar, vai trazer gente de fora pra trabalhar com ele, que ele não dar emprego pro pessoal daqui, e aí? Tem muita gente de fora, falando a verdade, tem muita gente de fora! Então isso, já são problemas que vão trazer prá nós. Por que nós aqui, professora, nós temos aquelas barraquinha ali, se num tivermos outra concorrência, nós com certeza ainda vamos nos manter lá, mas se tiver coisa melhor, eles vão começar a tirar de nós. Por exemplo, aqui na Pousada, ele não trabalha só com a pousada ele trabalha com restaurante, então as pessoas que eram pra almoçar lá, comer alguma coisa lá, eles já vão comer daqui, né. Só que tá competindo com nós, a tirando um pouco do que é nosso já. Então é como eu to lhe falando, aqui a gente veve daquela barraca, tem domingo que a gente tira dez reais. Como é que a gente vai se manter com dez reais? A despesa de energia. Você investe na barraca, vamos supor que você investe cem reais, você tira dez reais. Não cobre, não cobre, não cobre. É difícil demais. Você num tem um fundo, ali você num tem dinheiro pra se manter, pra se mover ali, pra tá circulando. Então melhora um pouco no verão, já vem mais número de pessoas maiores, pra consumir. Período de férias melhora aqui pra nós aqui em termos de venda, até dezembro é bom. Janeiro já vai caindo, cai, cai. Olha hoje, domingo era muito difícil a gente ver três carros dia de domingo aqui. E domingo, deu três carros na praia só. Então se ficam seis barracas, apenas uma ou duas que vai vender, você vai ficar o dia todo empatado lá. Então é assim, tá ficando cada vez, as coisas por um lado, já tão ficando mais difícil pra nós. Aquela facilidade que antigamente, por um lado tinha uma facilidade, hoje já num tem mais. Era união, era fartura, era você conseguir as coisas pra se alimentar mais fácil. Hoje já num tem mais. Tudo hoje já ta praticamente quase igual Santarém, você tem que comprar, praticamente, tudo. Muitas pessoas já vevem da farinha, já compram em Santarém farinha. Já é coisas que a gente mesmo poderia fazer e já num pode mais, por que onde a gente poderia fazer uma roça, já ta quase tudo vendido. Então cada vez, já está espremendo nós. Ta começando a ficar pequeno pra nós. É o mesmo que você ta preso e num poder respirar, já ta começando a ficar assim. Então os maiores já tão começando a nos espremer, pouco a pouco nós já estamos espremidos. Se nós num abrirmos o olho daqui a pouco nós num vamos ter mais o direito nem pra falar de baixo da nossa casa, né. Por que é isso que acontece a coisa cada dia que passa tá ficando mais difícil. Por que é isso que acontece, ta ficando mais difícil pra nós. Se o salário sobe de trezentos reais, pra trezentos reais, o quilo do açúcar que era de um e dez vai

subir pra dois reais, vai subir o dobro. Com cem reais você num faz mais nada, praticamente nada. Uma compra que você fazia antigamente com vinte reais, hoje dá pra você fazer aquilo com cem já. Por que se o governo, não, vai subir o salário, mas as coisas vão se manter do mesmo jeito que ta. Não, aumenta antes, com certeza. O meu trabalho, isso daí já foi uma coisa boa que eles criaram, o agente de saúde, o agente comunitário por que ele já leva um pouco do que ele aprende, um pouco de experiência que ele tem, praquela família, graças a Deus eu sou bem recebido em todas as casas. Foi algumas casas desses que concorreram comigo a esse trabalho, dos meus concorrentes, que fiaram um pouco não querendo me aceitar. Mas, de pouco a pouco, eles vão ter que se acostumar comigo, né. Então é assim, eu trabalho, e convivo praticamente todo dia com as pessoas daqui. Eu sou uma pessoa que conheço todas as pessoas, assim o modo de viver de cada uma. Por que eu num trabalho só, o meu trabalho num é falar só da saúde, por que com certeza você vai fugir um pouco do seu trabalho. Por que se você ta orientando na saúde, em relação à saúde, de lá vai sair um outro assunto, e lá você já vai saber dos problemas fora a parte da saúde, daquela família. Não, com certeza, sou parece um padre pra pessoa chegar e se confessar, conta seus problemas íntimos, né. Então a gente se depara com coisas que dói, né. Famílias que passam semanas de fome aqui na comunidade que tem. Então é difícil pra uma família de três, duas mulheres com criança pequena, num tem homem em casa, por que eles tinham, mas ele morreu e hoje tão passando dificuldades, do sustento dos outros, né. Então, isso dói na gente de querer ajudar, mas num pode, num tem como. Tem outra coisa que são os cursos do SEBRAE, mas são todos voltados pro turismo, mas taí uma coisa que nem todo mundo vem. São de graça, graças a Deus, mas nem todos tão interessados. Poderia ajudar muito mais... Aqui eles até iniciaram com o curso de artesanato, mas depois foi parando, foi parando e os cursos são sempre voltados pros jovens e pras mulheres. Por que as mulheres, com certeza muito, tem um jeito pra trabalhar com as coisas, né. Então eles fizeram um grupo de mulheres pra trabalhar com artesanato e também com jovens. Aqui surgiu, pra você ver que nós somos tão pressionado aqui, que nós tínhamos uma piracaia²³ que já era um emprego pros jovens, por que ele fazia uma lembrancinha e ele ganhava cinqüenta centavos daquela lembrancinha, pra dar pros turistas, né. Então, a gente tinha uma dança, que era a dança do boto, a gente ganhava dez reais pra dançar, cada um. Então era rápido

²³ Rodízio de grande quantidade e variedade de peixe assado em fornos cavados no chão, utilizando-se folha de bananeira ou telha de barro para envolver o peixe.

que a gente dançava e já era uma ajuda que tava dando pros jovens. Então, quando Alter do Chão viu que nós távamos ganhando com isso, ela pressionou de todo jeito e conseguiu acabar. Tá com um ano que nós num temos mais, acabou a dança, acabou a pintura de piracaia (pintura das lembranças da piracaia). Então, por que quando tinha essa piracaia, reunia todos os barraqueiros compravam o peixe e todo mundo se ajudava ali., Ai se fazia, por exemplo, quatrocentos reais de lucro, aquilo era dividido com cada um. Então, pôxa aquilo era duma boa pra gente. Eu acredito que eu não tenho esse sonho, eu nunca pensei só em mim, num adianta eu tá bem e o meu próximo estar passando por dificuldades, e eu nem olhar. Eu acredito que, eu sonho com a comunidade melhor, aqui surgindo emprego aqui mesmo, pras pessoas daqui ficarem aqui mesmo, num sair pra fora. Nós ficarmos aqui mesmo, ter um colégio melhor, pra gente ficar aqui, ter empregos pra gente trabalhar. Por que ta certo a gente num vai ganhar tudo de mão dadas, mas se a gente trabalhar vai conseguir, se tiver também onde, a gente trabalhar, né. E todos os jovens, num digo mais as pessoas idosas, por que essas idosas já vão esperar por nós, nós é que temos que assumir os lugares delas agora. Então a minha esperança é que surja, que tenha uma mudança nesse ponto de surgir emprego para os jovens, para que os jovens não se envolvam com drogas, com outras coisas. Por que isso aí, num vai levar a gente a lugar algum, com certeza vai só destruir a nossa vida, né. E, com certeza que se tiver um bom estudo e tiver trabalho, aqui mesmo a gente se faz, e um ajudando ao outro.

ENTREVISTA Nº 7

Informante: Sr. J.A.

DONO DA POUSADA DE PONTA DE PEDRAS

“A minha senhora gosta muito de praia, e eu não gosto de praia. A senhora me viu hoje ali, mas eu num gosto de praia. Então, há vinte anos eu conheço isso aqui, não tinha estrada. Então eu fiz uma loucura na vida, eu fiz uma loucura por que, eu fui duma família, eu sou duma família que só sabe trabalhar, e fiz uma besteira na vida é, eu fui ser um vereador partidário. É, foi a pior loucura da minha vida foi ser vereador. Por que ser vereador, deputado é pras pessoas que num tem coragem pra trabalhar ou então que viva da política, que a pessoa sincera e honesta não se deve. E eu conheci então vim até aqui, à Ponta de Pedras, e a minha senhora ficou louca por esse terreno. Eu dei há seis anos atrás o valor de seis mil reais. E fiz poço pro cidadão que eu comprei então uma faixa de dez mil reais, seria hoje uma faixa de trinta mil, aí em cima (apontando a casa situada ao lado esquerdo). Aí, então hoje dá uma faixa de trinta mil, seria trinta mil. Aí, eu construí isso aqui, isso aqui foi uma briga muito grande. Eu fiz uma casa, isso aqui são três casa, a pousada são três casas. Eu fiz uma casa pra minha senhora passar o fim-de-semana, com eu, com ela passar o fim-de-semana. Aí os amigos chegavam e diziam assim: ‘Não, me aluga um quarto.’ Eu tinha dois quartos alugava um. Aí ela foi me dando corda: ‘Não, umbora fazer mais uma casa.’ Eu fiz, fiz mais dois apartamentos. Depois ela me deu corda, eu fiz mais três apartamentos certo de que, que eu fiz oito apartamento. Virou uma pousada na política, eu fui mais votado, eu fui o vereador mais votado, na reeleição eu sabia que eu ganharia, mas seu eu tivesse dinheiro. Deixei de me eleger, pra ser, pra ser pra funcionar a pousada. Então quando abriu as urnas, eu por causa de vinte e seis votos eu perdi a eleição. Eu não fiz campanha, eu só fiz andar na região e não fiz campanha. E quando abriu as urnas eu perdi por vinte e seis votos. Me revoltei, fiquei muito triste e vim pra cá e abri essa pousada. Não era assim, era totalmente diferente. E o povo aqui, tinha uma parte que me apoiava, e outra parte que num me apoiava. Quando eu abri aqui foi muito difícil, muito difícil. Há seis anos. Isso aqui eu vendi uma casa, eu vendi carro, uma economia, ta tudo aqui dentro. Por que num dava ninguém, a estrada num dava. Hoje já dá muita

gente. Hoje com um ano já dá muita gente. De uns quatro anos pra cá começou reagir, mudou, mudou muito. Sobre a comunidade, a comunidade sempre ela pensa que eu to ganhando dinheiro, então ela leva uma imagem, ela leva uma imagem muito grande que a pousada ta ganhando dinheiro. Tá certo ela hoje se mantém, ela hoje está estável, ela se mantém, ela tem a estrutura dela, ela graças a Deus. É pequena, mas vai pra frente mais ainda, e a comunidade leva aquela, em vez de ajudar, por que trazia muitas coisas pra muita gente. Bom, o emprego do guia turista, uma canoa alugaria até, pro turista andar, não. Mas eles num procuram isto, eles procuram destruir a pousada. Mas, eu não ligo pra isso, por que ao chegar o turista ele vê aonde tem a condição de apoiar qualquer uma família. E eles num tenho a estrutura que tem a pousada. Então eu entrego isso pro dia-a-dia, né, de convivência de nós, tem uma, noventa por cento que me apóia e dez por cento que não apóia. É por que eu quero muito eu quero expandi, eu quero fazer. Agora mesmo, eu projeto fazer um cais, na frente, a pousada vai ter um caisinho, e essa é a estrutura da pousada. Essa é a estrutura da pousada. Eu espero que nó produza mais. Eles não melhoraram a estrutura deles por que existe a política suja. A nossa política do norte é suja, e ele, a nossa política daqui do norte é muito suja e ele, a política do norte usa as pessoas pobres, né, usa as pessoas pobres. Bom, nós passemos oito anos com a direção do próximo governo passado que usou a comunidade, que usou a comunidade. Não fez uma estrada. E o pessoal acreditava que ele ia fazer uma estrada. Fez um barracão comunitário que eles cobraram vinte mil reais, acabaram que não foi o poder público que fez. Quem fez foi os Coroa de Ouro, que são um clube que tem aqui. E os banheiros comunitário quem fez uma parte, foi eu quem deu os bacio, os vaso sanitário, ele usou como se fosse o poder público, né. Então eu acho que durante esses seis anos, pra Ponta de Pedras ele não produziu, não produziu. Não produziu por que cada um deles, tão cada vez mais pobres. Por que se eles tivessem o apoio político, o apoio do poder público, eles hoje, estariam hoje, como é, numa situação melhor. Por exemplo, uma estrada. Nós precisamos de uma estrada. Nós num temos, só vem enganar. Só vem aqui prometer, em dois em dois anos promete que vai fazer, a estrada não é asfaltada aqui. Você vê que é uma estrada de chão perigosa. Então hoje nós acreditamos neste governo que ta aqui que faça alguma coisa, que nós tamos com cento e poucos dias. Eu espero que a comunidade melhore. Por exemplo, hoje é até uma vergonha pra nós, um colégio que nós temos aqui, é dinheiro do MEC, que é meu dinheiro, é seu dinheiro, é dinheiro de todo mundo, é coberto de palhas, quando daqui a dois anos as palhas tão destruído, quando as casas

das pessoas que fizeram a escola são cobertas de telha de barro, né. Então, isso é uma coisa muito difícil. E outra coisa daqui a dois anos a palha não vai ter mais aqui na nossa região. As palhas que nós temos hoje, nós não vamos ter mais aqui na nossa região vai acabar. Por que ta virando soja, arroz, capim em todos canto. Então pra mim não produziu, ta estável como tava há seis anos. Seria o primeiro item, seria a estrada, e o poder público e o governo no turismo. Por que esse povo que ta aqui nenhum trabalha mais em agricultura. Hoje se tiver na Ponta de Pedra, duas famílias, três famílias, quatro famílias que trabalha com roça é muito. Veve do turismo, só que aqui o turismo hoje, aqui na Ponta de Pedras é zero, zero, zero. Olhe, há seis anos, oito anos atrás num tinha energia, os jovens num sabia o que era droga, hoje já tem deles envolvido em droga. As festas não, isso existe, isso existe aqui, só o pai vai a mãe vai, isso é cultura, você num pode mudar a cultura deles. Já o trabalho, eu acredito de outra maneira, por que é o seguinte, o governo federal paga todas as pessoas que tem uma família fazer uma família e essa família hoje se aposentam, o velho mais a velha se aposentam, os dois idosos se aposentam, a família inteira vai viver da aposentadoria dessas pessoas. Vai do menor ao maior. Não vão mais atrás do peixe, não vão mais atrás da caça, não vai mais atrás da agricultura. Não! O que é que eles vão fazer? Vão vender as terras e vão comendo. Só pra ter uma idéia pra você, existe família hoje na Ponta de Pedras que não trabalha. Por que é o seguinte, eles recebem noventa e cinco reais do governo federal, que é a Bolsa Alimentar, e coloca três crianças no colégio e recebe a Bolsa Escola e o Vale Gás, e todos nem marido e nem mulher trabalha, vevem desse salário. Eu acho que o governo é errado. Exatamente num vai atrás do peixe, num vai atrás da carne. Noventa por cento fica aqui, por que eles têm condição de sobreviver aqui. Porque o velho mais a velha são aposentados. Aí eles têm filhos, ai aqueles filhos já vão começar a receber a Bolsa Escola, a Bolsa Alimentar o Vale Gás, e vão ficando aqui, repete a mesma coisa. Aí o dia-a-dia deles é comprar uma garrafa de cachaça, vão tomar, é, num vai atrás do peixe. Eles fazem uma farinha um saco de farinha, passam o mês comendo. Eu só quero dizer que o nosso governo federal, ele é culpado de cinquenta de cem por cento da população, ficar mais pobre e mais miserável. Em vez dele dar esse dinheiro, a minha opinião, eu quero até que publique, se quiser publicar estas últimas palavras, em vez dele dar o dinheiro ele deveria dar o emprego. Numa comunidade dessa, ele devia pegar todo mundo, em vez de dar noventa reais como ele dá Bolsa Alimentar, ele deveria dar emprego pra limpar as ruas. As ruas hoje que tem, limpar os matos, por que eles aqui num fazem isso. A cobra aqui acolá

(mostra o lado direito da pousada) *a gente mata duas três cobras venenosas. Porque eles não fazem isso. Eles mesmos dizem: 'O governo paga pra mim não trabalhar' Isso você pode publicar. Saúde, vem uma vez por mês um médico e uma enfermeira, mas se hoje, agora nesse exato momento alguém, pegar uma ferrada de arraia, ou ele vai gritar vinte e quatro horas ou ele vai pra Santarém de pé. Porque nós num temos transporte. Então o transporte que tem aqui dia de semana é o meu carro. Eu levo e nunca cobre uma passagem. Ida e volta a Santarém, vai e vem e nunca cobro uma passagem. Eu ajudo, tando doente, eu levo no médico, se for possível eu pago a consulta, compro o remédio. Mas, eu quero explicar que isso tudo é o culpado o nosso governo. Hoje nós temos uma reserva florestal, muito linda, pra que num sabe, muito linda pra tudo que é turista e pro Governo Federal. Hoje, nós temos hoje pessoas que nasceu e se criou, e que ta hoje com cinqüenta anos na Reserva. Essas pessoas não têm médico, não tem um enfermeiro, não tem nada. Os quatro anos de meu mandato de vereador foi a tecla que eu. mais eu bati contra o IBAMA, colocar... porque ele são os fiscal do governo, as população, as dezessete comunidades que existe no Tapajós, na Reserva, pela beira do rio, pelo lado direito do Rio Tapajós, eles são os fiscal do IBAMA. Eles não têm médico, eles não têm uma enfermeira eles não tem um remédio. O único projeto, Saúde e Alegria, é que leva a informação de enfermeiro, pra ensinar coisa de parto, é só. Mas, a obrigação não era do Projeto Saúde e Alegria, seria do IBAMA, levar o médico, levar dentista, levar tudo. Eu passei quatro anos, desconheço, até hoje eu desconheço, que existe um médico do IBAMA pra essa comunidade, dezessete comunidades. São elas: São Domingo, Maguari, Jamaracá, Jaguarari, Pedreira, Piquátuba, Marituba, Nazaré, Marai, Tauari, Pinhim, Prainha, Itapaiúna e tem os índios que é lá do Taquara. Entendeu. Mas, se você me disser que o IBAMA faz isso aquilo quilo outro, eu chamo de mentiroso qualquer pessoa. Os quatro anos que eu passei como vereador, eu nunca vi um médico e, nem o IBAMA pagar um médio ou um dentista. Então foi o que aconteceu, é que eu, a mulher me pediu, ela veio à Santarém, me pediu, que ela queria fazer um pré-natal. E eu fui contratei o médico pra fazer o pré-natal. Então, ela morando no Nazaré, na comunidade de Nazaré, ela teve problema de partos. Ela veio pra Santarém, teve que andar quase uma hora de pé, de lá pegou o barco pra vir pra Santarém. O barco da linha, de terceiros, não é do IBAMA, é de terceiros. Aí, quando chegou em frente de Alter do Chão a mulher entrou em ação de partos. Mas, ela não teve a criança. Ela saiu o braço da criança de fora e o resto ficou dentro dela. Assim mesmo ela foi até Santarém. Chegando em Santarém, parou em*

frente ao Mercado 2000 (Mercado Municipal de Santarém situado em frente ao cais). Em frente ao Mercado 2000, pra clínica, dá cerca de uns oitocentos metros, esta mulher foi de pé. Em cima do cais, em cima da orla, essa mulher andou de pé, com as pernas, e o braço da criança pra fora. Foi quando a mulher chegou disse que ela estava passando mal, e taria no hospital pra ter nenê e não podia, que tava com o braço da criança...Foi que eu fui, foi até incrível o negócio foi até, o povo pode até num acreditar, eu esta com o motor do meu carro batendo, e não pegava na partida e quando a mulher saiu, eu perguntei pra minha esposa: 'Umbora lá ver?' - 'Umbora.' Quando eu meti a chave no contato o carro pegou. Bonzinho, o carro ficou bom. E eu fui até a clínica, pedi, autorizei, chamei o meu médico, e o médico fez a operação. E o médico me falou o seguinte, que talvez ia escapar ou a criança ou a mulher, não sabia qual dos dois escaparia, mas que ia escapar um dos dois. Então, que quando ele saiu, saiu com o bebê. E depois ele disse: 'Olha, a mulher está boa, e passa bem.' Quando ele me chamou pra dentro de uma sala e dentro de uma pia, tava um quisto tipo um mioma. Muito grande aquele negócio eu saí vomitando, baldeei. E hoje, graças a Deus, com o poder de Deus, e a força de Jesus Cristo, que eu acredito em Deus, só acredito em Deus eles passam muito bem. Estão vivos todos dois, mas pela ajuda de Deus. Pela ajuda do homem, do governo ou do IBAMA é mentira. Muitas vezes tem projeto que chega, mas o projeto 'e totalmente, o pessoal, o ribeirinho não enxerga o dinheiro, só enxerga o produto. Eu cheguei a ver como vereador, o Projeto da Banana. O projeto da Banana, inclusive no Pinhim, quando nó chegemo no Pinhim, a banana já toda podre. As bananeira tudo com mal. Ai ela vê a mercadoria, mas não vê o dinheiro. Eu tive um projeto na Câmara, que eu lutei muito com o prefeito atual, o que era nosso prefeito, eu lutei muito. Era a Transtapajós, seria na beira do Rio Tapajós, nas dezessete comunidades. E o projeto foi meu. E queria também que, a EMATER, a SAGRI entrassem em projeto, fizesse um projeto junto com a prefeitura, e com o IBAMA, sobre o plantio de curuá, que as nossas terras é ideal, as terras dessa região, é ideal pro curuá. O curuá produz uma fibra que hoje vai pra Mercedes Benz e pra outras coisas né. Hoje nós graças a Deus temos, a fibra de curuá. Hoje, o Tapajós tem. Foi muita luta pra conseguir, mas graças a Deus nós conseguimos. Ninguém sabe quem financiou, hoje já tem gente exportando essa fibra. Mas, passou quantos anos, vinte e cinco anos, que daria, que já teria gente hoje, com um imenso de um plantio. Não essa Interpraia, ela acabaria aqui, e essa seria a Transtapajós. A Transtapajós, é o sonho de muitos ribeirinhos, por exemplo saindo de Santarém e indo até Aveiros (cidade situada

à margem do Tapajós) *Aí vai, só que divide três municípios, aí vai ter que ter entendimento entre os três prefeitos. Acabei de falar pra senhora no começo, que o nosso poder público passado num tinha interesse, só queria enganar o povo. Eles vinham aqui, dois em dois anos e prometendo e me dá isso, me dá o voto. Levava os votos e daí? Passou oito anos o nosso Prefeito, ele não fez nada, de nada daqui. O que ele fez foi um malocão, eu não foi ele que fez, foi os Coroa de Ouro. Um colégio coberto de palha que o projeto é coberto de telha, os banheiros, eu dei uma parte dos banheiros, a pousada deu de presente, deu vasos sanitários, dois armários dois espelhos deu tudo. Ninguém sabe o montante de valor do dinheiro. Então é assim todo mundo vem aqui, o político só vem aqui pra levar os votos de dois em dois anos. Nós tivemos eleição há um ano e pouco, vamos ter eleições daqui a dois anos, já tem gente fazendo campanha pra ganhar os votos daqui a dois anos.*

ANEXO II

GARIMPEIROS DO TAPAJÓS

ENTREVISTA Nº 1**Informante: Sr. J. L.****GARIMPEIRO**

“Tenho trinta e dois anos, sou natural de Belém. Sou o último filho de uma ninhada de sete filhos. Pai vivo, mãe falecida e saí de casa aos treze anos de idade, por divergências com o meu pai... Eu tive que sair de casa aos treze anos, e desde essa idade, eu vivi na rua, entre aspas, né? Parte da minha infância foi em praça pública, e depois, mesmo em praça pública, trabalhando e estudando. Eu fui ganhando meu lugar na sociedade e, conseqüentemente, mudando um pouco a minha forma de ser. Porque quando você vai crescendo, você vai adquirindo conhecimento da sociedade, conseqüentemente, você também vai mudando um pouco, deixando de ser tão radical quanto você era na juventude. Acho que a juventude puxa muito pra esse tipo de coisas. Com minha saída aos treze anos, perdi a juventude, tive que me dedicar especificamente ao meu trabalho e ao meu estudo. Eu sou técnico operacional em Informática, me formei em São Paulo. Me casei muito jovem, por esse motivo, ter me casado muito jovem, fui pai muito jovem e, por falta de opção, de trabalho e tudo o mais, eu, a convite de um amigo meu, conheci a primeira zona garimpeira, que não tem nada a ver com a Região do Tapajós: a Zona Garimpeira de Serra Pelada, onde trabalhei o período máximo, se não me engano de um ano, onde adquiri algumas experiências de garimpo de escavação. Um trabalho bruto, um trabalho grosseiro, digamos até que um trabalho carrasco! E, como você sabe, pelo corpo que eu tenho (franzino) a gente sofreu um bocado. Depois nós nos separamos, e eu fui convidado por um irmão meu, que já trabalhava em Itaituba, numa loja chamada Garimpão, ele era gerente dessa loja, numa pista de pouso chamada 140, fui convidado pra trabalhar de repórter no jornal e TV local, eu e um rapaz. Nós viemos a Santarém, não passamos nem um dia, direto pra Itaituba. Lá nós sofremos muita represália, nós ermos repórter político e policial, e sofremos muita represália por sermos contra o governo municipal que atuava lá, na época. E, devido a essas dificuldades políticas, tive que me afastar pra evitar até de ser morto, como você sabe que a região garimpeira é, como Itaituba,

Castelo dos Sonhos e diversas outras cidades e zonas garimpeiras... Se você não segue as normas da casa, você é... como costumam dizer, você some! Né? Eles acabam mandando fazer fulano. Então mandar fazer, é mandar matar. Você desaparece, ninguém encontra o teu rastro. Bom, devido a divergências políticas em Itaituba, eu fui trabalhar numa casa chamada Auri Peças, no garimpo do Creporizão, aí não me dei muito bem nessa casa, aí fui pro Creporizinho, localidade próxima uma da outra. Em Creporizinho trabalho num hotel, onde nessa época tive uma melhora na minha condição de vida, conseqüentemente, buscar minha ex-mulher, da qual já estava separado, e minhas duas filhas por motivo de amá-la muito ainda, e tal, então tentei dar uma outra chance. Fatos estranhos aconteceram: minha mulher me traiu com outro homem, então isso pirou minha cabeça. Então, eu joguei tudo pra cima: mandei ela pra Belém e aí eu acabei...aí sim, acabei adentrando definitivamente no garimpo, um garimpo chamado Malvinas. O que eu posso dizer do garimpo da vida de garimpeiro, é como eu falei pra você ontem, é uma frase muito utilizada: Garimpo é terra que filho chora e mãe num ouve e, se ouvir chora junto, porque não vai poder fazer nada, tá? Eu vi muitas mortes, eu vi crimes absurdos, vi muitas coisas que como eu te falei ontem, também não se comente aqui fora. Porque é absurdo, é uma coisa até estúpida de se falar. É no Creporizinho que eu trabalhei nesse garimpo chamado Malvinas. É um garimpo de barranco tá? Cada garimpeiro tinha um metro e meio de largura e infinidade de comprimento, tá? Você tinha um buraco de um metro e meio, agora na questão do comprimento, você poderia trabalhar à vontade, o que quisesse explorar. Agora jamais, jamais, em momento algum você poderia atravessar de um lado pro outro, conseqüentemente, você estaria comprando sua própria morte. Especificamente dentro desse garimpo, nós pudemos presenciar alguns fatos (pausa) ... como por exemplo, pessoas que na verdade eram colonos, eram pessoas ribeirinhas, porque o Creporizão e o Creporizinho, são banhados pelo Rio Creporí, afluente do Tapajós, aí sim eu te digo que o Tapajós tem influência do garimpo, por causa disso, porque esses rios são afluentes do Tapajós, constituem a Bacia do Tapajós, Aí sim prolifera o ouro. Mas na verdade, a contaminação do Rio Tapajós, não se dá, especificamente, pela exploração nele, mas sim pelos seus afluentes. Porque trazem o azougue, conhecido cientificamente como mercúrio e, popularmente pelos garimpeiros como azougue, então eles trazem restos de mercúrio ou de azougue, como queiram chamar. É, esse meu trabalho, ele me proporcionou algumas experiências, dentre as quais a gente consegue definir as boas e as ruins. As boas, as coisas boas da vida, desculpa, desse nosso

trabalho no garimpo, a gente ainda encontra muita irmandade dentro do garimpo, no caso de uma doença, é você encontra pessoas interessadas em te ajudar, em colaborar, em te socorrer. Essa é a parte boa. A gente dentro do garimpo é... somos nós, e ninguém mais. tá? Muitas vezes somos obrigados a atravessar, 5, 6, 7 dias de mata a dentro, quando o garimpo é novo e não tem pista., pista de pouso. Toda vez que você ouvir falar em pista: - 'Ah, o garimpo não tem pista.' É uma pista de pouso clandestina, onde os próprios garimpeiros abrem uma clareira na mata, para que eles possam receber os mantimentos, receber alimentação, receber maquinário,... Porque enquanto não tem pista, você vara a mata amazônica com o gimanchi nas costas. Gimanchi é um objeto que era muito utilizado pelos índios, e hoje é muito utilizado pelos garimpeiros para transportar coisas para um determinado local. E nós carregávamos tonéis, carotes de cinquenta litros, cento e cinquenta litros de óleo diesel nas costas, dentro desses gimanchis. Motores, maquinário, enfim tudo, era transportado nas costas. Como no nosso caso o garimpo era de filão, deixa eu explicar pra você: existem vários tipos de garimpo, o que é utilizada uma chamada maracá, que é o garimpo de mergulho. Tá? Onde essa maraca é utilizada pra sugar o ouro que fica no fundo do rio, existe draga no caso. Existe, também, outro tipo de garimpo em que é usada a maraca pra derrubar o barranco, é com jato d'água. Você puxa água de um determinado local, com bico jato e derruba o barranco. Daquele barranco você vai trabalhar o ouro, tá? E no meu caso, específico, era garimpo de barranco que é garimpo de filão, onde o ouro tá no fundo da terra você encontra o veio da rocha. É um filão de pedra de rocha que sofre variações de subida e descida, e pode estar mais à superfície ou estar mais profunda, tá? No meu caso deu com mais ou menos dezoito metros de profundidade. O que dois barranco do meu, ou seja, a três metros de onde eu tava chegou a dar a dois metros e meio do solo. Então você vê, a variação é muito grande. Explicar isso aí é impossível, porque você precisaria conhecer melhor a natureza e eu acho meio difícil. Nesse garimpo, próximo da localidade conhecida como Creporizinho, testemunhei muitas coisas, mortes... Inclusive eu testemunhei uma coisa que eu achava absurdo, em pleno meados do século XX, você assistir uma coisa chamada de 'leilão de virgindade', popularmente conhecida como 'leilão de cabaço.' Porque garimpeiro não tem uma linguagem social é uma linguagem grossa. Eles colocavam uma faixa 'LEILÃO', não especificavam exatamente o que, mas a partir daquela faixa, as pessoas do garimpo já sabiam o que era. Então, quer dizer, o que eles faziam, os donos de cabarés, das casas daqui da região de garimpeiros: eles iam até o Paraná, Minas Gerais, Santa Catarina, mas

nessas cidades pobres dessas regiões, chegavam com a menina, conversava com a menina e com o pai, eles diziam que eram fazendeiros, e que iam trazer pra educar, etc e tal..Na verdade elas eram trazidas pro cabaré.Tinham que ser virgens e eram avaliadas por médicos, com atestado de virgindade e tudo, e elas iam a leilão. Iniciava-se a festa na casa de festas e quem desse mais ouro levava a menina pra cama, e era tirada a virgindade, a honra da menina. E o mais absurdo era que depois daquele ato, meia hora depois daquele ato, nem sei o que acontecia lá dentro, mas meia hora depois, o elemento que tinha ganho o leilão, o garimpeiro que tinha arrematado a menina, como eles falavam assim, é grosseiro mas é verdade, ele voltava com a calcinha dela suja de sangue, provando que tinha tirado a virgindade. Mas ele não ficava responsável por ela. A partir daí, de acordo com a idade, ela passava a ter um valor na casa. Depois que ela deixava de ser virgem, ela continuava ter um valor alto na casa, mas a cada semana que ia passando, cada mês ela ia caindo até ficar igual às outras.E não vá se iludindo que ela tinha tudo, que ela não tinha. Até escova de dentes, até o absorvente que ela ia usar, tinha que pagar pro dono da boate. Com isso elas ficavam eternamente presas à boate, porque elas tavam devendo sempre, sempre... Elas não recebiam nada, quando elas iam prestar contas ela estavam era devendo pro dono da casa. Então era uma coisa absurda, mas realidade, realidade mesmo! Então, essas famílias, senhores que trabalhavam na colônia, no plantio ou na caça, eles deixavam essa vida pro garimpo. Por quê? Porque na verdade eles começaram a perder espaço, porque suas terras foram invadidas pelos garimpeiros. Disso, conseqüentemente, vinha morte. Terras indígenas foram invadidas, inclusive nessa região do Creporí, foram invadidas terras indígenas que haviam na época, no começo. Eu não peguei o começo, eu já peguei a existência desse garimpo. Eu fui um dos desbravadores das Malvinas, esqueci de frisar esse detalhe. Quem descobriu esse filão foi o Chico, o Chico Madeireiro. Ele era dono de uma boate, e ele descobriu esse filão. Deu com a língua nos dentes, deu com a boca no mundo e com isso houve uma invasão muito grande. E eu tava no meio dessa curriola toda. Fui pra lá também. Demarquei à foice, foi à foice e a terçado mesmo, tá? Tinha que ser assim. Graças a Deus, não foi necessário, eu demarquei minha área, fiquei com ela, trabalhei nela por muito tempo.Como eu tava te contando, essas pessoas tiveram que abandonar a vida de plantio, porque elas não eram reconhecidas dentro do garimpo como pessoas, como cidadãos, como gente. Porque na verdade o ganho delas era muito pouco, e isso, conseqüentemente, fazia com que elas fossem menosprezadas, ridicularizadas! E essa garimpo, essa vila foi

crescendo. Quero frisar detalhe, nós não chamamos de vila, chamamos de corrutela. O que é uma corrutela? É uma avenida uma rua, uma pequena rua estreita, onde de um lado é cabaré e, do outro lado, também é cabaré. Só tem isso cabaré. Pros garimpeiros beberem, farream, enfim levar a vida que lhes resta. E pra que eles fossem reconhecidos, pudessem ter algum valor, eles abandonavam a vida de colono, de plantadores de mandioca, etc. para serem garimpeiros. E aí, tinha uma evasão, ou uma invasão muito grande de pessoas de fora: do Piauí, do Maranhão, até da própria região sul do Pará. Bastava você dizer: 'Olha abriram um garimpo.' Você via chegar gente que você nem imaginava. Chegava de cem, cento e cinquenta pessoas por dia, de outro estado e também do Pará. Eram pessoas, por exemplo, digamos que o garimpo de Serra Pelada foi fechado, então o garimpeiro desempregado como nós chamamos: 'Olha descobriram um garimpo.' Aí esse boato ia assim, com dois dias tava espalhado. Em dois, três dias você podia saber que ia invadir muita gente, tá? Então, era uma invasão muito grande de garimpeiros, e essas pessoas, esses colonos tinha que tomar posse de qualquer maneira de um barranco. Antes que essas pessoas invadissem e os expulsassem também. Como conseqüentemente acontecia. Conseqüentemente, ia acontecer isso, eles eram expulsos. Alguns eram expulsos, outros defendiam a golpes de facão e foice, tá? Os instrumentos que eram usados para plantar, depois eram usado para matar, pra defender o quinhão! Eu vi muita gente matar por uma cobrinha, abre aspas, é um grama de ouro, chamado de cobrinha, fecha aspas. Essa cobrinha muitas vezes matou muita gente. Donos de garimpo morreram por causa de uma cobrinha, apontadores de barranco morreram por causa de uma cobrinha. Apontador é a pessoa que fica dentro do buraco apontando quantos sacos saem, quantos metros são cavados. Então, essa pessoa tinha que tomar posse do barranco ou sair da região. Ou então sei lá, abrir um botequinzinho na corretula. Fazer alguma coisa pra sobreviver, porque o plantio e caça, acabou. A caça era feita pelos próprios garimpeiros, pra se alimentarem, devido à ausência de alimentação. Como te falei, a gente tinha que atravessar a mata 5, 6, 7 dias até que se abrisse uma pista. Então, era difícil voltar na corrutela pra pegar uma saca de arroz, uns dez quilos de carne, que durariam uns dois dias, então, caçava-se. Caçava-se animais silvestres pra se alimentar: cobras, veados, macacos, catitús, o famoso porco do mato, pra servir de alimentação pros garimpeiros. Pra que eles pudessem se manter até que o grupo de exploração, que é como nós chamávamos aquele pessoal que ia até a cidade pegar material e voltava. Então, era os formigas. Em Serra Pelada era os formiga porque carregavam saca na cabeça, e nesse

garimpo era quem ia trabalhar pra gente, buscar alimento na cabeça, nas costas mesmo. Fiquei nesse garimpo por um determinado tempo. Eu vou te falar, vi absurdo, vi mortes por causa de mulher, de bebida, de ouro. Porque, na verdade, o garimpo não só movimenta ouro, ele movimenta também outras coisa, principalmente a droga. Existe um grupo de droga que administra, que coordena... Aliás, não é só no garimpo não, é em qualquer lugar do mundo. Sempre tem aquela organização que administra o local. E, muitas vezes o dinheiro da droga era lavado com o dinheiro do ouro. Pra que ele pudesse ser legal, voltasse a ser legal pra ser negociado de novo, né? Então isso movimentava muito. A droga era muito movimentada nessa região de garimpo. Era o ouro amarelo e o ouro branco. O ouro branco era a cocaína, e junto a ela vinha a maconha e outros entorpecentes que eram utilizados pelos garimpeiros. Pelos garimpeiros pra trabalhar, e pelos viciados pra fazer outras coisas escusas, que eles tinham vontade de fazer, mas que de cara limpa eles não costumam fazer, né? Graças a Deus eu não me envolvi com essa parte, fui envolvido sim, com ouro. Fui obrigado a defender a vida muitas vezes, fui obrigado a me defender e defender os meus, eu tinha um grupo de oito garimpeiros que trabalhavam, especificamente, pra mim. Então, era olho por olho, dente por dente. É meu e ninguém tasca e se tascar a gente parte pra cima. Como eu trabalhava num garimpo de barranco, ouro de filão, então nós tínhamos que usar um maquinário chamado de moinho mói aquela pedra, pra ela virar pó, mistura com água e apara numa bateia, à beira de um rio. Nessa hora você coloca na rampa do moinho, você põe mercúrio, o azougue, na bateia você também põe azougue, porque o azougue faz com que concentre o ouro. Então, você concentra ele na bateia, na frente de um rio. E pra que você bateie, você sempre deixa que saia m pouco de azougue com a terra, com a água, pra poder você limpar o ouro, né? E você acaba contaminando o rio. Eu sinto muito pelo que fiz. Devo ter matado muito peixe, devo ter matado muito animal, quem sabe, devo ter matado gente. Mas, é porque eu não tinha um conhecimento mais profundo do assunto. Hoje eu sou totalmente conta esse tipo de coisa, mas naquele tempo colaborei pra muita desgraça. Então você usa mercúrio na rampa, onde passava aquela lama de pó de pedra moída e levava pra beira do rio, bateava. Aquele resultado você colocava numa cuia, aonde também tinha azougue. E aí, sim, você ia queimar. Você queimava e o resultado daquela queima era o ouro puro. Nessa queima não se trabalhava com nenhuma proteção, no garimpo se trabalha de cueca, de bermuda, sem camiseta com um pano amarrado na cabeça, pra evitar que o suor salgado caia nos olhos. Porque o sol, ele no horário do meio-dia, devido à

transpiração, o suor cai no olho, com o calor os olhos ficam afetados, meu olho direito tem seqüelas devido a essa minhas loucuras de garimpo. E, quando você queima o azougue, pra queimar o ouro, claro o ouro não queima, ele derrete, mas ele continua ali dentro, e o azougue não, ele evapora. E, como não havia nenhum tipo de proteção nós inalávamos aquela fumaça. Às vezes, você estava fumando e cada baforada de cigarro, cada trago, você pode estar também levando a fumaça do azougue pra dentro de você. E, isso pode ser evitado. Eu não sei se você sabe, a fumaça do azougue, se você colocar um filtro, você consegue aparar um pouco, não tudo, mas quase a mesma quantidade. É interessante ele tá lá de volta. Eu tive problemas respiratórios porque não tinha proteção. Não existe. O que existe é um trabalho rudimentar, muito rudimentar. Onde você pega a cuia põe aqui debaixo de você, pega o maçarico, detalhe com o risco de explodir; um botijão de gás do teu lado. O botijão de gás, tá? Os maçaricos são velhos, com mangueira furada, tá entendendo? Então você queimando ali, tá soltando gás aqui pela boca do botijão, então não tinha... Nego não quer saber de risco, ele que saber é do resultado. O horário era de seis da manhã, parávamos as onze trinta pra almoçar, retornávamos ao meio-dia e trinta e parávamos às cinco e trinta da tarde. A noite toda e a madrugada era para descanso. Nós começávamos às seis da manhã, mas acordávamos, em média, às quatro e trinta, pra poder tomar café, preparar material, despescar o moinho, que o moinho não pára. Nós temos equipes de trabalho que viravam com o moinho, trabalhando, revezando. É uma vida horrível: só homem. Você não pode conciliar família com garimpo. O homem que ousou levar família, mulher, teve a mulher estuprada, o filho estuprado, entendeu? Ou então a mulher que largou por causa de outro. O cara ameaça: - 'Ou tu fica comigo, ou então, te mato!' E, a mulher tem que ficar com o cara por obrigação. Nesse lugar o espaço da mulher é a cozinha... Ali as pessoas se modificam. Eu, por exemplo, apesar de ter saído muito cedo da casa dos meus pais, como eu te falei, como eu sempre estudei, acredito ter um certo nível de cultura, eu não sou tão bronco, eu sei me expressar, eu tenho um certo nível de cultura. Mas, lá dentro você fala de acordo com eles, de acordo com o dialeto deles, você vive de acordo com a situação: você vira bicho. Vira! Você se transforma num verdadeiro animal, tá? A diferença é que pra você, que tem um pouco de cultura, você se destaca. Na situação, por exemplo, de carta: Ah, o cara não sabe nem ler nem escrever, quer mandar uma carta pra mulher dele, dizendo que está vivo, que tá mandando ouro e dinheiro pra ela. Aí então, você se destaca nesse sentido. Eles costumam pedir pra você fazer esse tipo de favor, aí você ganha uma certa admiração

deles. Mas, pra você lidar com o garimpeiro, você tem que ser igual a eles, se colocar no mesmo nível, você tem que descer mesmo, chegar lá. E, é no palavrão, é no grito, sabe? Na grosseria, na estupidez! Porque só assim você consegue se manter em contato. Eu tenho uma coisa humana pra falar, do lado humano do garimpo. Eu tinha uma cozinheira e a gente tinha até um certo cuidado com ela, senão os garimpeiros faziam uma coisa com ela, chamada de Puxiron. Não sei se tu sabes o que é 'Puxiron'? Puxiron é uma fila de 8, 10, 12 homens pra uma mulher só, na mesma hora. Entra um, sai outro, entra um, sai outro, entra um, sai outro... E ela tem que se sujeitar, se ela não se sujeitar ela acaba morrendo. Então, pra evitar situação desse tipo no meu barranco, e quê que eu fazia: era a rede dela, depois a minha rede, depois a dos peões. Eu tinha o respeito dos meus peões. Graças a Deus! Mas, uma estória engraçada, que ela sempre foi muito prestativa pra mim e numa madrugada, umas onze horas da noite, pra nó já era madrugada, eu tava conversando com ela e os meus peões, e aí eu falei pra ela: 'Ah, por favor me pegue um copo com água.' Então, a nossa rede era alta do chão pra evitar que bichos rasteiros mordessem a gente. E tal... e, ela foi descer da rede e na chinela dela tinha um bicho, e no que ela foi descer, ela pisou no bicho, e o bicho picou o pé direito dela. Ela gritou: 'Ai! Um bicho me picou!.' Eu vi pela meia luz, pela sombra do luar entrando e do lampião, que alguma coisa corria no chão. E, eu inocentemente, falei: 'Ah. Lá está o bicho pisa me cima.' E Ela foi com o pé esquerdo e pisou: e o bicho pimba, de novo no pé dela. Aí ela disse: 'Ai, ele me picou de novo!' E já foi caindo. Quando nós corremos pra cima, que o garimpeiro matou, nos vimos que era um escorpião. E ela tinha sido picada nos dois pés! Imediatamente, os garimpeiros correram e usaram de artifício que eu não sabia: foram rápido até a mata e trouxeram alguns cipós verde, não é cipó seco, é verde, e amarraram a canela dela, pra que o veneno não subisse. Pegaram esses copos grandes de requeijão e colocaram pó de café e água, mexeram, e ela já tinha cerrado os dentes, ela trancou os dentes. Na mesma hora eles abriram a boca dela e deram aquilo pra ela, era uma mistura aquilo, não sei como posso chamar aquilo, era uma papa (ri), aquela papa de pó de café com água e disseram: 'Agora tudo bem, pode colocar na rede.' Ela ficou tendo choque a noite inteira, eu fiquei horrorizado com aquilo: que ela tava dormindo de repente o barraco tremia, trarararararara...de repente o corpo dela tremia como se alguém tivesse colocado duzentos e vinte volts no corpo dela, ela tremia, tremia e parava, daí quinze vinte minutos de novo. E foi a madrugada toda. E, de manhã, tava boa, normal, normal... Passou a noite com as duas pernas amarradas com o cipó. E, no caso da

minha doença, da minha crise, que eu tive quase uma paralisação nos rins devido à malária, que ela ataca os rins, e pra que o meu irmão soubesse disso, foi preciso que os garimpeiros que trabalhavam comigo, fossem à corrutela, lá no cento e quarenta: 'Olha o teu irmão tá morrendo lá! Vai lá.' Então tem esse lado, se você tá doente, se você tá sofrendo em consequência do seu trabalho, tem essa coisa: eles ajudam você. Agora tem aquela coisa, se você tá ganhando muito ouro, e alguém puder fazer alguma coisa pra te derrubar, pra te acabar, pra ficar com o teu barranco, eles fazem. Negócio é ficar esperto pros dois lados. É uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo que ele te cura, ele te mata. Tens que ficar esperto, pra cada passo que tu vás dar, porque atrás de cada moita pode ter um calibre doze, ou calibre vinte, te esperando. Essas eram as consequências da vida no garimpo. E lá, o garimpo é terra que o homem chora e mãe não ouve! Se a mãe, que é mãe, não ouve... Mas que fundação governamental o quê? Só se for a Polícia Federal que mata as pessoas em Serra Pelada, que extorquia o dinheiro da gente na época que ela administrava o garimpo de Serra Pelada. Não espere compadescência, não espere piedade de ninguém, que você não vai ter. Sabe aquele juramento médico de ajudar qualquer pessoa? No garimpo, se você achar um ambulatório, um alguém que se diz médico e você chegar morrendo, e se ele te baculejar, como eles dizem, te der uma revista, e não encontrar ouro, tu vás morrer na porta do hospital, que não vão te colocar pra dentro nunca. Tinha assim aquele... o extinto é... hoje, só existe a Fundação Nacional de Saúde. Aquele que a gente chama guarda da malária, como é o nome? É SUCAM, é a SUCAM, que dava um comprimidozinho aqui outro ali, fazia um fura dedo (referindo-se ao exame para detectar malária). Mas chegar lá, lá dentro do buraco, não! Você tinha que vir até a corrutela, Mas lá dentro não, pode esquecer. Quem falar pra você que foi lá, se algum dia, médico, instituição, seita religiosa, chama de mentiroso, porque é mentiroso. E, eu falo isso de boca cheia e testemunho isso. tá pronto pra falar isso na frente de qualquer um. Não sei agora, pode ser que tenha alguém se voltando pro lado deles. Mas, na minha época, na época que eu vivi no garimpo era cada um por si e Deus por todos e a crença: que viva o melhor da maneira que for possível. Na verdade o garimpo é um sonho, ou pesadelo. Não vale a pena! Não vale! O meu desgaste foi muito maior do que eu ganhei. Do que eu ganhei não tenho nada. É uma coisa interessante o ouro. Ele só tem valor dentro do garimpo, pra vida da gente, fora de lá ele não tem valor nenhum. Exemplo, são as pessoas que construíram verdadeiras mansões em Santarém com ouro, e hoje, estão vendendo a preço de banana. Porque não tem quem compre. Então, são

peessoas que estão passando fome, estão passando necessidades. Eu tenho um garçom aqui, o Passarinho, ele cansou de pegar quilos e quilos de ouro. Fretava avião, fretava avião: - 'Vamos pra São Paulo.' Passarinho, Deus o livre, teve muito ouro na mão, quilos e quilos. Mas, mulher, bebida, bagunça acaba, acaba tudo... então, o ouro só tem valor lá dentro do garimpo. Pode até construir um patrimônio, mas ele vai sumir de repente. É incrível! É incrível! O meu desgaste foi muito maior. Na época eu tava com uns vinte e tantos anos, quando eu cheguei aqui doente, eu cheguei pesando uns quarenta e sete quilos. Então, eu te pergunto agora: - 'Valeu a pena?' - 'Não!' Porque eu quase perdi a minha vida por um metal que hoje não diz nada pra mim. Então, não valeu a pena, não valeu. O ganho não compensou o desgaste. Das pessoas que eu conheci no garimpo, de algumas eu tenho notícias. O Carioca, o Carlinhos, que foi quem viajou comigo pra Serra Pelada, no começo eu te falei sobre ele, um amigo que eu estava lá, infelizmente, morreu de AIDS, devido ao uso constante de drogas no garimpo. O Piauí era meu apontador, estão no Maranhão, eram maranhenses, foram embora. Eu os reencontrei em Belém do Pará, são comerciantes agora, são o que eles chamam de prestação, aqueles vendedores que saem de porta de em porta, vendendo rede. Eu os encontrei em Belém. Os outros garimpeiros que trabalhavam comigo não, não sei. O Ronaldo tinha uma pista de pouso, hoje ele vive perambulando pela cidade, parece que ele foi agora pro nordeste, ele é nordestino. Enfim, ele tinha uma casa que vendeu, comprou um carrinho por lá, também tá vendendo bugingangas, mas ele tinha uma pista de pouso. Garimpo do Ronaldo, ele tinha uma pista, muito mais que eu, porra! Ele tinha um garimpo que tinha uma pista dele, entendeu? Ele tinha ouro, tinha dinheiro... Por isso eu te digo que não compensa, não justifica e, geralmente a consequência é morte, é falência. Hoje, graças a Deus, Santarém já não recebe influência do ouro. Graças a Deus! Porque quando sofria influência do ouro, você via muito crime de encomenda, muita morte, muito assassinato na cidade: Era lei do cão! Então mudou, nesse sentido mudou. Santarém vai crescer e vai se tornar um grande pólo de exportação. Tenho certeza disso. É preciso que se trabalhe muito ainda, tanto na área social como na política, uma está ligada à outra. Eu espero que as pessoas olhem um pouco mais pro lado daqui, sabe? E não fiquem só pensando: - 'Ah. Só tem índio. Só tem jacaré!' Não, é mentira. Tem muita gente boa nessas terras aqui, é que elas são esquecidas. São tratadas como animais, por isso elas vivem como animais. Tenho certeza que se voltasse um pouquinho pra cá, um pouquinho só o olho pro lado deles, eles se tornariam um pouco mais seres humanos. Tenho certeza disso! Quero

dizer obrigado, eu espero tá podendo ajudar, e que esse teu trabalho traga ótimas conseqüências que ele traga resultados, porque eu não vou me dirigir a você, especificamente, você vai me desculpar, mas, infelizmente, muitas pessoas já passaram por aqui, muita gente já fez tanto trabalho, que puxa! – ‘Não agora vai.’ Sabe? – ‘Agora vão ajudar a gente.’ Acaba tudo como antes, e continua tudo como antes. Infelizmente, não muda nada, e as pessoas continuam esquecidas, as crianças continuam esquecidas. Já temos muitos meninos de rua. Sabe qual é o futuro deles? Eu vou te dizer qual é o futuro deles: ou vai ser estivador, ou ele vai ser trombadinha, ou ele vai ser assassinado pela polícia, ou ele vai lá na zona garimpeira. . Vai pra zona garimpeira que é o único refúgio que ele vai ter. Sem estudo, sem amparo social, é o subterfúgio: ou o crime, ou a marginalidade social, ou o serviço brutal, o serviço de força. Que a gente tem que dar valor, tem, mas não é isso que a gente quer pras pessoas. O homem merece ser mais feliz com certeza!’”

ENTREVISTA Nº 2**Informante: Sr. A.a****GARIMPEIRO**

“Eu vim pra cá pra Santarém em 1961, eu trabalhava no Amazonas, fui funcionário da PETROBRAS por dois anos, depois da PETROBRAS houve uma instabilidade na minha vida, eu era muito jovem com, calculadamente uns dezoito anos. Eu jogava um pouco de futebol, e nessa desestabilização, metido entre vícios, drogas, etc eu vim. Saí do Amazonas, viajei pra Anacon, estive na Venezuela, e trabalhei pra Standard Oil, depois voltei pra Belém. Em Manaus teve um caso comigo, mas um caso torpe, não de problema de polícia, nem de alguma coisa que minha conduta moral fosse abalada. Aí eu voltei, fui pra Belém, trabalhei na Tágide, depois num escritório de representações de peles silvestres, pra fazer contratos de importação e exportação pro exterior. Então eu trabalhei lá, eu fazia... eu era uma espécie de intérprete, traduzia as cartas do francês e do inglês, mesmo sem falar nenhuma das línguas, mas eu lidava bem com os dicionários e conseguia traduzir as cartas, por isso eu trabalhava pra essa empresa lá. E depois, um dia, eu encontrei um amigo que tinha trabalhado comigo na PETROBRAS, nós fomos torristas e sondadores também. Ele me convidou, pelo fato de estar no garimpo, e nessa altura estava com doze quilos de ouro, e me contou que tinha montado uma firma lá, que estava muito rico, e me perguntou se eu queria ir trabalhar com ele, lá. E eu fui. Justamente eu estava hospedado no King Hotel em Belém, eu sempre ganhei muito bem, e vim pra cá pra região do garimpo. Foi o primeiro garimpo aqui que nós fomos fundar. Eu fui pra lá pra fundar uma empresa garimpeira, quer dizer por questão de eu tr uma cultura eu fui ser gerente de uma organização. Então nós saímos de lá com cento e poucos homem e oito toneladas de mercadoria. De Belém, viemos pra cá, encostamos aqui no porto, pegamos mais cento e vinte homens aqui e daí, fomos pro Tapajós. Naquela época não tinham aviões ainda, quer dizer tinham esses grandes, não tinham táxi aéreos que fizessem vôos pra lá, que hoje nós temos. Então eu fui pro Marupá, garimpo do Marupá. Daqui ao Marupá tem. Calculadamente, uns mil e quinhentos quilômetros, e lá ficamos quase três anos. E eu perdi esses três

anos dentro do garimpo. Perdi por causa de trapalhada de patrão. E nessas alturas, ele também fez trapalhada com as pessoas.; levou ouro pra São Paulo, não deu conta... esse moço... depois ele morreu, Ë de uma família muito nobre do Amazonas os Miquires. Foi pra São Paulo, de lá de São Paulo tomou rumo, até que por fim ele teve um fim muito triste: morreu de cirrose hepática. Bom eu fiquei aí na região, e aí fui pra outros garimpos... Aonde eu chegava nos garimpos, eu sempre gerenciava, devido a cultura que tinha, era muito versátil, sabia me comunicar, e trabalhei pra várias empresas lá. Trabalhei para uma empresa radicada em São Paulo, que era a Agro Colonizadora de Seringa Ltda, que pertencia a um cidadão paulista, chamado Lino Marquete, e eu gerenciava essa empresa lá, nós tínhamos quatro mil homens lá. Ela mexia com garimpos. Depois eu fui pro Rio das Piranhas, trabalhar com o Mariano Coelho, outra empresa muito rica que nós tivemos aqui, fazíamos uma base de oitenta, cem quilos de ouro por semana. Depois trabalhei com o Arquimedes Mesquita, também outro garimpo muito rico que nós organizamos. Naquela época ainda não era maquinário movido a motor, era manual todo o processo de extração do ouro. Depois, eu comecei a trabalhar por minha conta. E isso, esse curso todo veio até 1994, desde 61 a 94, ou melhor, até 91. Eu comecei a trabalhar por minha conta e até 94 eu fiz uma espécie de uma base, que estava mais ou menos. Mas, houve em 94, houve um sumiço de ouro da região, parece assim uma fase com a da vaca quando suspende o leite e esconde o leite do filho! Isso até agora. Então quem tinha o recurso acabou. Eu por exemplo, eu trabalhava com decoração, e eu parei nesse tempo e fiquei comprando ouro, comprava ouro pra várias empresas, mas por minha conta própria. E aí quando começou o fracasso do ouro, não tinha mais ouro e eu comecei a gastar o meu dinheiro. Mas quando eu organizei o meu escritório, um escritório bem organizado, só...de que chama aqui... de primeiro mundo com computadores pra classifica o puro, na hora que você compra o ouro, depois de fundido o ouro. E eu resolvi, já sem condições nenhuma de manter o escritório, eu fui obrigado a vender o meu material. Agora vender pra quem? Todo mundo no fracasso. Então, ainda era muita sorte, quando eu conseguia vender pra um outro. E quando vendia só recebia uma parte do pagamento, o outro não recebia porque o cara não tinha mais nada. Tava todo mundo, aqui na região chama, blefado. Quer dizer: o elemento entra numa fase que ele fica sem nada. E muitos ainda têm sorte de ficar como eu fiquei, e outros perdem o crédito, perdem tudo! Eu estou abalado até hoje, eu não consegui mais estabilizar meus negócios. Porque hoje os juros aqui, a gente vai emprestar um dinheiro, é de quinze a

vinte e cinco por cento, e as mercadorias e as mercadorias que você compra ou vai produzir não tem condição de ganhar nem dez por cento. Então é claro que isso vai acarretar problemas, e você vai ficar descredibilizado totalmente. Então eu tô com minha família aqui, eu sou um mini-empresário, mas que não tem nada! Eu tenho seis máquinas, inclusive uma industrial, e as outras são máquinas menores, eu trabalhava com decoração, não se faz mais cortinas, não se decora mais nada. As condições de Santarém são péssimas. Nós estamos esperando uma tal de eletricidade em outubro, que vai vir, mas isso aí, se vier... tá causando prejuízo, a gente não pode arcar com um compromisso com determinada pessoa por causa do problema da luz, falta luz todo dia. (Santarém e uma grande parte do Estado do Pará viviam o racionamento de eletricidade nesta época). Nós já chagamos a ficar sem luz aqui por dezoito horas, e hoje nós estamos aí com a mesma base. Todos os dias, agora é dia 31, tá faltando todos os dias, quatro horas de luz. Quer dizer que isso acarreta um prejuízo de material. Fica um negócio de liga, desliga. Um tal de acende e apaga. Irresponsabilidade da companhia, né? Pode ser que agora privatizada, pode ser que melhore, ou piore. Então nós estamos assim nessa situação. O governo não olha pra cá! Essa parte do Brasil é o lugar mais rico que nós temos, do Brasil, e é a parte mais esquecida pelos governantes. Eu sou a favor do Presidente Fernando Henrique Cardoso, pra mim ele foi um dos homens, um homem crente que Deus está usando pra colocar o Brasil na sua posição. Que deve ser um país muito rico, um país credibilizado. Sou a favor dele da reeleição dele, pra ele dar continuidade a esse processo que ta colocando o Brasil no seu devido lugar. Mas ta faltando muita coisa. Porque os governantes daqui do norte são corruptos, corruptos. Pode colocar o meu nome aí, mas pode colocar mesmo, que eu não tenho medo de ser chamado à atenção, pra dizer se lese são. Porque eles são mesmo! Se eles fossem homem de seriedade, eles podiam até dizer assim: - 'Nós somos mesmo! O que esse moço tá dizendo é verdade.' Porque aqui, a corrupção aqui... só tratam deles.. Quando eles vão, por exemplo, esse moço aqui é prefeito, uma comparação, nós não estamos falando aqui, do prefeito atual, 'qualquer prefeito numa cidade, terminou o tempo dele, quer dizer que tudo o que ele fez, quer dizer que daqui há um tempo, um ano vem a denúncia: - 'Fulano roubou.' Mas isso aí é, simplesmente, pra ele roubar também, no fim fica tudo em nada. Temos aqui dono de frota de embarcação, de tudo, cara que não tinha coisa nenhuma, era um pé de pau, mas tá rico! Mas ninguém pode falar deles, que se falar, ainda vai preso ainda. Aqui ainda convive conosco o crime organizado. Mesmo que aqui dentro do mato não se pague regularmente os impostos, mas nós

pagamos impostos em tudo que se compra, qualquer mercadoria. Tinha dono de garimpo que antes nunca teve nada, possuía seis sete aviões, prédios, etc. Vá na cidade de Itaituba, verifique onde andam os preços. O governo nunca viu isso, nem sabe que existe Itaituba. Ele pode saber se olhar no mapa e ler ITAITUBA, que ele num sabe nem o que é isso. Essas cidades aqui foram o vislumbre das manchetes de jornal: 'Pepita do Tapajós.' Hoje não são nada! Não tem um governante que olhe pra isso aqui. Nós tamos sem luz aqui, nós tamos com o quê? Nós tamos com um ano sem luz em estado de calamidade pública. Até hoje, aqui Santarém não sai do estado de calamidade pública. Por quê? Por causa dos governantes! Vivemos sofrendo as conseqüências aqui. E os políticos tão aí. Você assegura uma política pra defender seu estado? Pra representar seu estado? Se não, é apenas quatro anos de ordenado fixo! E aqui o pessoal fica sofrendo. Nós estamos nessa situação. O governo, aqui pra nós, se, por exemplo, acontecesse... Olhe, eu, por exemplo, já foi na minha casa esse prefeito atual, foi nas casas perguntar quem queria trabalhar que lê iria arranjar dinheiro, etc. Tudo mentira, mentiroso! É nojento. Uns homens desses, são mentirosos! Eu fiz um cadastro, várias vezes, depois eu fiquei com medo, porque eu vi em São Paulo, um surto desses cadastros, que era feito pra você abrir uma firma e pedir dinheiro, depois o seu nome era usado e diziam que você tava inadimplente, há não sei quantos anos, devendo não sei quanto de imposto, sem você nunca nem ao menos ter visto aquilo. Então eu fiquei com medo e chamei um amigo meu que tem lá na prefeitura, por sinal pertence a mesma entidade religiosa que eu pertença, que é a Assembléia de Deus e disse; - 'Olha tu avisas o prefeito que ele tenha cuidado com esse pessoal que ta vindo nas casa, eu mesmo já fiz quatro cadastros e eles nunca, nem ao menos....' Dizendo que: - 'Eu venho pra semana.' Venho não sei quando, quer dizer enganando a gente. Quer dizer pra mim? Que eu não sou de denunciar, mas isso aí é uma vergonha! Nós estamos sofrendo essas conseqüências. O garimpo acabou. Hoje, você indo nos garimpos... Eu conheço todo mundo que tá lá trabalhando: estão simplesmente sobrevivendo, sobrevivendo mesmo. Os garimpos tão no fim. Sabe quantos anos tem Santarém? Trezentos e trinta e sete anos de idade. Tá de cabelos brancos, tá morrendo! A época do ouro era melhor. Pelo menos, numa hora dessas, se fosse há cinco, dez anos passados, você não tinha condições de fazer um trabalho desse aqui (refere-se à entrevista na frente da cidade), que surto de gente era muito grande aqui. Pra você ter uma idéia, Santarém caiu, vou botar por baixo, uns oitenta por cento, oitenta por cento no seu potencial de comércio. Isso aqui, quando era lançada qualquer coisa no Rio, São Paulo, no mundo das coisas

boas, Santarém era privilegiada. Isso falando em carro, em qualquer coisa sofisticada que saísse, desde avião. Esses aeroportos por aqui tinham trezentas aeronaves de Josés. A gente trazia gente de Belém e chegando aqui, a gente fazia propaganda no rádio e convidava quem quisesse ir pro garimpo pra enricar. Logo no início, foi tudo tranqüilo Depois de um ano começou a entrar as mulheres. A necessidade fisiológica das pessoas fez isso e aí, o problema começou a acarretar: começou os crimes. Todos os crimes tinham que ter uma mulher no meio... Às vezes eu assisti... eu nunca fiz isso, porque nunca fui homem disso, meus pais me educaram de uma forma que eu respeitasse muito as pessoas, mas eu vi, vinte, trinta elementos pegarem uma mulher e saírem com ela pra currar. E depois, saíam com ela, assim exibindo, carregando ela em cima. Essa mulher nessa vida fazia tudo, e esses crimes nunca foram nem ao menos denunciados! Hoje nós estamos conversando isso aqui porque já passou isso aí. Essas pessoas, inclusive, já morreram. Basta dizer que eu tenho sessenta e dois anos e naquela época eu tava jovem lá dentro, Então, essas coisas, e outras piores. Eu morei num garimpo que morria gente todo dia, quando não morria um, morria dez, doze, treze. Chamava-se Cuiú-Cuiú, Eldorado Maldito! Essas foram manchetes de revistas internacionais: LIFE, TIME...E o motivo: morte, Crime por qualquer coisa. Você chegava numa boate e, geralmente começa tudo numa boate, não era uma boate de cimento não, era chão batido, então o cara chegava, dançava com a mulher aqueles ritmos alucinantes, era chá-chá-chá, rock, iê-iê-iê', e aquilo ali alucinava, com bebida, tóxico, porque tóxico sempre existiu. Como hoje, por exemplo, aqui em Santarém, aqui é passarela do tóxico. Não sei se você já viu e sabe, você que trabalha com isso, porque tem um adágio que diz que pra bom entendedor, meia palavra basta, então de onde você estiver sentada aqui à noite preste atenção, que a comercialização aqui é na cara. Aqui eles não respeitam nem os cidadãos. Essa comercialização aqui do porto, isso tudo aqui tem conotação. Aqui tinha um hotel, que tinha muito a dizer, mas foi eliminado. Lá nos garimpos, tinha tudo lá, a própria polícia comercializava os tóxicos. E infelizmente não se descobre e... Nós estamos no Brasil com a vergonha nacional! Eu fui jovem, e achava que por ser jovem, eu não precisava de casamento, porque onde eu chegava eu tinha mulher. Eu era bonito, todo jovem se acha, e eu me achava bonito. As mulheres gostavam de homens valentes e eu era bom de pau. E, no meio social, eu gostava também, isso me ajudava aonde eu chegar ter mulher. Mas eu cheguei ao ponto de uma droga, eu sempre fui, eu sempre usei tóxico clássico, que o próprio governo assinava em baixo, me dava o respaldo pra eu usar que são os psicotrópicos, e eu

comecei a usar e me viciiei. Eu fui amigo de vários médicos, e eu comecei nos hospitais. E nesses hospitais eu fui reconhecido e ganhei o título de enfermeiro regional, depois fui representante de laboratórios, fui representante de laboratórios, e tudo isso contribuiu pra estabilizar a vida no tóxico. E eu, quando cheguei a um determinado ponto, que eu endoidei e acabei com tudo o que eu tinha, eu fui por zero. Já depois dos garimpos, 68, 69, 70, época em que eu me converti ao evangelho, aí o Senhor fez uma misericórdia em mim, eu fui curado radical de uma cirros hepática, por meio de um milagre de Deus. Eu desacordei: você não toma dois Valium, e eu tomei um vidro com dez comprimidos. Dormi trinta e sete horas! Ninguém acreditava nisso, que era pra eu morrer mesmo. Depois disso ainda passei onze anos na minha vida de evangelização trabalhando, e um dia por necessidade mesmo, o próprio Deus não fez ninguém pra viver só, e eu sempre gostei de mulher, achava que precisava me completar e eu me casei. Eu tinha quarenta e seis anos e me casei com uma moça de dezenove anos. Hoje ela tem trinta e sete anos e nós temos três filhos. Uma com quinze, uma com treze e a outra com dois meses. Hoje se eu tivesse filhos e não filhas eu ia lutar com todas as minhas forças, como um bom pai que eu sou pras minhas filhas, assim como eu aconselho elas, eu lutaria pra que eles nunca se aproximassem de um garimpo. Talvez eu tivesse que apelar até como um esmoléu pro governo, pra dar uma bolsa de estudo aos meus filhos. Eu também estou sofrendo, minhas filhas não estão mais estudando em colégios particulares. Hoje eu tenho dificuldades pra manter as minhas filhas, porque eu não tenho condições de trabalhar nem com o um maquinário. E eu tenho uma filha com quinze anos que está na primeira série do segundo grau, outra com treze anos na oitava série, e eu, com dificuldades O governo não dá livro, o governo não olha pra essa coisa. Então nós estamos sofrendo. Uma situação muito difícil! Se um dia acontecesse, de Deus fazer com que eu chegasse aos ouvidos do presidente com simplicidade, daquilo que a gente tá falando aqui, a verdade, a realidade: o Brasil tem tomar conhecimento dele próprio, de tomar conhecimento do que nós somos aqui. Porque no sul, aquele povo de cidade, eles não sabe que existe isso pra cá. O pessoal do meu tempo, a maioria já morreu, Morreram uns acometidos de doença, outros porque viraram bandidos e morreram bandidos, homens por sinal de muito respeito, se transformaram. O dinheiro os transformou! Meus amigos! Eu conheço um homem aqui, ele está no garimpo hoje, é chamado José Cândido de Araújo, conhecido José Arara, o homem que mais pagou impostos, no Estado do Pará. Esse homem tá esquecido no mato, está num garimpo chamado Garimpo do Patrocínio. Se você puder pegar essa

parte aqui e depois mapear elas e mandar pras autoridade, eu estive em Marabá, juntamente com ele, nós fomos presos, eu tinha escritório de ouro lá, nós fomos presos e este homem perdeu mais de seiscentos quilos de ouro. Esse homem era uma potência, hoje ele tá lá no mato. Perdeu por perseguição. Quando eles viam os garimpeiros, se organizavam, eles começavam a saquear: então prender um ladrão de galinha, ele é o cara mais tolo pra gente pegar ele. Então você sabe o que é prender um ladrão de banco que sabe fazer cálculo. Ele já vai com tudo pronto. E se ele for pego ele diz: - 'Eu não sou!' Porque ele já tem uma trincheira de advogado pra defender ele. Mas esse cidadão tá lá no mato, com vergonha de sair, com vergonha dele mesmo! Porque um homem como ele estar no mato! Ele comprava o ouro dos garimpos na própria Caixa Econômica Federal! Então eu não espero nada do governo, porque ele não vai olhar pra mim: eu estou inadimplente com a luz, eu estou inadimplente com tudo!"

ENTREVISTA N° 3**Informante: Sr. P.****GARIMPEIRO**

“Eu sou natural de Arapiuns, nasci lá e fui criado aqui. Estudei aqui no Frei Ambrósio até a sétima série, aí como ... é recurso, né? Financeiro, né? Aí parei de estudar pra poder trabalhar, comecei trabalhar com quatorze anos. Mas eu comecei a garimpar com dezenove anos. Garimpei em diversos garimpos do Tapajós: Marupá, Creporizão, Gimanchi, diversos, quase todos, e me dei muito bem. Mas, é difícil, agora o ouro acabou né? Não existe mais ouro, quer dizer existe, mas pouco. É conforme o tipo. Garimpeiros foram aumentando, foi muita gente de fora, aí acabou. Quer dizer que não adianta você ir pro garimpo pra tirar dez grama de ouro por mês, num cobre a doença que você pega lá, entendeu? O problema é isso. Quando eu fui, eu não sabia garimpar, eu fui pro garimpo como cozinheiro. Como cozinheiro porque eu já tinha experiência de restaurante, de garçom, né? Aí meu irmão me levou. Aí eu cheguei lá, e eu por curiosidade, fui tentar mergulhar, aí passei pro garimpo. Era de mergulho, mas eu sei trabalhar em todo tipo: de mergulho, terra, qualquer coisa, não é difícil. A vida de garimpeiro, por exemplo, trabalha com uma equipe de oito rapazes, ou seja, oito homens, né? Ali é uma equipe. Por exemplo, eu trabalho numa balsa com oito rapazes, aí o meu quadro é quatro, então nós somos colega ali, assumindo junto, comendo junto, se a gente vai tirar o produto, então o dono, o gerente, vai pagar aquela importância, digamos assim, trinta por cento, entendeu? Se eu tirei cem gramas de ouro, então ele vai tirar trinta por cento e dividir entre os quatro, certo? Então a gente ganha uma comissão lá, e o cara, ainda paga na hora, lá. Agora esse negócio de convivência com prosti...prostituição é arriscoso. Você vai, você vai pra se divertir, aí tem outro lá que não quer se divertir, ele tá lá pra destruir de qualquer jeito. Começa a beber, aí pronto, começa a matar as pessoa. Esse é o perigo, porque nas balsa não tem perigo, ficam três, quatro balsa emparelhadas, aí a gente trabalha com um equipe lá no fundo, até se comunica, conversando e tal, dando sinal, num há perigo assim, quer dizer numa água que nem essa aqui (mostra o Rio Tapajós), numa água mansa. Agora, é perigoso numa

água funda, porque você tá no fundo, por exemplo, quinze, dez metros, onde você num sabe, até o sinal pro colega que tá lá em cima é difícil. Isso fica perigoso em águas funda, que a gente num vê os colega da gente. Perto da gente e a gente num vê. O mercúrio lá, eles trabalho avulso queima assim, eles num tem uma proteção, não tem nada, é perigo. Agora lavagem n'água, ali, os peixes tá recebendo tudo. Então eu vi os peixe se retirar, sumir, porque depois que começaram negócio de garimpagem diferente, depois que tiraram esse negócio de balsa, que usavo o bico jato, né? Então o rio ficou demais poluído. E, esse Tapajós aqui, recebe tudo, por exemplo, Creporizão, Marupá, esses outro rio pequeno joga tudo. Então ele que recebe tudo. Talvez de lá de cima, se tivesse que morre peixe já tinha morto até de Santarém. Por exemplo, tempo de inverno, tempo de chuva grande, traz tudo. Hoje, a maior parte dos garimpos já fecharo, devido à condição financeira que não tem mais e a quantidade de ouro já sumiu. Como acabei de dizer que dez gramas de ouro por mês é prejuízo, e muito! Dez grama de ouro você ganha aqui, numa noite você ganha dez reais, o sujeito vai pro garimpo pra ganhar dez gramas de ouro num mês. E chega aqui num vai nem cobrir a despesa, sujeito chega aqui com uma malária, ou uma doença qualquer. Eu já peguei muitas malárias, que já fui até em São Paulo me tratar uma vez. É por isso que eu deixei, abandonei, não tive condições. Minha família morava toda aqui, agora to só eu e a minha esposa o resto tá tudo em Manaus. Eu tenho trinta e nove anos, comecei a trabalhar em garimpo com dezenove, e parei com vinte e oito, vinte e nove, por aí assim. Eu era solteiro, e casei depois que eu voltei pra cá pra profissão de garçom de novo, aí eu me casei. Hoje eu tenho uma filha com quatorze anos e três meninos: um de sete, um de seis e um de cinco. Não quero nenhum nessa profissão de garimpeiro, só se for da vontade deles mesmo, porque é muito perigoso, num aconselho ninguém a pegar. Porque, primeiro que vai pegar uma malária, vai pegar uma doença, que agora tem tanto tipo de doença, que agora a gente nem entende mais como é, o garimpeiro, né? Então, eu não aconselho ninguém, tanto faz a parte de doença como o próprio colega de vocês, ir matar por lá. E às vezes você tá doente, por exemplo, como o rim, aí morre por lá mesmo! Até eu vim de lá, já tinha SUCAM, ela já andava borrifando. Mas o foco de carapanã de malária é muito grande, porque a mata é muito, né? Todos ponto de igarapézinho, eles tão por lá, e ela não dão conta. Você chega no garimpo, onde tem uma arara com uma bóia, aí você já tá pegando aí você tem febre, aí você pra cá, aí pronto. Se você pegá uma foto, você vai fica diferente, a sua cor, você fica roxo, se você é clara você vai ficar preto. Depois que eu peguei essa falsípes (refere-se a malária

falsípóra) que eu fui pra São Paulo, quase eu morro. Se não fosse o meu tio eu tinha morrido. Ela conseguiu que eu não fosse mais, porque se eu fosse tentar de novo eu ia morrer. Minha tia que mora em São Paulo que veio me buscá, aí eu passei uns quatro mês pra lá. Quando a gente adocece, a gente faz tudo pra sair. Aí eles dizem: - 'Olha o amigo lá, tá sem condições, vamo fazer uma vaquinha aqui, uma cooperação pra ele.' Aí a gente faz pra ele sair. Se ficar lá é pior. Antigamente, antes, se você tinha um pedaço de terra, aí você pedia, esse trecho é meu, digamos cem metros, duzentos metros, aí o cara ali é dele, é por obrigação respeitar o lugar do cara lá, então o cara mede ali, não é comprado, nadinha. O cara que tirou pra ele lá, isolou, então ele fica trabalhando até terminar o serviço dele. Ninguém entra não, a não ser que ele venda pra outra pessoa a terra. Se alguém invadir, pode dá morte, mas ele pode negociar, vender, dar pra outros cara lá. Se ele quiser tentar de novo ele volta lá. Porque tem gente que trabalha aí só dá prejuízo. Por exemplo, o óleo, a comida, se cara tira um barranco e não tiver nada, aí ele vai pro beleléu, não tem dúvida. Eu tenho amigos aí que foram bem de vida e agora num tem nada. Foram tentá vida e... Na época em que eu comecei de 80, 81 até 85, eu pegava na faixa de cem, duzentas gramas num mês, e era fácil, aí depois que apareceu o bico jato, foi ficando difícil. Aí foi o tempo que o pessoal dero em cima aí, de onde se tira e não se pó acaba, né? E o trecho que tinha ouro lá, era pouco, era pouco pra tanta gente que entrou de fora. Então todo mundo tirando um pouquinho, um pouquinho, acabou. E agora você vai num garimpo não tem mais nada. Ainda tem muita gente pra lá. Nos garimpos que eu andei naquele tempo, era só as barraquinhas de plástico, com algumas bobagens, agora você vai lá, e já é cidade, vilas, tem muita gente. Já tem muita casa de madeira, já tem casa de alvenaria, prisão de cidade. Lá no Marupá, onde eu andava agora a gente vê aquelas pista. Tudo gente que mora mesmo. A maioria são pessoal do Maranhão, e pessoal do Ceará. Dos poucos que trabalhavam comigo eles vieram porque eles contavam a miséria lá, sabe? Porque é muito difícil serviço de colono, tem que sustentar a família, né? E, num tem condições, de fazer a roça, e às vezes num choveu, num dá nada, o jeito era vim se arriscar. Alguns deles comentaram que tavam bem. Se você for a Ituaítuba a cidade alta, assim é só maranhense. Os que vieram num tinham mais condições de voltar, abandonaram as terras pra lá. Já tem terra aqui, aí eles mandam buscar a família que eles deixaram lá. O garimpo acabou mas eles já tem um comércio, uma colônia. Quer dizer que aqui, no Pará, pra eles tem mais condições de eles fazerem serviço de agricultura, do que lá. Porque lá não tem mais terra, num tem mais mata pra trabalhar.

Por isso pra alguns deles é preferível vir pra cá. Por exemplo, de Itaituba até na divisa do Pará com o Mato Grosso, pra ali só gente de fora. Você não vai dizer que tem paraense ali, que não tem. Só gente do sul, nortista a gente não vê, é só gente do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, mas é isso, do sul. Lá você vê assim, crianças lindas, lourinhas trabalhando na roça.... Aqui tá difícil mesmo, a questão da energia e da água, porque numa cidade como essa aqui com o lençol de água que tem, não era pra ter problemas de água, nem de energia. Isso aí, eu acho que é força política, num sei... Se melhorar a energia e a água, que o pessoal anda doido, porque aí vai ter as indústrias, vai aparecer mais emprego. Se melhorar essa duas coisa e se abrir as estradas aí melhora. Eu só voltava pro garimpo se fosse o ano de 80, 81 mas agora não tem condições mais da gente ir. Porque o ouro ele tá desvalorizado. Naquele tempo o ouro, digamos assim, hoje ele era pra tá cinquenta reais a cem reais uma grama de ouro, hoje você vai com uma grana de ouro ele tá oito reais, né? O do garimpo. Se você vem entrega pro cara que vai comprar, o cara taca o fogo lá e já vira aquilo. Se pesar cem grama ele taca o fogo e já perde dez, vinte grama: aí então é terrível! Naquele tempo não existia isso, a falsificação de ouro, hoje não, é tudo falsificado. Hoje tudo o que eu tenho, eu só tenho de garimpo a casa da minha mãe que eu mandei fazer e tenho um barco que é meu, igual aquele ali que vai passando, é dos meus irmãos, é a única coisa que eu ainda tenho. Agora o resto, tudo é só do meu serviço, aqui dessa minha função (garçom do bar mais famoso da cidade). Eu prefiro isso aqui, porque garimpo, como eu falei não tem mais condição. Você vai vender uma coisa, pra cê ir, chegar lá e não ter retorno. Ainda fica isolado da família, e a família fica preocupada. Aí o garimpeiro vai pra passar dois, três mês... e como é que ele vai deixar essa família dele aqui? Passando fome? Eu que como tenho família... em que eu não tivesse, eu não arriscaria mais. Hoje eu vejo gente que deixou o garimpo andando na rua que não tem emprego, não tem profissão, pra lá não tem mais condição. Eu conheço gente que tá vendendo picolé na rua, que foi bem de vida, dono de balsa. Num chegou a aplicar talvez, né? Então é isso!...A senhora precisa conhecer a região aqui, tem paragens aqui no Tapajós, Arapiuns, que é muito lindo, é um paraíso, chega a gente fica besta de ver.É aqui perto, mais duas horas de barco e a senhora já vai tá chegando lá.. (refrindo-se a sua localidade de origem) É isso..."

ANEXO III

TÉCNICOS DE NIVEL SUPERIOR

ENTREVISTA N° 1

Informante: Prof. Dr. Cristóvam Picanço Diniz.

PESQUISADOR DA UFPA

“A Universidade Federal do Pará, na tentativa de construir, nos campi do interior, alguma coisa que fosse de fato integrada aos problemas daquela região, ela passou a tentar consolidar núcleos de atividade, que permitissem atacar o problema da produção do conhecimento, ali, ao invés de, simplesmente, transportar uma escola de ensino superior que não contivesse a face da educação voltada pro desenvolvimento regional. No caso de Santarém, especificamente, isso se materializou, através de uma cooperação importante entre os professores da Universidade [UFPA], e os professores da Universidade de Quebec à Montreal. Esse projeto, ele tinha a seguinte fisionomia: um forte componente de formação de jovens biólogos, ecólogos; enfim, pessoas voltadas para a análise do ecossistema – e aí, ecossistema entendido como uma área multidisciplinar – que, simultaneamente ao seu processo de formação, incorporassem o problema da região como objeto de sua instrução. Então, a biologia, propriamente a bio-geologia, com o impacto ambiental gerado pela mineração nucleou dois grupos temáticos de investigação, lá. Um, voltado pra biologia da saúde humana dos ribeirinhos, que, de uma forma direta ou indireta, acabavam sendo afetados pelo impacto ambiental; e outro, voltado para o entendimento dos ciclos de contaminação ambiental dos leitos dos rios, da água, da atmosfera, da vegetação e, também, da vida aquática, de maneira geral. Bom, esses dois núcleos temáticos começam a criar programas, de longo prazo, de iniciação científica, de especialização e, agora, de pós-graduação senso estrito, numa cooperação densa – Santarém, Belém e Universidade de Quebec, em Montreal – pra formatar o que a gente tá chamando de GDPs, ou Grupo de Docentes Pesquisadores, da região pra região... A nossa experiência anterior apontava que a tentativa de integrar gente de fora da região durava muito pouco tempo. As pessoas iam, faziam a sua investigação, e, tão logo aparecia oportunidade de fixação em torno do epicentro de origem, eles migravam. Então, a Federal do Pará começou a trabalhar outros campi. Por exemplo, Bragança, agora, formatou um grupo voltado pro

estudo da Biologia do Mangue, seu aproveitamento econômico e sustentado, pra evitar a exploração predatória daquela região da Foz [do Rio Amazonas]. E, aí, um grupo grande de biólogos migraram pra Bragança, formando um time de investigação e formação de recursos humanos, que dará origem ao que a gente chama de um Curso de Biologia Oceânica, envolvendo, agora, uma cooperação com o grupo alemão, através do MADAM. Então, essa sensação, que a gente tem, é que quando o grupo de pessoas a ser formado e o objeto da investigação é voltado pro lugar, pra Geografia Humana e Física, onde a Universidade tem o seu campus, o impacto – aí, o impacto não ambiental – mas o impacto de transformação social, que a Universidade passa a gerar, se completa. Então, veja: no modelo da interiorização, num longo prazo, a idéia é atacar diversos problemas da região, consolidando produção de conhecimentos e fixando pessoas da região pra região. Esse modelo, agora, vai ser desenhado pra Engenharia Metalúrgica, no sul do Pará, numa cooperação UFPA, UFMG e Vale do Rio Doce. Então, você pode imaginar, o que é que a exploração colonizadora extrativista predatória – como é, por exemplo, a exploração mineral, no sul do Pará; como é por exemplo, a exploração do alumínio no Trombetas – pode gerar pra uma região, quando até os empregos qualificados que ela gera são preenchidos por engenheiros contratados em outras praças. E, de outra maneira, o compromisso é um compromisso efêmero, que guarda uma relação com a região, como se lá fosse, pura e simplesmente, um depósito de recursos minerais. Caricaturando, eu lhe diria que cheguei a pensar [ri], tal é a forma de relacionamento interno que a Federação guarda com a Amazônia, que, idealmente, eles gostariam que aqui não houvesse gente. Que, de preferência, as pessoas que cá estão devessem ser removidas para não atrapalhar a floresta. E, durante esses anos todos, eu tenho tentado documentar, pelo menos na área acadêmica, onde eu estou mais proximamente situado, o que é que isso representa, do ponto de vista de prejuízo, pra cidadania, do prejuízo do pacto federativo. Porque a gente passa a ser considerado como uma região, cujo interesse pro Estado [brasileiro] é, pura e simplesmente, reserva. E o risco que uma região assim tratada corre de procurar outros interlocutores... Eu vou te dar um exemplo: o governo do Amapá, tão insatisfeito está com o Pacto Federativo, que está puxando todo o suporte que ele precisa da Guiana [Francesa]. Então, a Universidade está como instituição de liderança, na formação de quadros técnicos pro desenvolvimento regional, extremamente preocupada com sua mudança de relacionamento, que, agora, deixa de ser, pura e simplesmente aquela formação de professores, pra formação de docentes pesquisadores, que de fato

comecem a concentrar suas energias em objetos de dissertação e tese, que sejam eco da nossa região. Ao invés de a gente ter que migrar pra fazer as nossas teses doutorais ou de mestrado, em outros estados, com outros objetos de investigação... Agora mesmo, o PICDT, depois de uma longa discussão e ilustração dos fatos que a gente ofereceu pras agências, ele vai mudar sua face. Ele, ao invés de financiar programa de longa duração, que desloca o professor pra lá, e quando ele volta, quando ele não tem a sorte de ser financiado, depois de cinco anos ele tá totalmente desconectado da produção de conhecimento, e todo o investimento anterior pra isso é perdido. Nós agora tamos formatando um projeto que pega esses recursos e transforma em investimento e permite que o professor faça aqui a sua dissertação e tese, dependendo de ser mestrado ou doutorado. A UFMG foi a primeira grande universidade do sudeste que topou a parada e a CAPES tá tentando, desesperadamente, começar, a partir de janeiro, o programa com essa face. Então, essa mudança de cultura das universidades com a região, que passam a colocar a sua competência instalada a serviço da correção das diferenças inter-regionais, pelo menos do ponto de vista acadêmico. Porque a outra diferença, que é o desenvolvimento, ele vem a reboque desse investimento que estamos fazendo. De outro lado, as universidades, particularmente a Federal do Pará, iniciou um processo grande de reforma estrutural interno, que envolve a redefinição de seus focos. Focos de interesse de ensino de graduação. Mudanças de paradigmas para que a gente entenda, definitivamente, que a escola que aposta no conteúdo, como motor principal de seu interesse, corre o risco, subitamente, de perceber que seus alunos estarão desatualizados, em dez ou quinze anos. Então, nossa Universidade tá, embora com a lentidão dos processos acadêmicos que nos são peculiares, começando a discutir o seu paradigma de ensino. E aí, então, o aluno passará a ser o motor principal do aprendizado. Ele, na verdade será ensinado a aprender a aprender, que é uma coisa que se tem falado muito, mas que não tem se materializado na prática acadêmica, nas salas de aula. Por outro lado, a reforma administrativa, pra desobstruir o fluxo processual com redução da fruição burocrática, que é gigantesca. Aí, então, redistribuição da força-tarefa acadêmica pras atividades-fim, que, de fato, são, a coisa que importa e que, ao longo da história das Universidades, foi sempre prejudicada pela burocracia do serviço público mal feito e a burocracia como fim em si mesmo. Eu acho que é pelos desafios outros, como por exemplo a distância geográfica onde essas comunidades estão distribuídas, na Amazônia, que torna o trabalho de formação de quadros muito mais difícil, muito mais caro... E na nossa perspectiva, temos que

incorporar novas ferramentas de acesso remoto, como Educação à Distância, para que a Universidade Federal do Pará ajude a enfrentar o desafio devastador que é o fato de que 90% do nosso corpo docente é leigo. Como os mecanismos presenciais são lentíssimos... pra você ter uma idéia, nós estamos trabalhando uma faixa de, mais ou menos, 1,5% ao ano. E como temos 90% de professores leigos, na rede, é só fazer a conta: vamos levar, aí, uns 40 a 50 anos pra dar conta da missão. Como este processo não é linear, vamos dar um desconto, aí, de, talvez, 30, 20... O que significa dizer: ou introduzimos novas metodologias ou continuaremos a andar feito tartaruga. E lógico, se você não melhora o desempenho da escola, a escola entra num círculo vicioso dramático que é: não sendo respeitada, não consegue bons salários, que não consegue bons professores, que usam os maus salários como argumento pra não dar conta de sua missão, criando um círculo vicioso terrível, que traz como consequência, cada vez mais, a desobrigação do Estado com a educação, usando o argumento que a educação pública é ruim. Então, isso não é uma tarefa trivial; isso é uma tarefa pra muita gente, e muita gente pensando novo. Muita gente acreditando que já não basta, apenas, o discurso ideológico como solução. É preciso arregaçar as mangas pra gerar qualidade; ao gerar qualidade, legitimar-se; e aí, o passo seguinte, que é a valorização social da escola pública em todos os níveis. Então, eu acho que esse é o desafio da Federal do Pará, na virada do milênio [ri], não é uma tarefa, é um desafio! Hoje, o que é visível, em Santarém, especificamente, é uma transformação enorme, na cabeça das pessoas que saíram da universidade. Olhe, eu vou lhe dar um depoimento, um só, porque ele é ilustrativo, mas eu encontrei isso várias vezes. Eu encontrei um vereador, numa cidadezinha, no fim do mundo; esse vereador tinha sido aluno do curso de História, nosso, em Santarém. A cabeça desse sujeito, em relação à população e à média do pessoal da Câmara, era um negócio muito interessante; e isso, aí, você vê, agora, nas Secretarias de Educação: pessoas que, subitamente, abriram seus horizontes pra uma perspectiva mais densa da avaliação, do que é de fato a sociedade, de qual é o papel da educação no processo, e da relação disso com o Legislativo e o Executivo. Então, eu diria que a Federal do Pará, ela de fato... [pausa] ...Qual seria a figura mais interessante?... [pausa] ...Ela é um oásis, na Amazônia brasileira. Ela é, de fato, alguma coisa que realmente faz diferença... realmente faz diferença!”

ENTREVISTA N° 2

Informante: Dr. Fernando Branches

MÉDICO DE SANTARÉM

“Todo envolvimento tem um histórico, esse histórico começa mais ou menos em 1979, em abril de 1979. Foi quando eu terminei minha residência em São Paulo, residência médica, sou cardiologista de formação, minha formação foi essa, e vim pra cá, que eu sou daqui, vim trabalhar aqui. Quando cheguei em Santarém, começaram a aparecer, no meu consultório, pacientes com umas sintomatologias totalmente diferentes de todo aquele dia-a-dia que eu tinha antes. E não se encaixavam nem dentro da cardiologia, nem dentro da clínica médica convencional. Eram sintomas totalmente diferentes mesmo, síndromes absurdas, coisas incríveis. Episódios de tontura, episódios de perda dos sentidos, às vezes falta de orientação, tremores... Foi assim um caos na minha cabeça. Principalmente, assim, quando você vem da residência, você vem cheio de ideal, vem com um bocado de coisas, o que mais você quer é desafios. Não é? E aquilo era um desafio muito grande pra mim que eu não conseguia dar respostas. E, principalmente, por um outro fator, que eu trabalho com uma clientela particular basicamente, então o cliente me pagava e saía de lá da mesma maneira como entro, sem que eu tivesse noção do que fazer ou que seria aquilo. Até que aconteceu de em 1986, eu atendi um paciente, com um nível de cultura já mais elevado, ele era agrônomo, entende? E veio para a Região do Tapajós, pro garimpo, na função de queimador de ouro. E esse indivíduo chegou no meu consultório, num grau altíssimo de contaminação pelos vapores do mercúrio. Então, o histórico dele foi muito interessante, porque ele relacionou como ele chegou lá no garimpo e o que aconteceu nos três primeiros dias, trabalhando na queima do ouro com o mercúrio. Ele notou que ele tinha a pele muito oleosa, a oleosidade desapareceu. Ele suava muito, o suor desapareceu, mesmo ele trabalhando naquele calorão. Em três dias! Até o ponto que chegou em que ele, às vezes quando ele terminava de queimar ouro e ia tomar banho, muitas vezes ele desmaiava no banheiro, desmaiava com perda de sentidos total, entende? E, às vezes, até informavam a ele, que ele tinha episódios convulsivos. E ele não sabia de nada!... Então, esse foi o primeiro paciente que eu fiquei. Coletei sangue e

mandei pra São Paulo e foi confirmado. Aí, então eu fui recapitular outros que tinham aparecido e tinha em comum com ele a mesma procedência: os garimpos do Tapajós. E foi a partir daí, então, que eu comecei a associar... e todo paciente que vinha pra mim dessa região, em todos era feita uma dosagem de mercúrio, ou no sangue, ou na urina, ou nos dois, dependendo da condição financeira da pessoa. Então, até 1989, eu já tinha catalogado 20 casos, com tudo, nível de mercúrio, quadro clínico, tudo patrocinado pela UFPA, e, na ocasião, eu apresentei os primeiros dados, que foram uma bomba na época. Como é que alguém não tinha esses dados coletados? Isso me levou, dois meses depois, a ir até Brasília, numa reunião do Ministério da Saúde. Aí, eu começo apresentar dados e a me interessar mesmo. Estudar, estudar, estudar bastante sobre mercúrio. Porque, normalmente, nós não aprendemos isso na graduação. Então eu comecei a viajar pros garimpos, pra ver como é que eles trabalhavam. Depois eu me associei à Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Biofísica. Eu coletava os dados aqui e mandava lá pra exames. Então lá, foi constatado que, normalmente, os níveis de mercúrio eram bastante altos. Depois de trabalhar no garimpo, com garimpeiros, eu resolvi trabalhar aqui na cidade com queimadores de ouro. Aí também encontramos valores absurdos aqui na cidade. Com isso nós aproveitávamos, orientávamos o pessoal a respeito da contaminação e tal... Depois me veio um pensamento: eu estava procurando mercúrio onde era óbvio encontrar. No garimpo e na queima do ouro, e nessas alturas eu já tinha contato com professores japoneses, aí o Prof Harada me deu uma sugestão, de que seria bom eu pesquisar em comunidades que não tivesse nada a ver com a extração do ouro, e que ficasse a uma certa distância do garimpo. Então já em 1990, em janeiro, eu estive em Forlândia; aí fiquei numa curtíssima estada, só pra conhecer melhor o terreno. Voltei e, quando foi 91, agosto de 91, eu fui pra Ponta de Pedras. Então eu coletei as primeiras amostras de Ponta de Pedras, e como eu coletava tudo em duplicata, foi mandado, uma pro Rio de Janeiro e uma pro Japão. Na ocasião, os níveis deram bem altos, por que considera-se que o normal é de até 2ppm de mercúrio no cabelo, dois miligrama por grama de cabelo, e a média deu 12, onde não havia nenhuma atividade de garimpo e muito distante, cerca de 250km da fonte de contaminação. Já de posse desses dados eu fui pra Brasília Legal. Lá, os níveis foram bem mais altos. Brasília Legal fica no Município de Aveiro, ela fica... A gente sempre dá a distância de barco... Então Brasília Legal foi o local mais bem estudado, porque com isso veio o pessoal do Japão, veio o pessoal do Canadá, veio equipe dos Estados Unidos... Todo esse pessoal veio interessado e também pra ver,

realmente, se aquilo que eu estava informando era verdadeiro. Depois de Brasília Legal, eu resolvi ir pra essa outra cidade, Jacareacanga. E, também em Jacareacanga nós encontramos índices extremamente elevados de mercúrio. Agora é importante ressaltar que nenhuma, de todas as pessoas estudadas, apresentava sinais ou sintomas que fossem iguais aos que ocorreram no Japão. Agora, também aí tem uma diferença: no Japão foi uma intoxicação pesada e aguda, aqui é lenta e longo prazo. Então a gente não sabe, daqui há um tempo, o que não pode acontecer!... Nós chegamos a desenvolver até alguns testes para exame, entende? E nós observamos que as pessoas com níveis mais altos de mercúrio no cabelo, não eram capazes de resolvê-lo, de realizá-lo. Então nós fomos capazes de observar isso. Mas do ponto de vista clínico, que tivesse iguais aos casos de Minamata, não encontrei nenhum. Mesmo, por exemplo, tendo um pescador que chegou a apresentar 151 miligrama de mercúrio por grama de cabelo, que é um valor 75 vezes acima do normal, ou 25 vezes acima do máximo permitido pela OMS e não apresentava sintomas. Um pescador que nunca esteve numa região de garimpo, de uma comunidade vizinha! Porque a contaminação mercurial, ela pode se dar nessa região por duas maneiras: os que trabalham queimando o ouro, do vapor do mercúrio, e nas pessoas que vivem ao longo dos rios, a forma de contaminação é através da ingestão do peixe. Brasília Legal é um local excelente pra estudos, porque acima de tudo a comunidade é pesqueira, entende, a maioria é pescadores. O peixe de lá vai pra Itaituba, onde é vendido e os maiores índices de mercúrio em Brasília Legal era nos pescadores. Os dados de Brasília Legal são muito conhecidos. Ela é muito conhecida, já teve equipe de televisão japonesa, BBC de Londres, tudo isso já teve lá, NHK do Japão, Revista Isto É, tudo....Nós coletamos peixes para exames e observamos que os peixes carnívoros, no caso, eram os que concentravam maior quantidade de mercúrio no corpo. Geralmente, os peixes mais gostosos, que é pra nós pagarmos isso mais caro. O tucunaré, a sarda – que aqui é chamado de apapá, o próprio pirarucu, o surubim, os peixes nobres, mais saborosos, eram os que mais acumulavam mercúrio!... Hoje eu tenho uma impressão de que houve uma diminuição de garimpos. Porque depois da época Collor, a quantidade de garimpo reduziu muito. O preço do ouro diminuiu no mercado internacional. Lá pela década de 70, o preço do ouro no mercado internacional era muito alto, era compensador. Hoje em dia não dá praticamente pra sobreviver. Hoje você vê o número de garimpeiros morando em Santarém, desempenhado outras funções. Antigamente, todo pião de garimpo era bem de vida, financeiramente. Era incrível a quantidade de dinheiro que

eles tinham, a quantidade de ouro que eles tinham, o patrimônio que eles tinham. Depois, dessa crise de 90 pra cá, a maioria voltou a condição de peão. São poucos aqueles que estão se desfazendo de seu patrimônio, a maioria já desfez todo. Eu já vi garimpeiro vendendo seu aparelho de ar-condicionado, blefado mesmo. Com isso, a gente observa que as colônias agrícolas de Santarém, afastadas do centro da cidade,, hoje estão mais habitadas. Porque esse pessoal voltou pro campo. Em parte teve uma vantagem, porque antes, esse pessoal era o braço forte da lavoura, por exemplo, plantando, fazendo a subsistência deles com a agricultura. Agora quando a gente vai pra essas colônias, você vê muito mais casinhas. Que é esse pessoal que voltou, que foi obrigado a se instalar novamente, a se fixar e, talvez, a pensar melhor na vida!... Veio muita gente de fora, muito mais que do próprio estado. Tem um estado do Brasil, que eu não sei como se multiplica tanta gente, que é o Maranhão. Incrível! Eu ando, por exemplo, por esses garimpos daqui: maranhense, maranhense, maranhense.... Se você visita, por exemplo, a região dos Carajás: maranhense, maranhense, maranhense... Eu fui até no Rio Branco, Boa Vista, bem distante: maranhense, maranhense, maranhense... Então, eu comentando com alguém, a pessoa disse: 'Até nas Guianas tem, imagine aqui que é ao lado'. Hoje também os que não quiseram largar os garimpos estão pras Guianas. O município de Santarém não tem garimpo de ouro, não é? Todos os garimpos de ouro, os mais prósperos são em Itaituba. Então, no caso de Itaituba, o Rio Grimanchi, Rio Tele Pires, Rio Crepoirzão, Rio Creporzinho, Rio das Tropas, tudo isso aí, ao longo do Tapajós, mesmo... Têm outros garimpos, aí pra outras cidades, mas são menos expressivos: tem Oriximiná, no Jarí, noutra região, tem Almeirim, mas são menos expressivos que esses furos, esses garimpos de Itaituba. Hoje, depois de tudo, tem dois laboratórios, um na Fundação Esperança, financiado pela Comunidade Econômica Européia. Eles lançaram uma cartilha sobre essa parte da Educação Ambiental, pra trabalhar junto com o garimpeiro. Agora, o nível cultural é terrível. Um grande número de garimpeiros é analfabeto ou semi-analfabeto; então, não acreditavam que o mercúrio fosse capaz de provocar alguma coisa, entende? Quando eles precisam ser atendidos, de modo geral, a área médica não tem conhecimento, e eles ficam até sem diagnóstico. Porque, hoje em dia, o problema não é tão grande como era naquela época. Porque, naquela época, era muita gente, era muita gente que chegava aqui. Fora os que não chegavam! Esses que chegavam eram os que tinham dinheiro. Hoje, não tem paciente, possivelmente, porque não tem dinheiro, pra sair de lá de dentro de onde estão. Teríamos que continuar os estudos porque, por exemplo, na

época que eu fazia os estudos, não havia ninguém fazendo. Depois, em parte, eu fiquei meio de lado, porque apareceu muita gente, e gente com financiamento, com fundo, tudo, não é? Então, eu tive, pelas minhas próprias necessidades, tive que me afastar da pesquisa, mas, praticamente, com todos esses grupos eu colaborei, com todos esse grupos. Embora alguns nem citem que fui eu que os introduziu lá...Eu que levei lá,, fiz a carta de apresentação pra ser recebida, pra ir com quem deveria ir. Isso tudo tem uma cronologia, uma documentação, dia tal foi isso, dia tal... Mas tudo isso foi importante, muita gente veio estudar.Mas era um estudo que deveria continuar, pelo menos uma vez por ano. O ideal seria uma vez por ocasião da vazante e outra na cheia do rio. Porque, de acordo com a época do ano, as pessoas comem mais peixe ou menos peixe. Normalmente, durante o verão tem mais peixe e também o tipo de peixe é diferente. É diferente numa época e noutra, no verão ou inverno. No inverno, quando o rio tá cheio é outro tipo de peixe. Aí, seria necessário ver o nível



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO

CONSENTIMENTO LIVRE E DECLARADO

PROJETO DE PESQUISA: "A MODERNIZAÇÃO DA AMAZÔNIA: DO MERGULHO NA TOTALIDADE À LAPIDAÇÃO DA SUBJETIVIDADE"

Prezado(a) Senhor(a)

Venho pedir sua colaboração para realização de pesquisa que estou desenvolvendo para obter o grau de Doutora em Educação. O estudo que será realizado trata do processo de transformação da Amazônia por meio das mudanças que ocorrem nas vidas dos moradores dessa região, envolvendo suas relações no trabalho, na família nas comunidades onde vivem.

Escolhemos a comunidade de Ponta de Pedras e a cidade de Santarém por serem consideradas importantes para nosso objetivo, de compreender como cada pessoa observa estas mudanças, olhando seu passado e o momento atual em função do processo de desenvolvimento observado nessa região.

Temos o objetivo de apresentar contribuições para discussão de alternativas educacionais para região, que levem em consideração as necessidades aqui identificadas, os modos como as pessoas vivem no interior dessa região e, como experimentam as mudanças e por elas se sentem afetadas. Esperamos assim auxiliar no entendimento das questões que afetam a vida da Amazônia e de seus habitantes.

A decisão sobre a participação, escolha dos assuntos e informações prestadas são baseadas na sua escolha pessoal, que pode ser modificada a qualquer momento, incluindo a decisão de não continuar participando.

Caso concorde queira por gentileza assinar o documento de consentimento livre e esclarecido atrás

Rosimê da Conceição Meguins
CPF: 106111422-87

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Declaro que conheço as informações sobre a pesquisa e considero-me esclarecido sobre o objetivo de apresentar relatos de minha vida, guardado o direito de dar as informações que desejar e do modo que desejar. Bem como, afirmo a vontade de participar livremente da pesquisa com as informações que serão analisadas.

Santarém, Ponta de Pedras ____/____/____

Nome

RG ou CPF